1956

MARÇO - N.466

EU SEI TUDO

10 CRUZEIROS

ANO 3 - Nº 10
MARÇO - 1956

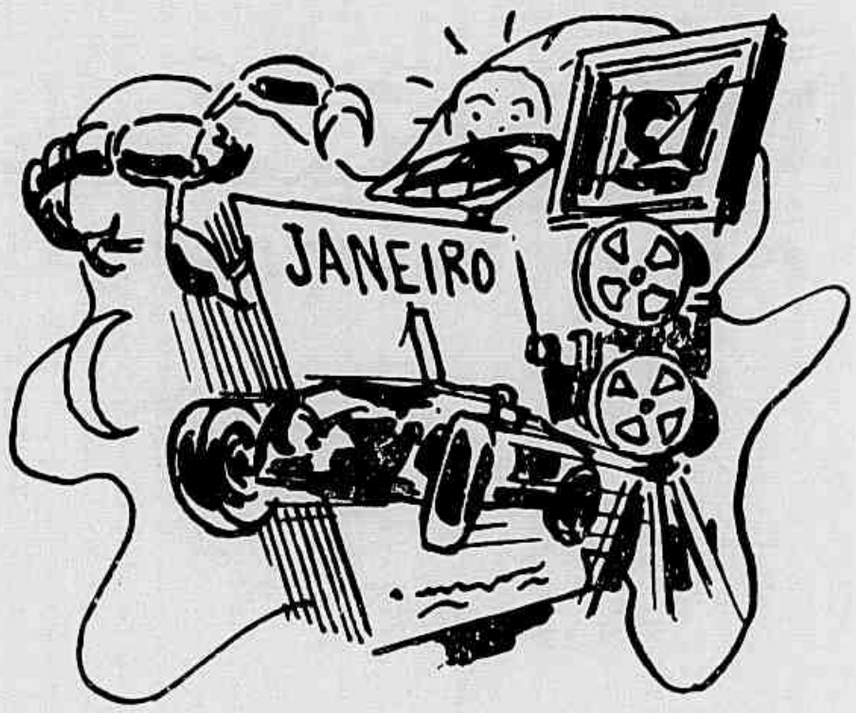
ALMANAQUE EU SEI TUDO

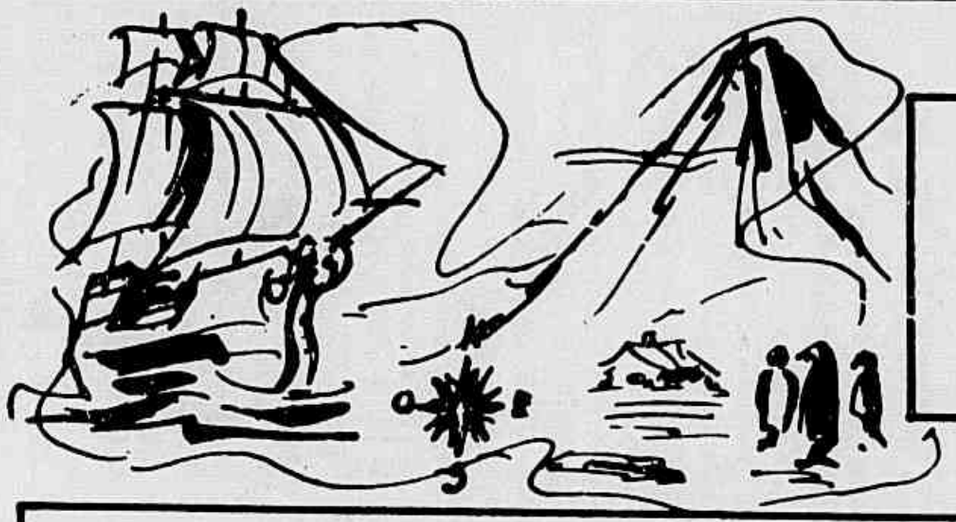
para

1956

O LIVRO MAIS ESPERADO DO ANO... PORQUE TEM TUDO QUE PODE INTERESSAR A TODOS, SEM DISTINÇÃO DE SEXO, IDADE E PROFISSÃO!

CALENDÁRIO PERPÉTUO ★ CALENDÁRIO PERPÉTUO DAS FESTAS MÓVEIS ★ CALENDÁRIO CATÓLICO ★ CALENDÁRIO PROTESTANTE ★ CALENDÁRIO CIVIL ★ CALENDÁRIO CRISTÃO ★ O ANO AERONÁUTICO ★ O ANO ESPORTIVO ★ O ANO CINEMATOGRÁFICO ★ O ANO ARTÍSTICO ★ O ANO AUTOMOBILÍSTICO ★ O ANO CIENTÍFICO ★ O ANO EX-LIBRÍSTICO ★ O ANO HOROSCÓPICO ★ O ANO AGRÍCOLA ★ FASES DA LUA, ENTRADA NOS SIGNOS, ECLIPSES DOS ANOS, CONCORDÂNCIAS COM AS DEMAIS ERAS





A MAIS COMPLETA HISTÓRIA SÔBRE O AVANÇO DO HOMEM SÔBRE A SUPERFÍCIE TERRESTRE. «O FIM DO DESCONHECIDO»

RICAMENTE ILUSTRADA COM QUADROS CÉLEBRES, MAPAS E CARTAS MARÍTIMAS DE TODOS OS TEMPOS.

1 ROMANCE COMPLETO — 1 COMÉDIA PARA REPRESENTAR

Contos — Narrativas Históricas — Testes, Adivinhações

UMA INFINITA VARIEDADE DE ASSUNTOS PARA DISTRAIR

Propriedade da CIA. EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape. 15 — RIO

ADQUIRA QUANTO ANTES O SEU EXEMPLAR!

ASSINATURA DO

Diário de Notícias

Faça uma assinatura do «DIÁRIO DE NOTICIAS» e receba em sua casa o matutino mais moderno, mais bem informado e independente do Distrito Federal.

SOLICITE, ainda hoje, a inclusão de seu nome entre os nossos assinantes, e terá

* o melhor noticiário internacional
* o magnífico suplemento literário e feminino
* as histórias infantis, em 4 côres
* informações precisas sôbre o movimento da Prefeitura e Ministérios e
* todos os assuntos de interêsse dos seus negócios e de sua família

Para sua Comodidade
Procure a Nossa
Agência à
Av. Rio Branco
133, em frente à Galeria
dos Empregados
no Comércio

A «S. A. DIÁRIO DE NOTICIAS»
Rua da Constituição, 11 —
Rio de Janeiro

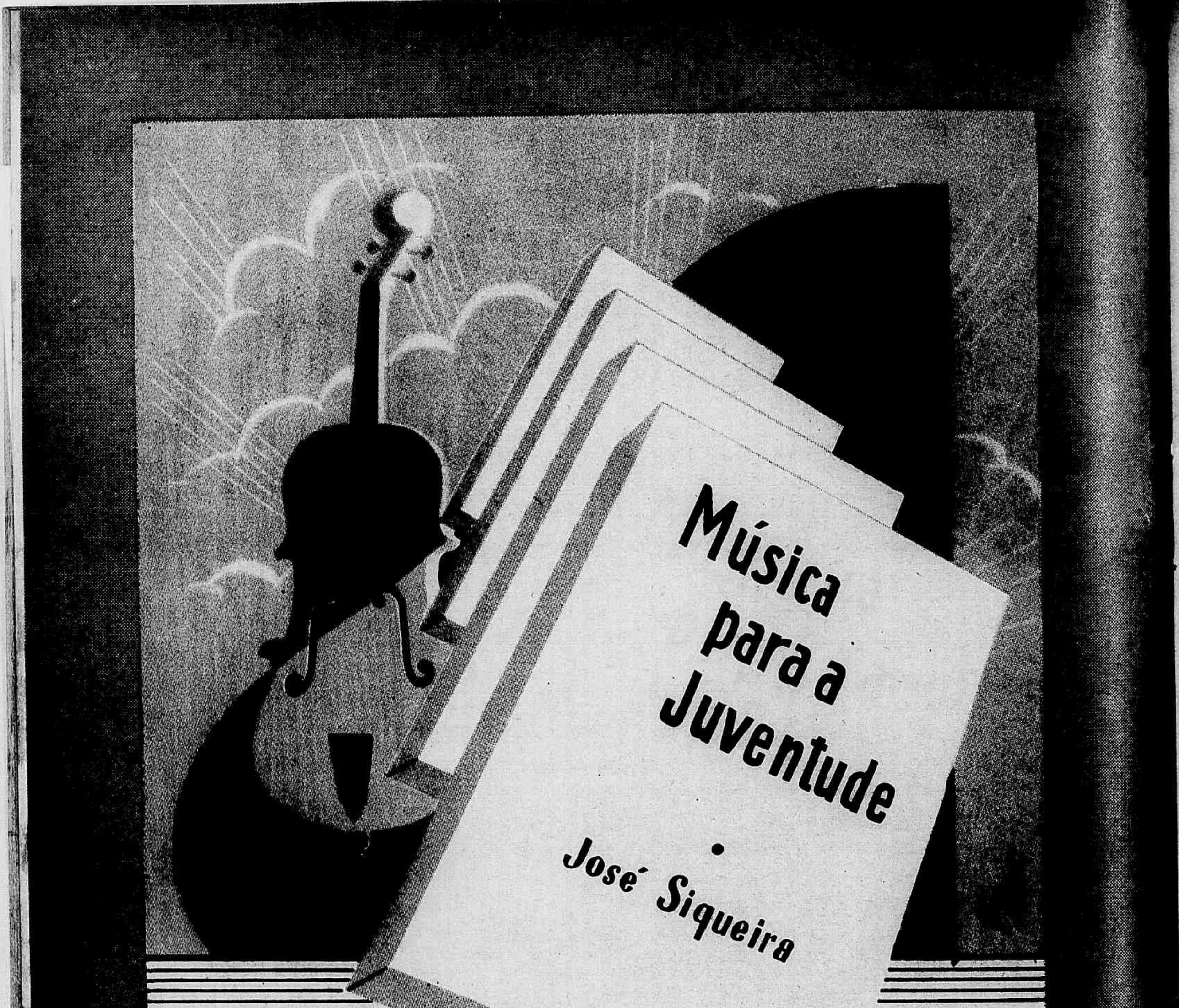
Solicito inscrever-me entre os assinantes de «Diário de Noticias».

A importância da assinatura será remetida através de cheque, vale postal ou dinheiro, no valor de Cr$ 300.00 para 1 ano e Cr$ 150 para 6 meses.

NOME .....

RUA .....

CIDADE ..... ESTADO .....



JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"**, obra destinada à mocidade que êle ama e à qual tão bons serviços prestou criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados (**"Regras de Harmonia"**, **"Canto Dado em XIV Lições"**, **"Curso de Instrumentação"**, **"Modulação Passageira"**, **"Sistema Trimodal Brasileiro"**). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"** está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: **Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração e Banda de Música**. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

Preço dos 4 volumes pelo reembôlso postal: Cr$ 250,00

Pedidos a Rosa Paula Machado:

Av. Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856

RIO DE JANEIRO

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO, ARTISTICO HISTÓRICO E LITERARIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÓRA AMERICANA, Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Telegr.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550; Publicidade: L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Em S. Paulo: Distribuição: Agência Polano, Rua João Bricola, 46 — Representantes em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Av. 9108, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil: Cr$ 10,00. Número atrasado: Cr$ 11,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 120,00, para o estrangeiro: Cr$ 150,00.

POIS QUE... ESTOU AQUI!

Conto de GIL

A mulher o olhou abrir o envelope oficial com uma expressão estudada, e um clarão ardente bem no fundo dos olhos. Mas não teve paciência de esperar que êle concluísse a leitura da carta:

— Então? Êles aceitaram? Quando partiremos?

Foi bastante que ela olhasse para o rosto acinzentado do homem para compreender que tinham sido derrotados.

Êle dobrou a carta lentamente e disse, com voz inexpressiva:

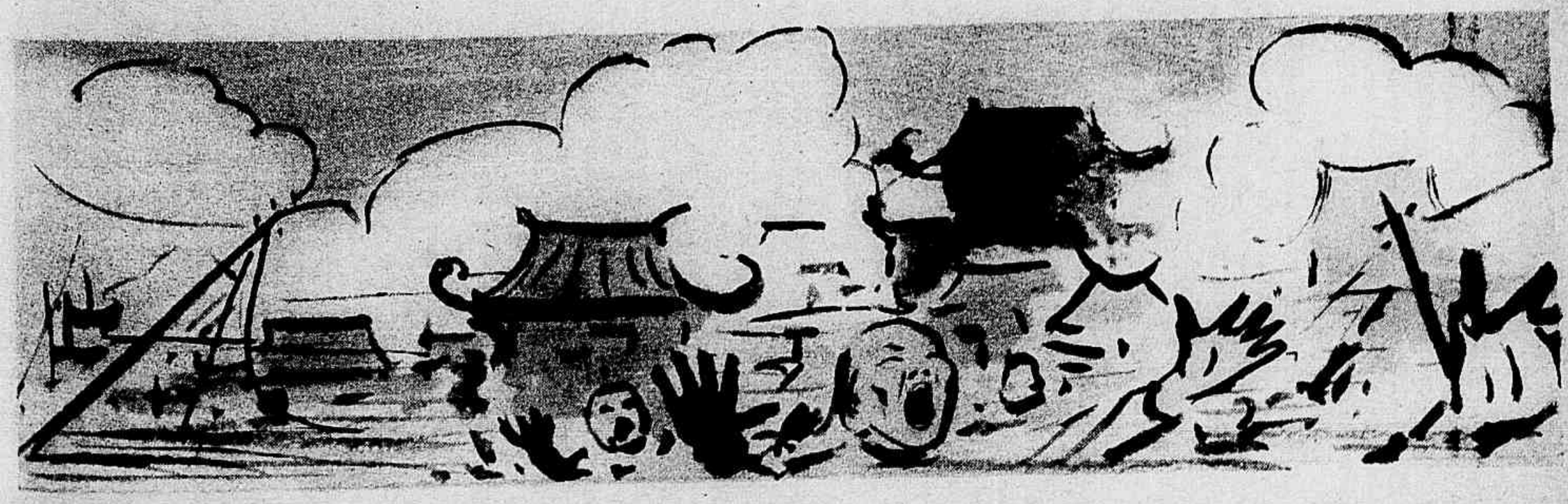
— Robinson é que foi nomeado para Tóquio.

E pôs-se a assobiar lentamente. Estava amargamente desiludido. Havia multiplicado esforços a fim de satisfazer integralmente a companhia; seu setor era, provàvelmente, um dos melhores de todo o Japão... Porém, Robinson acabara sendo nomeado para Tóquio, enquanto êle, Ken, tinha que continuar no setor de Oshima.

Era terrível perceber que os diretores concediam mais vantagens aos norte-americanos que aos emigrados. E no íntimo odiava sua situação:

— Você não passa de um emigrado, Ken... um pobre coitado... Para você só existem postos de terceira categoria...

Entretanto, resolveu permanecer impassível por causa de Lilian... Sim; conhe-



cendo a situação em que se achavam, por nada no mundo queria demonstrar sua desilusão...

Ela estava diante dêle, desolada, metida em sua camisola de dormir. A expressão de sua bôca indicada um mudo desgôsto. Ken preferiu não mais olhar para a mulher.

— É tudo o que você sabe dizer? — perguntou ela, afinal, com uma voz trêmula.

— Que quer que eu diga mais? É isto...

— Então, você não terá a coragem suficiente para pedir demissão? Você sempre foi fraco e sem coragem, Ken! Esta é a verdade...

Êle ergueu os ombros. Sabia o que viria a seguir. Cada vez que soprava o vento frio e sêco dos desertos da Mandchúria, o sistema nervoso de Lilian começava a se excitar... e ela não mais se controlava. Hoje, a decepção era ainda pior. Isto porque ambos estavam certos de que aquela era **a sua vez**, e que poderia representar uma grande conquista.

— Acredita, por acaso, que vou ficar aqui? Acha que vou desperdiçar minha vida na ilha de Hokkaido — **a mais nórdica das ilhas japonêsas**, como você dizia para me fazer crer que aqui seríamos felizes? Odiar êsses rostos amarelos, com seus sorrisos e sua estranha civilidade? Aceitar o frio inverno, e nunca falar com alguém? Ficar sòzinha durante dias inteiros, enquanto você discute com os botiquineiros? Ouvir os dois criados desaprovando infalìvelmente os meus gestos porque **"no Japão, não é assim que se criam as crianças?"**

À medida que falava dos desconfortos da própria situação no pequeno pôrto de Hakodaté, Lilian mais se excitava, exagerando a sua miséria. Irritava-se também por vê-lo indiferente, não prestando atenção às suas reclamações. Ken assobiava, olhando o horizonte através da janela, mas, em seu espírito, as idéias se tumultuavam:

— Agora, ela não poderá ser mais contida! Está completamente transtornada. Porém, não posso partir... abandonar o emprêgo... Que seria de nós?

— Você é um fracassado, Ken! Casei-me com um fracassado! Minha família tinha razão, quando dizia que Dennis era muito superior a você. Mas eu não podia prever até que ponto você se curvaria diante dos diretores, até que ponto era covarde...

AS disputas são sempre mais dolorosas quando ocorrem entre sêres que se amam... ou se amaram. Pois cada um conhece os pontos fracos do outro e, na loucura da cólera, fere exatamente os pontos mais dolorosos. Esta era uma das tristezas de Ken, que, expatriado, viu-se recusado pela família de Lilian **"porque ninguém sabia de onde êle vinha..."** Mas, por outro lado, um de seus grandes consolos era saber que, no coração de Lilian, êle havia suplantado Dennis, a imagem perfeita do americano comum, seguro de si, sem problemas, sem inquietações...

E eis que Lilian procurava humilhá-lo mais e mais! Ken não conseguiu dominar-se por mais tempo. Voltou-se, violentamente, para a mulher:

— E você? Julga que me torna a vida fácil? Eu devia possuir um espírito empreendedor e otimista. Mas no próprio momento em que entro nesta casa você sufoca, mata todo o meu bom-humor com as inevitáveis queixas: afirma que as crianças a amolam, os criados não obedecem ao que você manda, a vizinha ri de você, com zombaria; o vendedor a engana com o trôco... Nunca procurou adaptar-se à vida japonêsa. Não quer visitar as espôsas dos japonêses meus amigos. Eu deveria sair desta casa, cada manhã, cheio de fôrça e de confiança. Mas, como posso sentir-me com coragem após ouvir essas queixas intermináveis?

Ela o fitou pálida. Êle nunca havia falado daquela maneira. E Lilian nunca sonhara que a atroz decepção trazida pela carta lhe fizesse perder o contrôle habitual. E tomou aquilo como repreensões exageradas e injustas.

— Você não me ama! Jamais me amou! — disse ela. — Meus pais tinham razão quando diziam que você não passava de um apátrida.

Quanto mais falavam mais se ofendiam recìprocamente, sem medir as palavras. Em dado momento, êle se sentiu injuriado pesadamente e retorquiu:

— Há bastante tempo que não a amo mais! E você deve considerar-se muito feliz pelo fato de eu ainda tolerar a sua companhia...

— Pois não tem que suportar-me mais

Ken avança para ver do alto da colina, as ruínas de sua casa, juntamente com Lilian e seus filhos

— disse ela, soluçante. — Tomarei o navio amanhã mesmo... e não hei de querer mais ouvir falar de você!

QUANDO Lilian começou a subir para o seu quarto, Ken ènsaiou um gesto para detê-la. Porém, logo desistiu por que a cólera dominava o seu espírito. Na verdade, todos estavam contra êle: a diretoria da companha petroleira, a família da espôsa, a própria espôsa...

Saiu de casa batendo a porta atrás de si...

Quando voltou, à noite, com aquêle gôsto amargo na bôca e o aborrecido sentimento de que devia tentar recompor as coisas, desculpar-se, enfim, embora sem sentir, verdadeiramente, remorsos, viu que Charly vinha ao seu encontro, correndo:

— Papai, mamãe vai embora e não quer nos levar com ela! Você vai também, papai?

— Não, Charly. Fico aqui.

— E para onde vai mamãe?

— Não sei. Ainda não está decidido...

— Mas tôdas as malas estão prontas, e Ma-Ita já chegou para cuidar de Brigitte.

Até aquela manhã, Ken ainda acreditava que êsse projeto de Lilian era como os anteriores. Afinal, quantas vêzes já ela havia ameaçado ir embora de vez, no correr de suas crises nervosas? Porém, agora, havia mandado chamar Ma-Ita...

A criada japonêsa veio servir-lhe a refeição e, depois, foi deitar Charly. Ken nada perguntou. Segundo tudo indicava, Lilian havia dado as ordens necessárias. E os japonêses comentavam com cruel malícia as dissenções ocorridas em sua casa; neste ponto, Lilian tinha razão: êles eram hipócritas e maldosos...

Através da janela, via-se a baía de Hakodaté, com seus penhascos negros em tôrno dos quais esvoejavam as gaivotas. Não obstante o intenso azul do mar, a visão era sinistra.

Ken recordou a sua chegada ao lugar seis anos antes. Eram felizes, então. Ocupava um excelente pôsto na companhia petroleira americana e, com um pouco de habilidade, podia esperar assumir lugares mais importantes em Tóquio. Charly nascera logo em seguida à sua chegada... depois Brigitte. Talvez não houvesse dado a suficiente atenção à solidão de Lilian. Enquanto percorria as fábricas e inspecionava os armazéns no pôrto, discutindo com os capitães dos navios petroleiros, ela ficava isolada em casa, exposta à malícia nipônica. Além disso Lilian sofrera sòzinha os rigores dos ventos secos que vinham da Mandchúria, as terríveis ondas de frio que desciam da península siberiana de Kamtchatka, como também três tremores de terra e duas erupções do vulcão Bronai. Todos êsses fatos perturbaram o seu sistema nervoso. A nomeação para Tóquio era, para ela, a última esperança, como se representasse a libertação de um cativeiro... Era natural, pois, que chegasse a êsse estado...

A noite estava avançada quando Lilian entrou na sala. Vestia um costume próprio para viajar e tinha um rosto inexpressivo. Não encarou o marido e deixou uns apontamentos sôbre a mesa:

— Aqui tem o dinheiro que me havia deixado para as despesas do mês; depois, poderá entender-se com a cozinheira. Aqui estão também os documentos das crianças. Aconselho-o a conservar Ma-Ita, pois ela adora as crianças. Deixo também o meu enderêço provisório. Depois pedirei ao meu advogado para entrar em contacto com você, a fim de arranjar o resto.

Estava de pé, numa posição rígida e falava com voz firme. Naquele momento era preciso que êle agisse prontamente e com habilidade.

— Tem paciência, Lilian; estávamos ambos enervados esta manhã... Não podemos continuar esta cena ridícula!

— Ridícula para você, talvez. Não suporto mais esta situação e, além disso, vejo que a companhia vai deixar você eternamente enterrado neste buraco.

— Por favor, Lilian. Vamos deixar passar uma noite tranqüila. Amanhã, tudo estará em calma...

— Não haverá amanhã. Embarco esta noite! O navio zarpará antes da aurora. E já reservei minha cabine.

Êle emudeceu, desencorajado. Depois, sem saber por que, perguntou a si mesmo se não seria melhor assim.

(Continua no fim da revista)

FAMOSO DIRETOR DE HOLLYWOOD NOS RELATA COMO UM MIRACULOSO CHARUTO SE INTERPÔS ENTRE UM HOMEM INOCENTE E UM VEREDICTO DE CULPADO

O JUIZ

(EPISÓDIO REAL)

NA realidade êle não era meu tio. Porém, eu pertencia a uma geração que sempre o chamava de «Tio Harry».

Era um homem pesado, de cabeça grisalha e afetava um ar de político dos velhos tempos. Havia sido reeleito juiz da Côrte distrital por tantos anos consecutivos que a oposição acabou desistindo de disputar o cargo.

Tinha uma habilidade política sem paralelo. Fôsse ou não ano de eleição, sempre beijava as crianças, sabia o nome de todos os que lhe cumprimentavam, e falava ao povo com muita assiduidade.

Durante um «pic-nic» por êle oferecido no dia 4 de julho, interrompeu o seu discurso para apertar as mãos do meu pai, cumprimentar minha mãe e apertar o meu rosto contra o seu.

— Você é um excelente garôto — disse «tio Harry». — Qualquer dia venha ver-me na Côrte.

E apareci exatamente no dia do julgamento de Donohue. Eu contava apenas 10 anos de idade e senti um profundo orgulho quando o «tio Harry» permitiu que me sentasse perto da sua cadeira de magistrado. Isto atestava a falta de cerimoniosidade da Côrte.

A nossa cidade nunca havia sido testemunha de um caso de homicídio tão sensacional. Ted Donohue era um homem honesto e trabalhador. Mas não passava de um «estrangeiro», pois, desde a sua chegada ainda não conseguira ser aceito como «um dos da terra». Entrou em choque com os Laytons quando apaixonou-se por uma filha de Mort Layton, desposando-a, a seguir. Os Laytons eram um tanto selvagens e Mort era o pior de todos.

Ted Donohue e sua espôsa acabavam de completar dois anos de casamento quando ocorreu o tiroteio.

Eu ainda era muito pequeno, mas tomei conhecimento do fato através dos comentários que ouvia. Em estado de embriaguês, Mort fêz parar a carruagem dos Donohues e ameaçou Ted com um revólver. Ted Donohue, que já havia sido ameaçado antes, apanhou seu rifle que se achava no piso da carruagem e os dois estabeleceram o tiroteio. Mort foi prostrado ao solo com um tiro bem entre os olhos.

A alegação da legítima defesa não evitou que Donohue fôsse levado a julgamento sob a acusação de homicídio. A família dos Laytons era enorme e tinha muita fôrça política. Como a província se achava na véspera de eleições, o promotor do distrito, visando exclusivamente angariar votos, pediu ao Júri que Ted fôsse condenado ao enforcamento.

O Júri, em sua grande maioria, era composto de fazendeiros, e o promotor explorou o fato de que Donohue não passava de um forasteiro que havia assassinado um respeitável homem da província. Estava claro, pois que a caso seria decidido com base nessa moral forjada.

Quando a sessão foi aberta, o advogado da defesa fêz um breve resumo dos fatos ocorridos, sem apelar para qualquer saída bombástica.

A seguir, o promotor iniciou a sua série de argumentações. Achavam-se presentes uns 20 ou 25 membros da família Layton, e o promotor parecia dirigir-se principalmente a êles, com iniludível demagogia eleitoral. Com um palavrório pomposo e sedutor acusou Ted de ser um forasteiro perigoso e procurou canonizar Mort como um homem de bem, um verdadeiro modêlo de virtude.

O promotor estava no auge de sua oração quando, pela primeira vez, notei o charuto de «tio Harry». O Juiz acendera um grosso e longo charuto justamente no momento mais dramático do julgamento.

O «tio Harry» fumava com tal displicência — tirando suas baforadas vagarosamente e fechando os olhos de vez em quando, como se estivesse no mundo da lua — que não pude deixar de observá-lo atentamente.

Quanto mais o promotor se agitava em sua terrível acusação, mais calmo e pacífico tornava-se o Juiz. A cinza do charuto crescia cada vez mais. Com mórbida satisfação contemplei o tufo de cinza que aumentava e fiquei na espectativa de que, a qualquer momento, a mesma caísse sôbre a sua toga.

Pouco depois percebi que não apenas eu o observava. Pràticamente todos os que se encontravam na Côrte tinham os olhos pregados no charuto, esperando nervosamente que a cinza crescesse até cair...

Os jurados não prestavam a mínima atenção às palavras do promotor. Continuavam sentados, mas, como os demais, contemplavam, de maneira absorta, aquêle estranho charuto. O Juiz persistia em suas baforadas e a cinza crescia cada vez mais, quase desafiando as leis da gravidade. O charuto foi envolvido por uma densa nuvem de fumaça e a cinza continuava intacta quando o promotor concluiu a acusação.

O Júri tinha sòmente 20 minutos para dar o veredicto, e quanto retornou à sala, Ted Donohue era um home livre. Os jurados não tinham prestado a menor atenção aos argumentos do promotor e, no momento em que voltaram olharam imediatamente para o miraculoso charuto do Juiz.

Foi então que vi «tio Harry» bater a cinza pela primeira vez. E quando o charuto foi lançado ao soalho, vi um pedaço de arame que havia sido cuidadosamente introduzido ao longo das fôlhas de fumo a fim de evitar a queda da cinza!

Logo após o Juiz se lembrou de que eu estava sentado ali, ao seu lado.

— Você notou alguma coisa, meu filho? — perguntou êle.

— Não senhor — respondi olhando para o arame.

— Bom garôto é você — disse êle com um sorriso carinhoso — era inocente, mas eu não confiei neste júri idiota. Parece-me que encontrei alguma utilidade para os pegadores de cabelo da minha espôsa.

A SEGURANÇA EM AUTOMÓVEL VISTA PELO CIRURGIÃO

A cada um dos ferimentos por acidente de automóvel corresponde, quase sempre, uma parte mais ou menos contundente ou cortante do veículo. O médico (ou o cirurgião) está assim particularmente qualificado para indicar ao construtor as correções mais úteis para a segurança do automobilista.

Aqui está o resultado das estatísticas comunicadas pelos serviços de pronto socorro dos hospitais.

COLISÃO DE FRENTE

1.º — Motorista

FERIMENTOS:

Cabeça: fratura do crânio, cortes, enucleação do ôlho.
Tórax: fratura das costelas ou do **sternum.**
Joelhos.
APARELHOS:
Cabeça: pára-brisa, retrovisor, pára-sol, motor do limpa-vidro.
Tórax: volante (quando é muito flexível, o eixo da direção).
Joelhos: painel, freio de mão.

2.º — Passageiro do banco da frente:

Com exceção das fraturas do tórax, pelo volante, os perigos que corre são os mesmos, consideràvelmente agravados pela instabilidade relativa de sua posição relativamente à do seu vizinho (não tem os mesmos pontos de apoio do motorista).

3.º — Passageiro do banco traseiro:

FERIMENTOS:
Cabeça: fratura das arcadas dentárias.
Joelhos e pernas.
Contusões lombares.
APARELHOS:
Cabeça: bordo do banco da frente.
Joelhos e pernas: costas do banco da frente.
Contusões lombares: bagagens do cofre-mala.

COLISÕES LATERAIS

O perigo, nesse caso, torna-se equivalente para todos os ocupantes que não fiquem imediatamente em caso de choque; o mais comumente exposto, mais uma vez (em razão mesmo dos regulamentos do tráfego e da prioridade à direita) é o passageiro da frente. E aqui estão os aparelhos responsáveis:

FERIMENTOS:
Cabeça e rosto.
Braço e bacia.
APARELHOS:
Montantes e vidros laterais.
Portas e maçanetas das mesmas.

OS REMÉDIOS

Baseado nessas indicações do médico, o engenheiro propõe aos construtores as modificações seguintes:

Portas: devem abrir de trás para a frente; estrutura reforçada; vidros inestilhaçáveis e encastoados em borracha.

Capot: abolir definitivamente, a abertura da frente para trás; todos os fechos reforçados.

Mala traseira: isolamento total do habitáculo.

Pára-brisa: supressão da moldura metálica; vidro de segurança (marca superior) e absolutamente detectável aos raios X; modelos (em estudo) escamoteáveis e a prova de choques.

Retrovisor: montagem sôbre rótula sem bloqueio na posição escolhida.

Pára-sol: suprimir, se possível; em caso contrário fazê-lo de material macio, sem moldura metálica.

Limpa-vidros: supressão definitiva do bloco do motor em relêvo.

Volante: êsse é, sem dúvida, o problema mais difícil a resolver. Os modelos extra-elásticos são tão perigosos como os rígidos; não amortecem o choque contra o eixo de direção. O ideal seria um volante levemente elástico, deformando-se à torsão, com apenas dois raios (na horizontal) e orientado a 45°.

Painel: com seus botões sempre mais numerosos, sem falar do rádio, é, sem dúvida e a um tempo, o acessório mais perigoso e o mais fácil de modificar. Muito ganharia sendo menos alto, o mais distante possível dos joelhos dos passageiros (e notadamente do condutor em posição de frear), ornado com botões encravados, sem qualquer saliência ou agrupados em local isolado, em caso de choque, por trás do volante ou entre os dois bancos. Por sua vez, o freio de mão deveria ficar, igualmente, bem afastado das pernas.

Banco da frente: o tubo de armadura da parte superior deve ser definitivamente abolido. O ideal seria substituí-lo por alumínio protegido por borracha e que se prolongasse por tôda a parte superior do banco. Deveriam ser também abolidos os bancos articulados em sua parte superior, sem posição fixada e que, em geral, projetam o passageiro contra o pára-brisa.

Vamos esperar que os construtores compreendam tôda a sua responsabilidade e não sacrifiquem mais a segurança de seus clientes a considerações de ordem estética ou prática.

E enquanto ficamos esperando um "Salão da Segurança", vamos dar um pouco mais de atenções às pessoas que se fazem transportar em automóvel.

Segundo as mais recentes estatísticas, estabelecidas em função do lugar que cada indivíduo ocupa num veículo, os mortos em acidentes, se distribuem como segue:

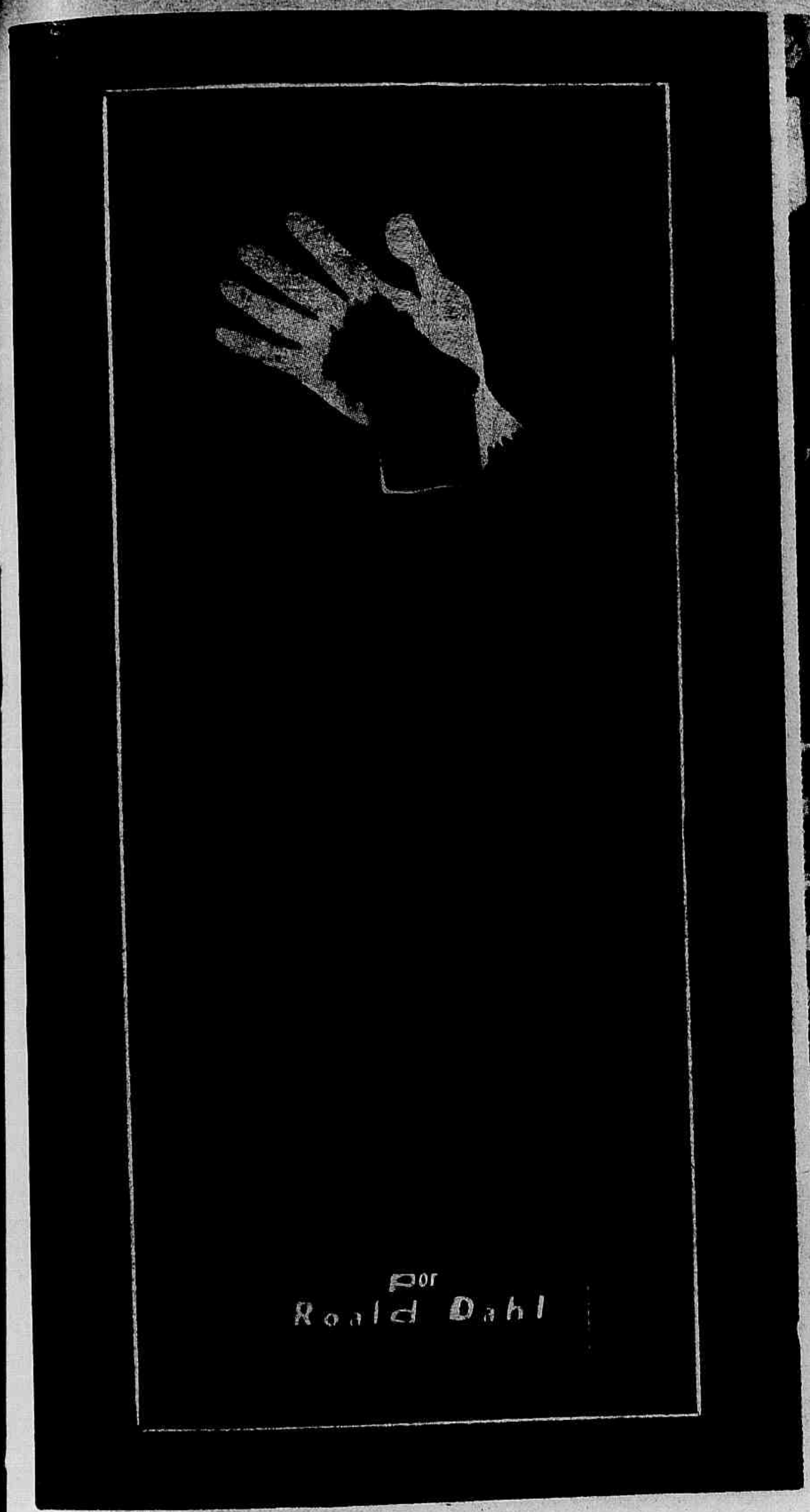
Motoristas	6%
Passageiros de trás	25%
Passageiros da frente	69%

Com tais informações, acreditamos que os construtores encontrem depressa um meio de reduzir consideràvelmente o quadro acima, cuidando acima de tudo da segurança dos que viajam de automóvel.

COMO já eram quase seis horas, resolvi comprar uma cerveja, sentar-me junto da piscina e gozar o calor suave do sol da tarde. A seguir dirigi-me ao bar, pedi a cerveja e atravessei o jardim na direção da piscina.

O jardim era belo com seus quadros de ciprestes e seus coqueiros, onde o vento soprava com fôrça, fazendo assobiar e crepitar as fôlhas como se estivessem em chamas; e sob elas balançavam cachos de enormes côcos pardacentos. Havia muitos bancos em tôrno da piscina, inúmeras mesas brancas, protegidas por tendas de vivas côres, debaixo das quais homens e mulheres conversavam. Dentro da piscina três ou quatro lindas moças brincavam, enquanto uma dezena de rapazes jogava com uma bola de borracha e fazia bastante barulho. Fiquei a contemplá-los por algum tempo. As moças eram inglêsas, hóspedes do hotel. Os rapazes também eram desconhecidos, porém falavam com o sotaque norte-americano e imaginei que seriam

Conto de
ROALD DAHL



cadetes navais, desembarcados do navio-escola que chegara ao pôrto aquela manhã.

Sentei-me sob uma tenda de lona amarela — havia quatro bancos vazios — enchi meu copo de cerveja, acendi um cigarro e reclinei-me confortàvelmente. Era agradável. Mais agradável ainda era contemplar as banhistas que mergulhavam graciosamente na água azulada.

Os cadetes norte-americanos já se estavam dando muito bem com as jovens inglêsas. Haviam chegado ao ponto de nadar por baixo d'água a fim de tocar nas pernas das mesmas. Nesse momento percebi um homenzinho de certa idade, que caminhava ràpidamente em tôrno da piscina. Vestia uma roupa branca e avançava de maneira estranha, com saltos bruscos e erguendo-se a cada passo sôbre as pontas dos pés. Usava um grande chapéu Panamá, de côr creme, e olhava para os bancos onde tôda a gente se achava sentada.

Parou ao meu lado e sorriu, mostrando duas filas de dentes muito pequenos, desalinhados e ligeiramente manchados. Correspondi com outro sorriso.

— Despulpe-me, por favor. Posso sentar aqui ?

— Certamente — respondi.

Sentou-se no banco, pendeu para trás, a fim de se certificar da segurança do assento, e cruzou as pernas. Seus sapatos de camurça branca eram perfurados, a fim de permitir a ventilação.

— Uma tarde maravilhosa — falou. — Aqui, na Jamaica, tôdas as tardes são maravilhosas !

Falava com um sotaque italiano ou espanhol, mas logo compreendi que era sul-americano. Olhando-o de perto, pareceu-me bastante velho: uns setenta anos.

— Não há dúvida — disse eu. — Vive-se muito bem, aqui.

— Mas, quem é essa gente ? — perguntou, apontando para os banhistas. — Não são hóspedes do hotel.

— Creio que são marinheiros norte-americanos — respondi. — Ou melhor, norte-americanos que aprendem a ser marinheiros.

— É claro que são norte-americanos. Quem, senão êles, faria tamanho barulho ? Você não é norte-americano, não é verdade ?

— Não — respondi.

Pouco depois vimos um dos rapazes, parado à nossa frente. Estava molhado, e a seu lado estava uma das jovens inglêsas.

— Êsses bancos estão desocupados ? — perguntou.

— Estão sim.

— Posso sentar-me ?

— À vontade.

— Obrigado.

Trazia uma toalha na mão e, ao sentar-se, abriu e retirou de seu interior uma carteira de cigarros e um isqueiro. Ofereceu cigarros à moça, que recusou; depois a mim, que resolvi aceitar um. O homenzinho respondeu:

— Obrigado, fumarei um charuto.

Tirou do bôlso uma cigarreira de couro de crocodilo e dela retirou um cigarro.

— Permita-me que lhe dê o fogo — disse o americano erguendo o isqueiro.

— Isso não funcionará com esta ventania.

— Funciona sempre.

O homenzinho retirou o cigarro aceso da bôca, virou o rosto e olhou o rapaz.

— Sempre ? — perguntou, lentamente.

— Sim. Nunca falha. Comigo pelo menos.

O homem continuava com a cabeça inclinada e não deixava de olhar o rapaz.

— Muito bem, muito bem. Quer dizer que êste famoso isqueiro não falha nunca. Não é isso o que você quer insinuar ?

— Exatamente — respondeu o rapaz.

Contava dezenove ou vinte anos, tinha o rosto largo e o nariz afilado como o bico de um pássaro. Seu peito era recoberto de pêlos ruivos e não estava muito bronzeado pelo sol. Tinha o isqueiro na mão direita, pronto para girar a roda.

— Não falha nunca — repetiu, sorrindo agora porque se havia proposto exagerar sua inocente jactância. — Asseguro-lhe que não falha nunca.

— Um momento, por favor. — A mão que segurava o cigarro ergueu-se, com a palma para fora, como se estivesse detendo o trânsito. — Um momento...

Tinha uma vez estranhamente suave, inexpressiva, e não deixava de olhar para o rapaz.

— Por que não fazemos uma pequena aposta ? — disse sorrindo. — Por que não apostamos algo para ver se o seu isqueiro acende ou não ?

— Está bem, apostemos — disse o rapaz.

— Você gosta de apostar ?

— Sim. Eu sempre aposto.

O homem fêz uma pausa e examinou o seu cigarro. Não me agradava a sua atitude. Parecia disposto a criar uma situação vergonhosa para o rapaz; e ao mesmo tempo tive a sensação de que êle guardava um segrêdo próprio, não compartilhando com ninguém.

Tornou a olhar para o moço cadete e declarou, com voz lenta:

— Também gosto muito de apostar. Por que não fazemos uma boa aposta ? Uma grande aposta ? Uma verdadeira aposta ?

— Isso não... — disse o rapaz. — Isso eu não posso fazer. Até uns vinte e cinco centímos de dólar; no máximo um dólar ! Ou o equivalente em moeda local.

O homenzinho voltou a agitar a mão.

— Um momento ! — pediu êle. — Vamonos divertir. Primeiro combinemos a aposta. Depois iremos ao meu quarto no hotel, onde não há vento, e eu asseguro

que êste famoso isqueiro não acenderá dez vêzes seguidas, sem uma única falha!

— Garanto-lhe que acenderá — disse o rapaz.

— Está bem. Então considera a aposta fechada?

— Sem dúvida! Aposto um dólar.

— Não, não... Faço uma aposta melhor ainda. Sou um homem rico, um desportista. Pois bem. Diante do hotel está o meu

automóvel. Um belo automóvel. Um automóvel norte-americano; do seu país... Um Cadillac! Aposto tarei o meu automóvel!

— Eh! Um momento — o rapaz se reclinou no banco e começou a rir. — Não tenho dinheiro para fazer semelhante aposta. É um disparate, não há dúvida alguma!

— Não; não é um disparate! Você faz o isqueiro funcionar dez vêzes consecutivas e o Cadillac será seu. Não gostaria de possuir êsse Cadillac?

— Claro que sim.

— Ótimo! Então aposto o meu Cadillac.

— E que aposto eu?

— Meu amigo, nunca lhe pediria que arriscasse algo que não tem. Compreende?

— Que arriscarei, então?

— Eu lhe darei tôdas as facilidades...

— Muito bem. O senhor dar-me-á tôdas as facilidades... Mas, como?

— Você apostará uma coisa da qual possa desfazer-se fàcilmente, sem sofrer dissabores.

— Que poderá ser, por exemplo?

— **O dedo mínimo da sua mão esquerda.**

— Hein?

O cadete deixou de sorrir.

— Sim. Se você ganhar, leva o automóvel, e se perder perde o dedo!

— Não compreendo. Que quer dizer "perde o dedo"?

— Corto-lhe o dedo com um só golpe.

— Isto é uma loucura! Não; prefiro apostar um dólar.

O homenzinho se recostou no banco, abriu as mãos com as palmas para cima, e encolheu os ombros desdenhosamente.

— Está bem, está bem — disse. — Não o compreendo. Você diz que o isqueiro acende, mas não quer apostar. É melhor falarmos de outra coisa, não?

O rapaz ficou imóvel, olhando fixamente os banhistas da piscina. E logo lembrou-se de que o seu cigarro ainda estava apagado. Levou-os aos lábios, fechou as mãos em tôrno do isqueiro e fêz girar a rodinha. A mecha acendeu com uma chama pequena, constante e amarela; e do modo como a protegia com as mãos, o vento não importunava.

— Permita que acenda o meu cigarro também — disse eu.

— Oh, perdoe-me. Esqueci de oferecer...

Estendi a mão, mas o rapaz se levantou e acendeu o meu cigarro.

— Obrigado — disse eu, enquanto êle voltava à sua cadeira.

— Está gostando dêste lugar? — perguntei.

— Muito. A Jamaica é belíssima.

Houve um silêncio, e então compreendi que o homem conseguira perturbar o rapaz com sua absurda proposta. O cadete parecia muito quieto, e era evidente que um pouco de tensão começava a crescer em seu espírito. Depois, principiou a mover-se no banco, a esfregar a mão no peito e na nuca...

— Ora, vamos ver... — falou, finalmente. — Vejamos se bem entendi essa aposta. O senhor propõe que eu vá ao seu quarto e, se conseguir acender o isqueiro dez vêzes seguidas, ganho o Cadillac. Porém, se falhar uma única vez perco o dedo mínimo da mão esquerda. Não é assim?

— Certamente. Essa é a aposta. Mas acho que você está com mêdo.

— E se eu perder... que faremos? Tenho de oferecer o dedo para que você o corte?

— Oh, não! Isso não daria resultado. Você poderia sentir a tentação de negar-se a oferecer o dedo. Se fecharmos a aposta, amarrarei a sua mão à mesa antes de começarmos e ficarei ao seu lado com uma machadinha na mão para cortar o dedo com um só golpe no instante mesmo em que o isqueiro falhar.

— De que ano é o Cadillac?

— Perdão. Não compreendo...

— De que ano... Quero dizer, quantos anos tem?

— Ah! Sim. É do ano passado. Um carro novo. Porém vejo que você não é homem para fechar aposta. Os norte-americanos nunca arriscam...

O rapaz corou por um instante, olhou para a jovem inglêsa, depois para mim.

— Sim — disse afinal e falando apressadamente. — Aceito.

— Ótimo! — exclamou o homenzinho batendo palmas frenèticamente. — Decidamos agora mesmo. E o senhor — acrescentou êle, voltando-se para mim — quer ter a bondade de ser o juiz?

Tinha olhos pálidos, quase incolores, com pupilas negras, diminutas e brilhantes.

— Pois sim — respondi. — Contudo parece-me uma aposta disparatada. Não me agrada muito.

— Nem a mim — interveio a jovem inglêsa. — É uma aposta estúpida e ridícula!

— Realmente — disse eu. O senhor pensa mesmo em cortar o dedo dêsse rapaz, se êle perder?

— Sem dúvida. Porém se ganhar dar-lhe-ei o meu Cadillac. Agora vamos ao meu quarto. — E pôs-se de pé. — Prefere vestir-se antes?

— Não — respondeu o jovem. — Irei como estou aqui.

E acrescentou, voltando-se para mim:

— O senhor poderá nos acompanhar para atuar como árbitro?

— Está bem — disse eu. — Irei; mas a aposta não me agrada!

— Venha você também — disse êle à jovem inglêsa. — Venha ver...

O homenzinho caminhou na frente através do jardim, em direção ao hotel. Agora estava animado, excitado, e parecia brincar com as pontas dos pés à proporção que andava.

— Moro no anexo — explicou. — Querem ver o automóvel, primeiro?

Dobrou a esquina do hotel, parou e apontou um Cadillac reluzente, de côr verde-pálida, estacionado a uns dez metros de nós.

— Ali está. O verde. Agrada-lhe?

— Sem dúvida. É um lindo carro — respondeu o jovem cadete.

— Muito bem. Agora vamos subir, para ver se consegue ganhá-lo.

Subimos as escadarias para o anexo. O homenzinho abriu uma porta e todos nós entramos num dormitório amplo e cômodo.

(Continua no fim da revista)

ESTEJA EM DIA COM O MUNDO

NA Alemanha, as medalhas de ouro ou prata concedidas aos primeiros e segundos lugares nas competições intercolegiais, geralmente são serradas ao meio e refundidas (em tamanho menor), quando ocorrer empates, ficando cada concorrente com a sua medalha igual à primitiva, porém menor, é claro!

EXISTEM 402 diferentes espécies de alimentos enlatados expostos à venda nos Estados Unidos; oitenta e cinco de legumes; sessenta e quatro de sopas; cinqüenta e cinco de frutas; trinta e seis de peixes; trinta e duas de carnes; vinte e uma de sucos e cento e nove de "especialidades".

DESDE que foi fundada, em 1904, a "Fundação Carnegie de Recompensa aos Heróis", recebeu 39.500 pedidos de prêmios, porém sòmente 3.200 foram concedidos, sendo 2.627 medalhas de bronze, 554 medalhas de prata e 19 medalhas de ouro. A única medalha de ouro concedida nos últimos 35 anos foi entregue à família de Charles Coe, de Burkburnett, Texas, que salvou uma criança, mas morreu ao tentar salvar outra num grande incêndio ocorrido no ano de 1923.

A cidade de New York é, agora, a capital do diamante, contando com a metade dos diamantes existentes no mundo. Entre êles há uma firma com um estoque avaliado em 3.000.000 de dólares; uma outra está na posse da pedra "Golconda", no valor de 300.000 dólares, enquanto que uma terceira possui o famoso "Diamante Orquídea", reputado a mais bela pedra preciosa e a única em sua espécie. Os seus proprietários estudaram sua constituição durante cinco anos antes de mandar lapidá-la.

O carrilhão difere do sino comum por que os seus sinos são estacionários, não balançam e soam cromàticamente em vez de diatônicamente; além disso, o carrilhão tem vinte e cinco sinos, a fim de perfazer duas oitavas completas em **semitons**. Em todo o mundo existe apenas uma escola que ensina a tocar o carrilhão: a Escola Mechlin, em Malines, na Bélgica.

DURANTE o primeiro ano de vida, uma lagosta se desenvolve tão ràpidamente que muda sua couraça nada menos de dezessete vezes! Quando forçada a abandonar a couraça, já em idade avançada, uma lagosta é capaz de sair fora do seu rígido invólucro sem causar-lhe o menor dano.

UM fino cano de ferro, colocado a cêrca de cinco pés abaixo da superfície da água, assinala o local, a quatorze milhas de distância de Biloxi, no Gôlfo do México, onde se achava situada a famosa "Ilha do Capricho", antes de ser tragada pelas águas, há alguns anos. Êsse cano também serve como bebedouro, emitindo constantemente um jôrro de água fria e cristalina, proveniente de um poço artesiano.

A palavra "moon" (lua) que também significa "medidor" de tempo, é usada pelos índios norte-americanos para computar o tempo, e especialmente no que se refere à idade humana. Por exemplo, um menino tem doze "luas" de idade em seu primeiro aniversário, trinta e sete luas por ocasião do terceiro aniversário, e ao completar dez anos terá cento e vinte e três "luas".

O "Código Internacional de Sinais", adotado por tôdas as nações do mundo em 1934, para as comunicações entre os navios, possui quarenta bandeiras, vinte e seis letras do alfabeto, dez algarismos numéricos, três bandeiras substitutas e uma flâmula para respostas. No entanto, apenas quatro ou cinco bandeiras são usadas, sendo possível transmitir com as mesmas trezentos e setenta e cinco mil mensagens, tôdas visíveis através de binóculos, com o templo claro, a uma distância de mais de oito quilômetros.

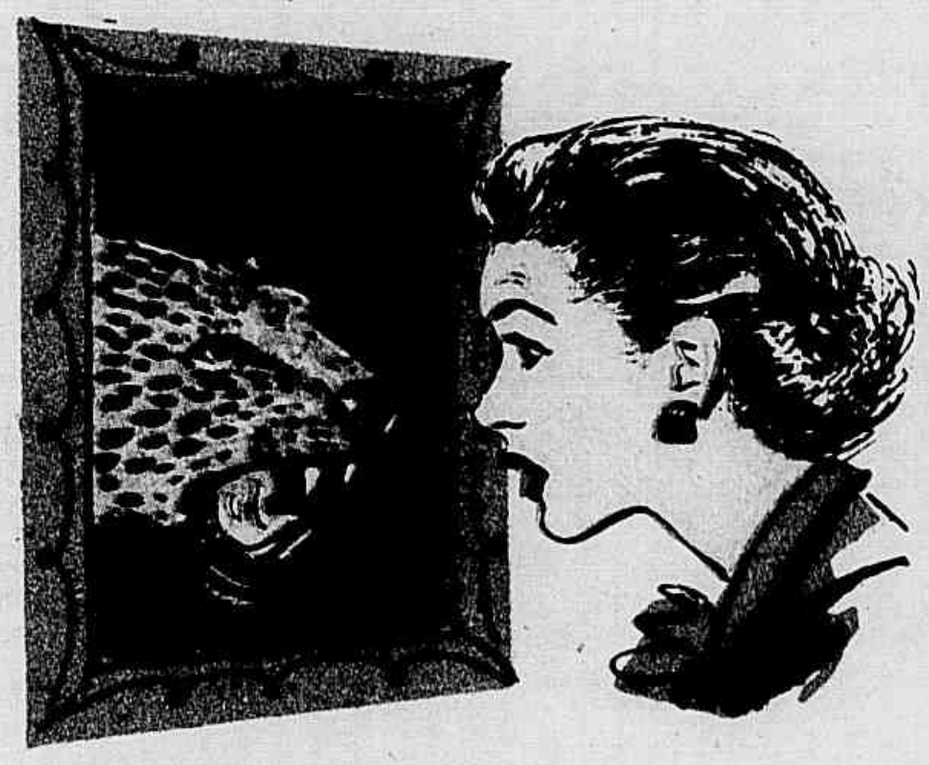
UMA EXPERIÊNCIA PSICOLÓGICA PODE SER TRANSFORMADA NUM CURIOSO DIVERTIMENTO

DUAS PERGUNTAS MÁGICAS

Por JOHN E. GIBSON

OS psicólogos realizaram uma descoberta que pode, em poucos minutos, fornecer um conhecimento profundo do caráter dos seus amigos. Tal descoberta, que não é tão simples como parece, e o resultado de seis longos anos de investigação.

O psicólogo David Cole, da Universidade de Los Angeles, que dirigiu as pesquisas, utilizou centenas de estudantes como "cobaias".



Há mulheres que são como as leoas...

De fato, o professor Cole e seus colegas comprovaram que, fazendo-se a uma pessoa duas perguntas aparentemente inocentes, pode-se abrir, de par em par, as portas de sua personalidade.

As duas perguntas são surpreendentes, porém, nada têm de capciosas. Na realidade, até parecem ingênuas. Poderiam perfeitamente ser formuladas por uma criança e não por grupo de cientistas

A primeira pergunta é: **"Se você se transformasse num animal, qual dêles preferiria ser?"**

E a segunda: —

— Por quê?

(Aqui pedimos que o leitor pare de ler. Antes de continuar deve fazer a si mesmo estas duas perguntas. Depois, continuará verificando qual a **significação** dada pelos psicólogos para as suas respostas.)

A primeira pergunta é apenas uma introdução à prova psicológica. A segunda — **Por quê?** — revela o caráter do indivíduo.

Vejamos algumas das respostas mais comuns. De uma mocinha:

— Se tivesse que pertencer ao reino animal, acho que gostaria de ser uma borboleta.

O motivo:

— Porque leva uma vida sem cuidados, irresponsável, voando de flor em flor...

A resposta diz muita coisa a respeito dessa jovem. Compreende-se, desde logo, que ela não gosta de trabalhar nem aceita responsabilidade; tem um caráter volúvel e deseja uma vida despreocupada num ambiente agradável. É o tipo acabado da mulher que tem intenções de apanhar um marido rico... e só pelo dinheiro que possa ter!

O rapaz que pensa em casamento agiria melhor escolhendo a candidata que respondesse:

— "Desejaria converter-me num pássaro e não em qualquer outro animal, porque os pássaros têm uma afetuosa vida familiar; em geral, são mais felizes e amantes da paz. Além de tudo, eu gostaria muito de poder voar."

A esta jovem agrada a vida do lar, tem, acima de tudo, a lealdade e a constância que farão dela uma excelente espôsa e uma boa mãe. A sua resposta demonstra o desejo de alcançar uma vida pacífica. Não tolera as discussões e tem capacidade para governar um lar feliz.

Mas, devemos observar que, de vez em quando, ela sente a necessidade de fugir à rotina; por isso, o seu marido agiria muito certo se a levasse a viajar em sua com-

...e homens que desejam ser como cães...

panhia. Agora vejamos o caso de um homem que preferia ser... cão! Disse êle:

— "Os cães geralmente são bem alimentados, protegidos e satisfazem tôdas as

Com esta jovem, por exemplo, que declara que quer ser borboleta, devemos desconfiar...

suas necessidades. Têm poucos problemas e nada os preocupa."

Êste indivíduo necessita de autoconfiança; tem uma forte tendência para apoiar-se nos outros e sente-se bàsicamente inseguro. Possìvelmente, foi muito mimado na infância. Se um tio rico falecesse e lhe deixasse uma herança, o nosso herói sentir-se-ia muito feliz. É exatamente o tipo de pessoa que necessita de ajuda.

Um outro indivíduo manifestou o desejo de ser cão, porque:

— "Sinto-me atraído pelos sêres humanos e gosto muito de estar entre êles. Gostaria do meu dono e ser-lhe-ia obediente; então viveria contente e confiante em seu amor por mim! Faria tudo para tornar aos outros felizes."

É evidente que tal pessôa tem uma natureza submissa e sociável. Adora agradar ao próximo, prefere ser dominada e sente uma constante necessidade de afeto; é bondosa e compreensível.

Eis, agora, uma resposta que revelou um tipo de personalidade completamente oposto.

— "Gostaria de ser uma lontra; as pessoas humanas não me atraem!"

Até que ponto é possível ser tão anti-social?

Incidentalmente, a lontra parece ser o animal favorito para aquêles que demonstram marcada preferência pelo isolamento.

As pessoas que possuem uma personalidade agressiva e dominante freqüentemente escolhem os leões e os tigres como os animais em que gostariam de ser transformados. Por exemplo:

— "O Leão! É o rei da selva e pode fazer tudo o que lhe apraz. Nada lhe impede na sua marcha triunfal de monarca sempre vitorioso. É o meu animal favorito!"

Êsse indivíduo pode ter uma aparência refinada, mas seus instintos bárbaros estão ocultos. Gosta de pressionar os outros **quando acredita que não sofrerá represálias**. Vive fascinado pelo poder; é profundamente egoísta e sente desprêzo pelos demais.

Outras pessoas caprichosas, comodistas e faceiras, deram respostas como esta:

— "Eu gostaria de ser um cavalo de corridas pomposo e reluzente São sempre bem cuidados e formosos."

As respostas de quase cem pessoas interrogadas ofereceram uma variadíssima gama de índole. Não faltou quem desejasse ser uma **ameba**; para não pensar, não sentir,

Muitos querem ser ratos. Alguns, porém, querem ser Mickey Mouse... e não qualquer ratinho!

não trabalhar, ou fazer qualquer esfôrço que não o próprio fato de existir!

Uma senhora e sua filha foram entrevistadas separadamente. A mãe disse que queria ser uma vaca, porque esta alimenta

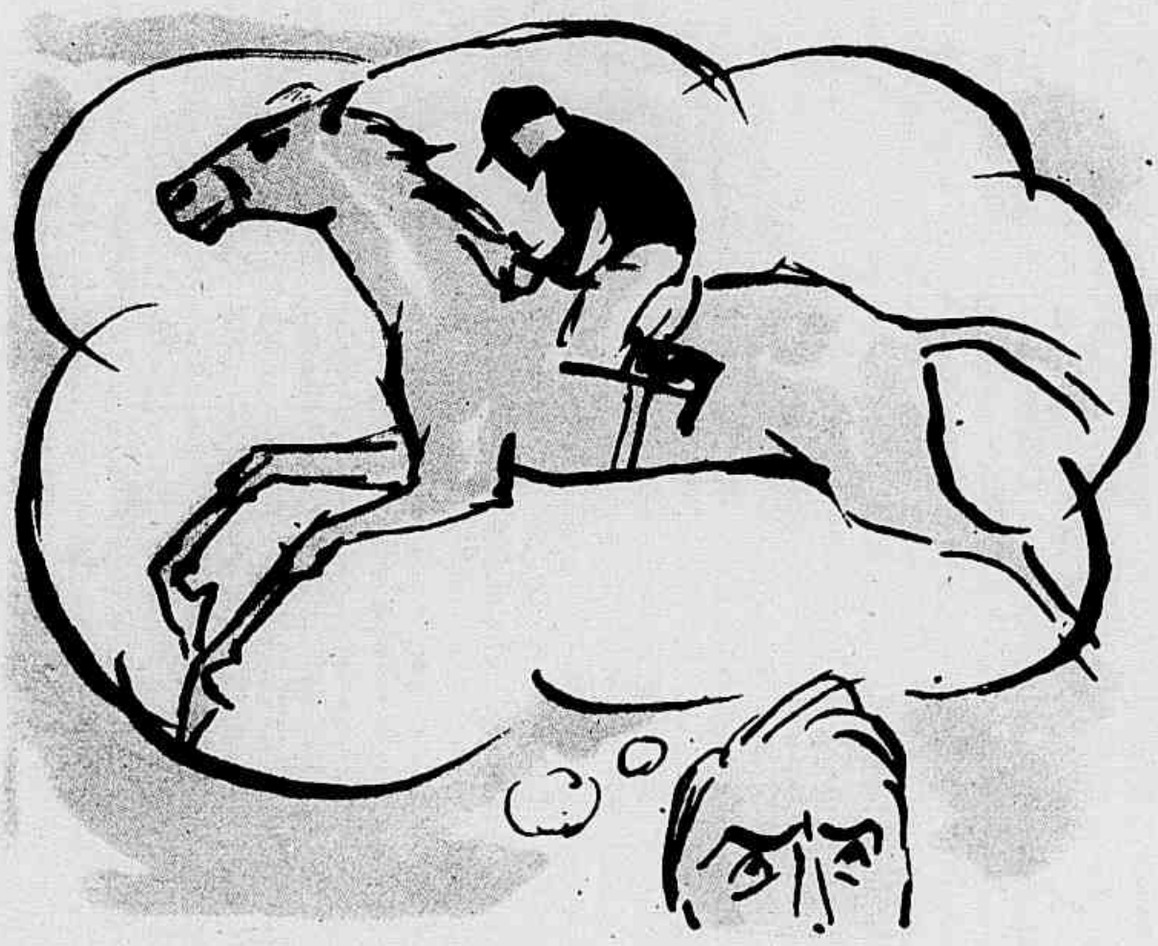
o seu vitelo e cuida dêle como sempre deve fazer uma boa mãe. A filha, sem conhecer a resposta da mãe, disse que desejaria ser uma vitela. E explicou que "uma vitela tem que ser sufiçientemente alimentada e sua mãe é cuidadosa com ela."

Os psicólogos que realizaram êste estudo observaram que a técnica das "perguntas animais" é eficiente em quase tôdas as pessoas. Nenhum dos interrogados deu uma boa resposta que não revelasse, exatamente, os rasgos de sua personalidade e as tendências do seu caráter. Tudo porque não sabiam que estavam revelando a sua própria personalidade; e até mesmo supunham que simplesmente falavam sôbre as qualidades de um determinado animal.

O estudo também incluiu outra "pergunta animal" que revelou ulteriores segredos da personalidade. Esta pergunta, que foi feita a 200 pessoas, era:

— **"Qual o animal que você menos gostaria de ser? E por quê?"** Os importantes resultados obtidos com esta pergunta podem ser demonstrados por algumas das respostas típicas. Por exemplo:

— "O que eu menos gostaria de ser? Uma formiga! A formiga é muito convencional. Sua vida é tão ordenada, metódica e regulamentada que não posso conceber uma existência mais estúpida."



Há também pessoas, por incrível que pareça, que gostariam de ser... carro de corrida!

Está claro que aquêle que deu tal resposta é um individualista consumado. Quando tem iniciativa, detesta a rotina e e não é muito amigo dos regulamentos.

— "O animal que eu menos gostaria de ser seria um canário" — disse outro. —

Esta, porém, querendo ser como os pássaros, merecia nossa confiança. Quer um lar e filhos...

"Os canários têm um belíssimo canto, mas vivem engaiolados e representam a vida livre de perigos. Nunca têm uma aventura ou uma oportunidade de surprêsa. Sua vida parece sem sentido e vazia."

Este indivíduo considera a luta pela vida como um alegre desafio. Confia em si mesmo, e vive animado do desejo de viver, estando seguro de poder resolver todos os seus problemas.

Um outro indivíduo assinalou os três animais que menos desejaria ser (formiga, peixe e cão) porque "levam uma vida muito perigosa e é provável que outro animal ou alguém os matem."

Uma pessoa que se expressa assim, tem uma neurose de ansiedade e sente necessidade de viver em segurança.

Mas, a resposta mais sucinta foi:

— "O que eu gostaria menos de ser seria uma cegonha. Não me agradam as crianças!"

Um outro, com aspirações elevadas, disse: "qualquer animal que não tenha cérebro, porque adoro poder deixar de pensar!"

Uma jovem da alta sociedade colocou a gambá como a primeira da lista dos indesejáveis porque "**ninguém a quer**"! O que menos preferiu uma outra pessoa foi

ser um leão, **"porque êste animal tem uma vida de relativo isolamento e não goza das vantagens da vida em sociedade."**

Mais de 80 por cento das respostas estão abrangidos por um dos quatro tipos gerais de personalidade.

I) — O TIPO AUTO-SUFICIENTE: Com necessidade ou desejo de ser independente dos demais e livre de limitações (mas não de responsabilidade), e desejo de ser chefe ou de conseguir poder de mando sôbre os outros.

2) — O TIPO SOCIAL: É geralmente inclinado para a vida em comunidade; está sempre disposto a trabalhar com seus semelhantes e possui um forte senso de responsabilidade familiar e cívica.

3) — O TIPO VAIDOSO: Aquêle que vive concentrado em si mesmo e que trata de impressionar os demais com suas próprias virtudes.

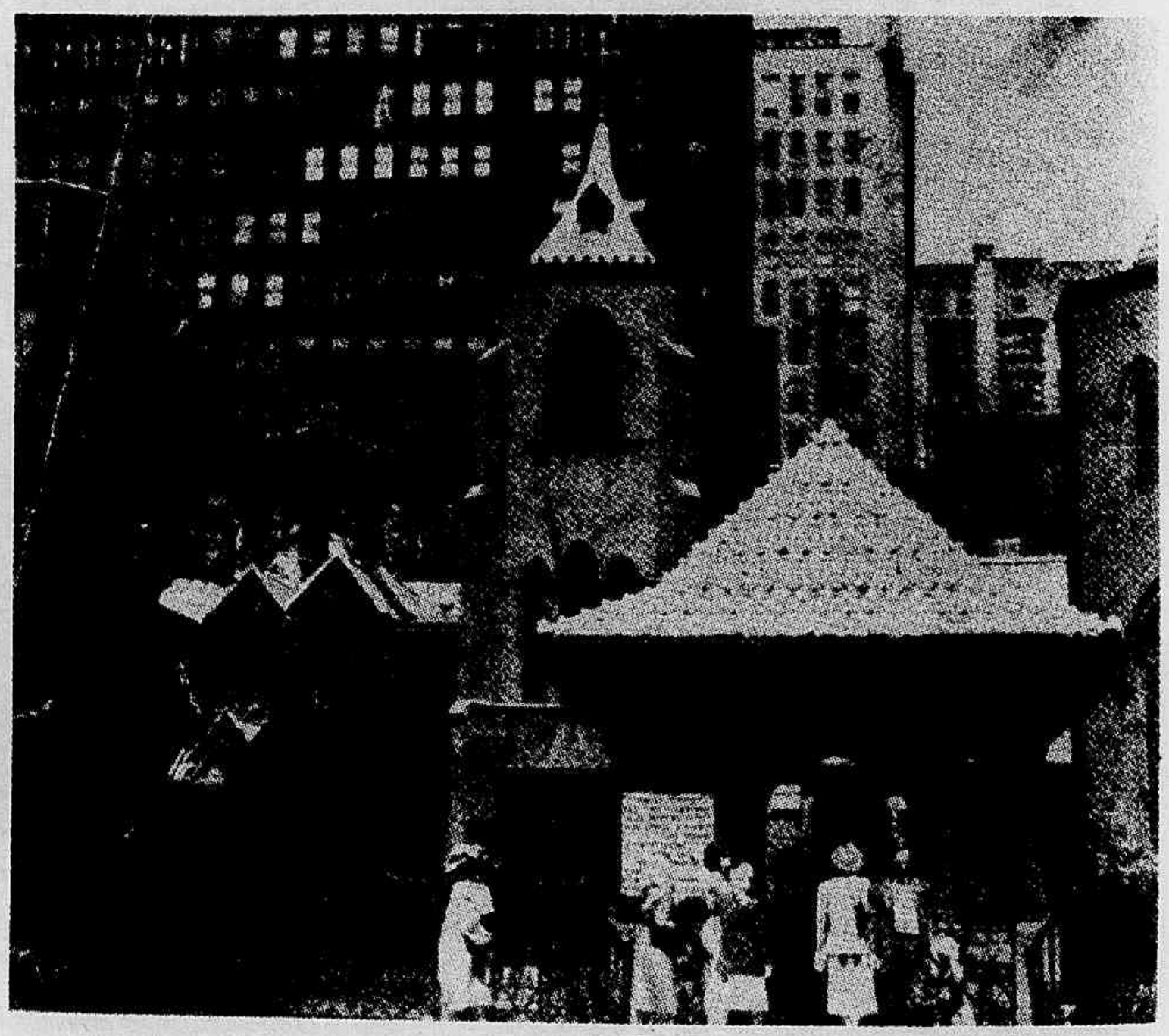
4) — O TIPO INSEGURO: Sem confiança em si mesmo e temeroso do seu ambiente, procura fugir às responsabilidades de um adulto; sua meta é encontrar alguém em quem se apoiar.

A técnica da pergunta, "que animal você gostaria de ser" também constitui um interessante divertimento de salão. Quando, pois, fôr seu desejo conhecer como são realmente os seus convidados, porque não experimentá-la!

★ ★

ÓRGAO A PULMÃO

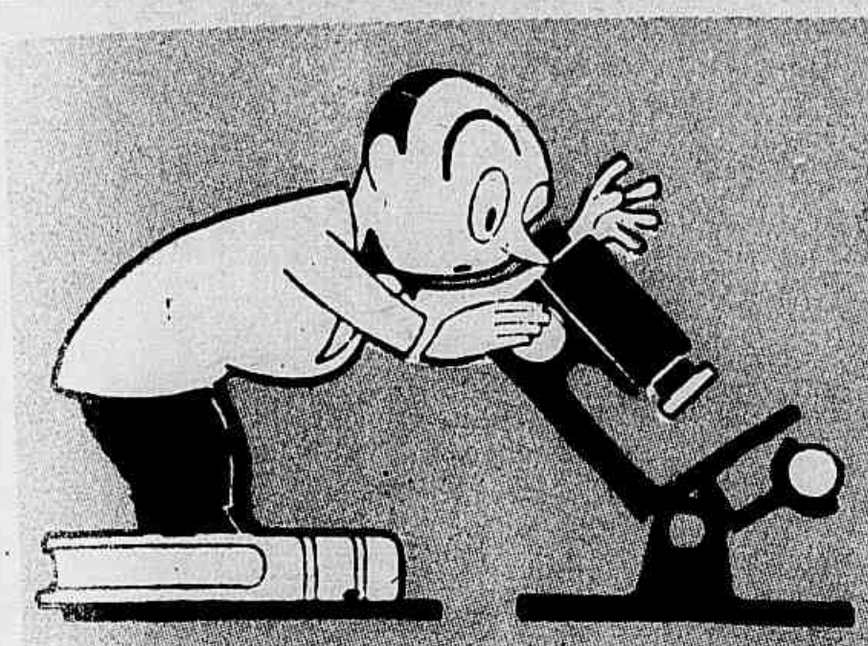
A êste instrumento, o seu inventor, André Borel, chama de **acordina**.



É uma mistura de acordeon e gaita; do primeiro tem o teclado; e possui a sonoridade da segunda.

A vantagem sôbre a gaita consiste no fato de não ser necessário ferir os lábios durante a aprendizagem, enquanto que a desvantagem com relação ao acordeon está em que não prescinde do ar dos pulmões.

UM dos mais belos lugares de New York é a "Igreja da Transfiguração", que fica encravada em seu pequeno jardim da Rua 29; é a famosa "Igrejinha da Esquina", conforme a apelidou carinhosamente o povo da cidade. É também chamada a "Igreja dos Estranhos" porque os seus paroquianos residem nos mais afastados pontos da cidade. Outros ainda a chamam de a "Igreja dos Atores". Isto porque, em 1870, Joseph Jefferson, ao tratar do enterramento de um seu amigo, o ator inglês George Holland, isto não lhe foi permitido pelo sacerdote da "Igreja da Expiação", a bela e moderna igreja da Avenida Madison. O ator não podia ser sepultado ali! Jefferson, querendo, que se dirigisse **à "Igrejinha da Esquina", onde todos os atos são praticados sem limitação alguma** — acrescentou o sacerdote.



FUJAMOS PARA AS ALTURAS...

O QUE procuramos, realmente, quando saímos, no gôzo de férias, na direção do mar ou das montanhas?

Uma expressão corrente o indica com muita simplicidade:

Procuramos uma... "mudança de ares".

E logo pensamos no ar puríssimo das grandes altitudes, que estimula a formação dos glóbulos vermelhos do sangue.

No entanto, há também outra coisa. Ao fugir do nosso domicílio habitual, de nossa cidade, escapamos momentâneamente de **um mundo de inimigos:** o mundo dos micróbios, no qual o nosso organismo se esgota, durante todo o ano, numa trágica e incessante luta pela vida.

RECENTE EXPERIÊNCIA CIENTÍFICA REVELA QUE MILHÕES DE MICRÓBIOS NOS CIRCUNDAM E ATACAM...

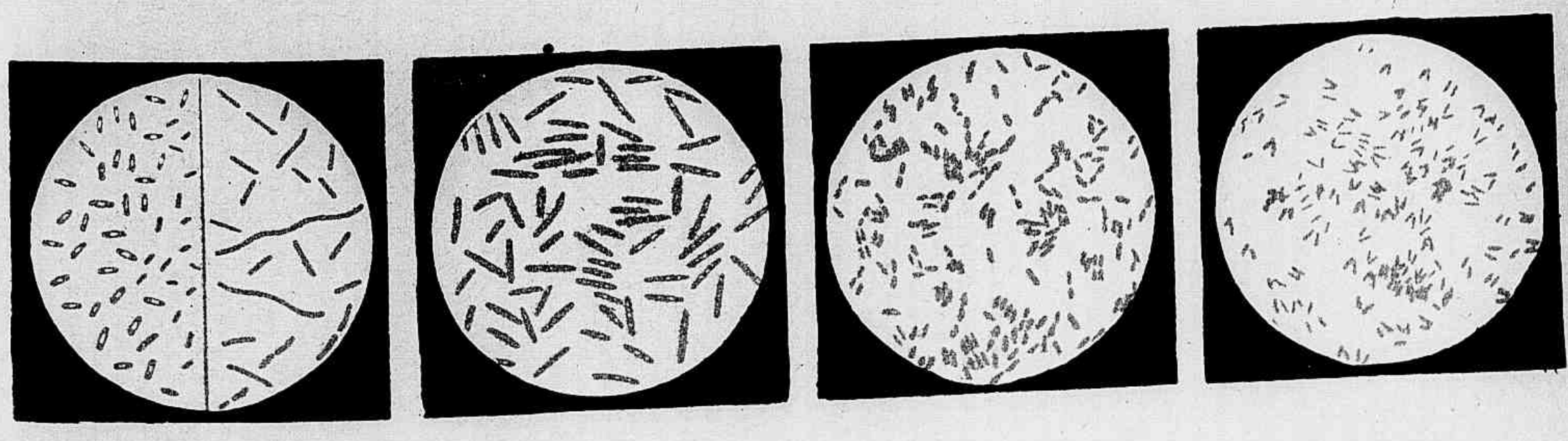
INIMIGOS IMPLACÁVEIS — Desde o nosso nascimento até a nossa morte, vivemos submergidos num imenso "banho de micróbios", sempre prontos a atacar o nosso organismo. Sôbre nossa pele, em nosso intestino, no ar que respiramos, êsses minúsculos inimigos estão sempre preparados para aproveitar a menor ocasião para penetrar em nosso sangue.

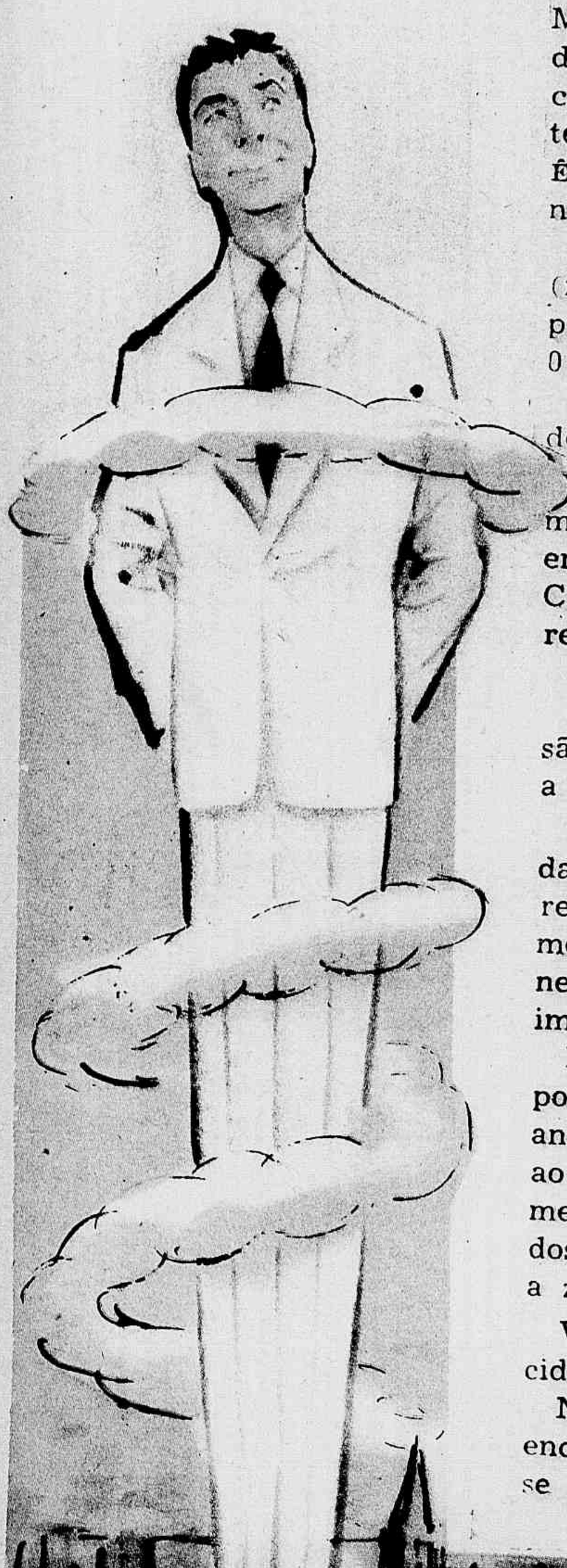
Suas dimensões são, repetimos, minúsculas, da ordem de um milésimo de milímetro, o que explica que passem inadvertidos à quase totalidade das pessoas e passassem inadvertidos, também, aos médicos, até surgir um homem genial como Louis Pasteur.

Para bem dizer, nem todos os micróbios são daninhos. Em nosso intestino vivem e desenvolvem-se micróbios que são absolutamente indispensáveis para a nossa digestão. O carneiro, mais afortunado do que nós, possui uma flora que lhe permite alimentar-se com a celulose da erva.

Tão logo um micróbio logra introduzir-se em nosso sangue, tem que enfrentar o ataque furioso de nossos "humores" e, principalmente, do exército abnegado dos glóbulos brancos, sempre dispostos a sacrificar-se no combate. Graças a isso, nosso organismo consegue defender-se contra os hóspedes indesejáveis; porém esta luta contínua, implica, forçosamente, fadigas e distúrbios internos generalizados e é natural que procuremos evitar êsse desgaste.

Assim, uma atmosfera desprovida de micróbios é o princípio de um excelente repouso.





DELICADAS OPERAÇÕES DE CONTAGEM DOS MICRÓBIOS — Recorrendo a aparelhos que compreendem um aspirador e uma "armadilha de gaveta", os cientistas puderam contar o número de micróbios existentes por metro cúbico de ar, em diferentes lugares. Êsse trabalho, digno de louvores, foi realizado de maneira metódica e paciente na França.

Segundo o relatório oficial, em Fleguere-Chamonix (montanhas da Savoye) são encontrados 0 micróbios pela manhã e até 9 horas; 4 ao meio-dia e, novamente, 0 a partir das 5 da tarde.

Como se verifica, um verdadeiro recorde de pureza de ambiente!

Em Berck-Plage, igualmente zero micróbios pela manhã e durante a noite. Ao meio-dia, entretanto, são encontrados 8, isto é: o dôbro do que se encontra em Chamonix. Temos, portanto, que as conclusões no que diz respeito à montanha e ao mar são bastante alentadoras.

Vejamos, agora, o que ocorre nos vales...

Sob as árvores do célebre bosque de Fontainebleau são encontrados zero micróbios pela manhã e durante a noite, mas 40 ao meio-dia!

Nos Jardins do Luxemburgo, outro recanto famoso da capital francesa, bem no centro de Paris, os exames revelaram os seguintes resultados: 30 micróbios por metro cúbico, no correr da manhã, 98 ao meio-dia e nenhum durante a noite, o que destaca de maneira impressionante a poderosa influência salubre das plantas.

Passemos, seguidamente para diferentes lugares, como, por exemplo, um primeiro andar de Paris. Pela manhã, antes de ser feita a limpeza diária, zero micróbios. Mas ao meio-dia — oh, catástrofe! — de 4.000 a 18.000 por metro cúbico; entretanto, durante a noite, na ausência dos ocupantes, o número de micróbios torna a descer a zero.

Vejamos, agora, no que se refere às ruas de Paris, cidade de mais de 4 milhões de habitantes!

Na praça da Concórdia, antes das 7 horas da manhã, encontramos 600 micróbios por metro cúbico. Esta cifra se eleva a 13.000, ao meio-dia, a 80.000 cêrca das seis

horas da tarde, como conseqüência da intensificação do trânsito.

Porém, aqui estão os recordes:

Num museu parisiense, ao entardecer, 1.225.000 micróbios por metro cúbico; nos grandes estabelecimentos comerciais, também pela tarde, dois milhões. Mas, se passarmos para o domínio da indústria, as cifras se elevam vertiginosamente nas oficinas insalubres; 26 milhões de micróbios por metro cúbico, numa oficina de seleção de roupas velhas; 38 milhões numa oficina de seleção de plumas.

Trinta e oito milhões por metro cúbico! Isto significa o mesmo que... 38.000 por litro, 38 por centímetro cúbico. Um verdadeiro "caldo" de micróbios, que os operários absorvem a cada inspiração.

CURIOSA EXPERIÊNCIA NO "METRO" DE PARIS — Um especialista francês, o professor Trilliat, do Instituto Pasteur, demonstrou que os micróbios suspensos no ar, podem deslocar-se, às vêzes, em sentido contrário do movimento dêsse ar. A experiência é curiosa. Envia-se uma corrente de ar puro a uma retorta de cristal, contendo gelatina fortemente resfriada por meio de gêlo. Saindo dessa primeira retorta, o ar ainda puro passa para uma segunda retorta por um tubo de vinte metros de comprimento; esta segunda retorta contém um caldo de micróbios. Ao fim de um certo tempo, verifica-se que os micróbios "subiram" a corrente de ar e foram infectar a gelatina da primeira retorta. O "motor" dos micróbios é coisa desconhecida, porém sua propensão para viajar é indiscutível.

Essa experiência foi repetida no "Metro" de Paris, por meio de um pulverizador não muito maior que uma câmara fotográfica. Naturalmente foi usado micróbio inofensivo, o Bacilus Prodigiosus. Passada 1 hora dessa pulverização de verdadeiro "caldo" do bacilo, tôdas as demais estações estavam contaminadas.

O AR É UM REMÉDIO

— Onde encontrar, pois, o ar puro, quando se permanece nas grandes cidades? Sem a menor dúvida, a pureza do ar aumenta à medida que nos elevamos.

Porém é possível proceder de outra forma. A atmosfera das grandes cidades

está perigosamente corrompida pelas fumaças, as descargas dos motores e os micróbios lançados pelos sêres vivos. Estas impurezas se acumulam ao nível do solo. Em Zurich, cidade bem arejada, foi observado que a capa atmosférica mais baixa é particularmente perigosa, ao ponto de provocar acidentes nas crianças, enquanto que os adultos, graças à sua altura, respiram ar mais puro.

Na França, o dr. Henocque teve a idéia original de estudar o "clima da Tôrre Eiffel", em seus diferentes andares. E chegou à conclusão de que o clima da segunda plataforma é admiràvelmente puro, enquanto que o da terceira está contaminado por nuvens infectadas pelas fumaradas industriais.

Instalados na segunda plataforma, os enfermos do pulmão respiram melhor; o número de glóbulos vermelhos aumenta, o organismo repousa realmente, pôsto que não tem que enfrentar a luta constante que levamos, nas condições normais, para repelir a invasão microbiana.

"Micro-altitude"? Sim; a fórmula é sedutora. Num hospital parisiense — o Hospital Beaujon — há um verdadeiro preventório nos andares 10 e 11 para a observação e tratamento dos tuberculosos.

A idéia parece acertada, pois que expostos aos raios solares no alto balcão orientado para o sul, banhados pelas correntes atmosféricas que chegam do oceano passando sôbre as regiões das florestas do Oeste, os enfermos ficam instalados entre a capa contaminada do solo e a das alturas, infectada pelas fumaradas industriais, numa zona vivificada pelo ozono natural.

O último dos grandes descobrimentos dos "climatólogos" é que o ar constitui um remédio, o mais acessível e o mais útil de todos êles.

O problema consiste em saber utilizá-lo...

★ ★

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA

AQUI temos para as nossas leitoras duas receitas que se baseiam, ambas, em produtos essencialmente brasileiros:

PERU RECHEADO

1 peru
¾ de xícara de manteiga
1 xícara de pão torrado e moído
2 xícaras de castanhas do Pará bem picadas
½ xícara de cebolas picadas
2 xícaras de aipo, bem picado
2 xícaras de passas
1 colher de salsa
1 colherinha de sal
¼ de colherinha de pimenta
¾ de xícara de água.

Derrete-se a manteiga, junta-se a cebola e leva-se ao fogo durante algum tempo, sem se deixar tostar. Juntam-se o pão, castanhas, aipo, passas, salsa e demais temperos. Leva-se a fogo médio, durante 5 minutos, mexendo-se constantemente. Junta-se a água e sacuda-se ligeiramente. Com êsse recheio, enche-se o peru.

BÔLO DE CAFÉ

6 ovos
2 xícaras de açúcar
2 xícaras de farinha de trigo
3 colherinhas de fermento em pó
¼ de colherinha de sal
1 xícara de café frio e forte
1 colherinha de baunilha
1 colherinha de noz-moscada moída

Bate-se a gema dos ovos com açúcar, até ficar fôfa. Mistura-se a farinha de trigo, depois o fermento e o sal. Mistura-se, pouco a pouco, com a gema dos ovos, depois mistura-se com o café, pouco a pouco.

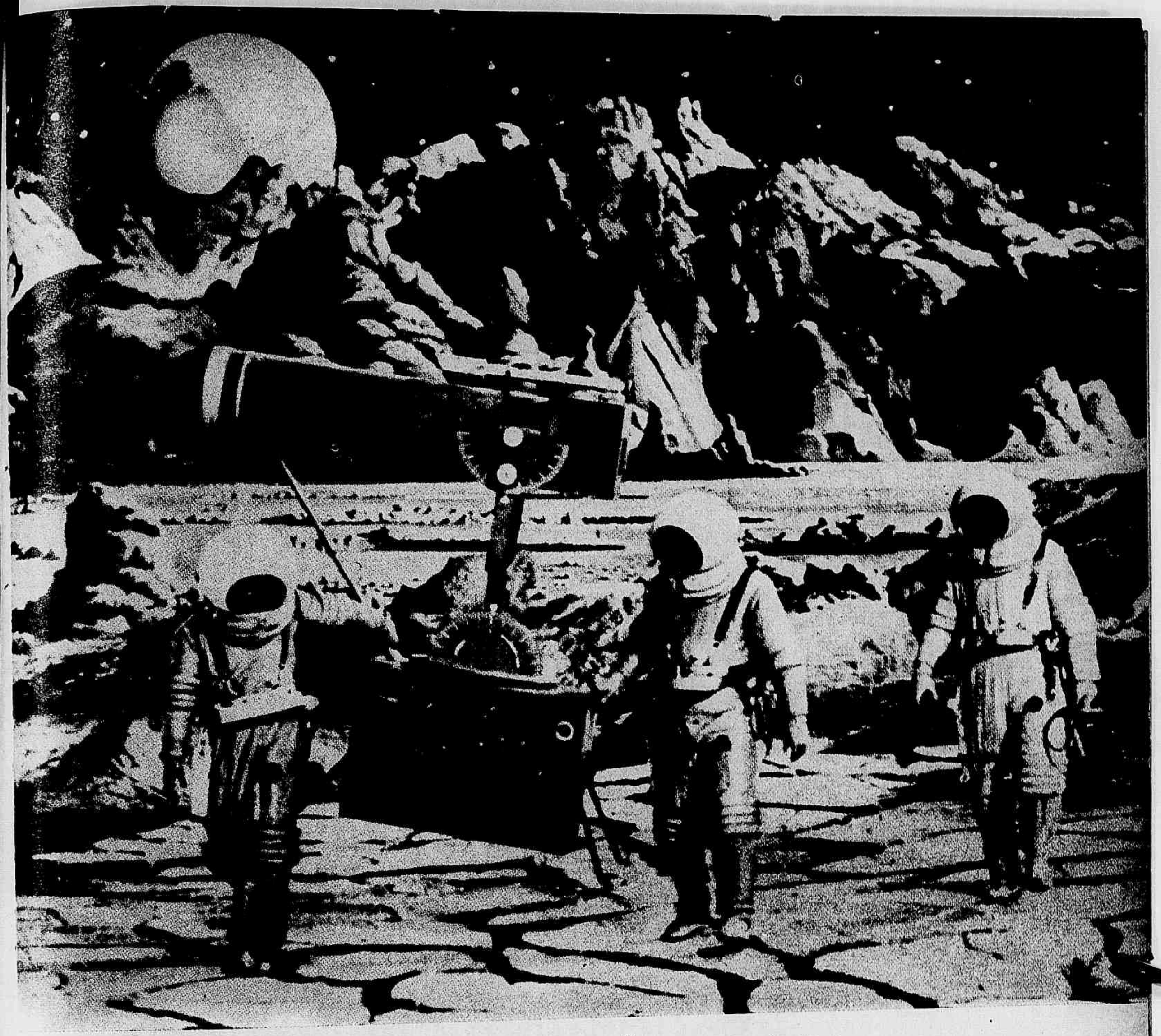
Juntam-se a essência de baunilha e a noz-moscada. Bate-se a clara do ôvo, até ficar dura, mas não sêca e ajunta-se à mistura.

Coloca-se tudo em fôrmas untadas e assa-se, a temperatura baixa, durante 25 minutos.

O recheio pode ser escolhido à vontade.

★

SEGUNDO o prof. Bertam, de Hamburgo, espera-se que em breve a insulina possa ser administrada em pastilhas, em vez de injeções. Nos diabéticos tratados com o novo preparado, cuja denominação é **BZ 55**, registraram-se notáveis melhoras sem que se haja notado qualquer contraindicação.



MARAVILHAS DA CIÊNCIA

ASTRONÁUTICA, SENSAÇÃO DO FUTURO

Por DE MATTOS PINTO

A astronáutica — ciência extremamente nova e de inéditas possibilidades empolga os espíritos criadores e já começa a atuar sôbre as massas populares. Neologismo atribuído a J. H. Rosny Ainé, membro da Academia Goncourt, a astronáutica não evoca as viagens fabulosas como as do grego Luciano na antiguidade e de Cyrano de Bergerac no século XVIII.

Nem revive o projétil de Júlio Verne, nem a esfera de H. G. Wells, nem outras romanescas e incríveis ousadias da imaginação tentando divertimentos e sonhos. Fascinante novidade do mais sólido método científico, a astronáutica aspira libertar a humanidade da atração terrestre e desenvolve seus postulados longe do romance, baseado na física e na matemática, sôbre cujos conhecimentos erige os princípios da locomoção sideral.

Dentro de alguns anos a viagem através do espaço cósmico surpreenderá a civilização e desvendará aos povos assombrados o panorama de outros mundos planetários.

Empreendimentos da mecânica, conquistas da eletricidade, excursões aéreas, maravilhas do rádio, nobres emoções da astronomia, proezas da telemecânica, criações da

síntese química e façanhas industriais de automatismo, nem êsses e outros esplendores compensariam o homem da monotonia de ser o eterno prisioneiro da Terra.

OS INVENTORES DO FOGUETE SIDERAL — A Segunda Guerra Mundial trouxe o espanto das bombas voadoras para o grande público, mas a idéia já vinha trabalhando os cérebros dos cientistas muito antes. Em 1865, numa feliz intuição, compreendeu Achille Eyraud que para emigrar do nosso globo deveríamos recorrer ao maquinismo com as propriedades reativas do foguete.

Depois dessa data, trabalhos sôbre a viagem no espaço extraterrestre apareceram em vários países. De 1896 a 1903, o físico russo Ziolkowsky divulgou algumas notas em tôrno do assunto repercutindo em outros sábios e inspirando novos estudos. O capitão Ferber formulou claramente no ano de 1908 as bases da navegação interplanetária com entusiasmo, deduzindo que para ir cada vez mais alto deveríamos adotar um princípio diferente, estabelecendo o foguete com motor à reação como o veículo adequado. Nos anos de 1911, 1913 e 1920, o russo Ziolkowsky compôs artigos e um livro sôbre a exploração do Universo por aparelhos à reação. Em 10 de junho de 1911, André Bing registrou na Bélgica, sob o número duzentos e trinta e seis mil e trezentos e setenta e sete os direitos de um aparelho para excursionar às regiões rarefeitas da atmosfera. Perante a Sociedade Francesa de Física, a 15 de novembro de 1912, Robert Esnault Pelterie discutiu a possibilidade da navegação intersideral sob o ponto de vista exclusivamente matemático. Os anos de 1912, 1913, 1915 e 1916, viram as interessantes experiências de Robert H. Goddard, professor norte-americano da Universidade Clark, tentando enviar à Lua um projétil com pólvora a magnésio visível para os observadores telescópicos da Terra.

Em 1911, Robert Goddard divulgou a teoria dos seus projetos. Enquanto os físicos se preocupavam ùnicamente com a energia apropriada a movimentar o foguete cósmico, os matemáticos estafavam-se para corrigir os cálculos da órbita do engenho escapando da gravidade terrestre e penetrando no espaço livre de atração da matéria. Desde 1923, o alemão Hermann Oberth publica trabalhos de astronáutica onde estuda as condições físicas, matemáticas e fisiológicas da navegação interplanetária. Os círculos científicos de Viena conheceram, em 1926, o ensaio de veículos astronáuticos à reação de Franz Von Hoefft, que registrou a prioridade do seu foguete interplantário no dia 1.º de fevereiro de 1928. Outro livro matemático de viagem além da órbita terrestre surgiu, editado em Munich, no ano de 1925.

A astronáutica conta na França com um apostolado científico de alta competência; o engenheiro e inventor Robert Esnault Pelterie, especialista em aerodinâmica, a quem se deve a conferência feita na Sorbonne a 8 de junho de 1927, intitulada — a exploração por foguetes da alta atmosfera e a possibilidade das viagens interplanetárias

— conferencia onde Esnault Pelterie desenvolveu a exposição de 1912 completando os cálculos matemáticos do problema. Essa memória marcou data na evolução da astronáutica, cuja marcha deixou de ser um projeto fantasioso para ser especìficamente uma nova etapa no conjunto da ciência.

A MAIOR AUDACIA DO HOMEM — As tentativas da exploração do Universo com foguetes tripulados pelos humanos despertaram interêsse mundial anteriormente à Segunda Guerra Mundial. O movimento de curiosidade desenvolveu-se e propagou-se por diversos centros europeus e norte-americanos fascinando físicos, químicos, biologistas, matemáticos puros e engenheiros afeitos, além de estrategistas imaginosos em dispor de bases invulneráveis ao poder de tôdas as potências. Hermann Oberth, Franz Von Hoefft, Hohmann e Pirquet fundaram uma sociedade para executar pesquisas astronáuticas na Alemanha, dotada de laboratório especial e publicando uma revista intitulada — "O Foguete". Êsse centro astronáutico dos pioneiros germânicos inaugurou-se em 1927 na cidade de Breslau e colige tôdas as experiências da Alemanha. A revista "O Foguete" divulgou vários trabalhos de Pirquet e Hohmann, Hoefft e Oberth analisando assuntos específicos.

Também no ano de 1927, os russos constituíram as bases de uma associação científica com finalidade essencialmente astronáutica. Procederam em Moscou uma

Os passageiros são submetidos à afeitos, em sua grande parte, desconhecidos. É clássico representá-los como acima, flutuando no espaço, livres da fôrça da gravidade. Júlio Verne previu êste fenômeno em um único ponto da trajetória. Na realidade, esta será a regra permanente desde que os motores parem. Os projetos atuais prevêem que os primeiros foguetes serão tripulados por macacos. Êstes deverão ser submetidos a uma série de aparelhos de contrôle fisiológico, cujos resultados serão seguidos da terra; os macacos serão observados pela televisão.

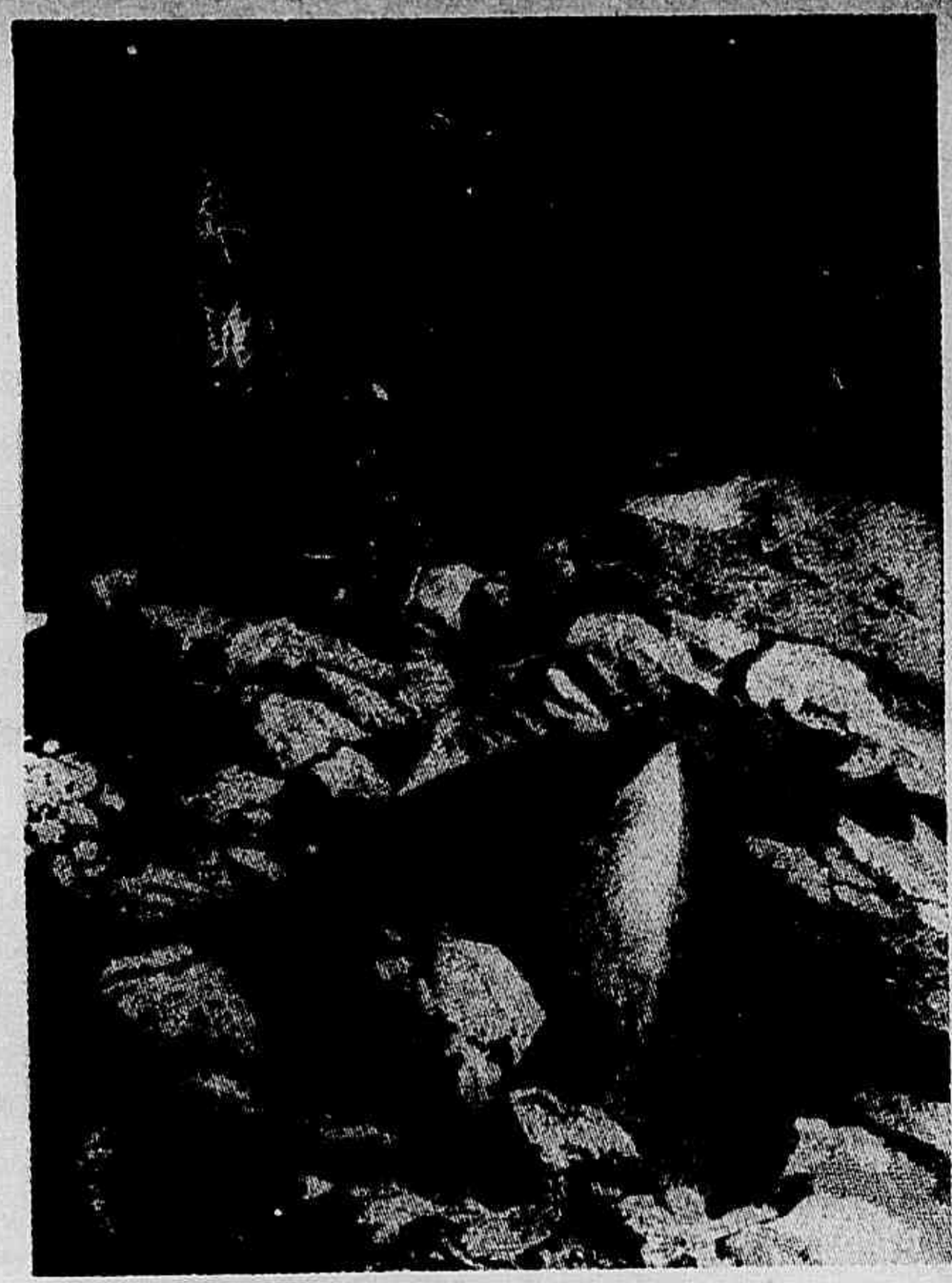
exposição de vários modelos de foguetes interplanetários, inspirados nos trabalhos de Ziolkowsky e Ribaltchicht, Goddard e Oberth, além de outros astronautas estrangeiros. Excitaram o público na exposição de Moscou, paisagens lunares, documentos, miniaturas de experiências, quadros de partidas de foguetes e os territórios lunares que irão ser olonizados pelos invasores humanos. Nenhum intuito de fantasia animou os expositores russos, mas um espírito de verdade científica e a convicção de ser uma realidade em crescimento tecnológico.

Vulgarizavam os projetos pondo o público em contacto com as idéias arrojadas das excursões fora do campo de gravitação terrestre. Replicando aos pioneiros germânicos e russos, a França formou uma Comissão de Astronautas operada por físicos e químicos, fisiologistas a astrônomos, engenheiros e inventores, calculadores matemáticos e astrônomos especialistas em astrofísica. Patrocinada pela Sociedade Astronômica da França, os astronautas dispõem do concurso de figuras de várias categorias como Ferrié, E. Fichot, H. Deslandres, Jean Perrin, Robert Esnault Pelterie, André Hirsch, G. Urbain, J. Bethenod, André Bing, Charbonnier, H. Chrétien, E. Esclagon, A. Lambert, Léon Gaumont, C. Maurain e R. Sereau. A utopia não estaciona no ambiente científico que estimula êsses grupos de sábios, ávidos de realizar o maior empreendimento de todos os tempos. E. Fichot, membro do Instituto de Ciências de Paris e presidente da Sociedade Astronômica da França, dissipou todos os equívocos quanto ao valor dos trabalhos e das pesquisas, pois a comissão astronáutica só aceitaria colaboradores idôneos e só submeteria à análise os projetos formulados com o rigor das leis físicas e matemáticas. Tudo quanto a ciência possa oferecer em qualquer ramo dos seus conhecimentos merecerá exame. Os estudos astronáuticos prosseguem vitoriosos sob o critério da mais absoluta seriedade como bem merece um projeto de tanta grandeza, a mais audaciosa ciência do gênero humano. A revista mensal "O Foguete", o grande elemento divulgador na Alemanha e cujas teses dilatam o saber acumulado, consagra tôdas as suas páginas à astronáutica discutindo tôdas as hipóteses surgentes, desde os mais complicados cálculos de navegação cósmica aos problemas de medicina interplanetária, prevendo

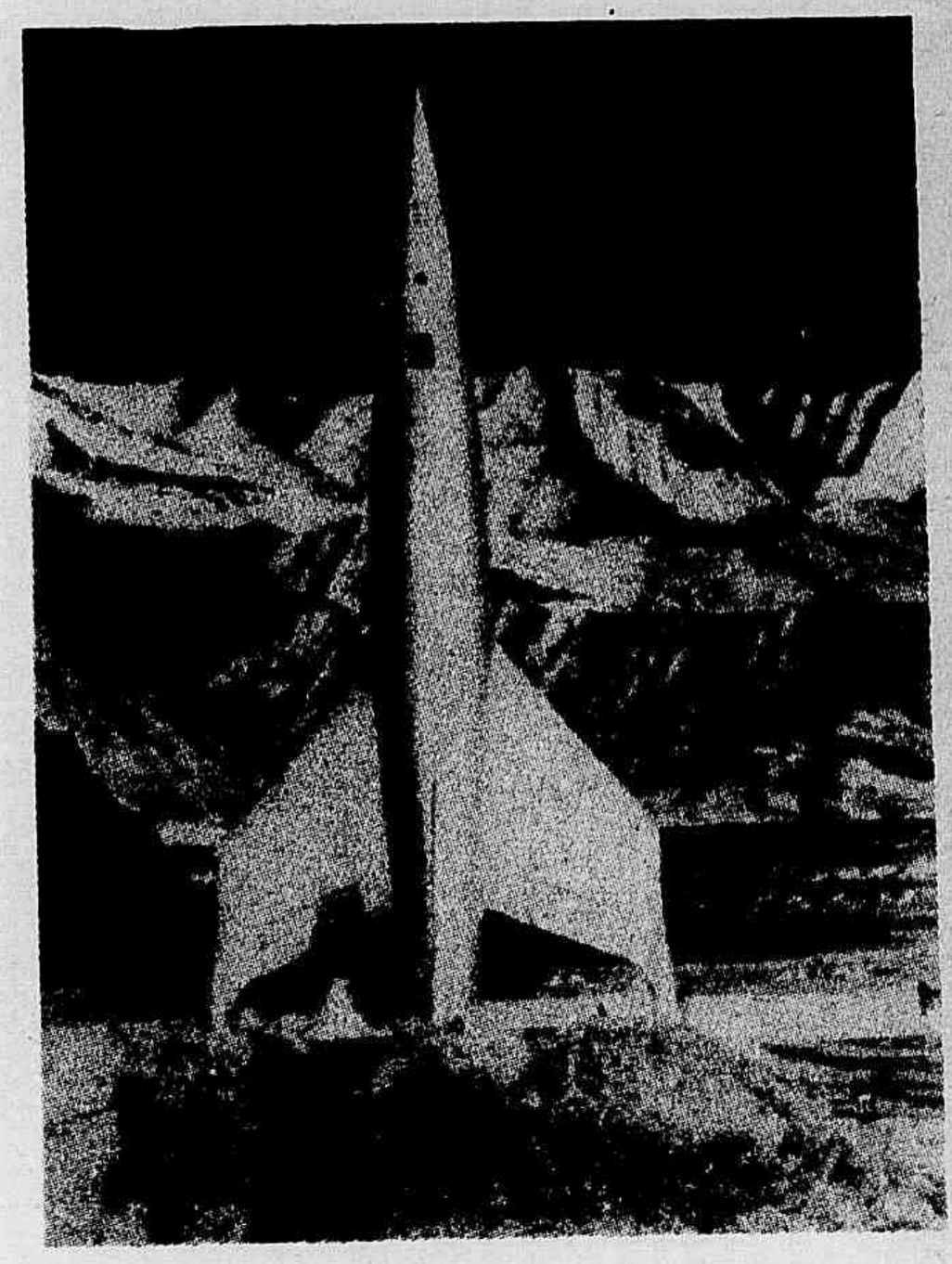
as reações do corpo humano e do funcionamento biológico num espaço onde a gravidade não atua. Os astronautas lançaram uma publicidade triunfante e a massa popular vai se familiarizando com a intrusão dos humanos além das fronteiras terrestres. Associações, jornais, revistas, conferências, cinematografia, exposições, livros, eis outros tantos meios vulgarizadores prenunciando a conquista dos mundos planetários do sistema solar. André Hirsch, um dos fundadores do prêmio de astronáutica, reconhece que a cinematografia contribui poderosamente para instruir o público com o advento da navegação entre a Terra e a Lua, ou entre a Terra e Marte.

Os físicos alemães estudavam sem preocupações de beligerância e de supremacia militar tôdas as possibilidades do foguete como o meio mais prático de romper o jugo da gravitação. Numa exposição astronáutica de Berlim onde milhares de pessoas afluíram ansiosas, os visitantes admiraram os preparativos do foguete, vendo o invento de Hermann Oberth prestes a partir, o foguete e o seu pára-quedas aberto, diagramas das medidas dos tubos e instrumentos de direção, roda a foguete dando trinta e nove mil voltas por minuto, armaduras, maquinismos e fotografias dos trabalhos práticos de astronáutica, novos diagramas sôbre as combustões, explosivos de alta velocidade e evacuação de gases superaquecidos, emissores radioelétricos permitindo a qualquer momento determinar a posição do foguete no espaço sideral. Grande multidão contemplou maravilhada todos êsses preparativos da futura viagem do homem através das órbitas interplanetárias e ninguém se preocupava com o advento da Segunda Guerra Mundial.

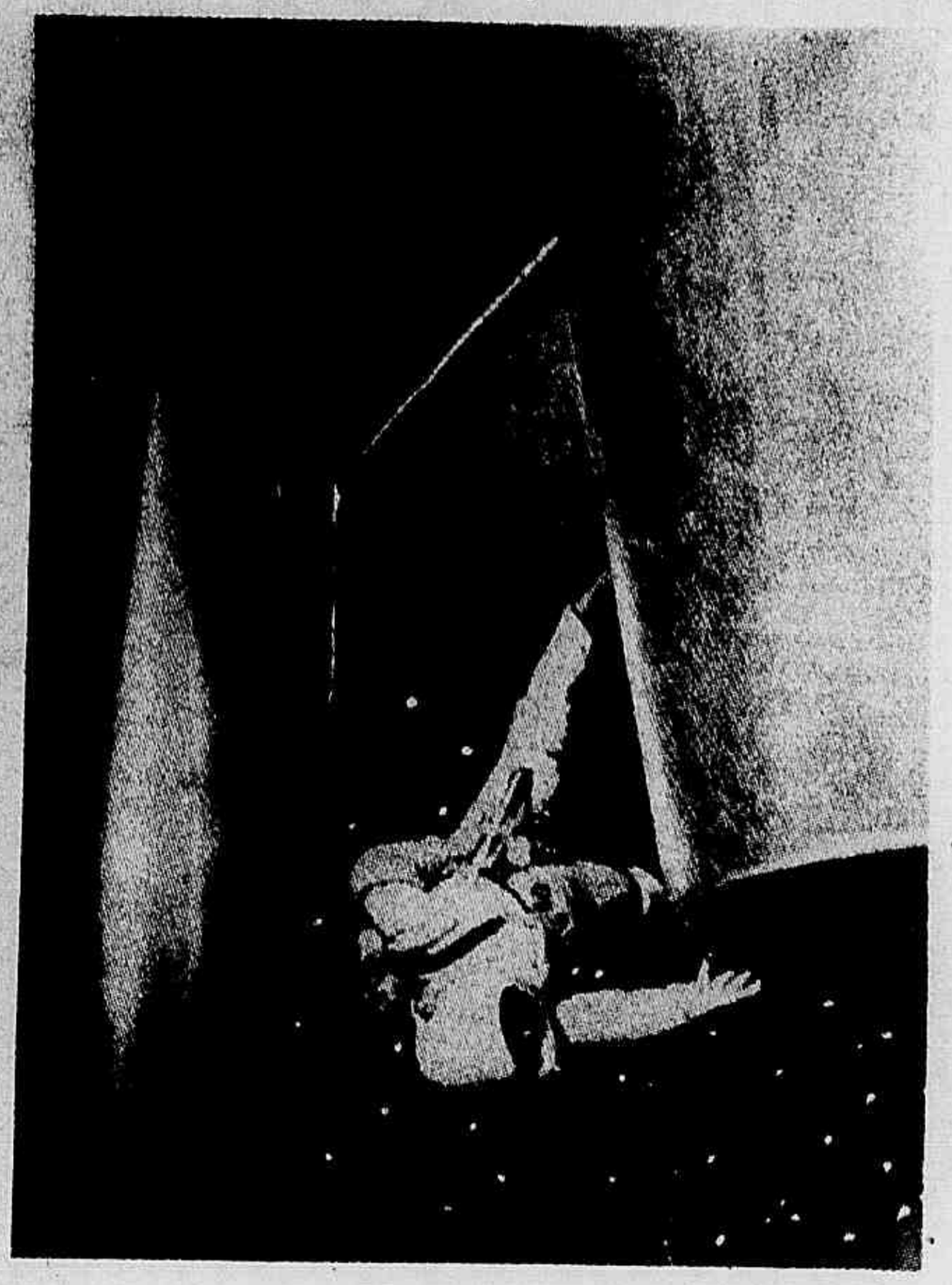
O DOMÍNIO SÔBRE A FÔRÇA DA GRAVIDADE — Em 1928, Robert Esnault Pelterie e André Hirsch ofereceram à Sociedade Astronômica de França, a quantia anual de cinco mil francos destinada a premiar o melhor trabalho científico, teórico ou experimental, capaz de impulsionar um dos problemas essenciais da navegação interplanetária. Em vista da doação espontâneo de Pelterie e Hirsch, constituiu-se a comissão encarregada de estabelecer e aplicar as atribuições do Prêmio. Ficou determinado que qualquer pessoa poderia remeter qualquer trabalho científico, teórico ou experimental à So-



A volta à terra teria sido impossível para os viajantes de Júlio Verne se tivessem "alunado", como esperavam. Seu canhão, "Colombíada", de 350 metros de comprimento, teria permanecido na terra. Além disso, todos morreriam imediatamente devido à ausência de escafandros. Ao contrário, o foguete não precisa ser lançado. Sua estrutura é reta, sem armadura, e, por isso mesmo, pode decolar verticalmente. Considerando a fraca atração lunar e a ausência de atmosfera a atravessar, a volta necessitaria de uma quantidade de combustível muito menor do que a despendida na viagem de ida.



No espaço interplanetário (aonde o aparelho chegar movido pelo seu impulso), não havendo mais resistência do ar, qualquer objeto que se desprenda do foguete, o acompanhará automàticamente. Eis porque foi possível imaginar (em baixo) um passageiro saindo do aparelho, em pleno vôo, a fim de efetuar um reparo. Pode-se também imaginar um "trem" à maneira de Júlio Verne (em cima), mas, partindo de um satélite artificial, fora da nossa atmosfera (pois ali o aerodinamismo não será sentido). Tal "satélite-laboratório" está previsto e poderá ser lançado dentro dos próximos dez anos.



ciedade Astronômica de França. A memória deveria ser clara e explícita, sem ambiguidades ou reservas, o premiado podendo receber os cinco mil francos ou apenas uma parte se houvesse vários trabalhos concorrentes. No mesmo ano de 1828 apareceu em Leningrado o livro do físico N. Rynin estudando a locomoção extraterrestre.

Outros estudiosos vieram com idêntico afã de vencer o infinito e de libertar o homem da atração do nosso planêta, que o prende dentro dos limites da nossa atmosfera. Entre concorrentes franceses, italianos, russos e britânicos, o prêmio Pelterie — Hirsch de 1929 coube ao alemão Hermann Oberth, um dos primeiros astronautas do mundo e inventor de muitos modelos de foguetes à reação. O prêmio deixou de ser conferido em 1930, pela ausência de memórias práticas e significativas.

Em 1931, o mineralogista Pierre Montagne conquistou o prêmio francês com um trabalho teórico versando sôbre o equilíbrio e a temperatura de gases na câmara de combustão. Pierre Montagne calculou as reações possíveis na forja de um foguete movido por combustíveis líquidos. Depois outros astronautas como Pronet Vlinsky e Max Valier, Willy Ley e Debus, Oberth e Hohmann, Hoefft e Goddard, escreveram artigos, monografias, ensaios, livros e hipóteses expondo os avanços da astronáutica. Três físicos germânicos, Hoefft, Hehmann e Oberth, editaram em Leipzig uma obra vulgarizadora da ciência especializada nas viagens dentro do sistema solar. Sander e Fritz Von Opel promoveram na Alemanha as experiências de foguetes preliminares, consolidando no domínio prático as teorias expostas nas assembléias científicas. Confiantes nos conhecimentos exatos, os físicos mobilizaram todos os conhecimentos para dominar a gravidade e em feliz futuro superar os sonhos de Júlio Verne e de H. G. Wells.

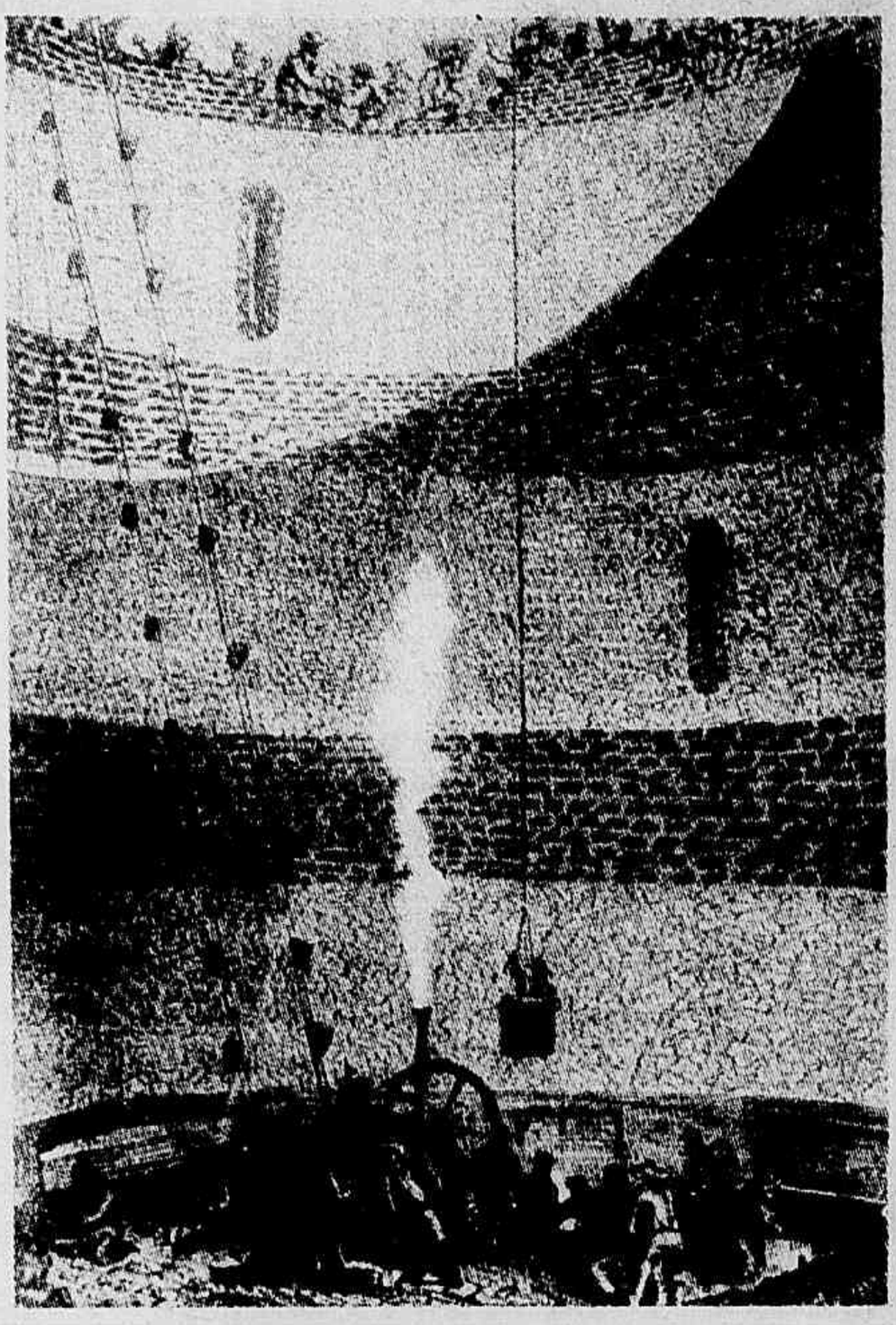
OS CONGRESSOS INTERNACIONAIS DE ASTRONÁUTICA — Desde 1933, numerosas pessoas residentes em New York desejaram reservar passagem para a viagem lunar no foguete de Edward Pendray, vice-presidente da Sociedade Interplanetária Norte-Americana. As bombas voadoras germânicas V-2 assombraram a massa popular sem aturdir os peritos em astronáutica. Quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial, os peritos militares de tôdas as potências voltaram-se para as conquistas pacíficas e genuinamente científicas da

astronáutica cabendo aos técnicos germânicos a prioridade de converter ao domínio prático uma parte secundária das teorias acumuladas. Os governos beligerantes custearam inventores e físicos, engenheiros e usinas siderúrgicas, laboratórios químicos e especialistas eletrônicos, para realizar em proveito da morte uma ciência puramente intelectual. Extintas as hostilidades, dilataram-se os campos de pesquisas e já no Segundo Congresso Internacional de Astronáutica, instalado em Londres, dez nações enviaram 50 cientistas para discutir hipóteses, comparar teorias e recolher os ensinamentos acumulados em tôdas as nações. O alemão Wernher von Braun, o inventor da Bomba V-2 calculou nessa época que a viagem ao Planêta Marte poderia ser executada matemàticamente em 869 dias. Em 1955, os astronautas franceses reuniram todos os seus técnicos especializados para controlar as teorias e as conquistas experimentais. E ainda no ano de 1955, a Inglaterra fundou a Sociedade Interplanetária Britânica, destacando-se entre os astronautas inglêses Arthur C. Clark, que preside a instituição da locomoção sideral.

O escritor Bernard Shaw orgulhava-se de ser membro da Sociedade Interplanetária Britânica. A Sociedade Interplanetária dos Estados Unidos decidiu não cogitar de problemas estratégicos e de satélites militares deixando êsse aspecto secundário aos técnicos do Pentágono. O Brasil, Argentina e México já instituíram sociedades interplanetárias para controlar a marcha dos acontecimentos e a expansão das experiências mundiais.

Espanha e Itália também acompanham os progressos germânicos, inglêses, russos e norte-americanos. Em Turim e Roma, os engenheiros italianos projetam centros de estudos astronáuticos. Mais recentemente, reuniu-se em Innsbruck, o Quinto Congresso de Astronáutica e coligiram-se as novidades internacionais sôbre a mais sensacional das ciências. Milton Rosen, técnico em foguetes da marinha norte-americana, já aceita a idéia de um satélite artificial da Terra para fins militares, meteorológicos e físicos, interessando tanto a navegação marítima como a aviação militar e comercial.

No Sexto Congresso da Federação Astronáutica Internacional, instalado em agôsto de 1955, em Copenhague, compareceram dezesseis nações: Brasil, Argentina, Estados Unidos, União Soviética, Inglaterra, Bélgica,



Daqui por diante qualquer antecipação escapa à fantasia e o romancista pode substituir o técnico. Em 1865, Júlio Verne imaginou um obus clássico, lançado por um canhão escavado no solo (em cima: as escavações dos alicerces). Em 1950, o filme "Com destino à Lua" (em baixo) referiu-se a um foguete, como o único meio científico possível. Um obus deveria atingir, no instante do seu lançamento, uma velocidade superior a 40.000 quilômetros horários, e seria consumido ao atravessar a atmosfera. Ao contrário, a partida de um foguete é progressiva.

Dinamarca, França, Alemanha, Holanda, Itália, Suíça Iugoslávia Suécia, Áustria, Noruega.

O técnico germânico Wernher von Braun, hoje pesquisando e inventando novos foguetes nos Estados Unidos, confia na invasão próxima do espaço interplanetário. O técnico norte-americano Willy Ley, especialista em foguetes do Pentágono, publicou um livro sôbre viagens interplanetárias. O Pentágono entregou ao general B. A. Northrops e ao major James Randolph o encargo das pesquisas relacionadas com a estratégia militar da astronáutica. Mais de cem astronautas germânicos trabalham em Huntsville, no Estado de Alabama, na América do Norte.

Admite-se mundialmente como já sendo uma descoberta real a técnica básica das viagens extraterrestres, faltando o maquinismo necessário para construir o primeiro foguete com rumo à Lua.

O sétimo Congresso da Federação Astronáutica Internacional reunirá todos os astronautas de tôdas as nações interessadas em Roma, neste ano de 1956 e os Estados Unidos projetam lançar os satélites artificiais da Terra em julho de 1957.

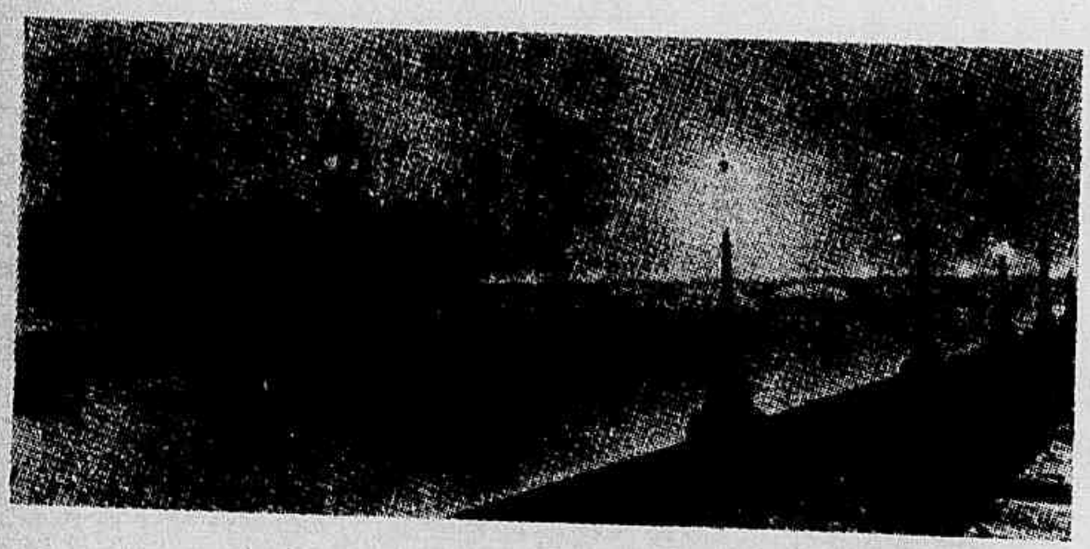
A Federação Internacional de Astronáutica, sediada na cidade suíça de Zurich, coordena os estudos dos astronautas do mundo inteiro.

* * *

ESTE MUNDO LOUCO...

O rumeno Swindler Jorge Jorescu foi prêso na Suécia porque o seu passaporte tinha uma aparência bastante esquesita. Depois chegou-se à conclusão de que Jorge se apoderara do cardápio de um restaurante de Istambul, pregando, a seguir, sôbre o mesmo uma fotografia sua e terminando por marcar o papel com um carimbo qualquer e usando o documento como seu "passaporte turco", com que atravessou vários países europeus.

C. Fraser e P. E. Purves, ambos do Museu Britânico de História Natural possuem gravações submarinas de guinchos, gemidos e assobios (!) de baleias.



— Se uma baleia macho vê uma grande quantidade de óleo de baleia fêmea — afirmam êles — põe-se a cantar como se fôsse um pássaro durante a estação primaveril.

NA África Oriental, o dobrar ininterrupto de um sino de igreja atraiu uma verdadeira multidão de nativos. Êstes, horrorizados, depararam com um leão que puxava a corda do sino com os dentes. Verificou-se, a seguir, que o sineiro, um nativo, depois de matar um carneiro, havia badalado o sino sem lavar as mãos, deixando, assim, manchas e cheiro de sangue na corda que empunhara.

HÁ várias décadas, os aborígenes da tribo Ami, da ilha Formosa, ainda conservavam o costume de guardar as cabeças dos inimigos como troféu; um jovem Atayal que desejasse catar tinha que exibir à família da eleita a cabeça de um inimigo. Atualmente as mulheres da tribo Ami trabalham nos campos enquanto seus maridos ficam em casa atendendo aos afazeres domésticos, cuidando das crianças e fabricando cestas de bambu!

NA Irlanda, 8 pessoas pagaram 15.000 cruzeiros para acompanhar mr. Arnold Bennington, famoso ornitólogo, à Islândia, para tirar a limpo esta importantíssima questão: Quantas horas dormem os pássaros na região ártica!

UM IMPORTADOR de Madrasta, Índia, pediu a uma firma americana que lhe enviasse 20.000 canetas-tinteiro **sem a pena**. Interpelado sôbre se realmente desejava comprar sòmente os depósitos sem as respectivas penas, êle explicou: — É que muitos indianos, muito pobres para possuir uma caneta-tinteiro com a respectiva pena (que custa alto preço), gostam de colocar uma simples caneta no bôlso (sem a pena embora), a fim de fazer crer que têm uma caneta de verdade.

OS produtores de vinho de Nápoles estão muito preocupados porque a nova geração começa a abandonar o tradicional costume de beber vinho, demonstrando sua preferência pelas bebidas americanas. Visando defender a economia interna, a indústria da uva italiana está tentando desenvolver uma espécie de bebida bastante suave, à base de uva, e cujo sabor muito se assemelha ao da coca-cola.

A MORTE COM MEIAS DE SÊDA

Romance de ANTHONY BERKELEY ★ Tradução de RENATO DE ALENCAR

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Janet, filha de um pastor do interior da Inglaterra, fôra tentar a vida em Londres, acabando por aparecer enforcada no seu apartamento, onde residia com uma colega, miss Carruthers. Rogers, repórter especializado em escrever sôbre crimes, recebeu uma carta do pai da morta, pedindo que procurasse esclarecer o destino da filha. O jornalista tem escrúpulos de transmitir à família do pastor notícia tão triste, mas, por fim, resolve ir pessoalmente até lá.

Miss Carruthers, companheira de quarto de Janet, fica sabendo que a infeliz se enforcara com a própria meia de sêda, pendurando-se num gancho de porta. Sabe também que a suicida tinha as unhas cheias de tinta e pó. No dia seguinte os jornais noticiam outro suicídio, de mulher, com a própria meia de sêda. A segunda suicida chamava-se Elsie Benham e era, segundo o jornal "artista lírica". Concluía a notícia dizendo que a morta deixara uma carta. Mas era um simples bilhete, e dizia: "A prodigiosa morte..." E mais: "A morte e seu irmão, o sono". Isto era da "Rainha Mab" e surpreendia que uma atrizinha sounesse citar Shelley e citá-lo corretamente! A fabesse mília de Janet revela que ela tinha numerosas relações masculinas, tôdas pessoas decentes. Ao regressar a Londres, ainda no trem, Roger lê num jornal, a notícia de um terceiro suicidio, ainda com meia de sêda! A morta era, desta vez, Ursula Graeme, filha de um figurão. Lady Ursula órfã de pai, jantara em companhia de amigos e depois fôra enforcar-se no "atellier" da pintora Macklane, que estava ausente. Os demais detalhes correspondiam aos das primeiras mortes.

— Com efeito — continuou Roger, sêcamente. — Procure-se subjugar uma jovem sadia e esportiva e veja-se o que sucede. Lutará com tôdas as fôrças. Assim, devemos concluir que o homem em hipótese é dotado de enorme fôrça física, e que deve ser muito alto. As infelizes não tiveram, sequer, tempo de gritar. Não sou tão imbecil, que lhe apresente a hipótese de que o criminoso tenha lançado mão do clorofórmio ou de qualquer droga semelhante. Isso fica a cargo dos maus escritores de aventuras policiais, únicas pessoas que explicam tais msitérios por meio de anestésicos, de efeitos lentos, sem falar no odor persistente que fica no ar e nas próprias vítimas. Não. Prefiro explicar que o criminoso tenha lançado mão de uma **écharpe** de lã, lançada de súbito e por detrás, impedindo-lhe a visão, **écharpe** que o assassino empalmaria no mesmo instante em que a jogava sôbre os olhos da vítima. Que acha?

— Não vejo nada de melhor.

— Bem. Um homem vigoroso poderia fàcilmente atacar por detrás, agarrar os punhos, que lutavam, instintivamente para retirar a mordaça, e que seriam finalmente jungidos e cruzados sôbre os rins. Reconheço que seria difícil essa manobra; mas, um conhecimento de jiu-jitsu bem que poderia ajudar. Poderia colocar a mulher em tal posição, que ela não pudesse mover-se sem o risco de quebrar um braço, segurando os punhos com uma só mão, enquanto amarrava com a outra. É mesmo de admirar que não se tenham encontrado grandes equimoses, o que faz crer que o criminoso deveria ter-se servido de meios que não viessem a ferir a pele, talvez mesmo uma das extremidades da mesma **écharpe,**

Roger fêz uma pausa para beber.

— Continue, Sheringham — disse Moresby, polidamente.

— Daí, então, tudo se torna mais simples. Pegou um dos braços da vítima e prosseguiu, tranqüilamente, em seus preparativos. Atarrachou o gancho na porta, aproximou uma cadeira para nela colocar a vítima, etc... Depois de a ver, oscilando, enforcada, nada mais tem a fazer senão recolher a **écharpe** e desatar os punhos e tornozelos.

O inspetor fêz um sinal de assentimento.

— Foi assim, provàvelmente, como as coisas devem ter passado — disse.

— Vemos, por essa reconstituição, que nada temos de novo, a não ser a **écharpe** que, afinal é uma simples suposição de minha parte. Quanto à psicologia do assassino, é evidente: trata-se de um tarado, um louco, que mata pelo simples prazer de matar. Note êste detalhe: é sempre a própria meia da vítima que serve de instrumento de morte. E acho que, sòmente as meias de sêda o inspiram. Seu cérebro deve ser estranhamente constituído. Estou convencido de que sòmente a idéia de que poderia fazer isso com uma meia de algodão

mercerizado repugnaria profundamente ao assassino.

— Não se pode deixar de pensar em Jack Estripador; não é verdade?

— De fato. Mas há, ainda, um outro famoso matador: Nel Cream, aquêle que não suportava ver morrer suas vítimas... Confesso que nunca pude compreender bem o tratante. Parece-me que isso deveria ser o principal objetivo de um degenerado dessa espécie. Lembra-se de mais alguns dêsse tipo?

— Outros crimes sádicos, Roger? Não são muito freqüentes na Inglaterra... Mas, por aí afora, no estrangeiro, na sua maior parte podem ser comparados àqueles praticados por Jack. Sempre cometidos com uma faca! Tenho para mim que os mais conhecidos são os de Andreas Bickel, Menesclou, Alton, Gruyo e Vernezi. New York sofreu uma epidemia de assassínios a faca em junho de 1902... Também Berlim, na mesma época. Em 1901, Wilhelm Damian, em Ludwigshafen, Alemanha, e...

— Chega, Moresby! — interrompeu Roger. — Que memória!

— É minha profissão, Roger — replicou o outro, com ares de dignidade.

— Pensa você que êsses exemplos possam ajudar-nos em alguma coisa?

— Não, meu caro; acho que todos êsses assassinos são muito difíceis de descobrir e pegar.

— Passemos então às vítimas. Que temos sob êsse capítulo? A mulher de Monte-Carlo. Sabe você alguma coisa a seu respeito?

— Ainda não. Já providenciei para obter detalhes. Mas, se se trata, realmente, de um mesmo criminoso, concluiremos que êle deveria encontrar-se nesta cidade na mesma época.

— Sim, e isto poderá ser-nos muito útil. E se procurássemos organizar uma lista de todos os inglêses que estiverem lá por Monte Carlo em fevereiro último?

— Já fiz isso! — respondeu o inspetor, sorrindo com ar superior.

Nenhum amador poderia ultrapassá-lo em matéria profissional.

—... E fui mais longe — prosseguiu Moresby. — Levantei listas em Nice, Cannes e outras cidades análogas da Riviera.

— Bravos! — exclamou Roger, sem emocionar-se. — Tomemos agora Janet Manners, ou antes, Unity Ransome, como será melhor chamar-lhe de agora em diante. Ela deveria conhecer muito o criminoso para permitir que êle entrasse em seu apartamento, quando estivesse sòzinha. Êste caso pode auxiliar-nos bastante.

— Sim...

— Elsie Benham, por outro lado, em nada nos adianta. Podia conhecê-lo, ou só o conhecera entre o clube e seu apartamento; no primeiro caso, teria esperado pela infeliz talvez. Um policial de ronda poderia tê-los visto juntos; é nossa única esperança. Resta-nos ainda o caso de lady Úrsula, que não nos dá uma pontinha de pista reveladora... Pensando bem, podia até ser que o assassino não a conhecesse. Poderia ter-se apresentado na rua, dizendo que era um amigo dos amigos dela. Lady Úrsula, mulher original e exótica em seus hábitos, não teria estranhado isso e lhe dera atenção. Poderia ser também um amigo da jovem artista, locatária do **atelier**. Percebendo luz no interior, foi até lá. Mas não vejo nada de mais importante.

— A carta, Roger! — intervém o inspetor. — Na minha opinião, prova ela a premeditação, tendo o assassino a conservado consigo, de acôrdo com um projeto planeado anteriormente, mesmo de há muito amadurecido.

— Mas, como poderia êle saber que lady Úrsula ia ao **atelier**? Nada disse ela antes, pois nem ela mesma sabia! Sòmente o acaso a fêz passar diante do **atelier**, quando ia sair de Londres, vindo-lhe a idéia sùbitamente de parar para pedir à sua amiga, que a acompanhasse em sua excursão.

— Sim; mas não devemos perder de vista o fato de que ela poderia ter marcado um encontro com o criminoso, sabendo que sua amiga não estava ali, e que tudo o que dissera sôbre umas voltas em auto, não passava de cortina de fumaça nos olhos de seus camaradas de clube. Ela bem sabia que ninguém iria acompanhá-la.

Roger, que não aceitava essa possibilidade, ficou calado alguns instantes, depois disse:

— A propósito, tenho a impressão de que seu noivo... Como é que êle se chama mesmo? Pleydell; Isso mesmo! Pleydell tem lá suas suspeitas. Observou-o bem esta manhã, no inquérito? Pareceu-me, por várias vêzes, que ia fazer revelações importantes .

— Realmente. Também tive a mesma impressão. Espero ir vê-lo amanhã pela manhã.

— Deploro-o — disse Roger, com tristeza — e o lamentarei ainda mais, se as coisas que supomos não forem tão claras como se tem julgado. É horrível ser noivo de uma jovem que se suicida; mas é ainda mais deplorável saber que foi assassinada... Ouça, Moresby! Se lhe fôsse possível aguardar um dia ou dois, antes de ir visittá-lo?

— Por quê, Roger?

— Minha idéia pode pecar, talvez, por excesso de sutilidade. Mas ei-la aqui: admitamos que tenha êle suas suspeitas. Que fará? Silenciará, a fim de não agravar o escândalo perante a família, ou irá até ao fim de forma que fique com o coração lavado? Pelo que me parece, no final das contas, Pleydell preferirá saber a verdade. Mas não se decidirá imediatamente. Se você vai à sua presença, assim de surprêsa, antes de que êle se decida a falar, verá você todo o seu esfôrço perdido pelo mutismo dêle, ora, isto seria lamentável na hipótese de ter êle alguma coisa a revelar. Mas, se você lhe der tempo para seguir uma linha de conduta, não ficará admirado de vê-lo vir à sua presença e **desabafar** com tôda ansiedade. Mas baseio o que lhe digo na hipótese de que êle tenha, realmente, suas suspeitas, o que também pode ser o contrário.

Moresby sorveu outro gole de cerveja, esvaziando o copázio.

— Há verdade em tudo o que você diz — declarou o inspetor enxugando os lábios. — Mas não devemos ir assim tão depressa. É sempre errado. Está combinado! Vou dar-lhe três dias ainda, e veremos se você tem razão.

Roger consultou as notas que havia tomado durante a conversa.

— Em resumo: devemos procurar um homem que se achava em Monte-Carlo em fevereiro; é, provàvelmente, vigoroso, um **gentleman** (ou que procura passar por isso) e deve parecer a todo mundo perfeitamente normal. Se chegarmos a enquadrar nossas pesquisas em um dado indivíduo, procurarei metê-lo no objetivo (o que não será cômodo) e, se êle se trair, poderemos estar certos de que vamos em boa pista.

— Faltar-nos-á ainda fazer a prova de seus crimes — acrescentou o inspetor, com ares de absoluta indiferença. Por outras palavras, a parte mais difícil, você saberia tanto quanto eu, caro Sheringham, se tivesse a minha experiência... Mas... não é o seu telefone?

Roger se levantou a foi atender no quarto contíguo, onde estava o seu escritório. Voltou imediatamente.

— É para você, Moresby... Scotland Yard!

O inspetor-chefe foi ao telefone.

Ao regressar, sua fisionomia apresentava um estado de exaltação que êle desejava dissimular.

— Você é um fino psicólogo, Sheringham — disse êle.

— Como?

— Sim. O sr. Pleydell me espera na Scotland Yard. Quer acompanhar-me? — Eu bem esperava! respondeu com fervor.

CAPÍTULO VIII

Pleydell se achava em uma sala de espera quando Roger e o Inspetor chegaram à Scotland Yard. No percurso da vinda à Scotland Yard ambos tinham combinado que seria preferível não assustar, de início, o noivo de lady Úrsula, com a presença de uma terceira pessoa, circunstância que poderia influir em suas restrições mentais e êle inibir-se nas confidências. Por outro lado, para que Roger não perdesse uma só palavra da conversa, ficou decidido que o jornalista ouviria tudo, oculto por um biombo.

Por telefone, antes de chegar, Moresby havia dado ordens para que não se dissesse a Pleydell, que a polícia já se interessava pela morte de sua noiva, de forma que as declarações do rapaz fôssem absolutamente espontâneas. Roger, bastante excitado, escondeu-se por detrás do paravento, no qual havia um orifício muito bem dissimulado, através do qual êle podia ver os

interlocutores e ouvir tudo o que se conversasse do outro lado. Ao fim de alguns instantes, Pleydell foi introduzido no gabinete de Moresby.

Apresentava ares de muita calma.

— Boa-tarde — disse êle, em resposta à saudação do inspetor; depois, prosseguindo: — Ignoro os usos da casa; mas desejo falar a alguém a respeito de uma questão bastante delicada...

— Perfeitamente, senhor — respondeu Moresby — pode dizer-me o que deseja comunicar.

Pleydell parecia hesitar.

— Julguei, talvez, que o diretor-adjunto...

— Sir Paul não se encontra na cidade, hoje — replicou Moresby sem importar-se com a verdade. — Eu o represento neste instante. Pode falar sem receios... Quer sentar-se ?

Pleydell ainda deu mostras de hesitação, como se lhe parecesse anormal o confiar a um simples inspetor assunto tão sério; mas, a seguir, pareceu aceitar o inevitável. Do seu esconderijo, Roger o observou com mais atenção e viu confirmada sua primeira opinião: certas pequeninas rugas ao canto dos olhos e dos lábios de Peleydell podiam testemunhar uma tensão nervosa muito forte. Mas era homem de muito auto contrôle, conforme lhe parecia agora, que o via mais de perto do que no correr do inquérito. Roger reparou bem nos seus traços fisionômicos e notou sua origem israelita, que se revelava com tôda a evidência. Pleydell era, sem dúvida alguma, judeu de pura raça; quanto ao resto, um porte elegante, fisionomia digna, apresentando aprumo de atitudes, como se mostram os judeus de raça ainda sem mistura. Era, enfim, um belo homem.

Roger o achou mesmo muito simpático.

— Pode falar, senhor — disse Moresby. — Eu o ouvirei com o maior interêsse.

O inspetor disse estas palavras em tom de natural cordialidade, como se se tratasse de coisa vulgar, sem maior importância.

— Meu nome é Pleydell — começou o visitante. — Suponho que o meu nome nada lhe significa; mas eu sou...

Corrigindo-se imediatamente, emendou:

— ... eu **era** noivo de lady Úrsula Graeme !

O inspetor mostrou na expressão fisionômica o interêsse que o nome da morta despertara, dizendo:

— Ah ! Sim, sim... Um caso doloroso. Não é preciso dizer-lhe, sr. Pleydell, que tôda a minha simpatia...

— Obrigado... — murmurou Pleydell movendo-se em sua cadeira.

Depois dêsse gesto algo nervoso, sua atitude reservada se modificou sùbitamente.

— Ouça-me, inspetor... Eis a razão de minha presença aqui.

Hesitou outra vez, depois.

— É que tenho certas suspeitas... — começou em tom reticente.

— Suspeitas ?

A voz do inspetor não exprimia mais do que uma polida surprêsa.

E concluiu:

— Que quer dizer ?

— Quero referir-me à morte de minha noiva. Estou convencido de que lady Úrsula jamais se mataria assim... Isto é: sem alguma razão muito forte. É... até grotesco ! Por isso quero encarregá-lo, sr. inspetor, de investigações suplementares.

Moresby começou a tamborilar com os dedos sôbre o seu **bureau**.

— Investigações? — perguntou êle, mostrando-se surpreendido.

Moresby costumava sempre proceder assim; isto é: levando a conversação, em certos casos, para diálogos em que êle parecia apenas um eco do que dizia o interlocutor, e repetia em forma interrogativa as últimas palavras pronunciadas pelo outro. É êsse, realmente, um bom meio de fazer falar alguém, na opinião dos velhos policiais.

— Sim.

Tendo dado o primeiro passo, Pleydell se sentia visìvelmente à vontade, e sua calma voltou.

— ... Estou convencido de que há alguma coisa por detrás de tudo isto, inspetor ! Minha noiva não podia agir assim, sem uma razão. Talvez que estivesse exposta a ameaças... Que sei eu ? Talvez que, perseguida por algum chantagista, ou levada a qualquer outra miséria dessa espécie. De qualquer maneira, desejo que a polícia descubra o que há por trás dêsse enigma !

— É justo, senhor.

Moresby continuou a tamborilar com os dedos.

— Mas isto não é próprio do nosso ofício — concluiu.

— Como assim ? — redarguiu Pleydell, com ar de reprovação. — Eu lhe garanto que lady Úrsula deve ter sido forçada a isso ! Não há outra explicação. Matar uma pessoa, ou induzi-la ao suicídio, não é a mesma coisa ? Suponhamos que se tratasse mesmo de crime; o senhor se entregaria a investigações ?

— Oh ! Certamente... Mas desejo dizer-lhe que suas suspeitas são muito vagas. Simples suspeições de sua parte... Se, pelo menos, o senhor nos desse algum elemento de prova sôbre o qual nos firmássemos, então, sim, seria possível acorrer ao seu desejo.

Roger sorriu. Apreciava o método do inspetor, que afetava não ligar muita importância à suspeição do visitante, a fim de fazer que o mesmo confiasse revelações sôbre a noiva, até então conservadas em segrêdo.

Os sutis processos de Moresby pareciam, contudo, destinados a não dar os frutos desejados.

— Provas ? — disse Pleydell. — É difícil... Creio mesmo não haver nenhuma. Lady Úrsula jamais fizera alusão, diante de mim, de seus casos pessoais. Nessas condições, sua morte é para mim impenetrável mistério. Sei apenas que ela jamais cometeria semelhante ato sem uma razão muito forte. Ao senhor cabe descobrir.

Para Roger as suspeições de Pleydell correspondiam, quase exatamente, até àquele momento, às que êle tinha sôbre o caso Janet Manners. Se a sondagem lançada por Moresby não lhe abrisse os olhos, tais suspeitas continuavam a ser apenas as suas. Que diria Pleydell ao saber que se tratava simplesmente de um homicídio, e não de motivos íntimos a provocar um suicídio ?

Roger continuava a observar o visitante, com a maior atenção, pelo buraco do biombo. Aquêle homem seria capaz de experimentar paixões violentas, apesar de sua calma exterior, quase fria. Por mais violentas que fôssem essas paixões, êle, provàvelmente, dominaria as emoções no comum da vida. Era-lhe impossível esquecer suas origens orientais, por mais remotas que fôssem. Pleydell poderia ser de muita utilidade, em face de sua sêde de vingança, que não poderia deixar de surgir, quando soubesse a verdade. Seria bom se soubéssemos algo sôbre isso, sem demora.

— Acha que a condêssa vai ficar satisfeita ao saber que o senhor recorreu à Scotland Yard ? — perguntou Moresby. — Não seria melhor, agora, que tudo está consumado, deixar as coisas como estão, ao invés de correr o risco de provocar, talvez, grande escândalo ?

Pleydell corou violentamente.

— Eu não recorri, pròpriamente, à Scotland Yard. Ninguém vem aqui senão pelas razões mais sérias. Não vim lançar apelos; mas, simplesmente, comunicar minha opinião pessoal, **minhas dúvidas**. Acho que tudo não está muito claro na morte de minha noiva. Está o senhor no direito de temer algum "grande escândalo", que possa atingir minha noiva e sua família. Pessoalmente, porém, prefiro crer tenha sido ela vítima de ignóbil complô, cuja maldade a levou ao suicídio. Na minha opinião o senhor deveria reatar as investigações. Eis tudo o que eu desejava dizer-lhe.

Tendo falado, levantou-se, apanhou as luvas, o chapéu e dirigiu-se para a porta.

— Boa-tarde — ajuntou sêcamente, no instante de alcançar a saída.

Moresby se ergueu, igualmente.

— Um momento, senhor ! — pediu com voz calma. — Poderia esperar um pouco, caso não esteja com muita pressa ? Gostaria de trocar idéias com um de meus colegas sôbre o motivo de sua visita. Talvez que êle queira também falar-lhe...

As palavras de Moresby se perderam no corredor.

Instantes depois estava junto de Roger.

— Muito bem, senhor Sheringham. Que pensa de tudo isso ?

— Pleydell pensa como eu, desde o comêço, a propósito de Unity Ransome e da pobre Janet Manners. Êle suspeita da existência de um vilão a agir na sombra, mas não pode defini-lo... Devíamos pô-lo a par disso.

O inspetor fêz uma careta.

— Dizer-lhe que se trata de assassínio?

— E por que não? Êle pode ser-nos muito útil, sobretudo no que concerne à morte de lady Úrsula.

— Hum! Creio, não obstante, muito mais preferível não revelar-lhe o fundo dos nossos pensamentos, Sheringham. Nunca agimos dessa maneira aqui em Scotland Yard, a menos que exista um objetivo claro, o que, no caso, não há. Entretanto podemos dizer-lhe que nos ocuparemos, desde já, do seu caso.

— Muito bem. Pergunte-lhe se pode esclarecer algo sôbre o bilhete de lady Úrsula.

— Naturalmente. Vou buscá-lo agora mesmo.

De regresso, o inspetor apresentou Roger a Pleydell, com estas palavras.

— O sr. Sheringham, que vai ocupar-se, comigo, do assunto que lhe interessa.

— Ah! Então aceitam o trabalho de de investigações!

Moresby sorriu convencionalmente.

— Não fui bastante franco com o senhor, de início. Espero que me desculpe. Mas, já há dois dias que procuramos certos indícios... Muito discretamente, é claro!

— Então já tinham suspeitado também?

Pleydell passou a mão pela fronte, em atitude de quem está preocupado.

Nessas condições, minha visita não deve ter-lhes causado surprêsa!

— Realmente, perguntávamos a nós mesmos, se o senhor viria até aqui — confessou Moresby. — Nosso colega, Sheringham, acaba de dizer-me que, talvez, o senhor tenha feito algumas observações análogas às dêle...

Pleydell, com um pálido sorriso nos lábios voltou-se vivamente para Roger.

— O senhor não se engana, sr. Sheringham. Acabo de passar uma meia-hora com o inspetor-chefe, sem obter dêle a promessa de que se ocuparia do meu caso oficialmente... Pelo menos tive esta impressão.

— Está bem — disse Moresby interrompendo-o — voltemos novamente ao assunto. O sr. Sheringham lhe dirá que eu sou pouco comunicativo por natureza e por vocação. Mas, desde que vamos todos deitar as cartas na mesa, creio que o senhor poderá ser-nos muito útil.

Roger e o inspetor se sentaram e Pleydell, retirando o sobretudo, os imitou. Vestia casaca, traje que lhe ficava muito bem, destacando-lhe os ombros largos. Moresby lhe dirigiu perguntas e Roger se aproveitou do ensejo para estudar ainda mais o jovem banqueiro.

A palavra banqueiro evoca, muitas vêzes, imagens um tanto repugnantes. É desagradável, mas uma verdade. Os homens de dinheiro jamais se saciam, ordinàriamente. O capitalista típico é gordo, obeso, calvo, tem dedos curtos, olhos pequenos. Mas Pleydell não tinha nada disso. Não se podia olhar, sem prazer, seus traços perfeitos, seus olhos castanhos, talvez um pouco duros, mas simpáticos, e seus cabelos negros bem tratados. Verdadeiro Apolo, para ser membro da alta finança. De vinte e oito a trinta e cinco anos de idade.

Roger já tinha ouvido falar dêles antes do drama, que agora o atingira, bem como também de lady Úrsula Graeme. Pleydell, pai, era considerado um dos mais poderosos banqueiros do país. O filho, segundo diziam, seria um dia o seu substituto, pois possuía tôdas as qualidades paternas e estava destinado a brilhar no mundo das finanças. Além do mais, sua reputação comercial era inatacável, e tôda a cidade de Londres citava o pai e o filho como exemplos de correção e probidade.

Roger observou o porte elegante e ereto do jovem financista, as pequeninas rugas que se desenhavam nos cantos da bôca, e assim resumiu para si mesmo, as suas observações:

— Quando êste homem souber que ela foi assassinada, não terá mais descanso, até ao dia em que vir o criminoso no banco dos réus.

Por sua vez, sentia agradável emoção ao perceber que Pleydell, ao fitá-lo, apresentava aquêles ares viris do seu capitão da equipe de futebol, e que tanta admiração causava aos colegas. Embora raramente sofresse complexos de inferioridade, Roger naquele instante estêve muito perto disso.

Não havendo Moresby, até aí, conseguido aclarar coisa alguma, passou a interrogar Pleydell a respeito do bilhete deixado por lady Úrsula, mas usando de mil precauções, pois não queria que êle suspeitasse

de que também êle julgava ter sido crime, pois havia percebido que o inspetor muito esperava dessa tática.

— Não — disse Pleydell. — Reconheço que os têrmos são absurdos, mas não posso asseverar que sejam de outra pessoa. Certamente, o bilhete foi escrito por sua mão.

— Tem certeza disso?

— Absoluta — replicou o jovem banqueiro, vivamente. — Quem teria feito isso por ela?

— Talvez qualquer coisa assim... Eu me explico: os têrmos do bilhete são tão estranhos, que poderíamos crer houvessem sido escritos em outras circunstâncias e surgidos ali por engano. Pode o senhor ajudar-nos a compreender? Já ouviu o senhor falar de bilhetes semelhantes? Nunca ouviu falar dêles?

Pleydell estava evidentemente surpreendido.

— Não. Como poderia eu ter conhecimento disso? Supõe que tais palavras tenham sido dirigidas a miss Macklane, em outra qualquer ocasião?

— Não é bem isso, estou certo! Mas está o senhor convencido de que não poderá ajudar-nos a êsse respeito?

— Absolutamente, uma vez que estou de acôrdo com o senhor num ponto: os têrmos dessa mensagem são muito estranhos e poderiam referir-se a outras circunstâncias.

O inspetor-chefe estêve longo tempo pensativo e sem tirar os olhos do teto. Repentinamente interrogou:

— O senhor passou o mês de fevereiro último em Monte Carlo com lady Úrsula, não é verdade?

Moresby fêz a pergunta parecendo mais interessado nas evoluções de pequenina môsca a esvoaçar sôbre um móvel.

— Realmente — respondeu Pleydell, com ar de surprêsa.

Roger ficou muito surpreendido e mais interessado ainda. **Moresby não lhe havia confiado essa particularidade!**

— Lembra-se, por acaso, da data de sua chegada ali? — perguntou o inspetor, aparentando desinterêsse ou negligência.

Roger prestava enorme atenção. A francesinha morrera no dia nove!

Pleydell consultou seu caderno de apontamentos.

— Cheguei a Monte Carlo no dia 14 de fevereiro. Mas lady Úrsula já estava lá havia uma quinzena... Sim; ela havia saído de Londres no dia 27 de janeiro.

— Se não é abusar de sua paciência, sr. Pleydell, peço que me forneça uma lista de todos os amigos e conhecidos de lady Úrsula, então encontrados em Monte Carlo, ou nos arredores, no momento de sua chegada à Riviera.

— Pois não — disse Pleydell cada vez mais admirado. — Mas não vejo bem por quê...

— Ficar-lhe-ei sumamente grato por isso e reconhecido à sua boa-vontade.

Pleydell prefereria ficar isento dessa incumbência, a qual lhe causou certa contrariedade.

— Deseja os nomes das pessoas que se achavam lá no momento de minha chegada? Não **depois**? É que lady Úrsula prolongou sua estada após minha partida. Parti no dia 3 de março, e ela ficou ainda cêrca de uma quinzena.

— Está bem; neste caso, por favor; comece então pela segunda semana de fevereiro, sr. Pleydell — disse Moresby, com fingida negligência. — Faça-me uma lista, o mais completa possível, dos que estavam lá no momento de sua chegada, bem como daqueles que deixaram Monte-Carlo na semana anterior.

Minutos depois Moresby fêz Pleydell compreender que já podia ir-se embora, e que a polícia se consideravá com a obrigação de tomar conta do seu caso. Se se lembrasse de mais algum detalhe, que telefonasse.

— Ora, muito bem — interveio depois Roger ao ficarem a sós — não colhemos lá grande coisa...

— Salvo quanto a Monte-Carlo — corrigou o inspetor. — Seu noivado era coisa recente àquele tempo, o que é uma sorte incrível para nós, pois êle não poderá deixar de anotar todos os amigos de lady Úrsula; creia-me, êle se recordará de todos os homens que puderam falar à sua noiva durante aquela quinzena!

— Oh! Esqueci de lhe dizer algo a respeito de listas...

E Roger falou, então, da relação que pedira a Anne, a irmã de Janet; contendo os nomes de todos os homens que a infor-

tunada moça conhecera em Dorsetshire, mais especialmente os que tinha na conta de amigos.

— Ah! — exclamou Moresby, compreendendo o elevado valor dêsse detalhe.

— Se coincidir que um dêsses nomes figure em ambas as relações, teremos o assassino! — afirmou Roger.

— Nós apenas o **vislumbraríamos** — retificou o inspetor-chefe.

Capítulo IX

Roger voltou aos seus aposentos bastante preocupado. O assunto se lhe apresentava sob novo aspecto, de forma bastante particular para êle. Suas anteriores experiências o haviam habituado a numerosas suspeitas possíveis, tudo motivado por aspectos variados; a solução do problema tinha sempre consistido em reunir provas do crível, até ao momento em que as mesmas só pudessem indicar um único culpado.

Mas, agora, as coisas eram outros. Não havia causas razoáveis, e sim um crime sádico, amadurecido no cérebro de um louco. Nada de indícios valiosos, nada de suspeitas claras, todo mundo poderia estar metido nisso.

Roger se deitou e procurou dormir. Em vão. A nota de otimismo, que tanto Moresby quanto êle tinham sentido ao se separarem, já não existia. Além do mais, as primeiras horas da noite não são absolutamente favoráveis a tal sentimento. Perdia tôda a esperança de ver o mesmo nome surgir, tanto na lista de Anne Manners, como na de Pleydell.

"Tais coincidências só acontecem nos romances..." — pensou.

O jornalista sentia que o essencial era mesmo êsse problema, para êle o mais árduo que, até ali, havia enfrentado. Sabia que, em caso de insucesso, a Scotland Yard e Moresby, jamais lhe permitiriam continuar a colaboração que havia conseguido tão intimamente.

Virou-se e revirou-se nervosamente sob o cobertor, sem poder desviar o pensamento do drama. Não esperava resolver o caso sòzinho, mesmo contando com os infinitos recursos da polícia; mas desejava ter a glória de descobrir um roteiro certo, que o levasse até ao criminoso. Moresby, com certeza, iria concentrar-se nas linhas traçadas por lady Úrsula; se chegasse a descobrir o verdadeiro destinatário, valia dizer que o enigma estaria resolvido. Mas, chegaria êle a êsse resultado? Valeria a pena ocupar-se, êle também, dessa mensagem? Isso ficaria para a Scotland Yard, esclarecer...

Roger decidiu que o melhor seria êle próprio fazer investigações em outra direção. Reuniria todos os pequeninos detalhes que Moresby tinha tendências a desprezar, e extrairia disso precioso resultado.

Passou duas horas e meia a examinar os detalhes em questão, mas acabou reconhecendo que era incapaz de tirar disso a menor dedução satisfatória. Extenuado, dissolveu dois comprimidos de sedativo em um copo d'água, e adormeceu, pesadamente, logo depois.

Dirigindo-se, às onze horas da manhã seguinte, à Scotland Yard, não escondeu a satisfação que lhe causou o poder entrar ali apenas com ligeiro aceno de cabeça para o guarda. Ao chegar ao gabinete de Moresby, viu Roger que o mesmo estava iniciando estudos sôbre o bilhete deixado por lady Úrsula. O jornalista não pôde reter o sorriso em face da acurada atenção que Moresby dedicava ao famoso bilhete.

— Bom-dia, sr. Sheringham — disse o inspetor, saudando-o com ar distraído. — Repare bem nesta mensagem, por favor. Nota nela alguma coisa de especial?

— Não, a não ser o fato já assinalado por você mesmo, isto é: **que ela deveria ter ficado durante bastante tempo em algum bôlso**.

— Mas o papel?

— Não sou especializado em papéis — respondeu Roger, sorrindo e sentando-se ao lado do inspector-chefe. Nem me sinto com bastante disposição para invadir suas prerrogativas. Aliás, é perfeitamente inútil o entregar-me um pedacinho de papel dessa espécie e pedir-me que lhe reconstitua a história desde seu primitivo estado de trapo, apanhado na rua...

Um clarão de triunfo iluminou o rosto do inspetor-chefe.

(Continua no próximo número)

O Caso dos Jardins Suspensos - (II)

PARTE II
(Continuação)

SIM. Amanhã ia ser o último dia. — O seu rosto tornou-se sombrio, e novamente apareceu nêle aquela expressão de nôjo. — Entretanto, acho que não sairei mais.

— Estêve tôda a tarde no Dress Box?

— Saí de lá um pouco antes das quatro horas.

E para onde foi?

— Passear no **meu automóvel**!

Gritou esta frase em voz alta, para que os Powell compreendessem que ao menos uma coisa não haviam podido roubar-lhe: o magnífico automóvel que seu noivo lhe dera de presente. E sorriu ao lembrar que nessa ocasião tôdas as **comadres** da cidade também comentaram o obséquio, taxando-o de "escandalosa loucura".

— Ia sòzinha? — perguntou Haney.

— Ia, sim. Afinal, que tenciona fazer com tantas perguntas?

— Nada. Está muito bem... O interrogatório está suspenso, por enquanto. Peço que não se afastem muito de suas casas. Dirijo êste pedido a todos, sem exceção!

Finalmente, vinte minutos depois, Elsa conseguiu ficar sòzinha com Nick. Com exceção dos veículos da polícia, os seus automóveis eram os dois únicos que permaneciam no grande estacionamento. Nick fechou a porta do automóvel de Elsa, e ficou junto dêle, olhando através da janela.

— Gostaria de poder acompanhá-la até a casa, mas Viviana... Não posso deixar Viviana sòzinha naquele casarão. Quer esperar que eu vá com ela, um instante?

— Está bem, Nick. Eu...

Deteve-se porque não se atrevia a dizer o que queria.

— Que quer você, Elsa?

— Nick... — disse ela, vacilante. — Pensei... Você estêve hoje, nas grutas? Antes; antes do crime...?

— Por que, Elsa?

— Julguei ver você junto da cascata, quando ia a procura de Woody... Chamei, mas você não respondeu...

— Não ouvi. Provàvelmente foi o ruido da água...

— Então, era você? Você estava lá... em baixo?

— Sim. Estive lá por algum tempo.

— Mas, por quê? Logo você, que nunca desce... E por que foi descer... justamente **hoje**?

— Woody me havia falado tanto dessa nova galeria que resolvi ir conhecê-la. E você sabe como essas coisas acontecem... A sorte determinou que fôsse logo hoje. Isto é tudo o que há a meu respeito!

— Mas, Nick, a nova seção... Era ali onde **êle** também estava. Você não o viu, por acaso?

— Não cheguei a entrar; perdi-me e andei vagando pelos corredores; mas logo

me cansei e voltei para casa. Não vi qualquer outra pessoa, exceto um dos eletricistas que estava trabalhando.

— E você foi visto pelo eletricista?

— Sim. Por quê?

— Então, não deve dizer ao sr. Haney que estêve lá.

— Mas, já disse! Disse-lhe logo no início.

Olhou para ela, com surprêsa

— É isto o que a preocupa? Você não disse a Haney que me viu, com mêdo de... Ora! Deixe de ter êste susto por mim, Elsa! Não vi a Roberto e nem mesmo tinha a menor idéia de que êle pudesse ali estar!

— Creio em você, Nick. Só não disse, porque... não tinha a certeza! Não quis que você fôsse suspeitado. Apenas isso.

— Elsa! — inclinou-se sôbre a janela do veículo, aproximou-se de Elsa, estreitando-a contra o próprio peito. — Não estou comprometido. Mas, de qualquer maneira, agradeço por ter desejado me defender. Agora está tranqüila?

— Sim, Nick. Vai acompanhar sua irmã.

— Vou sim. Boa-noite, Elsa.

Ela pôs em marcha o veículo, enquanto Nick entrava no seu. Não tinha muita disposição para voltar a casa. Certamente, seu pai e sua mãe a esperavam com simpatia e compreensão, porém, com centenas de perguntas. Desceu a montanha sem muita pressa e passou através do povoado querendo convencer-se de que Nick não estava nem um pouquinho mais comprometido que os outros irmãos. Pensando bem, os três tinham motivos evidentes... Parou o automóvel diante da sua casa, e nela entrou, atravessando com passo rápido o gramado bem cuidado e recém-regado.

Na manhã seguinte, depois de ligeira vacilação, e mesmo contra a vontade de seu pai, dirigiu-se à casa dos Powell. Era possível que precisassem da sua ajuda em alguma coisa. De certo, teria de ocupar-se de chamadas telefônicas, telegramas e mais uma infinidade de assuntos concernentes às suas atribuições. Desta vez dirigiu com mais pressa, desejosa que estava de saber as "novidades".

A cidade estava silenciosa. As pessoas que conversavam nas ruas tinham um ar todo misterioso. Mootsville morria de amôres por Roberto Powell. Tempos atrás, a invasão dos Powell havia molestado os habitantes do lugar, quando o velho Powell comprou centenas de acres na montanha, só para construir um campo de esporte para sua família. Porém, após alguns anos, os Powell conquistaram a amizade dos camponeses. E o matrimônio de Febe com um

dos filhos favoritos da cidade, conseguiu que a família tôda fôsse vista com muita simpatia. Desde então falavam dos Powell com orgulho, e mostravam a casa da montanha como um distintivo local.

Elsa tinha boa lembrança de Roberto, antes do acidente, quando o via jogar gôlfe e tênis no "Country Club". Fôra sempre uma figura arrogante até ser vitimado pelo acidente nas "Grutas de Ryan". Depois

disso, tendo a saúde arruinada, passou a levar uma vida tranqüila e retirada. Transformou parte do casarão em oficina, e antes de Lola ingressar na sua vida, entregara-se exclusivamente à direção da fortuna da família. O velho Powell consumira o carvão e a lenha da comarca; porém, a fortuna continuava estável, e sob a direção de Roberto havia aumentado consideràvelmente.

Elsa passou diante dos cartazes que apregoavam as maravilhas da gruta.

"Que ironia do destino" — pensou ela. Isto porque, em grande parte, o êxito das grutas era devido a Roberto. Não fôsse com o seu auxílio, Woody nunca teria podido transformá-las na proveitosíssima aventura comercial que eram na atualidade. A construção de uma nova estrada, cinco anos atrás, havia atraído uma verdadeira onda de turismo. E isto foi o que fêz Woody pensar nas possibilidades comerciais das grutas que tinha dentro de suas propriedades. Porém, êsse sonho não poderia ter sido realizado se Roberto não houvesse fornecido os capitais necessários.

Quando o pai de Roberto comprou o terreno, na montanha, o pai de Woody recusou vender sua pequena propriedade familiar. Uma espécie de inimizade surgiu entre os dois, mas todos sabiam que, no íntimo, o ricaço sentia um certo respeito pelo amor que o velho Ryan dedicava a sua terra, que ficou cercada pela extensa propriedade dos Powell e, de um certo modo, incrustada nela.

Para abrir as grutas ao público, Woody teve que fazer um caminho, partindo da estrada nova e passando por uma ponta da propriedade dos Powell. E, apesar da antipatia que as "Grutas" lhe inspiravam, Roberto havia cooperado ativamente para ajudar ao marido de Febe na consecução dos seus propósitos, o que resultou num verdadeiro êxito financeiro. E agora que as "Grutas" eram objeto do seu ódio e do seu temor, que motivo poderia ter determinado a sua ida lá para que fôsse assassinado de maneira tão bárbara?

Quando Elsa estacionou o veículo na garagem, notou que o automóvel de Nick não se encontrava ali. Fêz a volta para entrar pela porta principal. Um velho

jardineiro, que se achava de serviço, fêz um triste movimento de cabeça para cumprimentar Elsa, porém, nada disse. E nem era preciso. Elsa sabia o que o homem sentia. Trabalhava na casa desde os tempos em que o velho Powell ainda era vivo.

O belíssimo automóvel de Febe estava parado diante da escadaria da varanda, e detrás dêle estava o automóvel prêto da polícia. Elsa cruzava o vestíbulo para entrar em seu gabinete de trabalho quando ouviu que a chamavam. Voltou-se e viu o delegado Haney fazendo sinais para que entrasse na sala-de-visita. Ali encontrou Febe e Viviana.

Febe havia resistido às passadas dezesseis horas de prova melhor que sua irmã. Parecia cansada, esgotada, mas não acabrunhada. No rosto magro de Viviana havia espanto; as suas mãos tremiam. Tôda e qualquer semelhança com sua bela e vistosa irmã havia desaparecido, e Elsa ficou desconsertada ao vê-la.

Então Haney falou:

— Elsa, eu desejava saber a que horas costuma chegar aqui o correio da tarde.

— Geralmente, entre três e quatro horas.

— E ontem, chegou a esta hora?

— Sim; mas Walter encontrou o

carteiro no caminho e pediu-lhe a correspondência. O próprio Walter entregou-a, diretamente, ao sr. Powell.

— Ah!... E êle foi abri-la em seu próprio gabinete?

— Sim...

— E, quando você o viu, mais tarde, parecia alterado?

— Sim; estava justamente recolocando o fone no gancho e...

— Está bem. Já conseguimos encontrar a pista dessa chamada telefônica do sr. Powell. Telefonou para Lola Kramer.

— Então ela mentiu, não é verdade? — disse Viviana em tom de vingativa alegria.

— Naturalmente o que deixou o sr. Powell transtornado foi alguma coisa que Lola lhe disse. Foi isto o que o fêz descer às grutas.

— Não. Não mentiu. Lola não recebeu a comunicação telefônica, porque já havia saído do escritório. Uma outra empregada atendeu à chamada... Senhora Ryan — disse, voltando-se para Febe — preciso falar com a senhora e sua irmã a respeito de Lola Kramer.

— Lola Kramer é uma moça que sempre viveu nesta cidade — replicou Febe. — Por isso o senhor deve saber tanto quanto eu e minha irmã a respeito dela.

— Mas devem conhecer mais de perto as relações que a mesma mantinha com seu primo Roberto. Conheceram-se há muito tempo?

— Há vários meses. Encontraram-se no inverno passado.

— E onde se encontraram?

— Onde? Suponho que foi Nick que os apresentou, não foi Viviana?

— Sim — disse sêcamente Viviana — foi Nick!

— E seu primo se interessou por Lola... imediatamente?

— É provável. Porém nenhum de nós percebeu a não ser depois de algum tempo.

Viviana apertou os lábios, antes de prosseguir:

— Logo Roberto começou a oferecer-me presentes, todos comprados no **Dress Box.** Custei um pouco a compreender que a inspiradora de tanta generosidade era uma das vendedoras da casa. E durante algumas semanas êle parecia um estudante deslumbrado por uma corista. Até que, enfim, teve a coragem suficiente para dizer à família que ia casar com ela.

— E de que maneira Nick encarou tudo isso?

— A princípio ficou surprendido, como todos nós, aliás...

— **Apenas surpreendido**? Não se encolerizou? — insistiu êle. — É preciso não esquecer que Nick e êle tiveram...

— Não! — disse Febe, precipitadamente.

— Jamais Nick se interessou por Lola. Divertiam-se juntos, é verdade, mas só isso! Ademais, o senhor sabe muito bem que cortejar Lola é uma brincadeira favorita dos rapazes.

Sorriu ligeiramente, de maneira enigmática, e depois continuou:

— E meu irmão Nick é muito brincalhão! Porém, quando viu que Roberto agia a sério deixou completamente de pensar em Lola!

— Mas há alguém — disse Haney — que não está de acôrdo com você. Alguém que crê que Lola e Nick continuavam muito interessados um pelo outro.

— Quem? — perguntou Febe.

— **Alguém que escreveu uma carta** — disse Haney. — Uma carta escrita com pena envenenada. Temos uma ou duas serpentes dessa espécie na cidade.

Retirou um pedaço de papel enrugado do bolso e estendeu sôbre a mesa.

— Agora podem ver. O que transformou o sr. Powell não foi o telefonema; foi esta carta.

Elsa se aproximou da mesa e seus olhos se apertaram com colérica incredulidade à proporção que iam lendo as lavras escritas à máquina:

"Caro sr. Powell:

Vejo, com pesar, que o senhor é tão velho e tão pobre de espírito que não é capaz de perceber que Lola Kramer só vai ser sua espôsa por causa do dinheiro. Pois não compreendeu, ainda, que Lola e Nick continuam tão loucamente enamorados quanto antes? Se não quiser acreditar no que lhe digo vá às "Grutas de Ryan", lá pelas cinco horas... É lá onde o seu que-

rido primo e a sua elegante noivinha têm o costume de marcar encontros."

Elsa falou, com voz que se enrouquecia:

— E acredita nisto? Por mim não posso crer! Não; não é verdade! É uma mentira... uma terrível mentira!

— Claro que é mentira! — disse Febe, levantando-se e aproximando-se de Elsa, como para dar-lhe consôlo e apoio. — Uma imunda carta anônima! Ninguém, de bom-senso, pode acreditar nela!

— Não sei — disse Haney, lentamente. — Talvez eu saiba melhor depois de falar com Nick e com Lola. Por enquanto, sei que alguém tinha certeza de que Nick e Lola se encontravam nas grutas. E Roberto Powell acreditou tanto que chegou a telefonar para Lola, a fim de saber onde a mesma se encontrava. E quando se inteirou de que ela não estava no escritório, foi às "Grutas"...

— Não — disse Febe. — O senhor sabe muito bem que Roberto detestava as "Grutas". E uma carta ridícula como esta não seria capaz de movê-lo a fazer o que não gostava.

— Então, acha que êle não acreditou na carta? Mas Powell estava com ciúmes de Lola!

— Sim, estava com ciúmes — respondeu Febe. — Tenho que admitir o que diz. Mas Roberto era um homem equilibrado; não se deixava influenciar tão fàcilmente. Além do mais tinha confiança em Nick! Jamais acreditaria numa história dessas!

Haney se voltou para Viviana.

— E você? Que diz de tudo isto?

— Eu... eu estou inteiramente de acôrdo com Febe.

O policial observou o rosto da interrogada por algum tempo e depois falou, com ar desanimado:

— É muito natural que queira proteger o seu irmão, mas...

— Protegê-lo! — gritou Febe. — Estamos dizendo a pura verdade!

— Talvez acredite sinceramente que assim faz, srta. Powell. Porém, sua irmã sabe de tudo e está querendo ocultar. Senhorita Powell uma das criadas ouviu uma discussão entre Roberto Powell e Nick. Sei que também estava presente. A discussão era por causa de Lola. Foi tudo o que a criada pôde dizer. Quer contar-me como aconteceu? Ou terei de empregar a imaginação?

— Febe... — murmurou Viviana, voltando a olhar para a irmã, como para pedir a sua ajuda.

— Conte a verdade — retrucou Febe. — Seja qual fôr!

— Sim... Roberto e Nick discutiram. Lola passava muito tempo no clube de natação. Ela e Nick sempre estavam juntos. Parece-me que Lola achava Nick mais divertido do que Roberto, embora não fôsse **tão estimulante... financeiramente**. De um ou de outro modo, Roberto ouviu falar nisso e ficou furioso. Não acreditou que o interêsse de Nick fôsse simplesmente amistoso. Tentou fazê-lo prometer que não tornaria a aproximar-se dela. Nick ficou indignado; disse que não receberia ordens de ninguém. Foi quase uma batalha.

— E, para completar — disse Haney — chegou esta cartinha. Parece que isto foi o bastante para fazer Roberto descer às "Grutas". Caso tenha havido outra discussão... Vocês sabem: Nick é forte, moço, tem gênio violento. Talvez...

— Não! — disse Febe. — Tudo isso é mentira! Boby não os encontrou juntos. Êles não estavam lá!

— Nick estêve — disse Haney. — Êle mesmo me disse. Quanto a Lola, não sei.

O delegado começou a andar de um lado para outro, mas logo tornou a aproximar-se de Febe.

— Sra. Ryan; podíamos acabar com isto de uma vez por tôdas, não acha?

— Como?

— Lola Kramer disse-lhe algo que me deixou intrigado. Parecia estar certa de que a senhora tinha necessidade imediata de dinheiro... **necessidade urgente**.

— Sim — disse Febe. — Compreendo que o senhor não deixou escapar nenhum detalhe.

— Que significa isto? Woody não é **ainda** rico, mas essas grutas estão rendendo muito. Para que a senhora precisa de dinheiro?

— Ela não precisa! — disse Viviana. — Se o senhor fôr acreditar em tudo o que Lola disser...

— Não dê importância a isso, Viviana — falou Febe. — Parece que o sr. Haney

já sabe tôda a verdade; não é assim, sr. Haney?

— Penso que sim; falei com Lola. Roberto lhe contara sôbre a senhora e Woody. Sabia que queria separar-se dêle.

— Febe! — exclamou Elsa. — Isto não é verdade! Você e Woody...

— Sim — replicou Febe tranqüilamente. — É verdade. Há muito tempo que quero separar-me de Woody.

— Porém, Roberto não aprovava, não é assim? — disse Haney. — A senhora queria que êle a auxiliàsse econômicamente, depois de divorciada, e êle recusou atendê-la, não é certo?

— Sim. Recusou sob todos os aspectos.

— Parece-me — disse Haney — que Powell queria evitar o escândalo. Sei também que êle gostava muito de Woody. Chegou mesmo a ameaçar deserdá-la caso insistissse em se divorciar.

— Lola também sabia? — perguntou Elsa. — Chegou a pedir que eu continuasse com Woody e... e eu disse que ia pensar. E pensei. Mas...

— Mas agora — disse Haney, com voz inexpressiva — já não tem mais que pensar. É livre. Pode abandonar Woody quando quiser. O assassinato resolveu o problema. E o dinheiro é todo de vocês!

Viviana se adiantou e disse com violência:

— O senhor acusou Nick de assassinato e agora acusa Febe!

— Não o faço por gôsto — disse sêcamente Haney. — Diga a Nick que preciso falar com êle.

Fêz **meia-volta** e saiu bruscamente.

Elsa ouviu a forte pancada da porta principal. Olhou para Febe, a bela e amável mulher a quem sempre julgara tão feliz, tão contente, e disse:

— Não é verdade, Febe! Não pode ser verdade. Você e Woody, que sempre foram...

— Já sei o que vai dizer, Elsa! — interrompeu Febe, com irritação. — Febe e Woody, o matrimônio perfeito! Pois não foi assim. Na realidade, não sei o que sucedeu conosco. Talvez tôda aquela luta dos primeiros anos, em que Woody estava frenético por chegar a ser tão rico quanto Roberto, tenha sido demasiado para mim. O fato é que nosso matrimônio não foi nada bom. Tentei fazer que Robert me compreendesse, mas nada consegui.

— Sinto muito, Febe!

— Roberto também sentia muitíssimo — murmurou Febe; e sorriu amargamente. — Vivia triste porque eu não era feliz. Mas todo mundo, até o sr. Haney, sabe o quanto êle gostava de Woody. E julgava que a minha idéia de separação não passava de uma loucura. Por isso, não quis ajudar-

me em nada. E, como sou igual a Viviana, resolvi ficar com Woody. O dinheiro significa tanto para mim quanto para ela.

— Como você pode dizer semelhante coisa! — exclamou Viviana amargamente. — Fala da mesma maneira que Lola Kramer!

— Não exatamente — respondeu Febe com tristeza. — Pelo menos é o que penso. Mas Lola tem razão ao nos julgar. Não

(Continua no fim da revista)

NEM SALOMÃO RESOLVERIA...

por DOM TOBBIE

FRAGMENTAÇÃO DE UM CONTINENTE

AS ilhas do Sudoeste do Pacífico parecem ser restos de um antigo continente melanésio, que se fragmentou há dez ou vinte milhões de anos.

Essa hipótese, apresentada, há tempos, pelos geólogos, tem em seu apoio **a distribuição da vegetação naquelas ilhas**, segundo informa o dr. Albert C. Smith, botânico do "Museu Nacional" dos Estados Unidos. Numa análise estatística da flora das Ilhas Fiji mostra que uma proporção esmagadora da mesma está relacionada com a flora da Malásia, especialmente da nova Guiné, Ilhas Salomão e Novas Hébridas.

O dr. Smith acredita que as Ilhas Fiji fiquem na orla do antigo continente melanésio, que compreendia a Nova Guiné e a Austrália.

O botânico americano chegou a essa conclusão depois de ter terminado sua terceira expedição para recolher espécimes de plantas no arquipélago.

Durante sua permanência nas Ilhas Fiji, visitou os Montes Korombasamba-sanga, região muito pouco conhecida, de difícil acesso.

★

"Se eu pudesse aceitar todos os convites que recebi dos diversos lugares que me pedem para passar ali minha convalescença, esta teria que prolongar-se por 47 anos e 5 meses" — comentou, comovido, o presidente Eisenhower.

HAVERÁ VIDA EM 100.000 PLANÊTAS?

UM dos maiores cientistas atômicos dos Estados Unidos adotou parte de uma revolucionária teoria do Universo, a qual está baseada na presunção de que existe vida... em cêrca de 100.000 planêtas, de todos os sistemas semelhantes ao nosso. O professor C. Urey, da Universidade de Chicago, diz a êsse respeito que, segundo a opinião de dois famosos matemáticos da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, **"sêres de inteligência igual ou superior à nossa podem perfeitamente ser encontrados em outros planêtas!"**

Desenvolvida principalmente por Fred Hoyle e Raymond Arthur Littleton, a nova teoria interpreta o mecanismo do espaço, do tempo, da massa e da energia, e explica o nosso planêta e seu principal habitante, o homem, da mesma maneira que os objetos vistos através dos telescópios.

Acredita o professor Urey que tal declaração vem reafirmar uma outra, feita há cêrca de seis anos pelo dr. Gerard Küiper, diretor do Observatório de Yerk. Segundo o que declarou Küiper, prèviamente, **é muito provável a existência de vida no planêta Marte!**

— Temos quase a certeza — acrescentou o dr. Urey — de que em Marte há vida em sua forma vegetal, pelo menos!

— Na realidade, desde que existem outros sistemas solares como o nosso, é bem possível que sêres semelhantes a nós possam ser encontrados em planêtas cuja situação astronômica seja idêntica à da terra.

"Além disso, se são certos os nossos conhecimentos a respeito dêsses planêtas, podemos inferir daí que **também êles** sabem muita coisa a nosso respeito! — concluiu.

Está assim em discussão, mais uma vez, o grande assunto. Vamos desejar que os sábios resolvam depressa êsse problema que tão vivo interêsse desperta em todos nós.

PODE ALGUMA COISA SER MAIS CLARO QUE O BRANCO?

DO mesmo modo que uma conta de economia, da qual se retira mais dinheiro do que se depositou, os químicos descobriram um modo de tirar dos objetos brancos mais luz branca do que têm na realidade. Êsse sistema de juros provém de um grupo de substâncias químicas denominadas intensificadoras Antara ou Tintofens, Os Tintofens não são substâncias alvejadoras ou tintas, e sim substâncias que absorvem a luz ultravioleta **invisível** da atmosfera, transformando-a em luz **visível** e refletindo-a de novo.

Essa luz extra, que se reflete, fêz que materiais, como tecidos e papéis, pareçam **mais brancos** do que são na realidade. Graças ao mesmo princípio, os tecidos coloridos pareçem mais brilhantes e vivos.

Os intensificadores Antara não são aplicados diretamente a um artigo. Os fabricantes os aplicam quando estão beneficiando os materiais ou os juntam a artigos domésticos tais como o sabão e os detergentes. Também se aplica atualmente Tintofen ao papel para impressão de fotografias, a fim de tornar as cópias excepcionalmente brilhantes.

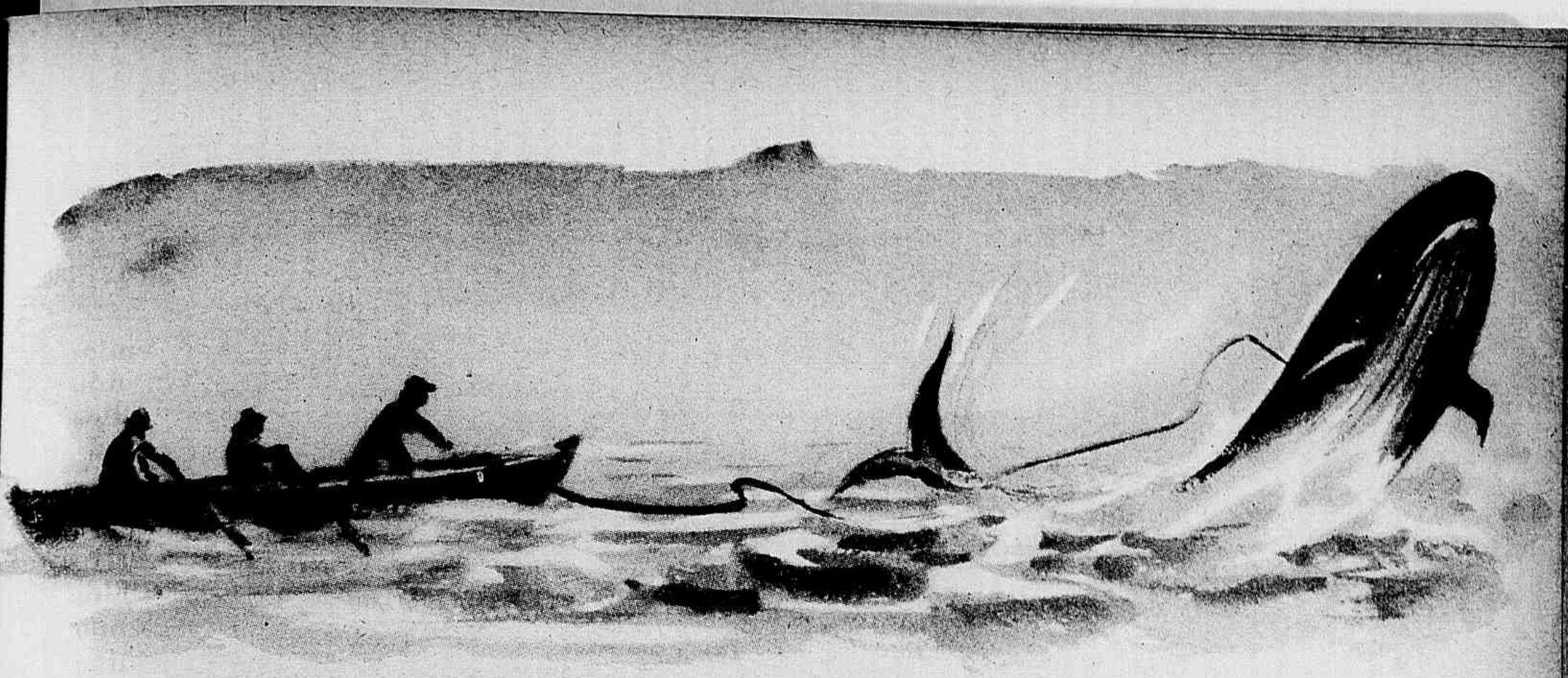
AS MOLÉSTIAS MENTAIS NÃO PERTENCEM APENAS AO CÉREBRO

AS pesquisas concernentes ao tratamento das moléstias mentais executaram um círculo completo: da biologia à psiquiatria, e, agora, novamente, à biologia. E foi a importância de tal mudança que tornou particularmente interessante a última reunião da Sociedade Americana de Psiquiatria, realizada em Atlantic City.

A volta da interpretação biológica originou-se, não de pesquisas mentais, mas de experiências de companhias produtoras de artigos farmacêuticos sôbre o efeito de certos medicamentos destinados a baixar a pressão arterial. Foi descoberto, quase por acaso, que aquêles medicamentos têm um efeito benéfico sôbre as condições mentais.

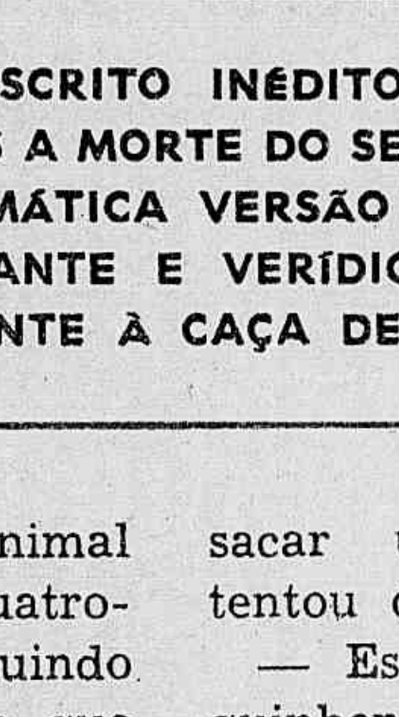
O conceito biológico fôra abandonado, quase completamente, em fins do século passado, quando deram resultado negativo tôdas as tentativas para se encontrar diferenças anatômicas no cérebro dos psicopatas. A aurora da nova era biológica foi anunciada pelo dr. Ralph Gerard, da Universidade de Illinois, ao declarar que todos os dados disponíveis indicam que esquizofrênia resulta de deficiências químicas hereditárias.

Êsse é um homem. Tem a carne mais macia de tôda a Criação. E bom sabor, também!



OS CAMARADAS DE TWOFOLD BAY

ÊSTE MANUSCRITO INÉDITO, ENCONTRADO APÓS A MORTE DO SEU AUTOR, É SUA DRAMÁTICA VERSÃO DA MAIS IMPRESSIONANTE E VERÍDICA HISTÓRIA REFERENTE À CAÇA DE BALEIAS



Por
ZANE GREY

AQUELA manhã as quatro lanchas baleeiras tiveram sorte extraordinária. Haviam descoberto a existência de baleias nas tranqüilas águas da zona de Twofold Bay. O bote a remos do chefe, Davidson, foi o primeiro que se colocou a distância conveniente para o tiro. Barkley, o principal arpoador, alcançou uma baleia, iniciando assim a luta ante o calado interêsse dos homens mais velhos e a gritaria dos mais moços, que ocupavam os demais botes. O animal se afastou, arrastando trezentos a quatrocentos metros de corda, mas diminuindo em seguida a sua carreira de modo que os baleeiros puderam continuar acossando-o. As outras três lanchas remavam com tôda a fôrça que podiam, não obstante o que iam perdendo terreno. A embarcação de Davidson logrou chegar até a embocadura da baía, onde a baleia, surgindo na superfície, começou a agitar-se no tumulto das águas transparentes.

Barkley, que, de pé, na proa, sustentava a corda, gritou, assinalando os movimentos do monstro... e qualquer coisa, mais além.

— Por todos os fogos do Inferno! Orcas! Olhem, rapazes, olhem! Vêem aquelas enormes aletas negras, que se levantam? São de orcas, os verdugos das baleias. Sorte negra! O menos que arriscamos é a vida, se chegarmos perto delas!

Davidson e os outros dois homens, que iam no bote, viram as negras aletas chapotear em redor das baleias, a que obrigavam a submergir.

— Isto sim, que é sorte negra! Teremos que soltá-la!

Fêz o gesto de sacar uma enorme navalha; Barkley tentou detê-lo:

— Espera! Espera! — gritou. — São quinhentos metros de boa corda, e não podemos ficar sem ela!

A baleia mergulhou, e as orcas desapareceram, sempre em sua perseguição. A corda, ântes retezada, afrouxou muito, e enquanto os homens, de pé, na lancha, esperavam com tensa curiosidade, o imenso cetáceo saiu à superfície, rodeado por um verdadeiro halo de orcas que faziam a água ferver com a fúria do seu ataque. O bote se achava tão perto que os homens podiam ouvir o vigoroso resfolegar da baleia. Um som surdo e estranho. Naquele mo-

mento, o reluzente corpo negro com manchas brancas, de uma das orcas corcoveou no ar, indo cair perpendicularmente sôbre o lombo da baleia. Com um tremendo e sonoro golpe de cauda na água, o imenso cetáceo submergiu novamente, perseguido por seus verdugos. Na proa do barco a corda tornou a zunir. Quando o bote, adquirindo impulso e elevando-se suavemente sôbre a quilha, voava, deslizando pela água, Davidson se curvou para a frente e cortou a corda. A lancha, depois de percorrer uns quantos metros mais, foi amainando a velocidade até que, por fim, deteve-se. Os baleeiros, suados e pálidos, trocavam olhares, em silêncio. Finalmente, passando a manga do blusão pelo rosto, disse:

— Não era possível fazer outra coisa. Mas dá raiva perder tão boa corda! E como se isso fôsse pouco, também a baleia!

— Sorte tivemos ao poder deixá-la ir! — murmurou um dos homens.

Assim teria terminado tudo para o desiludido Davidson e seus companheiros — e também, talvez, para a indústria baleeira da pequena cidade australiana — se John, filho de Davidson e que se encontrava em outro bote, não se houvesse lançado temeràriamente a amarrar novamente a baleia.

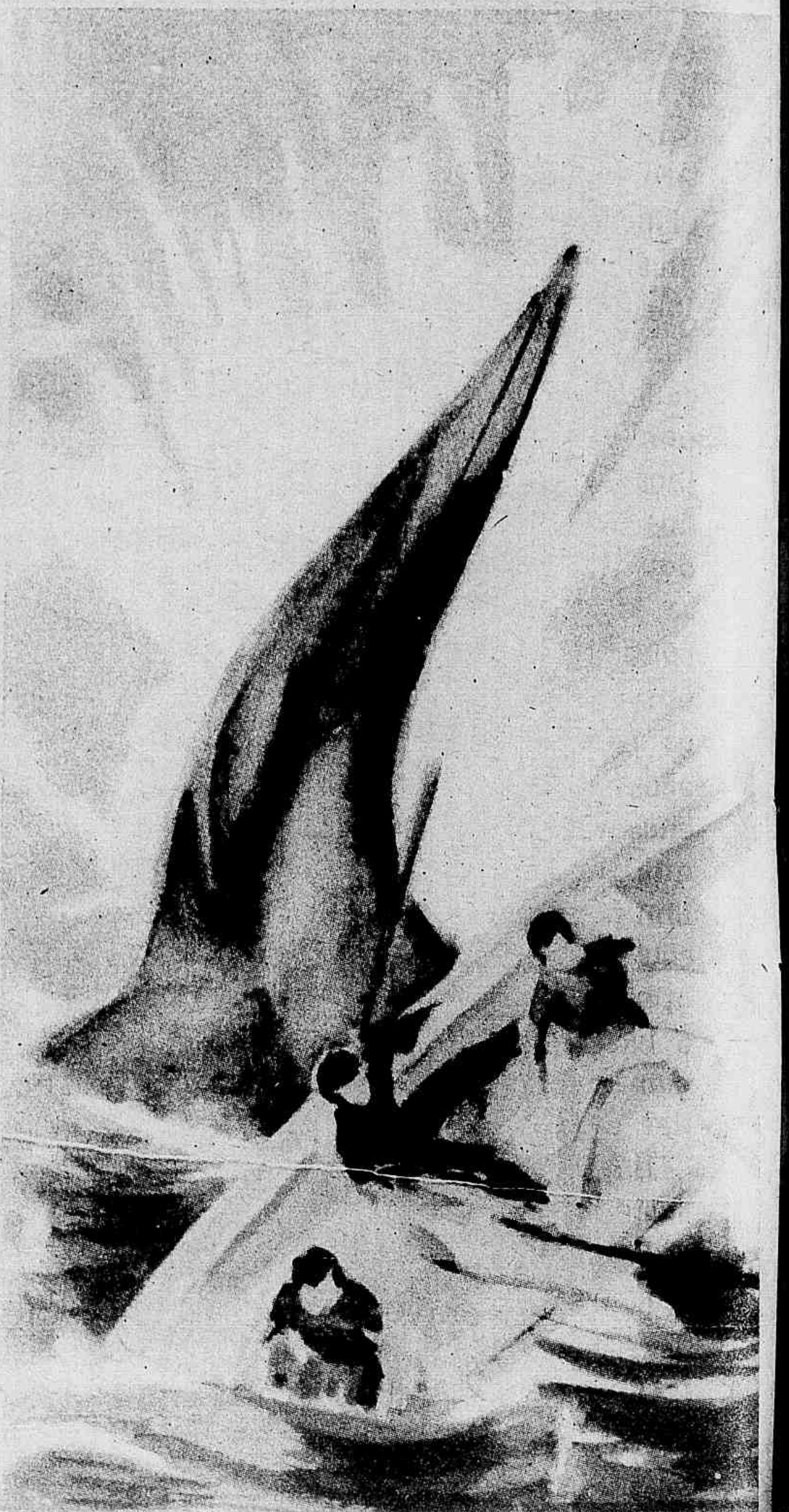
O combate se desenrolou em águas de pouca profundidade, onde aumentou a furiosa atividade das orcas. A baleia se revolvia, então, não longe da margem, onde, ao longo do cais, amigos e familiares dos baleeiros presenciavam a luta. Da lancha de Davidson surgiu uma enérgica voz de comando:

— Aproxima-te, John! E tão logo assome lança o arpão!

Os remadores içaram mais um pouco da corda, amarrando-a na proa, enquanto o jovem Davidson esperava com sua lança de três metros de comprimento. Ao aproximar-se, com a embarcação, as orcas cessaram o ataque, mas não se afastaram do local. O primeiro bote se aproximou da ondulante prêsa e o jovem Davidson com tôda a fôrça do braço, enterrou a lança terrível no mais fundo dos órgãos vitais do imponente animal. Um "geyser" de sangue subiu em pleno ar.

Todos os olhos se voltaram para ver a agonia do cetáceo, que batia a água com atroadores golpes de cauda, revolvendo-se agora num mar de sangue. Levantou a cabeça fora d'água, com as mandíbulas escancaradas e a enorme língua de fora. Imediatamente as orcas se atiraram contra ela, destroçando a língua pendente e depois, ao afundar-se pouco a pouco o monstro imenso, viam as orcas deglutir grandes bocados de gordura. A baleia foi ao fundo em menos de três braças d'água. Então as orcas desapareceram deixando a sua vítima entre mortais convulsões, em meio de uma grande mancha de água escura. Tão logo a correnteza arrastou o sangue, do segundo bote lançaram um garfo enorme com o qual agarraram a baleia.

Em seguida, tôdas as lanchas vogaram na direção da margem e lançando seus



cabos ao cais foram desembarcados seus homens entre as estrondosas aclamações de familiares e amigos.

Em Eden tudo era júbilo, aquela noite. A captura da baleia — os fastos da cidade registravam pela primeira vez semelhante façanha — pressagiava uma nova era de progresso. Foi também a origem da mais impressionante história verídica de pescadores, que já ouvi em minha vida. Considerando, embora, como devem ser tomadas tais histórias, esta possui sem dúvida o sêlo da autenticidade, baseada no testemunho de dois cientistas australianos, drs. Stead e Whitley. Barkley assim recapitulava os fatos àquela noite:

— Tenho que acreditar em meus próprios olhos. Essas orcas são tão finórias e audaciosas como nenhum outro bicho que conheço. Quando uma baleia é caçada em águas profundas, quase sempre vão a pique. As orcas o sabem. Sabem também que se matamos uma baleia em mar aberto, ela afunda antes de que elas possam saciar sua fome. Esta baía, ao contrário, é como um cêpo de açougue, e a orca, que sabe isso, anda freqüentemente pelos arredores, vigiando a embocadura, até que surjam muitas baleias. Então, hàbilmente, vão separando umas das outras e conduzindo-as para a margem.

Naturalmente, nem tôdas as refregas com as baleias terminam bem para a orca. Porém é animal muito inteligente para saber que nós mesmos constituímos uma grande ajuda. Assim, trataram de cortar

a passagem da baleia, oferecendo-a à pontaria do nosso arpoador...

(Aqui convém explicar que a orca, o fantástico gladiador do oceano, natural assassino da baleia, é na realidade um destruidor mais cruel que o próprio homem. Um dos sêres mais poderosos entre todos os do mar. Êste imponente mamífero alcança até nove metros de comprimento e seis toneladas de pêso e se acha dotado de uma bôca monstruosa, com dentes enormes, e de um corpo notável por sua fôrça e sua velocidade extraordinárias.

Quase todos os naturalistas que escreveram acêrca das orcas, destacaram sua audacia e inteligência. Devido a sua sagacidade e cautela ao mover-se por entre os botes, sempre foi muito mais difícil de arpoar uma orca que uma baleia.)

No segundo dia, estando os homens dedicados a despedaçar o cetáceo, chegou correndo ao cais um companheiro, que estivera explorando as águas além da baía, para informar, eufórico, que as águas estavam transparentes. Davidson, apanhando um binóculo, subiu a um promontório, para observar. Inumeráveis baleias estavam atravessando a embocadura da baía e seus carrascos já haviam separado uma delas das suas companheiras, cercando-a e empurrando-a para o interior da enseada. Davidson comunicou aos seus homens a ótima notícia. Imediatamente abandonado o trabalho de corte da primeira baleia, todos buscaram um lugar estratégico onde fôsse possível apreciar a caçada. Quando as orcas chegaram a cêrca de meia milha de distância, pude apreciar que eram realmente muitas as orcas e que operavam com notável perícia e energia para evitar que sua prêsa escapasse da baía.

A baleia, ao chegar a uma zona de águas pouco profundas, fazia denodados esforços para romper a linha de seus inimigos; mas, atacasse nesta ou naquela direção, meia dúzia dêsses **bulldogs** marinhos mordiam suas barbatanas próximas da cabeça, obrigando-a a submergir e retroceder. Da margem, os espectadores distinguiam a alongada sombra verde correndo de um lado para o outro na baía e, à sua cabeça, a refulgente manada, branca e negra. Era um imenso cetáceo, muito maior que o primeiro e que, não obstante conservar ainda a sua fôrça, enorme, era impotente para evitar que seus verdugos o empurassem para a zona de águas razas. Em determinado momento logrou escapulir, embora uma orca de aleta encurvada, a que os baleeiros chamam "Humpy" (corcunda) se pendurara ao seu belfo, como um **bulldog.**

A baleia pôde mexer-se melhor e aproveitou para corcovear e dar piruêtas e mais piruêtas. Era tão grande e vigorosa que nem "Humpy" nem "Old Tom" (a outra orca com manchas brancas), nem nenhum dos demais assassinos de baleias podiam detê-la.

Davidson destacou seu filho com quatro tripulantes mais, assim como um segundo bote com outros quatro homens. As orcas se haviam mantido afastadas dos botes.

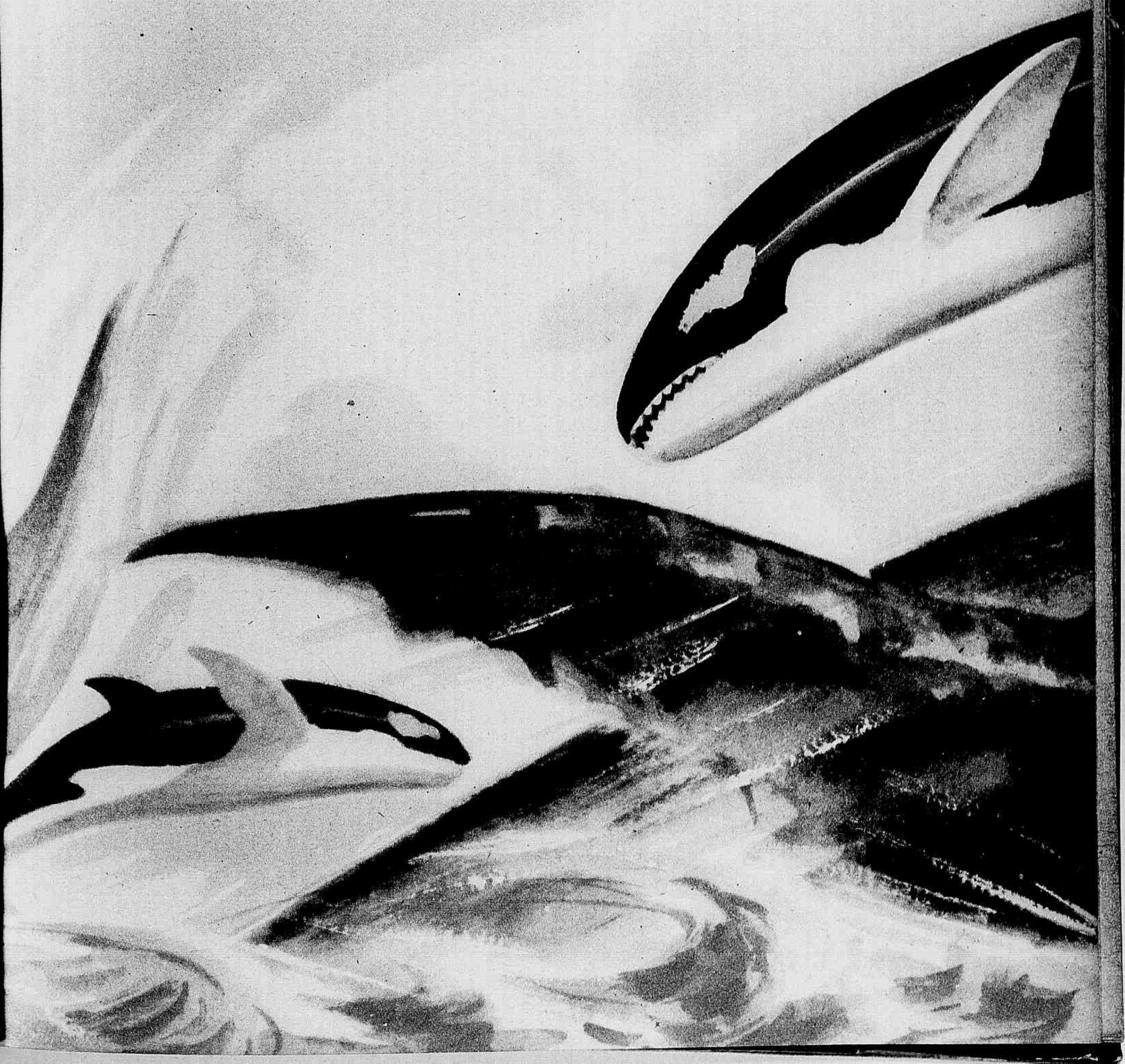
porém era assombroso ver sua renovada ferocidade quando os homens surgiram em cena.

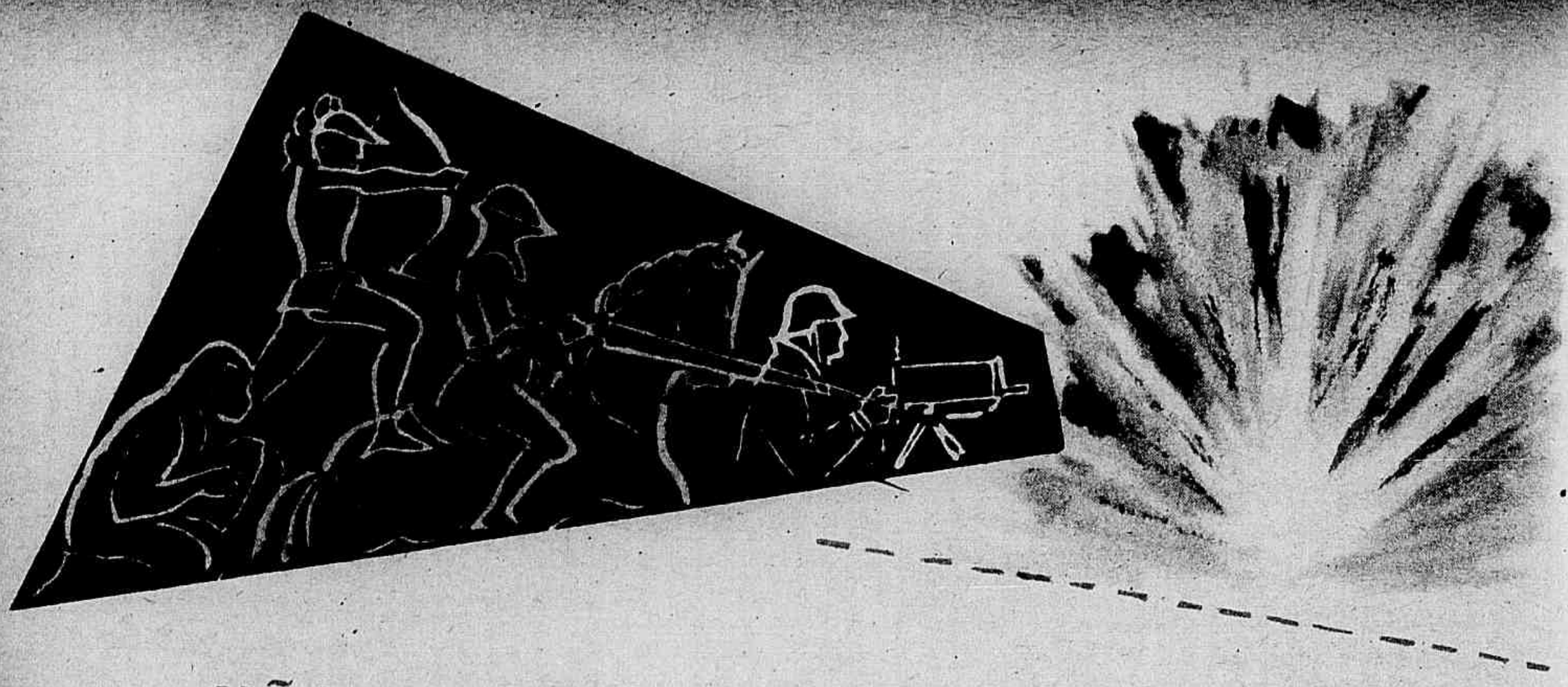
O jovem Davidson não tardou em lançar seu arpão contra a baleia, que em seu enlouquecido esfôrço por fugir, tentava minar o lôdo do fundo. Um segundo arpão lesionou algum centro vital, pois o animal, num esfôrço desesperado, voltou-se completamente, sacudindo a água com estrondosos golpes de cauda. A imponente cabeça negra tornou a surgir na superfície e a branca "fumaça" do respiradouro brotou acompanhado de um impressionante silvo.

Com um salto impetuoso, "Old Tom" cortou a água para cair sôbre um lado da cabeça da baleia, de onde deslizou com grande chapinhaço. Isto pareceu um sinal para que as demais orcas se atirassem numa carga cerrada. Era um turbilhão de águas revôltas, de espuma branca e sangrenta. Assim lutaram, de modo atroz, a baleia e seus algozes, alguns momentos mais. Ao fim dessa refrega exterminadora, a baleia arquejava, com a bocarra escancarada. Antes de afundar completamente, as orcas, em massa compacta, atacaram a língua do cetáceo, que acabaram arrancando completamente.

Depois de acalmada a carnificina, surgiram cortando a superfície, várias das enormes aletas triangulares, na direção do mar. Para elas o festim terminara. Afastavam-se, abandonando aos baleeiros o cetáceo de 21 metros de comprimento e

(Continua no fim da revista)





NÃO HAVERÁ GUERRA...

A crença popular de que as grandes guerras sempre têm entre si um intervalo de vinte e dois anos apresenta base científica, de acôrdo com as informações da Sociedade Para Estudos dos Ciclos, de Riverside, Estado de Connetticut, Estados Unidos.

"Os períodos de grandes conflitos internacionais são, portanto, passíveis de previsões parciais" — segundo a opinião de Edward R. Dewey, diretor da citada Sociedade, que acrescentou: — "Se os exemplos do passado continuaram, os próximos anos serão talvez os mais férteis em conflitos internacionais."

"Não é o meu desejo que alguém se deixe levar por uma falsa sensação de segurança" — disse êle.

E dando ênfase a sua crença de que devemos estar sempre alertas, acrescentou:

— O perigo está aumentando, de ano para ano; em 1960 a situação internacional chegará a um alto grau de tensão **se as tendências do passado continuarem**.

"Os nossos estudos têm demonstrado que a paz contínua a ininterrupta não é a experiência normal da humanidade. (Desgraçadamente!)

"As mais importantes deduções extraídas dêsse estudo, e de outros, que estão sendo feitos sôbre o conflito internacional, podem muito bem esclarecer alguma coisa a respeito das causas fundamentais da guerra.

Algum dia poderemos descobrir que, durante certos períodos, a humanidade se torna mais excitável e comete atos que determinam as guerras.

E mr. Dewey pergunta:

— Quem sabe se não chegaremos à conclusão de que esta excitabilidade humana é provocada por mudanças na natureza ou na qualidade da luz solar?

"As informações com relação aos ciclos da guerra não fazem a previsão exata do ano em que a catástrofe poderá sobrevir. Sabemos que no passado houve exceções, e certamente no futuro haverá também; isto por que os ciclos representam apenas **tendências**."

O relatório da Sociedade, que ocupa cêrca de 40 páginas, traz um completo registro anual das guerras que ocorreram desde o ano 599 antes de Cristo, até agora; êsse documento foi cuidadosamente elaborado pelo professor Raymond H. Wheeler e, é claro, apresentamos alguns trechos do mesmo aos nossos leitores apenas a título de curiosidade.

SEGREDOS DE SCOTLAND YARD

O RASTRO DO ELEFANTE DE OURO

NA Grã-Bretanha desapareceu muita gente durante os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, em conseqüência dos grandes bombardeios e da dispersão das famílias. Sob os escombros se encontravam os cadáveres muitas semanas depois do "raid" aéreo que as matara.

O curioso era que quase todos aquêles corpos descobertos por acaso acabavam sendo identificados, embora muitas vêzes também por casualidade. Especialmente nos casos de mulheres que de seus distantes lares provincianos fugiam para Londres, onde sucessivamente iam perdendo, entre as tenebrosas ruínas da cidade, primeiro sua identidade legal, depois sua moral e finalmente sua vida.

Porém existiam certos valores que se mantinham invioláveis. Semelhantes desaparições tinham que ser perseguidas com tôda a implacabilidade que Scotland Yard e as diversas fôrças policiais provincianas podiam dar de si. Dêsse modo, quando na tarde do dia 7 de outubro de 1942, uma patrulha militar em um "Ben carrier" irrompeu num tranqüilo recanto do bosque chamado Godalming Forest e seus tratores dianteiros descobriram o osso de um braço feminino, êsse descobrimento foi imediatamente comunicado à polícia.

A seção criminal de Scotland Yard enviou sua equipe volante para que realizasse a investigação. O grupo era formado pelo inspetor-chefe de detetives, Ted Greeno (hoje superintendente-geral da Yard) e o sargento-detetive Frederick Hodge (hoje inspetor-chefe). Naquela época era inspetor seccional, no setor londrino de Chelsea, Robert Fabina, hoje inspetor-geral de homicídios. A êle coube, na ocasião, auxiliar o trabalho dos dois enviados da seção central.

Ted Greeno era — e continua sendo — o tipo mais formidável de funcionário policial; homem com tal paciência e meticulosidade na perseguição do detalhe e de tão clara intuição para suas deduções, que muitas vêzes dava a impressão de ter no cérebro uma espécie de máquina de tempo, que lhe permitia vislumbrar o final da história antes de que ela estivesse sequer na metade.

Requereu os serviços de uns vinte policiais do Surrey e centenas de soldados disponíveis, levando-os até o local onde tinha sido descoberto o despôjo humano. Ali chegado, distribuiu os seus homens por diferentes lugares, para que realizassem a investigação que lhes indicara.

Embora Godalming Forest seja um espêsso bosque de árvores e mato alto, não tardaram a ser encontrados outros restos do cadáver, apesar do bom cuidado que o criminoso tivera de enterrá-los com cautela inusitada.

Os habitantes das cavernas e ocos de árvores dêsse bosque tinham comido quase completamente o corpo do delito. Porém alguma coisa ficara. Greeno apresentou aquêles macabros despojos ao dr. Keith Simpson, patólogo do Ministério do Interior, o qual, observando-os com o microscópio, pode fazer algumas deduções úteis.

— Trata-se — afirmou — de uma mocinha que, provàvelmente, não tinha ainda completado os vinte anos. Seu cabelo era louro natural e estêve tingido de castanho, mas logo voltou a clarear. Os senhores podem ter a certeza de que usava cabelos bastante curtos.

Entretanto, os homens de Greeno continuavam a avançar, agachados, batendo o mato, palmo a palmo, como um duplo círculo de formigas enormes, azuis e pardas. Um crucifixo pequeno... um elefante-mascote, amassado... alguns papéis indecifráveis, empapados de água... a ponta arrancada de uma carteira de identidade. E um objeto estranho, que parecia ser parte de uma cesta como as de vime, porém construído com pequenos ramos. Foram encontradas algumas outras peças semelhantes. Greeno as estendeu sôbre a mesa e as examinou detidamente.

— É preciso procurar ramos grandes, de árvores que podem estar caídas entre o mato. Provàvelmente estarão com seus rebentos cortados...

— Como para fabricar as cruzetas de... uma espécie de cabana? — perguntou vivamente o sargento Hodge.

Greeno titubeou:

— Sim... Como para uma espécie de wigwam (1) — respondeu, sem que fôsse possível explicar porque lhe chegara tal idéia à imaginação, não sendo homem que tivesse viajado muito.

Os laboratórios de Scotland Yard conseguiram decifrar a procedência do cartão de identidade, cujo canto fôra encontrado, e a investigação se foi limitando a seguir os passos das mocinhas de aproximadamente vinte anos, com cabeleira loura, muito provàvelmente católica romana ou, pelo menos, educada em colégio católico.

A versão, com maiores probabilidades de exatidão era que se tratava de uma pequena de dezenove anos, chamada Joan Pearl Wolfe, desaparecida do seu lar em princípio de 1941, e da qual não se ouvira mais falar. Greeno apresentou o crucifixo e o elefante-mascote à mãe da mocinha. A sra. Wolfe jamais tinha visto aquêle crucifixo, mas logo reconheceu, em lágrimas, o elefante-mascote.

— Eu mesmo comprei para Joan, quando era menina — afirmou.

VOLTANDO à sua inexplicável intuição relativamente ao **wigwam**, Greeno consultou um perito sôbre os costumes dos índios norte-americanos.

— O exército canadense andava pela Inglaterra naquela época — explicou êle mais tarde para satisfazer minha curiosidade — e nem todos os seus membros procediam da Polícia Montada. Havia também alguns índios.

Dedução simples e fácil, se a olhamos retrospectivamente, porém muito sutil em seu momento.

O perito ficou fascinado pela amostra de pequeninos ramos entrelaçados. Juntando pedacinho com pedacinho de ramo e ajudado pelos cientistas de balística de Scotland Yard, conseguiu fazer uma reprodução bastante exata do edifício de madeira. E tratava-se, evidentemente, de um **wigwam**, segundo o estilo dos que servem de habitação aos índios **cree**.

Ao sargento Hodge custou apenas uma hora de trabalho o descobrir no Departamento do Exército Canadense do Ministério da Guerra, a situação do soldado canadense Augusto Sangrent, índio **cree**, de vinte e oito anos de idade, inscrito oficialmente como analfabeto e que no inverno de 1941 estêve prestando serviço nos arredores de Godalming Forest.

Greeno foi visitar Sangret, que na ocasião se encontrava na Escócia. O índio respondia às perguntas que lhe eram feitas em cortantes e desagradáveis monosílabos.

— Você construiu um **wigwam** em Godalming Forest?

— Não.

Suponhamos que pudéssemos provar que você construiu...

— Bem. Neste caso, sim...

— Conheceu uma mocinha loura?

— Não.

— Joan Pearl Wolfe costumava vistá-lo no **wigwam**?

Sangret baixou os olhos.

— Você tinha brigado com ela?

— Nunca brigas. Sempre paz...

— De modo que ela costumava ir ao **wigwam**?

Silêncio.

— Você tem uma faca?

— Não.

— Nunca teve uma faca?

— Não.

— Você estêve no quarto de banho antes de vir falar comigo?

Encolhimento de ombros.

---

(1) **Choça ou cabana dos índios norte-americanos e canadenses.**

— Responda! Estêve?

— Sim.

— Êste facão foi encontrado por trás do cano da goteira. É seu?

— Não.

Assim continuou o interrogatório. Finalmente, Greeno conduziu o lacônico índio cree a Godalming Forest.

— Agora — disse, então, com tôda a calma — vamos entrar por êste mato.

E começou a caminhar entre as árvores, na direção do local em que fôra encontrado o cadáver de Joan Pearl Wolfe.

— Não! — exclamou Sangret, recuando.

— De que você tem mêdo? Dos fantasmas?

Os dentes de Sangret começaram a bater.

— Sim — disse repentinamente. — Sim... Dos fantasmas. — E compreendeu, a seguir, que havia perdido a partida. Havia empregado tôda a sua ciência madeireira, todo o seu engenho, tôda a técnica dos seus antepassados para ocultar o delito; mas fôra impossível ocultar o seu terror ancestral pelo fantasma da sua vítima.

Depois de Sangret ter sido enforcado, alguém perguntou a Greeno:

— Ted... Como você sabia que os índios eram supersticiosos? Realmente, como sabia você tôdas essas coisas relacionadas com os índios?

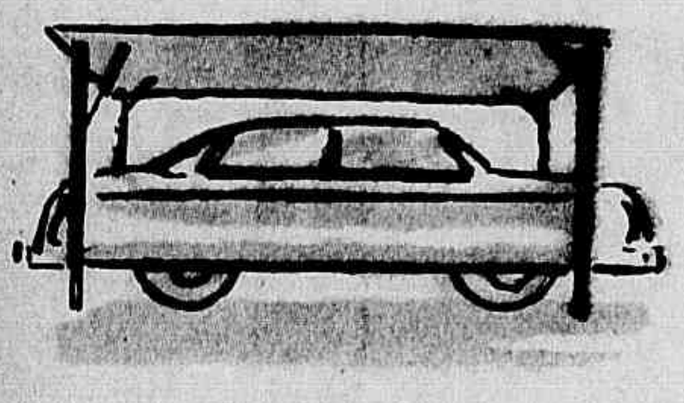
Greeno ficou olhando algum tempo para o seu interlocutor, com seu ar mais inocente, depois perguntou:

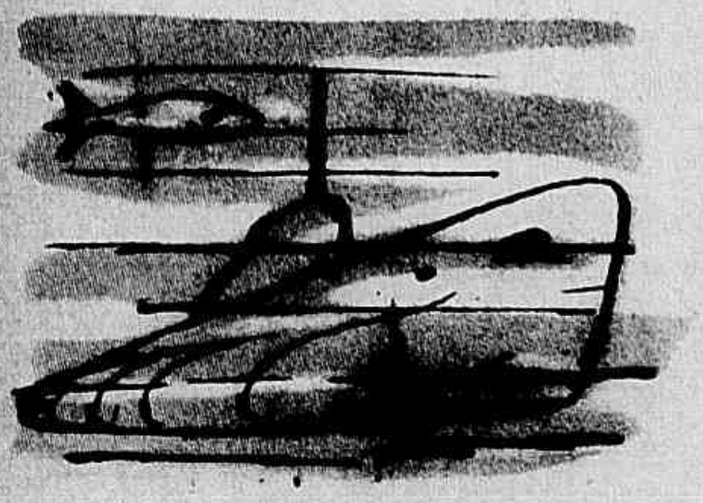
— Escute aqui, amigo... Você nunca vai ao cinema?

AGORA JÁ FIZERAM isto!

A fim de apressar o descascar das laranjas, existe uma nova faca multilaminada com a curva convencional e o fio dentado em uma das extremidades e, na outra extremidade, tem duas lâminas paralelas que cortam todo um "gomo" com um único lance.

SE o leitor necessita de uma garagem (ou se tem dois automóveis e apenas uma garagem), um novo sistema de garagem desmontável pode resolver o seu problema. Trata-se de um tôldo de "nylon" e plástico sôbre uma armadura de aço dobrável com dois postes que o sustentam. Assemelha-se muito a um automóvel conversível. Introduza o seu carro sob a moldura metálica, e as pontas do plástico arriam sôbre a frente e a traseira do veículo, cobrindo-o completamente. Êsse tôldo bastante flexível no inverno, e o pêso total da unidade não vai além de 40 quilos, sendo, portanto, fácil de transportar.





O mais moderno detetor de submarinos é o "Peixe Elétrico", inventado pelos ingléses; êsse peixe persegue os submarinos e indica a sua presença por meio do rádio. Também são de invenção britânica os "sapatos" que permitem andar sôbre as minas terrestres sem provocar sua explosão.

PARA limpar toalhas de mesa, tapêtes e estofos de mobílias foi fabricado um novo preparado composto de seis substâncias químicas e capaz de remover manchas de alimentos, goma, tintas de tôdas as espécies, sangue, etc. Êsse produto vem acompanhado de instruções que mostram como o mesmo deve ser usado para cada tipo de mancha; é preciso notar que a ação higiênica dêsse preparado inclui também espátulas, esponjas, escôvas e as mais diversas espécies de tecidos.

OS norte-americanos inventaram umas pastilhas de alumínio que esfriam uma xícara de café em dez segundos.

NOVO postigo para janela também pode ser um tôldo controlador da luz solar. Permanentemente dobrado para trás, em ambos os lados da janela, parece mais uma decoração do tipo usual. Entretanto, além de ser estendido sôbre a janela, a fim de proteger contra a chuva, pode ser pôsto para fora da janela, dobrado ao meio, para evitar a entrada da luz solar.

A O pé de Hoewenegg, Alemanha ocidental, descobriram quarenta toneladas de ossos de animais pré-históricos. Segundo os paleontólogos, esta é a mais importante descoberta, no gênero, feita na Europa central.

Acredita-se que êsses ossos se acham enterrados há cêrca de quinze milhões de anos.

O exemplar mais importante é um elefante primitivo, cuja estrutura óssea é maior que a de um mamute. O fêmur mede metro e meio.

★

OS bombeiros já organizaram sua Associação Européia. Sua primeira reunião teve lugar em Mulhouse (França), com a presença de representantes suíços, belgas, holandeses, alemães e luxemburgueses, com o fim de estabelecer um intercâmbio das diferentes técnicas e conhecimentos.

★

UM professor de música ameaçava, por carta, o jornalista Aurélien Scholl, que foi, em fins do século passado, o mais espirituoso dos cronistas parisienses.

— Se o senhor não me enviar imediatamente cinco mil francos — escrevia o músico — eu espalharei certas histórias a seu respeito que nada têm de engraçadas!

Scholl apanhou sua brilhante pena e respondeu:

— E se o senhor me enviar cinqüenta francos, eu lhe fornecerei algumas histórias suplementares.

UM ROSTO DE MEDALHA

FUGINDO da borrasca um mergulhão veio lá das bandas do mar, penetrando sob as altas clarabóias do salão-de-espera, logo começando a executar voltas intermináveis sôbre uma das asas em redor do imenso lampadário central. Fora, sôbre o campo de aterrissagem, o vento passava veloz e assobiando. Viu-se um grupo de homens, vestindo macacão azul, espalhar-se ao longo da pista e recolher, apressadamente, aos hangares os pequenos aviões de esporte, que já ameaçavam virar sob o impacto do vento. Só os grandes quadrimotores, desdenhosos sob a sua couraça prateada, não pareciam sentir o temporal.

As árvores magrinhas que marcavam o limite do terreno e dominavam o fôsso invisível do "fjord" vergavam sob o impulso de um hálito de gigante. A claridade serena do crepúsculo mudou repentinamente para o cinzento chumbo.

E quase em seguida, do outro lado da água, sôbre as encostas, as casas dos pescadores, pintadas, segundo a moda nórdica, desde o vermelho gerânio até o amarelo e o azul berrantes, desapareceram na sombra. Um lençol de chuva, caindo bruscamente, como se do alto um gigante despejasse um mar sôbre a terra, acabou de escamotear tôdas elas. E, quase sem tradição, o frio começou a morder a carne de todos nós.

— Isto vai ser divertido! — comentou, com ar desolado e que contrastava com as suas palavras, um senhor bastante idoso e que tinha embarcado em nosso avião em Malmoe e cuja cabeça lembrava bastante a Georges Clemenceau.

— Qual! Alguns solavancos, talvez... Nada mais! — respondi, tentando, sem grandes esperanças, levantar o ânimo dos passageiros. Estes, porém, permaneceram mudos, quietos cada qual entregue aos seus próprios temores. Não tardei a ver um, depois dois e a seguir seis, que se dirigiam para a saída. Num abrir e fechar de olhos a sala perdeu metade dos que ali se achavam antes do meu comentário tolo. Ficamos ali apenas uma dúzia de obstinados, entre os quais uma teimosa. Eu podia ver quando muito, emergindo de um pesado capote azul-marinho, um perfil clássico, um tufo de cabelos ruivos.

Uma voz fanhosa, no alto-falante, cortou meus pensamentos:

— Passageiros para Paris, Genebre, Zurique, Viena. Queiram apresentar-se ao comissário, na pista de embarque.

Fora, a abóbada opaca das nuvens descia mais e mais. As pistas luzentes de água perdiam-se pouco adiante, numa espécie de túnel fuliginoso. Com água escorrendo por todos os lados, o auto-ônibus nos colheu para nos conduzir ao aparelho, um bom velho DC-3 que substituíra a última hora o DC-6B previsto. Teríamos coisa melhor em Orly... Após um segundo de hesitação, pe-

Conto de
J. NICOLLIER

netrei na carlinga e sentei-me no pôsto de pilotagem. Os motores já tinham sido ligados meia hora antes e atingiam o ponto desejado. A grande máquina rolou sôbre uma via secundária, passou para a grande avenida de cimento e pouco depois senti o "golpe de rins" do avião, deixando o solo, e imediatamente seguido por um solavanco brutal. O vôo prometia, realmente!

— O comandante Daniel apresenta as boas-vindas aos seus passageiros. Estaremos dentro de duas horas em Paris — anunciou a aeromoça.

Agarrado com as duas mãos ao espaldar de uma poltrona da parte dianteira, um "steward" fazia desesperados esforços para parecer desenvolto. Mas perdeu depressa todo decôro e quando se esforçava para servir uma refeição fria, como era de praxe, tropeçou duas ou três vêzes, seguindo-se o ruído característico de louça quebrada.

Numa sucessão de trancos, descaídas bruscas, saltos como os dos cabritos e estremecimentos de rumba, tínhamos conseguido ganhar altura sem contudo furar o teto tempestuoso. O aparelho se movia com esfôrço crescente e o ronco regular dos motores mal conseguia cobrir os gritos e lamentos do vento, quebrando-se contra sua fuselagem.

As lâmpadas do teto, não se julgando, talvez, obrigadas a maiores façanhas, deixavam os passageiros mergulhados em trevas não tão espêssas que me impedissem de ver, à minha direita, do outro lado da passagem média, o perfil grego da passageira. Não concedia um olhar aos que a cercavam, limitando-se a fixar o olhar através da escotilha, contra cujo vidro a chuva batia constante e forte, como se conseguisse ver além das brumas inchadas de fumaça. Mergulhávamos, empinávamos, recuperávamos o equilíbrio. Ninguém falava. Acabei por adormecer.

Fui arrancado da minha sonolência pela corrida repentina e enlouquecida dos dois serventes de bordo, que desapareceram no pôsto de comando. Sôbre a parede brilhante, letras alaranjadas brilharam, para um conselho que considerei supérfluo:

— Proibido fumar!

Instintivamente, tornei a fechar meu cinturão de segurança embora soubesse que estávamos ainda muito distantes do nosso ponto de escala.

Repentinamente, uma chama alongada e rubra, franjada de azul, se torceu logo acima do motor da direita. Lambeu por alguns instantes a carlinga, diminuiu, recuperou fôrças e atacando o flanco do aparelho, como uma cabeleira incandescente. À minha direita, a desconhecida continuava impassível. Vi tão sòmente que suas mãos se crispavam sôbre o fecho do cinturão encarnado, que se destacava sôbre o seu capote azul noite.

Repentinamente, o motor foi desligado e o avião começou a mergulhar. Atacada pelos mecânicos, esforçando-se, calados, no corredor estreito, de acesso aos motores, enquanto manejavam os extintores com tenacidade e experiência, a auréola brilhante perdeu todo brilho, escureceu e acabou desaparecendo. O propulsor não era, agora, mais que um bloco sombrio e fumegante, imediatamente privado de sua forma geométrica, do seu perfil estudado.

Descíamos entre uma nuvem espêssa. Para que prado problemático? Oscilando de uma asa para outra, assustadoramente, o avião continuou descendo, até que seus faróis de aterrissagem brilharam. Adivinhei, mesmo sem ver, que o "trem" tinha sido arriado. Um homem da tripulação, creio que o co-pilôto, apareceu na porta do corredor.

— Todos bem amarrados! Vamos tentar pousar em terreno impróprio.

Segundos passando rápidos. Um choque inimaginável. A sensação de alguma coisa mole, vergando lentamente, sob o fardo inesperado da máquina. Com alguns estalidos secos de metal quebrado ou amassado, inclinando-se sôbre tribordo, o DC3 acabou sua corrida fantástica. Os projetores, intactos, iluminavam bizarramente as jovens plantas quebradas de uma floresta. Onde estávamos? Bélgica? França? Sentindo-me dominado por total embrutecimento, tentava sondar com um olhar essa espécie de juncal, onde as árvores, pulverizadas pelo choque, mostravam multidões de pontas, ameaçadoras e embranquiçadas.

"Passageiros para Paris, Genebra, Zurique, Viena. Queiram apresentar-se ao comissário na pista de embarque."

Minha vizinha, já de pé, sem manifestar qualquer emoção, recolhia seus objetos.

— Bravo, madame ! — gritei, sem poder conter minha admiração. — A senhora foi a nossa providência e, faço questão de afirmar, também: o nosso exemplo !

A desconhecida esboçou um riso amargurado, voltando-se para mim, que recuei. Sim; eu batia em retirada, percebendo o outro lado daquele rosto de medalha: descarnado, devastado, lívido, com os ossos quase à mostra, a orelha transformada numa espécie de cartonagem informe.

— O senhor é muito amável... mesmo cavalheiro! Mas inùtilmente. Há cinco anos fui vítima de um acidente idêntico, do qual saímos, meus companheiros e eu, não tão bem como hoje. O senhor deve reconhecer que [illegible] que tenho a perder, desde então, minha pretendida... coragem não merece elogios. Para ser franca, não cesso de viajar de avião, com a esperança de acabar, de uma vez por tôdas, com êste suplício...

Apanhou mais algumas peças miúdas, entre a sua bagagem e, ante o meu dramático silêncio, acrescentou:

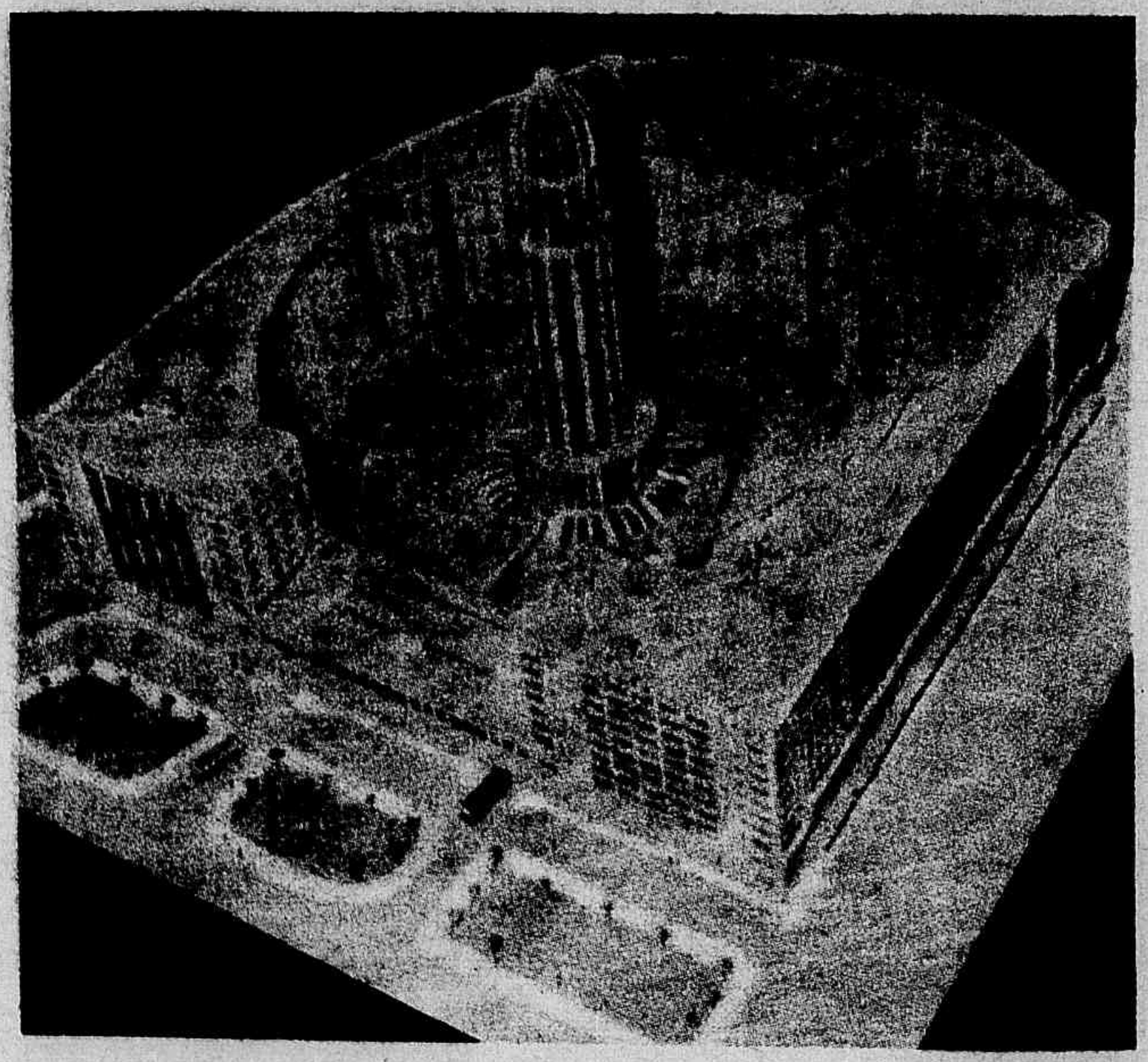
— Guarde as suas felicitações para uma ocasião melhor. Porque eu não escondo que sonhei, que esperei, que roguei ao céu por uma extinção total de mim, de todo o aparelho. Não deve, portanto, chamar-me de providência.

A voz era rouca, fatigada. Balbuciei não sei que e beijei, com respeito, com uma espécie de ternura também, a mão diáfana que me oferecia e cujo pulso havia conservado seu ritmo invariável e resoluto.

★ ★

CONSTRUINDO PARA AMANHÃ

O arquiteto italiano Emmanuel Manaro acaba de conceber, para Roma, o mais audacioso projeto de uma estação rodoviário, com capacidade igual a da grande "Terminal de ônibus", de New York, a maior do mundo, e que, além disso, terá três pistas de aterrissagem para helicópteros. No pavimento térreo, salas-de-espera, telefones, agências de viagens estarão à disposição dos viajantes. Do primeiro ao nono pavimento haverá um hotel. A tôrre central servirá de caixa d'água para o suprimento da estação e para apagar incêndios.



No andar superior serão instaladas estações de televisão, rádio e um farol.

O teto servirá como aeroporto para helicópteros; as três pistas se comunicarão com os pavimentos inferiores por meio de uma passagem coberta construída ao longo da borda interna da plataforma onde haverá elevadores. O custo da obra está orçado em dez a doze bilhões de liras (de 100 a 120 milhões de cruzeiros).

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Olhem-se os fenômenos da língua com espírito alto, largo e generoso, e façam-se concessões ao pensamento, que às vêzes reclama expressões de valor estilístico, afastadas das regras habituais da gramática."
(Portaria n. .172/42, do Ministério da Educação)

DIGRESSÕES

As anotações na margem dos livros, quando feitas por pessoas cultas, valorizam os mesmos, porque constituem comentários, discordantes ou não, mas sempre a propósito do que se lê ou estuda. Quem freqüenta a Casa de Rui Barbosa conhece as obras tão penetrantemente comentadas pelo grande brasileiro.

Ainda agora, quando leio o trabalho de Gondim da Fonseca **Santos Dumont**, trabalho utilíssimo, como aliás o são todos os da lavra de tão valoroso polígrafo, encontro uma anotação, feita por Adauto da Câmara, também historiador e profundo conhecedor dos segredos do idioma.

Descreve Gondim da Fonseca as circunstâncias que levaram Santos Dumont a visitar a Princesa Isabel. E transcreve a carta que, dias depois, ao Pai da Aviação enviou a condêssa d'Eu.

Ei-la:

"Sr. Santos Dumont:

Envio-lhe uma medalha de São Benedito que protege contra acidentes. Aceite-a e use-a na corrente do seu relógio, na sua carteira ou no seu pescoço. Ofereço-lha pensando na sua boa mãe e pedindo a Deus que lhe socorra sempre e lhe ajude a trabalhar para a glória de nossa pátria.

Isabel, condêssa d'Eu."

Acrescenta, logo após, Gondim da Fonseca:

"Como esta princesa simples, boa e sem gramática, se revelava diferente das cocotes de sangue azul que êle topava todos os dias em Nice, fumando, "amando", farreando!

Velho Brasil: como tu eras adorável! Até os seus príncipes eram (ou pareciam) humanos, familiares. Tudo em ti se revelava singelo, desafetado, grande!

Santos Dumont mandou fazer uma pulseirinha de ouro para usar com a medalha de São Benedito, à qual, de futuro, os jornais muito se referiram, em diversas oportunidades."

Adauto da Câmara, ao ler a restrição supra transcrita, **sem gramática**, não se conformou, e lançou a anotação que se encontra no exemplar em meu poder:

"Gramaticalmente correta. O autor pensa que **lhe ajude** e **lhe socorra** são construções errôneas. Tanto é certo dizer **lhe ajude** como **o ajude, lhe socorra** como **o socorra**.

A.T."

Teve razão o autor de **Nísia Floresta**, pois os verbos **socorrer** e **ajudar** admitem ambas as sintaxes, como nos provam os exemplos abaixo:

"Um dos seus homens de armas veou a socorrê-lo.." — Herculano.

"Este, que socorrer-lhe não queria." — Camões.

"Muitos, que nestas guerras o ajudaram." — Camões.

"Fêz o trabalho todo sem ninguém lhe ajudar." — Aulete.

Aí fica o registro, exumado de um livro precioso recolhido à biblioteca do tradicional Colégio Metropolitano, de que Adauto da Câmara foi um dos fundadores e diretor até o dia de seu falecimento. E é também a homenagem de quem muito o admirou por seu caráter e por sua cultura.

JOSÉ RICARDO NETO

RETALHOS DE NOSSA HISTÓRIA

SINOS SEM BADALO

A VINGANÇA DOS HABITANTES DE RIBEIRÃO DO CARMO

Por
RENATO DE ALENCAR

OS trabalhos de mineração na zona de Ouro Prêto a Ribeirão do Carmo, hoje **Mariana**, atraíam muita gente ávida de riqueza fácil, inclusive frades e clérigos de muitas origens. Por isso os padres de Sabará, S. João del-Rei, Curvelo, Ouro Prêto, Mariana, eram famosos pela opulência que exibiam. Não se limitavam ao sacerdócio funcional. Eram tudo: fazendeiros, advogados, farmacêuticos, médicos, compradores e vendedores de ouro.

Quando o padre José Correia da Silva, um dos conspiradores da Inconfidência, teve seus bens seqüestrados, seus objetos de prata e ouro chegaram a pesar mais de cinqüenta arrobas, além de peças de imenso valor. Os oitenta padres de Ouro Prêto e os quarenta e tantos de Sabará em 1700, dedicavam-se, todos êles, à mineração. Para melhor poder a Igreja disciplinar seu povo e reconduzir os sacerdotes ao redil do Senhor, foi criada a diocese de Mariana a 6 de dezembro de 1745, passando a então Ribeirão do Carmo à jurisdição do clero fluminense, desligando-se do de Pernambuco. O caso levantou protestos por parte de Pernambuco, estabelecendo luta entre o clero pernambucano e o fluminense, desentendimentos que aumentaram quando o cônego Inojosa Velasco, delegado do Cabido de Pernambuco, interveio em Mariana e de lá levou importantes riquezas em dinheiro e obras de arte. Frei Francisco de S. Jerônimo representou perante o rei, contra a presença do cônego, mas já o fato estava consumado. O povo de Mariana não gostava dessas tricas, e, por várias vêzes assumira atitudes de grande e generalizada rebelião. Os **visitadores**, quase sempre sacerdotes cheios de ambição, pouco escrupulosos no tratar como povo, eram olhados com desconfianças pelos mineiros.

O cônego João Vaz, frei Antônio de Guadalupe, bispo do Rio de Janeiro, cônego Antônio da Silva Prado e outros, passaram maus quartos de hora entre as hostilidades dos mineiros das regiões auríferas.

O cônego Vaz, por exemplo, se viu acuado em sua casa, enquanto tôda a população de Ribeirão do Carmo o apupava ameaçando-o fisicamente, terminando por intimá-lo a deixar imediatamente a vila e renunciar ao cargo de vigário local. Não foi possível identificar os manifestantes porque estavam todos mascarados! O governador geral da Capitania, D. Lourenço de Almeida, atendendo ao pedido de garantias do cônego Vaz, mandou fôrça policial para Ribeirão do Carmo; mas o jeito que houve foi sair dali e embarcar para o Rio.

Já andavam, pois os mineiros, sèriamente amolados com o proceder de maus elementos do clero, mais interessados em acumular riquezas do que em assistir as ovelhas do vasto rebanho de Cristo entre aquelas serras e grotas faiscantes de ouro.

Com a criação da diocese de Mariana, o povo exultou. Até que, enfim, ia aquela gente fervorosamente religiosa, ter dirigentes cristãos à altura das necessi-

dades do meio. Com muitas esperanças, os habitantes receberam a alvissareira notícia da visita de frei João da Cruz, bispo do Rio de Janeiro, que ia até lá para sentir de perto as necessidades do povo e nutrir-lhe a fé, já tão abalada pelos fatos anteriores. Mas o bispo d. Frei João da Cruz, não conhecendo bem a índole daquela gente, e, talvez, ignorando os fatos como realmente se passaram, desandou em censuras às ovelhas, criticando todo mundo, ameaçando com excomunhões, desenhando as penas do inferno para quantos continuassem a hostilizar sacerdotes. Aos filhos de Mariana pareceu que aquêle bispo era grosseiro, irritado, incivil. Se fôra recebido entre festas e expansões de alegria, no final já se notava a mais sensível indiferença ao prelado. Depois de encerrada sua missão, nada mais havendo a fazer naquela visita pastoral, o príncipe da Igreja dispôs as coisas para o seu regresso à Guanabara. Dera ao povo de Mariana uma lição em regra. Pregara como censor, e esperava os efeitos dessa sova moral.

Na manhã do regresso, todo o cortejo em marcha, deixava Mariana o bispo, reluzente em suas vestes talares, quando notou, sobrecenho cerrado, que os sinos das igrejas não repicavam, como de praxe em tais ocasiões. Já ia a uns dois quilômetros de distância de Mariana, quando mandou que o cortejo parasse. Indagou se não deviam estar dobrando e repicando os sinos, como de direito, até que o séquito não mais fôsse avistado.

Êle vira perfeitamente que os sinos dobravam no alto das tôrres; mas não havia nenhum som.

Estaria surdo? Não! Suas oiças eram muito boas. Devia haver qualquer coisa anormal.

Para certificar-se do que se passava, mandou um dos seus apurar a anomalia. Quando o emissário voltou foi que se esclareceu o fenômeno de os sinos de Mariana dobrarem sem fazer ruído: estavam todos êles sem badalo!

Era a vingança de um povo indomável.

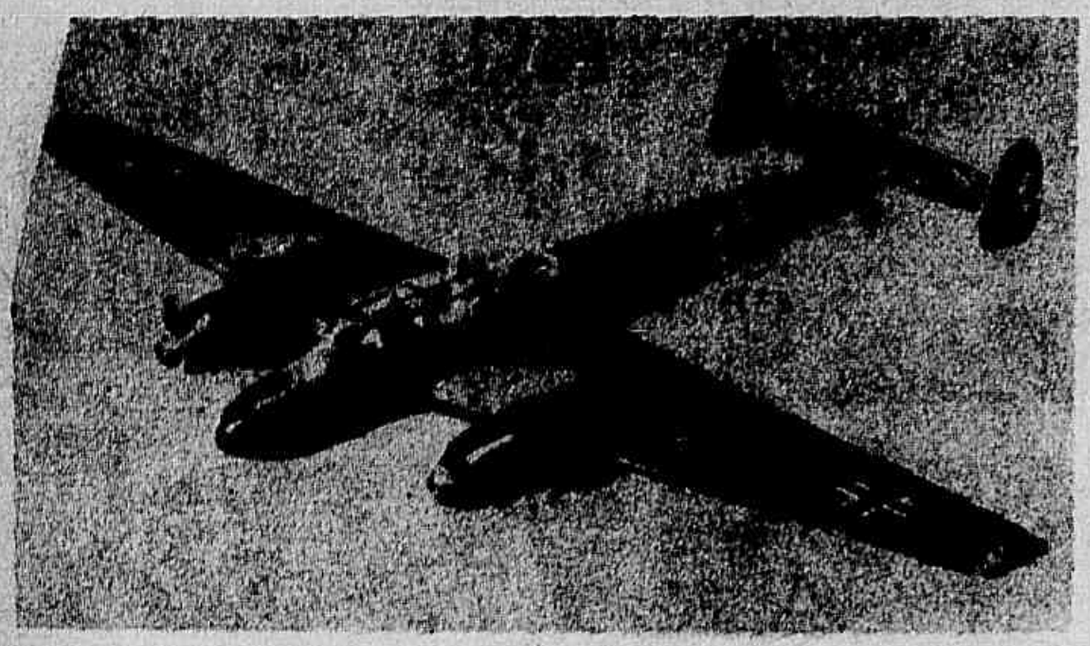
UM GIGANTE

MUITOS homens — vaidade sem fronteiras — querem passar por gigantes sem que realmente o sejam. De todos os que temos visto (inclusive os dos circos de cavalinhos) nenhum serviria para representar Goliath ou S. Cristóvão... senão êsse que aí está, soldado nacionalista chinês, onde é figura singular e a mais cara também, pois é o único cujo uniforme tem que ser feito sob medida. As estrêlas do cinema Lin Dai e Pay Kwan são fotografadas diante dêle, como se fôsse o Pasthenon ou a muralha da China, enquanto o colosso não esconde a tristeza que o persegue por não encontrar companheira do seu tamanho (2 metros e 19 centímetros e meio!). Ah! Se pudesse juntar as duas mulheres numa só...

★

Brasil recebeu no ano passado 78.248 imigrantes, número para o qual os portuguêses contribuíram com 30.062, ou seja: quarenta e dois por cento.

Seguiram-se os italianos com 13.408 pessoas (dezenove por cento), espanhóis com 11.338 pessoas (dezesseis por cento) e os japonêses com pouco mais de 3.000 pessoas (cêrca de quatro por cento).



AS MAIS ESTRANHAS HISTÓRIAS :

O SURPREENDENTE VÔO DE RUDOLF HESS...

ERA um formoso dia de sol, que convidava à ociosidade e à preguiça. Sábado, 10 de maio de 1941. Um dia em que o inglês gosta de passar no campo, jogando cricket ou passeando ao longo de um rio.

Mas a Inglaterra estava em guerra e uma guerra cruel como jamais conhecera. A suástica deixava sua marca de destruição por tôda a Europa e principalmente do outro lado do luminoso Canal. Diàriamente os grandes bombardeiros alemães enchiam os tanques de gasolina e seus alçapões de bombas de grande poder destruidor para novos ataques sôbre a castigada mas inconquistável Londres. Ao anoitecer, apareciam os bombardeiros. A cidade era iluminada por luzes flutuantes. A Câmara dos Comuns — êsse antigo guardião da dignidade e da liberdade humanas — sofria mais desabamentos.

Porém não foram os bombardeiros os únicos aviões que chegaram às costas da Grã-Bretanha, aquela noite. Pelo Mar do Norte apresentou-se outro, que fêz uma passagem de orientação pela proximidades das ilhas Farne, na costa do Northumberland. Sua presença foi comunicada imediatamente ao quartel das operações mais próximo da Real Fôrça Aérea.

COINCIDÊNCIA — Por uma rara coincidência, que ninguém teria podido medir naquele momento, sua aparição tinha sido descoberta pelo duque de Hamilton, que durante quatorze anos tinha formado parte da R.A.F. Pedira a identidade do aparelho ao corpo de observadores:

— "Messerschmidt 110" — foi a resposta.

— Absurdo! — pensou o duque.

E tinha razão, pois não havia Messerschmidt 110 que pudesse voar tôda aquela distância, atravessando o Mar do Norte... se pretendesse regressar à sua base! Isso foi o que declarou aos citados observadores. Porém a resposta foi a mesma ao assinalar a posição do aparelho para o oeste, sempre para o oeste, sôbre as sombrias e desamparadas terras de Cheviot Hills e as terras, mais baixas, além da fronteira escocesa, na direção de Glasgow:

— Trata-se de um ME-110!

Bruscamente, cessaram as notícias sôbre a marcha do avião. Mais tarde chegou a informação de que se espatifara contra o solo, exatamente ao sul de Glasgow... e que o pilôto alemão se salvara tendo sido feito prisioneiro.

Depois disso, tendo terminado seus deveres da noite, o duque se recolheu para dormir.

A uma e dez da madrugada, soou novamente o telefone do quartel de operações. Era um chamado da polícia de Glasgow, pedindo com urgência a presença do duque Hamilton. O chefe de serviço foi despertá-lo:

— Trata-se dêsse ME-110, senhor — disse êle. — A polícia informa que o pilôto, que diz chamar-se Alfred Horn, deseja falar com o senhor. Estêve tentando aterrissar nos arredores de sua casa de Dunquerque. Pode vir até o Corpo da Guarda?

O duque tratou de vestir-se e tomando o automóvel, dirigiu-se em plena noite ao corpo da guarda, onde estava detido o alemão Alfred Horn. Quando entrou, o homem (que lhe era tão desconhecido como o próprio Adão), pediu que lhe permitissem falar a sós com o duque.

OFERTA DE PAZ — A entrevista foi bastante estranha.

— Não me reconhece? — perguntou o homem. — Pois tenho a certeza de que me conhece. Sou Rudolf Hess. Deputado de Hitler! Conhecemo-nos durante a última Olimpíada. Venho à Inglaterra oferecer a paz!

Cabe aqui imaginar o assombro do duque.

— Se o senhor é Rudolf Hess, por que procurou falar... comigo e não com as autoridades mais competentes? A pessoa com quem tem que falar é, sem dúvida, o primeiro ministro, mr. Churchill. Por mim, nada posso fazer em seu favor...

Porém, imediatamente, tratou de transmitir a inverossímil notícia às autoridades em Londres.

Ali, como fàcilmente compreendemos, ninguém acreditou que aquêle misterioso indivíduo fôsse realmente Rudolf Hess.

— É Rudolf Hess em pessoa. Traz uma oferta de paz. O primeiro ministro deve ser informado.

Assim, a uma Londres que ainda se arrastava e gemia sôbre os escombros provocados pelo "raid" noturno, chegou a extraordinária notícia: o deputado de Hitler fôra entregar-se aos inglêses! O homem considerado substituto eventual do Fuehrer alemão preferia fugir para o campo inimigo a continuar vivendo na Alemanha nazista.

O efeito produzido sôbre uma Grã-Bretanha que então resistia sòzinha, foi o de uma descarga elétrica. Todo o mundo ocidental sabia, naturalmente, que Hitler era um indivíduo falso e mau. Mas, se o seu próprio "ad latere" encanecido pensava do mesmo modo, então Hitler devia ser, de fato, muito malvado!

"O bicho entrou na maçã!" — declarou Churchill, numa de suas frases mais acertadas em todo o correr da guerra.

Hess foi ocultado da curiosidade pública, num dos mais isolados campos de prisioneiros de guerra, onde permaneceria através dos anos seguintes. Entretanto, o enigmático objetivo de sua visita foi gotejando pouco a pouco.

Sim. Tinha ido oferecer a paz. Na manhã do sábado, 10 de maio, enquanto as tripu-

Rudolf Hess, nos dias em que era um dos arrogantes vice-fuehrers do III Reich e principal homem da confiança de Adolf Hitler.

lações da Luttwaffe recebiam instruções para o que seria o último "raid" verdadeiramente grande sôbre Londres, Hess se apresentara num aeródromo nas proximidades de Munique e (quase seguramente com o conhecimento de Hitler) tinha saído para a Escócia com algum bem estudado plano de paz — se assim podemos dizer — no bôlso do dólmã. Ao sair de casa tinha afirmado à espôsa:

— Não te preocupes... Na segunda-feira estarei de volta!

Ao chegar a solo inglês, suas manifestações foram a princípio incoerentes e vagas, porém ninguém poderia afirmar, de plena consciência, que se tratava de um verdadeiro louco.

Em que consistia, afinal, o seu oferecimento de paz?

Reduzia-se simplesmente a isto:

"Que a Inglaterra se libertasse do seu govêrno de então — em particular do sr. Winston Churchill — e então Hitler faria a paz. A Alemanha permitiria que a Inglaterra conservasse seu Império e sua marinha mercante, evitando-se dessa forma uma luta mortífera entre as duas grandes raças nórdicas.

— Caso não aceitasse êsses têrmos, a Inglaterra estaria condenada à destruição: Hitler lançaria contra ela grandes esquadrilhas de aviões de bombardeio e seria o inevitável fim do império.

(Foi, pois, aquêle terrível "raid" sôbre Londres, algo mais qúe uma coincidência?)

UMA MENTE DEFORMADA — Hess, com sua mente deformada e megalomaníaca, pensava, sem dúvida, que diante dessa alternativa implacável, o povo britânico baixaria a cabeça, rendendo-se à Alemanha. — E o que é mais extraordinário — parecia estar com a idéia fixa de que, naquela época, existia na Grã-Bretanha um partido pacifista suficientemente forte para derrubar o govêrno de Churchill, e que (por alguma razão inexplicável) o duque de Hamilton — a quem insistentemente afirmava haver conhecido nas Olimpíadas de Berlim, em 1936 — tinha concomitâncias com o referido partido.

O duque, como se sabe, era completamente inocente em tôda essa questão. Jamais havia conhecido a Hess, embora admitisse a possibilidade de haver assistido a algum ato em que Hess se achasse presente. E, quanto ao detalhe do partido, houve realmente, na Grã-Bretanha, semelhante partido?

A resposta do duque a Hess foi clara e firme:

— Na Grã-Bretanha não há, presentemente, outro partido senão o do govêrno.

Hess permaneceu na Inglaterra até o fim da contenda e a derrota definitiva do hitlerismo. Então, juntamente com os demais criminosos de guerra, foi julgado em Nuremberg, onde sofreu condenação a prisão perpétua.

Durante o processo de Nuremberg foi julgado um Hess completamente diferente do arrogante Rudolf dos tempos da anexação da Austria à Alemanha.

Hoje, prematuramente envelhecido, com sessenta e seis anos, rosto macilento e olhos profundamente encovados, Hess continua encarcerado na rigorosa prisão de Spandau, no limite de Berlim, guardado alternativamente pelos britânicos, norte-americanos, russos e franceses.

Segundo parece, não fala com qualquer pessoa (nem sequer com os demais criminosos de guerra que ali vivem), senão consigo mesmo. E consigo mesmo fala bastante. Freqüentemente grita com tôdas as fôrças de sua aguda e queixosa voz:

— Os russos e os norte-americanos querem matar-me!

Quase todos os guardas o chamam de "O louco Rudy". Quase semanalmente é examinado por especialistas aliados de enfermidades mentais, porém jamais diz uma

Nas reuniões de todo o primeiro time do III Reich alemão, Rudolf Hess sentava-se à direita de Hitler enquanto para trás ficavam Goebbels, o gênio da propaganda, Schacht, o gênio das finanças e até mesmo o gorducho, ridículo, mas poderoso Herman Goering, o gênio da Aviação...

palavra. Finge, mesmo, não ouvir o que lhe perguntam. Diante do sacerdote que o visita de vez em quando, mantém um silêncio hostil e pétreo.

Acredita-se que esteja escrevendo um livro, porque todos os dias redige copiosas notas. Além dessa, sua única atividade é cuidar do jardim da prisão e velar por seus repolhos.

Sua mulher vive, com o filho de ambos — que agora conta dezesseis anos, Wolf Rudiger, num chalé perto dos Alpes Bávaros.

Está Hess realmente louco? Estava louco, no dia em que voou sôbre o Mar do Norte, levando aquela absurda proposta de paz?

Os psiquiatras podem ter lá suas idéias sôbre êsse ponto, porém para quase tôdas as pessoas a resposta é clara. O ter pensado que a Inglaterra aceitaria uma paz nos têrmos propostos por Hitler, em qualquer etapa da guerra, era sintoma de verdadeira demência.

No nosso entender, a História confirmará essa opinião.

O exército norte-americano deu a conhecer ao público, recentemente, um novo canhão de autopropulsão de 90 mm, para ser transportado por via aérea, podendo ser desembarcado ou atirado de pára-quedas na zona de combate e tendo capacidade para destruir qualquer tanque conhecido. Pesa apenas 7.173 kg (15.800 libras), pois tem o carro construído inteiramente de metais leves.

★

O número atual de sanatórios para enfermidades mentais, na França, é de sessenta e oito mil!

Em 1957, cêrca de cento e vinte mil estabelecimentos dessa natureza estarão em funcionamento.

Êste notável aumento obedece, mais que ao maior número de enfermos, ao fato de que êstes vão, pouco a pouco, abandonando os preconceitos contra os sanatórios psiquiátricos e aceitam, de boa-vontade, o seu ingresso nos mesmos.

A SAÚDE EM REDOR DO MUNDO

DE WIESBADEN — Em Wiesbaden, cidade da Alemanha (Prússia) depois de sofrer graves queimaduras, o soldado norte-americano Charles Madeira estava condenado. Seu irmão gêmeo, Rodney, que se encontrava na Coréia, percorreu tôda a metade da Terra para reunir-se a Charles e permitir a retirada de grande superfície de pele biològicamente idêntica à do acidentado, a fim de neste ser aplicada. Foi uma operação única e uma emocionante reunião de dois irmãos que não se avistavam desde o início da guerra, em 1939.

DE BANGKOK — Reunidas, frente a frente, na altura do peito, as duas pequeninas Prissana e Napit mereciam, duplamente, o nome de siamesas... pois que tinham nascido na Tailândia, isto é: no Sião. A pedido de um médico norte-americano, que as tinha visto no hospital, foram conduzidas por avião de Bangkok a Chicago, acompanhadas por uma enfermeira. As radiografias demonstraram que as meninas, então com quase dois anos de idade, estavam ligadas desde o esterno à cintura por ossos e músculos. Havia, por outro lado, um conduto pelo qual os órgãos abdominais podiam circular de uma cavidade para outra. O problema, já por si delicado, complicava-se pelo fato do fígado ser duplo e comum às duas crianças, mas com duas vesículas biliares distintas. Os cirurgiões operaram sob anestesia e começaram por seccionar os ossos e os músculos. A seguir separaram o fígado em duas partes, tomando tôdas as precauções a fim de evitar uma hemorragia. A operação foi bem suportada. Segundo as últimas informações, Prissana e Napit passam bem e o perigo temido pelos médicos (a peritonite provocada pelo derrame da bile na cavidade abdominal) parece definitivamente afastada.

DE HARVARD — Não é opiómano quem quer! Isso foi declarado recentemente por dois médicos norte-americanos, da Universidade de Harvard, após detalhado estudo de vinte casos. Para fazer uso de estupefacientes, sejam quais forem (cocaína, morfina, ópio, etc.) é preciso gostar... e para gostar é preciso ter uma predisposição. O homem normal, que tenta, um dia, por curiosidade ou desespêro, provar as alegrias dos paraísos artificiais não passa, em geral, do estado de nôjo e de náusea. Após algumas tentativas desastradas, desiste e reconhece sua incapacidade de compreender... onde estão as visões maravilhosas do Nada, descritas por toxicômanos célebres, como Quincey e Baudelaire. Êle, ao contrário, nada vê!

O exame dos vinte indivíduos de Harvard revelou que os indivíduos predispostos a essas visões, longe de serem privilegiados não passam de inadaptados. Passam pela vida sem rumo, sonhadores, acreditando-se incompreendidos pelos que os cercam e disso culpando o mundo inteiro. A um tempo fracos e egoístas, todo esfôrço lhes repugna, ao passo que sua ambição não tem limites. O uso imoderado da bebida já os preparara, aliás, para não mais distinguir entre o sonho e a realidade.

DE PARIS — Já agora é possível determinar, graças aos produtos radioativos injetados nas veias, o local de um tumor do cérebro. Mas nem sempre é possível operar êsse tumor. Em tal caso, é possível colocar no interior dêsse tumor minúsculos grãos de ouro radioativos, que, só agindo num espaço de alguns milímetros, destroem o tumor sem afetar as partes vizinhas. É desnecessário retirar os grãos, terminada a sua radioatividade (depois de quinze dias), pois que sua presença não oferece perigo.

TRÁGICA HISTÓRIA DE UM CZAR

Das diversas páginas misteriosas da história, que aqui têm sido transcritas, nenhuma oferece, talvez, tanto interêsse — pela estranheza dramática do caso — como a narrativa que segue: onde se faz rápida memória do advento ao trono da Rússia, de um aventureiro simpático, cujo destino trágico comove, e cujo êxito efêmero parece ser devido à poderosa influência da Cia. de Jesus

NA Rússia, no ano de 1501, por altas horas da noite, o embaixador da rainha Elisabeth de Inglaterra, sir Jerônimo Horsey, foi despertado do seu sono por fortes pancadas no portão da sua casa.

Pensando que a sua última hora estaria chegada, pois sabia bem qual o estado agitado e perigoso da sociedade moscovita, desde a morte de Ivan, o Terrível, o embaixador chamou os seus criados que o rodearam em número de quinze e todos se muniram de pistolas e outras armas.

Depois disto, e só depois, aventurou-se a sair ao pátio que naquele tempo circundava tôdas as moradias moscovitas e aproximou-se do portão.

Uma voz do outro lado chamou-o falando em russo; voz de homem como tomado de pavor: — Oh! Meu bom amigo! Sir Jerônimo! Deixa-me entrar!

O inglês avançou para perto da porta, cautelosamente abriu o postigo de vigilância e reconheceu à luz do luar, em pé do lado de fora um nobre boiardo, **Athanasius Nagoy**, irmão da **czarina** Maria, a viúva de Ivan.

Ivan, o Terrível

— O czarino Demétrius morreu! — continuou na mesma voz de horror o visitador da meia-noite.

Demetrius era seu sobrinho, e irmão mais moço do novo czar.

— Foi degolado, às seis horas, pelos **diaks**; um dos seus pagens confessou na tortura, que tudo foi ordem de Boris; a czarina está envenenada e às portas da morte; os seus cabelos, as unhas e a pele se desfazem misteriosamente! Ajude-me,

meu amigo! E, por amor de Deus, dê-me algum remédio!

Entre os ignorantes moscovitas daquele tempo, o inglês gozava da reputação de ter conhecimentos médicos como ainda até hoje têm, entre os tártaros e os árabes. Logo que o embaixador percebeu qual era o pedido, correu à casa, e arranjou um pequeno frasco de bálsamo do que lhe dera a própria rainha Elisabeth, e uma caixa cheia de um preparado conhecido pelo nome de triaga de Veneza.

— Aqui está o que tenho. Peço a Deus que lhe faça bem — disse.

E, ainda contrariado por ter de abrir o portão, diligenciou passar os remédios ao irmão da czarina por cima do muro do pátio.

Depois de os ter recebido, o preocupado boiardo se afastou precipitadamente, enquanto Horsey voltava para sua residência, para assentar o memorável fato no seu "diário", naquele belo inglês que ainda hoje pode ser lido pelos curiosos no manuscrito conservado no **British Museum**.

Tais foram as primeiras notícias que chegaram a Moscou daquele misterioso acontecimento que ficou sendo um enigma para a posteridade. A tragédia tinha ocorrido no cidade de Uglitch num lugar remoto, a cem milhas de distância. Por que meios chegara a notícia a Athanasius Nagoy? Que verdade haveria na horrível e concisa narrativa que levara à meia-noite ao enviado de Elisabeth? A resposta a esta pergunta talvez pudesse ser fornecida por uma comissão de inquérito mandada àquela cidade pelo próprio Boris, a quem o tio de Demetrius denunciara como instigador do crime.

A negra figura de Boris Godunov ergue-se na história da Rússia com a mesma funesta proeminência da do conde Godwin na história de Inglaterra: semelhante ao conde saxônio, Boris era sôgro do piedoso e fraco czar, que cingia então a coroa. Semelhante àquele, monopolizava todo o poder do Estado, que êle governava com as autoridade de um regente. Como Godwin, era também um hábil estadista e defensor do seu país contra os estrangeiros, ou dos temidos tártaros ou dos detestados polacos. Mas, igualmente como êle, era acusado de horrendos crimes, movidos — como então se pensava — por uma desmedida ambição que tinha a mira no trono.

A raça dos antigos czares de sangue de Rurik ia desaparecendo. Os seus últimos representantes eram o jovem czar Feodoro e seu meio irmão, de dez anos, Demétrius. A mãe de Demétrius tinha sido a sétima mulher de Ivan, e a Igreja ortodoxa não permitia mais de quatro casamentos. Sôbre êste ponto de vista, Boris diligenciara fazer considerar o pequeno como ilegítimo; mas os moscovitas amavam a dinastia real tanto quanto odiavam Boris e, portanto, êsse projeto falhou. Depois correram boatos, denunciando o pequeno príncipe como um monstro de crueldade, e declarando que êle sofria de epilepsia. Êstes boatos ainda assim não puderam abalar a cega idolatria popular que não tinha sido apagada pelas atrocidades do **terrível** Ivan.

O máximo que Boris pôde conseguir foi mandar o moço czar com a mãe para a pequena e isolada cidade de Uglitch. O seu exílio naquele sítio foi partilhado por dois irmãos da viúva czarina, Miguel e André Nagoy. Boris tinha um agente em Uglitch, um tal Bitiagofski, que era empregado como tesoureiro da casa do pequenino czar. Êste homem e os seus auxiliares eram os **diaks**, aos quais se referira Athanasius Nagoy e nenhuma estima os prendia aos criados do palácio. Era esta a situação quando ocorreram os casos que íamos agora descrever.

UM palácio moscovita naquele tempo apresenta uma grande semelhança ao primitivo grupo de cabanas, rodeadas de baluartes grosseiros, que formaram a morada de Átila e que ainda hoje formam as habitações do **khan** asiático. Semelhante ao célebre Kremlin de Moscou, consistia, não de um único e imenso edifício, mas de numerosas construções separadas e destinadas a salas de reunião, quartos de dormir, cozinhas, cavalariças, tudo situado dentro de um espaçoso recinto rodeado de muralhas de tijolo ou de pedra. Em semelhante pátio era fácil perder-se de vista uma criança em qualquer recanto das construções; e igualmente fácil para o ladrão ou

para o assassino entrar por qualquer lado despercebido.

Neste pátio do palácio de Uglitch, o pequeno Demétrius brincava, numa tarde de maio, com mais quatro meninos. Era justamente a hora depois da refeição do meio-dia; tanto que seu tio, Miguel Nagoy, estava ainda dentro de casa, à mesa, bebendo. A czarina tinha ido para os seus aposentos, deixando uma governante e duas criadas para cuidar do príncipe.

Demétrius tinha nas mãos um pequeno punhal e divertia-se a enterrá-lo no chão. Os seus quatro companheiros de folguedo estavam perto dêle. Havia, portanto, ao todo, sete pessoas para observar seus movimentos. Contudo, houve um instante em que o herdeiro do trono da Rússia desapareceu da vista de todos.

Quanto tempo durou esta ausência e o que sucedeu durante ela nunca se explicou. Mas as três mulheres declararam, depois, que quando o viram em seguida, estava deitado no chão com uma ferida na garganta e morto.

Alarmada pelos gritos delas, a czarina correu precipitadamente para o local e ao vê-lo afirmou que seu filho fôra assassinado. Louca de pesar, a infeliz mãe pegou de uma chibata e com ela bateu na governante, acusando-a de haver dado entrada na côrte aos assassinos. Na mesma ocasião denunciou Bitiagofski como autor do atentado. Chamou pelo irmão Miguel que apareceu acompanhado dos que o rodeavam. Tocou a rebate o sino da igreja vizinha e os habitantes de Uglitch vieram, em multidão, ao lugar da cena.

Entre os chegados, estavam Bitiagofski e seu filho. Com suspeitosa presença de espírito o agente de Boris se esforçou por serenar o tumulto, e começou a explicar em altas vozes que a criança tinha caído sôbre o punhal ou faca num ataque epilético e que se matara involuntàriamente.

Mal a enraivecida czarina lhe ouviu a voz, voltou-se para êle e exclamou:

— Ei-lo, aí está o assassino!

As suas palavras foram o sinal do massacre. Bitiagofski e seu filho foram levados de rastos para um dos edifícios do palácio, e mortos no mesmo instante. Depois seguiu-se uma horrível caçada a homens, na qual todos que tinham ligação com o odiado diak foram perseguidos pelas ruas da cidade e mortos. O corpo da criança foi conduzido para a igreja e uma vítima levada atrás dêle e oferecida em sacrifício.

O massacre só terminou quando o clero interferiu, diligenciando salvar algumas mulheres, que a populaça ainda não tinha despedaçado.

Tal foi a narrativa oficial da tragédia, incluída no inquérito dos comissários imperiais, a qual, extorquida ou fabricada por êles, continuou a tomar-se por verdadeira. Conforme esta fonte de informação, parece que Miguel Nagoy, convencido tarde de que não havia provas contra Bitiagofski oferecera ao oficial de justiça de Uglitch valiosa peita para colocar um punhal tártaro ao lado do corpo do homem assassinado. Parece que a czarina também abandonara as suspeitas contra os agentes de Boris. Denunciou depois duas outras vítimas, a última das quais acusou de ter enfeitiçado o filho, levando-o, portanto, a matar-se; e expressou remorsos em ter tido parte na execução sumária de Bitiagofski.

Louca de pesar, a infeliz mãe, pegou da chibata...

Foi notável a sentença passada por Boris em nome do czar. A czarina viúva foi convidada a retirar-se para um convento. Os Nagoys simplesmente proibidos de entrar em Moscou. Mas todo o pêso da vin-

Ajudou-o com as próprias mãos a mudar de roupa

gança recaiu sôbre os agentes inferiores do massacre. Duzentos cidadãos de Uglitch foram executados. Muitos mais tiveram as línguas cortadas, ou encerrados em cárceres. O resto dos habitantes da cidade foram exilados para a Sibéria, e a mesma sentença foi pronunciada contra o sino que deu o sinal para o morticínio.

Tanto quanto a versão dêste estranho acontecimento pôde exonerar Boris da suspeita de ter instigado o assassínio de Demétrius, foi empregado em sua justificação. A teoria de morte acidental, da qual os Nagoys se apoderassem, como pretexto, para vingar o seu ódio pessoal sôbre o inocente Bitiagofski, foi lògicamente deduzida da narativa dos comissários. Mas aquela explicação não convenseu o espírito popular da Rússia e nunca foi aceita como verdadeira pelos historiadores.

TENTANDO desenredar a verdade da falsidade nesta narrativa, começa-se logo com o duvidoso fato do massacre do agente de Boris pela populaça de Uglitch. Aquêle massacre era, por si só, a mais grave acusação contra Boris. Devemos notar que o verdadeiro fim do chamado inquérito era rebater qualquer acusação, demonstrando a inocência de Bitiagofski. A prova disto está na própria sentença, onde aquêles, que podiam realmente ser responsáveis pela morte de Bitiagofski, foram apresentados, negando as suas suspeitas, para escapar às penas correlativas. Não podendo por forma alguma fazer calar a populaça de uma cidade, foi portanto transportada para além das montanhas Urais, por cima das quais nenhum som pudesse vir revelar a verdade do que houvesse sucedido aquela tarde, em Uglitch. A evidente falsidade da narrativa deduz-se ainda do suicídio de Demétrius. A idéia de que uma criança de dez anos se matasse ou morresse por cair sôbre uma pequena faca, envolve várias impossibilidades práticas. É pràticamente impossível para qualquer pessoa morrer de repente por cortar acidentalmente o pescoço. Mesmo em casos de suicídio, a vítima não acaba súbito e padece por algum tempo; em outras palavras: sangra para morrer. Aqui o depoimento da governante diz que **tinha apenas por segundos tirado os olhos da criança quando a viu, depois, morta no chão.**

É desnecessário insistir nas outras improbabilidades do caso e nas várias contradições entre o sucedido e a primeira notícia chegada ao irmão da czarina, em Moscou, na noite em que êle batera à porta da moradia do embaixador inglês. O ponto que se opõe abertamento à suposta evidência da inquirição, é aquêle em que tôda a testemunha que podia derramar alguma luz, foi constrangida ao silêncio e exilada. Ou o tempo, durante o qual o jovem Tsarino estêve longe das vistas dos seus guardas, foi mais longo do que se tem admitido; ou o corpo encontrado morto no pátio do palácio e depois enterrado no Kremlin não foi o de Demétrius Ivanovitch!

Ver-se-á agora como o destino imprimiu novo aspecto a êsses fatos.

Passaram-se dez anos. O czar Feodoro faleceu muito novo — não sem o auxílio

do seu ambicioso e muito poderoso sôgro, dizem os historiadores. Os moscovitas se acharam sem um representante da linha real a quem pudessem chamar para o trono. O khan dos tártaros ameaçava invadir o sul. O rei da Polônia, vindo do este, preparava-se para obter a coroa. Como os saxões, depois da morte de Eduardo, da Inglaterra, o povo russo se voltou para quem lhe pareceu mais forte e escolheu... Boris Godunov para seu czar.

Depois de certa hesitação, real ou fingida, Boris aceitou a coroa; mas, semelhante ao filho usurpador de Godwin, estava convencido de que a nação era verdadeiramente leal para êle. Governava hàbilmente, mas da memória não se lhe apagava a lembrança dos crimes pelos quais encurtara o caminho para o trono. Em breve se levantaria contra êle um dêsses crimes, embora acariciasse a criança de que estavam sepultos para sempre à curiosidade geral.

Em 1603, depois de Boris ter reinado cinco anos, levantou-se e correu um assombroso boato, iluminando como um relâmpago tôda a superfície da Rússia. O czarevitch não morrera e ressurgia das cenas meio esquecidas do misterioso massacre de Uglitch Tinha sido reconhecido na província de Volynia, estudando latim num mosteiro. Tinha sido visto a guerrear entre os cossacos, bandidos do sul. Passara uma noite num convento em Novgorod-Severski, disfarçado em monge e seguira, não se sabia para onde, no dia seguinte, deixando um papel na sua cela, no qual declarava a sua origem e prometia voltar ali a recompensar o arquimandrita do convento pela sua bondosa hospitalidade.

IGREJA DE VASILI BLAZHENNYI — A fantástica catedral de Pokrovsky, mais conhecida com o nome de igreja de Vasili Blazhennyi, ergue-se na parte inferior da Praça Vermelha, que separa o bazar do Kremlin, sendo uma das maravilhas de Moscou. Foi construída segundo planos de arquiteto italiano e suas tôrres, tôdas diferentes entre si, representam com sua variedade de tamanhos e côres vários frutos (pinhas, melões, etc.). Foi iniciada por Ivan, o Terrível, em 1554, para comemorar sua conquista de Kazan, não sendo terminada antes de 1679. Em 1812 os franceses saquearam e profanaram o templo, que foi restaurado entre os anos de 1839 e 1845.

Finalmente declarara a um nobre polaco, em casa de quem estava então servindo, que preparava a entrada na Rússia, a reclamar pelas armas a sua legítima herança.

A CZARINA IRENE — Teodor Ivanovich ocupou o trono em 1584. Consagrou parte do seu tempo às práticas religiosas, abandonando o govêrno em mãos de seus ministros. Em 1580 casou com Irene, irmã de Boris Godunof.

O lugar em que primeiro se tornou visível êste extraordinário personagem, foi em Bragin, na fronteira da Polônia. Um polonês nobre, o príncipe Adam Wisniowiecki era servido no seu banho por um rapaz, que êle tomara para a sua casa pouco tempo antes. O príncipe mandara-o buscar qualquer objeto de que precisava; o rapaz voltou sem êste.

Zangado pela falta de atenção ao serviço de seu amo, Wisniowiecki deu-lhe um sopapo, chamando-lhe qualquer nome desprezível.

Com lágrimas nos olhos o rapaz queixou-se amargamente, dizendo:

— Ah, príncipe Adam! Se soubesse quem o está servindo não me tratava assim!

— E quem és então, e de onde vens? — perguntou admirado o príncipe.

— Eu sou o czarino Demétrius, filho de Ivan Vassilievitch.

Tal foi a resposta.

Demétrius, se realmente o era, começou a contar a sua história extraordinária. Conforme essa narrativa, o que sucedera em Uglitch fôra o seguinte. Um médico valaico chamado Simon, ao serviço do pequeno czarino, tinha estado secretamente relacionado com os agentes de Boris, que o haviam peitado — para entrar numa conspiração contra a vida de Demétrius. Temendo recusar, e reconhecendo que esta recusa não o livraria de ser mais tarde acusado de haver cometido o crime, Simon aceitou os oferecimentos que lhe fizeram.

Foi fixada uma certa noite para o assassínio, mas no último instante o fiel médico substituiu o príncipe por uma criança escrava. O pescoço da criança foi cortado pelos assassinos enquanto Simon fugia secretamente de Uglitch com o verdadeiro Demétrius, que ficou desde então livre das perseguições de Boris, ora vivendo em mosteiros, ora com os cossacos.

O fiel médico morrera, mas como prova do que dizia, o mancebo apresentava um sinete russo, onde estavam gravados o nome e as armas de Demétrius, e uma cruz de ouro encastoada de magníficas pedras, presente de seu padrinho o príncipe Ivan Mstislavski.

É preciso notar que esta versão dos acontecimentos em Uglitch difere tanto da oficial como da primeira que chegou aos ouvidos de Athanasius Nagoy. Mas devemos dizer que o relatório dos comissários de Boris nunca se tornara público. Permanecia oculto nos arquivos em Moscou e os mais bem informados contemporâneos, que acreditaram na morte do pequeno cesarino, julgaram que ela tinha sido de noite.

A semelhança entre o pequeno Demétrius e o mancebo era completa, tanto quando podia ser restabelecida. Como o rapaz, Demétrius tinha um braço mais comprido do que o outro, e duas verrugas bem visíveis e características na face esquerda. Na figura parecia-se com Ivan, o

Terrível, e a sua pele era trigueira como a da czarina Maria.

Não eram necessárias tantas provas para convencer Wisniowiecki. Deixando o seu ex-criado no quarto de banho, apressou-se em ir procurar a mulher, ordenando-lhe que preparasse um banquete para o czar de Moscou, que estava próximo a chegar como convidado. Depois escolheu os mais esplêndidos vestuários do seu guarda-roupa e as mais belas armas da sua armaria e voltou para o quarto de banho seguido de bastantes criados. Saudando Demétrius como czar, ajudou-o com suas próprias mãos a mudar os humildes trajes de criado pelos de um príncipe e, depois, acompanhando-o, apresentou-o à gente de casa como filho de Ivan e verdadeiro soberano da Rússia.

Durante os meses seguintes não se falou na Polônia senão na maravilhosa aparição de Demétrius. Descobriam-se diàriamente novas provas de identidade, e a sua causa foi reforçada por novos e poderosos aderentes. O príncipe Adam, seu primeiro protetor, levou-o para o castelo de seu irmão, Constantino Wisniowiecki, onde aconteceu estar ali um criado russo que declarou ter servido antigamente em casa do jovem czarino, e reconheceu todos os sinais de identidade entre aquêle e o pretendente. Os polaneses nobres vinham de longe e de perto em multidão ver o csar fugitivo, que conquistou tôdas as simpatias pelas suas maneiras nobres e graciosas, a sua bela ciência de equitação, os seus conhecimentos da língua polonesa, que falava tão bem como a russa e finalmente pelo seu respeito pelas instituições polonesas em particular, pela igreja católica romana.

Enquanto Demétrius estava causando esta impressão favorável na Polônia, um monge russo da igreja ortodoxa, chamado Gregório Otrepiev, ia pelas aldeias cossacas anunciando a chegada do legítimo czar, e excitando-os contra o odiado intruso. Boris, que a princípio considerara Demétrius um simples aventureiro audacioso, começou a ficar sèriamente inquieto. Mandou oferecer dinheiro e estados aos dois Wisniowieckis se lhe entregassem o impostor. Os altivos poloneses nem sequer se dignaram responder a semelhante pedido. Mas Constantino, receioso de que o seu hóspede estivesse tão perto da fronteira, mudou-o para a residência de seu sôgro, o palatino Mniszek, que então governava o distrito de Sandomir com todo o poder feudal.

Ali, foi Demétrius reconhecido outra vez por um velho soldado polonês, que tinha sido em tempos feito prisioneiro. Êste veio dizer que durante o seu cativeiro tinha sido mandado a Uglitch, onde vira muitas vêzes o pequeno Demétrius. Êle também testemunhou a identidade do recém-vindo com o jovem czar.

O palatino de Sandomir não fêz dificuldade alguma em reconhecer o seu hóspede como o czar de Moscovia. Demétrius mostrou-lhe as cartas que recebera do monge Otrepiev, nas quais se declarava que as tribos cossacas estavam amadurecendo uma revolta. Mniszek convencionou associar os seus bens à tentativa do pretendente e levantar um exército de polo-

O jovem czar esperava-os com Basmanif ao lado.

neses. Em troca ficou secretamente combinado que, tão depressa Demétrius se achasse senhor do trono moscovita, casaria com a formosa filha do palatino, Marina, e daria ao sôgro a província de Smolensk, além de lhe pagar um milhão de florins.

Tornava-se, porém, urgente e necessário obter o assentimento do rei da Polônia, Segismundo III. Segismundo movia-se pela influência do núncio do Papa, e houve então uma negociação secreta entre o núncio e Demétrius por intervenção de alguns jesuítas de Sandomir.

Era sabido que qualquer profissão manifesta de fé católica seria fatal às esperanças de Demétrius. sendo os russos tão fundamente dedicados à sua própria igreja, e detestando tanto as crenças do ocidente que as confundiam contìnuamente, até no nome que lhe davam de heresia do Lutero Romano. Mas o pretendente deu secretamente a sua adesão à igreja católica, e jurou a si próprio que, uma vez coroado em Moscou, havia de fazer todo o possível para trazer os moscovitas ao grêmio da fé romana. Isto foi bastante para o núncio.

Havia ainda, porém, muitos poloneses de elevada categoria que recusavam acreditar na história de Demétrius. Para os vencer, recorreu-se ao extraordinário estratagema de fazer crer que o pretendente era realmente um filho natural do grande rei polonês. Estevam Batori; assim, milhares dêsses que nunca o suportariam como filho de Ivan, o Terrível, de boa-vontade cederam à idéia de colocar um príncipe polonês no trono da Rússia.

Seguiu-se a pública recepção de Demétrius pelo rei Segismundo. O rei polonês no trono, rodeado pela sua nobreza, esperou que o núncio conduzisse Demétrius que, avançando comovido e trêmulo de cabeça descoberta, beijou a mão que Segismundo lhe oferecia. Depois, em eloqüente linguagem, o mancebo relatou a história da sua vida, a milagrosa fuga e a subseqüente vida errante. Concluiu fazendo apêlo à proteção do rei e ao seu auxílio para recuperar a coroa dos seus maiores.

Segismundo ouviu-o em silêncio e fêz-lhe menção de se retirar, enquanto o seu pedido ia ser meditado em conselho. Um camarista conduziu-o para uma sala próxima, onde esperou no meio de uma multidão de cortezãos pela resposta que ia decidir do seu destino. Pouco depois entrava o núncio, que o levou pela mão novamente à presença do rei polonês. Desta vez Demétrius ficou silencioso, de cabeça curvada, as mãos encruzadas sôbre o peito, em atitude suplicante, enquanto Segismundo falava:

— "Deus vos salve, a vós, Demétrius, príncipe da Moscovia! É-nos conhecido o vosso nascimento por evidentes e fidedignas testemunhas; nós vos mantemos uma pensão de quarenta mil fiorins, e, como nosso amigo e hóspede, vos permitimos aceitar a direção e serviços dos vossos vassalos."

O mancebo que meses antes tinha sido um humilde criado em casa de Adam Wisniowiecki, e que naquele momento era pùblicamente saudado por um grande rei, como herdeiro da Rússia, ficou mudo e subjugado pela emoção. Pôde apenas fazer uma profunda reverência e retirar-se, deixando Segismundo vagamente descontente desta entrevista. Talvez o monarca polonês tivesse já o pressentimento de que êste humilde suplicante não provaria ser tão dócil como supunha o núncio de Sua Santidade.

A cerimônia do reconhecimento público de Demétrius na côrte de Polônia foi uma ameaça que o czar Boris não podia desprezar por mais tempo. Mandou a Cracovia um embaixador, para fazer uma representação persuasiva a Segismundo e para pedir a extradição do chamado príncipe de Moscovia.

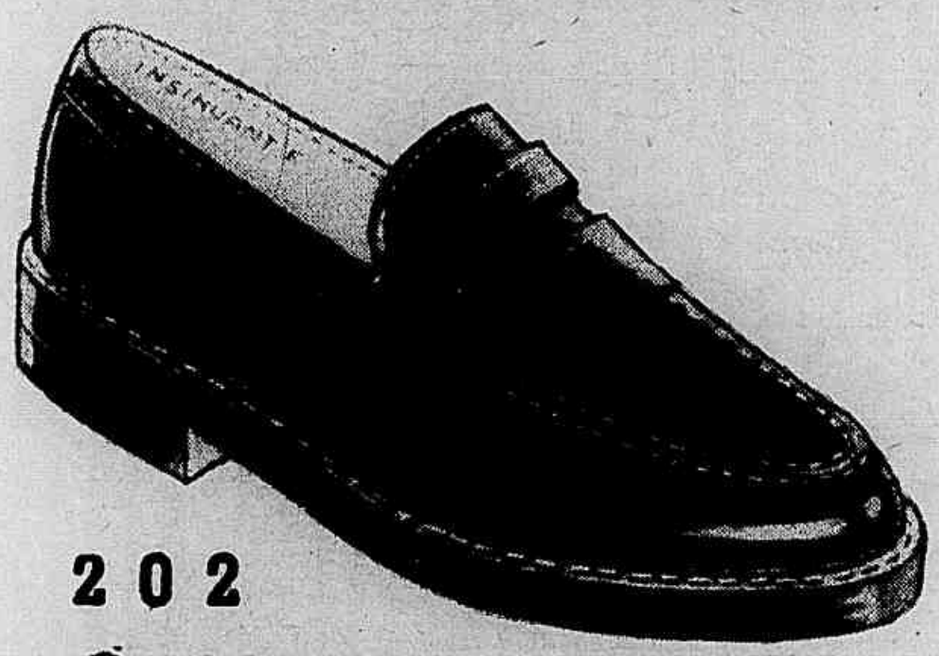
Entretanto, Boris reconheceu que não era bastante denunciar Demétrius como impostor. Se não era o filho de Ivan, era necessário explicar quem e o que realmente era. Segundo as instruções recebidas, o embaixador do czar declarou que o pretendente era realmente aquêle mesmo Gregório Otrepiev que estivera, representando como seu arauto, entre os cossacos. Foi fixado o aparecimento de Gregório pelo ano de 1603. Era um monge expulso da ordem, de costumes dissolutos e ébrio, tendo passado a vida a percorrer os mosteiros russos. Àquele ano foi declarado que êle atravessara a fronteira até a Lituânia e induzira um padre polonês, por uma fingida confissão, a escrever ao seu rei, anunciando ser êle o czarevitch desaparecido.

Tal foi a situação arranjada contra Demétrius para defesa do czar. Foi corroborada por solene excomunhão pelo patriarca de Moscou na qual o pretendente era indicado pelo nome de frei Gregório, como

(Continua no fim da revista)

Mande os seus filhos á ESCOLA!

201



202

203

204

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURIDÃO EM QUE VIVE.

201 — CrS 150.00: Um preço que só a Insinuante pode ter. Vaqueta preta, saltos de borracha, esportivo e cem por cento colegial. Numeração de 28 a 39.

202 — CrS 200.00: Passeio, esporte e colégio. Ótima vaqueta preta, saltos de borracha. Numeração de 28 a 39.

203 — CrS 150.00 e CrS 200.00 respectivamente de 23/32 e 33/44: Um sapato para andar e durar. Ótima vaqueta preta, sola dupla c/ponteiras de aço.

204 — CrS 200.00: Um grande sapato colegial. Bezerro prêto, saltos de borracha, cordonetes de couro, dois ilhoses (tipo oficial). Numeração de 28 a 40.

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

AT. SEMOG

- **A revolução essencial de nossa época: a emancipação das mulheres, dos trabalhadores da indústria e dos indígenas.**
- **Hoje, as mulheres rivalizam com os homens num mundo constituído e dirigido por êles, de modo que os homens — principalmente nos Estados Unidos — começam a realizar trabalhos que até aqui foram efetuados por suas companheiras.**
- **A repercussão da emancipação dos trabalhadores industriais em nossas escolas. Dificuldades de realizar um ensinamento particular e próprio das crianças dotadas de grande inteligência.**
- **Necessidade de apressar a libertação dos povos coloniais antes de que sejam tragados pelo comunismo.**
- **Emprêgo e contrôle da energia atômica pelo homem. Atualmente, a emancipação se efetua em escala mundial. A humanidade corre o maior perigo de sua história.**

O ALTO PREÇO DA

A humanidade atravessa a era da sua emancipação. Até aqui os povos do mundo, em sua grande maioria, têm vivido e morrido no frio e na obscuridade e, quase todos, admitem que essa existência não passava de um fato natural.

As massas, outrora passivas, puseram-se em marcha e o movimento assumiu amplitude mundial. Teve êle seu início há menos de dois séculos, nos Estados Unidos e na Europa ocidental. Há cem anos — cinqüenta talvez — o mundo ainda estava sob a férula de uma minoria privilegiada de ocidentais da classe média, que o governava sem o seu beneplácito. Hoje o domínio do homem ocidental das classes médias está anulado por uma verdadeira multidão de "não-privilegiados": mulheres, trabalhadores da indústria, camponeses, famintos da África, da Ásia e de alguns países da América.

As mulheres representam a massa mais importante dessas três categorias porque, mais cedo ou mais tarde, a sua emancipação afetará a vida de todos. Elas vão empreender uma revolução de tais proporções que exigirá dos homens considerável esfôrço de adaptação psicológica, provocando extraordinária mudança nas tradicionais relações entre os sexos.

AS MULHERES DEVEM PAGAR O PREÇO — Hoje, como no momento do aparecimento da agricultura, no período neolítico, as mulheres desempenham importante papel na realização de tarefas que, tradicionalmente, lhe são próprias (trabalhos domésticos e criação de filhos). Mas já se esboça uma revolução no papel desempenhado pela mulher no âmbito da economia. Isso, por um lado, é devido à mudanças tecnológicas — a substituição da fôrça muscular pela fôrça mecânica — e por outro à penúria da mão-de-obra masculina durante as duas guerras mundiais. Porém, na vida das mulheres, a revolução não se limita apenas ao sentido econômico, mas também ao social e psicológico. Para elas o fato de completar o trabalho do homem constitui, de um certo modo, uma emancipação.

Entretanto, pagam essa emancipação com uma grande tensão psicológica. Isto porque o mundo no qual a mulher se aventurou é um mundo feito para o homem. E o homem, no correr dos tempos, procurou construi-lo à imagem de sua própria natureza! Assim, as mulheres que penetram nesse mundo masculino do trabalho, devem adaptar-se melhor que êles, à sua maneira masculina. Não há dúvida de que, com o

tempo, as mulheres que trabalham chegarão a modificar as condições de sua vida profissional para adaptá-la à sua natureza. Essa evolução, entretanto, levará muito tempo e, nesse período de transição, as mulheres terão que sofrer amargamente!

Durante êsse tempo — provàvelmente de maneira definitiva — as mulheres num mundo onde a maioria se entrega ao trabalho sentirão a falta de assistência feminina em seus lares. Até nossos dias, nunca uma dona de casa deixou de ter outra mulher para a ajudar nas tarefas domésticas que ultrapassam as fôrças de uma só pessoa. O auxílio feminino, no lar, assumia formas

LIBERDADE

as mais diversas. Segundo a condição social, podia ser: uma escrava, uma irmã, uma vizinha ou uma tia.

Hoje, a fábrica ou a vida profissional arrebatou do lar essa assistência, mesmo às famílias relativamente ricas. Há o caso passado entre duas guerras, de uma jovem mulher, cujos filhos eram todos pequenos; um belo dia julgou que era do seu dever ter uma atividade social, decidindo freqüentar um curso. Quando comunicou êsse desejo a sua mãe, esta logo avisou que não poderia ajudá-la, porque também resolvera cursar uma escola e não teria mais tempo para cuidar dos netos.

Não conhecemos o desfecho da história, mas ela bem ilustra o pensamento do autor.

As mulheres que se entregam aos estudos superiores são as que enfrentam as maiores dificuldades para realizar o trabalho de duas pessoas. Essas mulheres se arriscam a fracassar na vida sócio-familiar.

A CRIANÇA DEVE TER A PRIMAZIA — Êste é problema que não pode ser resolvido mediante o uso de aparelhos aperfeiçoados (por mais úteis que sejam) ou pela organização racional das atividades da mulher.

Em geral, a criança tem necessidade de sentir que sua mãe lhe consagra todo o seu

Arnold J. Toynbee é, para muitos, o maior filósofo da atualidade. São dêles os comentários que publicamos sôbre o que êle chama de a Idade da Emancipação, quando milhões de sêres adquirem novas liberdades com o risco de perder a Liberdade real...

tempo e que suas exigências estão acima de qualquer outra coisa. Sem esta certeza, a criança não gozará dêsse sentimento de segurança tão indispensável ao seu desenvolvimento como os alimentos, o ar e a luz.

O problema da mulher, como o da mãe que passou pela universidade, está agora mais difícil do que nunca, como o demonstra a comparação que faz Toynbee entre a situação de sua mãe e a de sua filha.

Seus pais pertenciam à classe dos intelectuais pouco remunerados, e consideravam-se pobres em relação a outras pessoas de seu meio.

Quando o autor tinha cinco anos, sua mãe cuidava dêle, o que era considerado por todos os vizinhos como **um infortúnio determinado pela pobreza**. Não obstante, havia ainda em casa uma cozinheira, uma arrumadeira e, após o nascimento de duas irmãs, uma governante e uma ama! Tudo isso para cuidar da família!

Hoje, um serviço doméstico desta amplitude corresponde ao nível de vida de um multimilionário.

"Agora vejamos o caso de minha filha — diz Toynbee. — Casou logo após a segunda grande guerra e, como minha mãe, recebeu uma educação universitária. Ainda como minha mãe, pretendia tirar partido dessa educação. Formada em medicina, trabalha como assistente de um médico de Oxford e seus ganhos profissionais servem para pagar as despesas com uma só criada que tem a seu serviço.

"Apenas duas pessoas para cuidar de cinco crianças menores de nove anos; isto explica porque a idéia de repouso nunca figurou na imagem que minha filha faz da vida de mulher casada.

"Minha filha e minha mãe, cada qual em sua geração, nasceram durante a primeira fase da era da emancipação da mulher. No curso desta fase, o esfôrço de adaptação necessária entre os sexos, em sua grande parte, tem sido realizado pela mulher. Porém, nos Estados Unidos, com meus olhos de europeu, entrevejo o eclodir da segunda fase, durante a qual, o esfôrço de adaptação **não será mais num sentido único!**

O HOMEM — TRABALHADOR DOMÉSTICO — Os homens também mudam; agora que as mulheres tomam parte nos trabalhos das fábricas e dos escritórios, os homens são levados a participar dos trabalhos... domésticos. Nesta adaptação do elemento masculino, parece-me que o homem norte-americano (marido e pai) é um pioneiro. E é certo que os norte-americanos sempre foram mais úteis no lar do que os europeus.

No passado, a constante expansão do território americano tornava raros (e dispendiosos) os empregados domésticos. Nos lares situados em regiões afastadas, o homem, como a mulher, devia saber fazer tudo. E não se pode negar que, neste domínio como em muitos outros, a época dos pioneiros deixou forte impressão na vida americana.

Mesmo que a vida nas regiões longínquas não houvesse predisposto o marido e o pai americanos a liderar êste movimento que fêz o homem participar dos trabalhos domésticos, a mecanização da indústria, que encontra seu ponto culminante na utilização da energia atômica com finalidades pacíficas, determinará, cedo ou tarde, o surgimento dêsse mesmo problema, que terá de ser resolvido pelos maridos e pais de todo o mundo. A mecanização diminui os horários de trabalho nas fábricas e nos escritórios. E dificilmente o homem será tão indiferente a ponto de passar suas longas horas de lazer deitado sôbre uma cadeira a olhar a espôsa realizar **sòzinha** todo o cansativo trabalho doméstico!

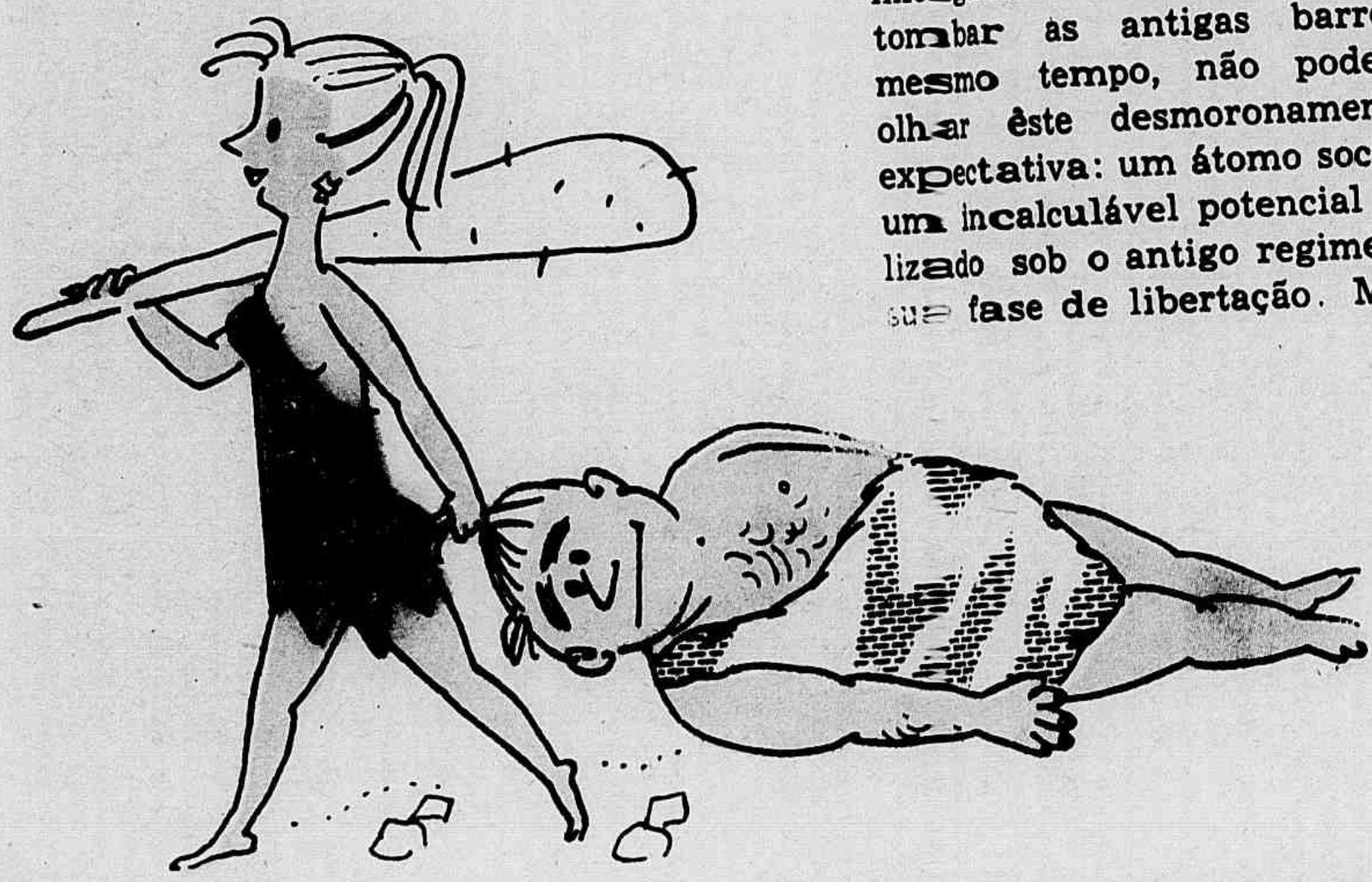
O orgulho pode também levar o homem a querer provar que é tão hábil para os "afazeres femininos" quanto as mulheres o são para os "afazeres masculinos". E o "processus" da emancipação terminará logo que esta diferenciação dos sexos (velha como o próprio mundo) com relação aos respectivos afazeres, fôr reduzida ao mínimo.

Na realidade, uma associação feita num plano de igualdade perfeita, mesmo dentro dos limites determinados pela natureza, não poderá existir sem que os homens se submetam a um grande esfôrço de adaptação psicológica tão difícil e tão penoso quanto o que está sendo realizado pelas mulheres. As mulheres sofrem muito, antes de adaptar-se completamente à vida das fábricas e dos escritórios; mas o homem não se ressentirá menos em sua luta pela adaptação aos trabalhos domésticos.

Questões semelhantes serão levantadas à propósito da emancipação dos dois outros grupos: os trabalhadores industriais e os povos subdesenvolvidos. Através da longa luta dos trabalhadores industriais pela sua emancipação econômica e política, sua superioridade numérica tem sido um de seus raros elementos de fôrça. Para tirar partido desta vantagem, tiveram de submeter-se a uma rígida disciplina, pois **se a multidão não houvesse aprendido a agir como um único homem**, sua derrota seria um fato consumado. Assim, a emancipação dos trabalhadores industriais se tem realizado no mesmo sentido da mecanização da vida econômica: ela conduz à arregimentação e arregimentação é uma ameaça à liberdade do empreendimento individual.

Os trabalhadores industriais compreenderam, sòzinhos, que "a união faz a fôrça" e as populações, outrora exploradas, da Ásia, da América e da África começam também a compreender êsses fatos.

Os povos subdesenvolvidos estão ansiosos por mudar sua situação política e econômica. O fato de ser tratado por indígena é intolerável para o ser humano que adquiriu a consciência do caráter sagrado da pessoa humana. Ou o indígena será emancipado voluntàriamente por uma fôrça estranha ao poder, ou êle próprio imporá o reconhecimento dos seus direitos, provocando distúrbios e opondo dificuldades de tôda ordem. Neste último caso dois meios se lhe apresentam: um é a utilização de armas modernas; o outro consiste em voltar-se para o comunismo; e a maneira mais eficaz de agir é ainda recorrer aos dois meios ao mesmo tempo.



O ELEVADO PREÇO DA PAZ — Eis, então, a grande revolução da nossa época: a emancipação que nos atinge a todos e em particular as mulheres, os trabalhadores da indústria e as populações indígenas subdesenvolvidas. E percebemos que encaramos essa evolução com sentimentos mitigados. E até nos regozijamos por ver tombar as antigas barreiras. Mas, ao mesmo tempo, não podemos deixar de olhar êste desmoronamento com grande expectativa: um átomo social se desintegra; um incalculável potencial humano, neutralizado sob o antigo regime, está, agora, em sua fase de libertação. Mas como tal potencial é humano, claro está que não agirá **automàticamente**. Qual a direção que tomará a onda humana?

Tudo nesta vida tem seu preço. A aplicação da lei da oferta

e da procura não faz necessàriamente aparecer os mais belos aspectos do mundo. Nossas necessidades podem ser bastante prementes para criar um mercado para o vendedor. Mas se os preços são proibitivos, as conseqüências poderão vir a ser trágicas. Tomemos um exemplo: nossa época tem uma necessidade absoluta de paz e de ordem internacional. Hitler tentou satisfazer essa necessidade, porém, seguindo os seus próprios métodos. Qual era o preço exigido? Pedia que o mundo se submetesse à uma Alemanha dominada pelos nazistas; exigência tão intolerável que o mundo preferiu rejeitar a oferta de Hitler e aceitar o preço de uma segunda guerra mundial, preço terrível, pois a segunda guerra mundial não fêz mais do que afastar a solução proposta por Hitler para o problema mundial, sem, contudo, resolvê-lo.

Hoje em dia, a tentativa feita por Hitler para dominar o mundo e a dérrota que lhe foi infligida já fazem parte da história antiga, **pois tudo isto teve lugar durante a era pré-atômica**. A invenção das armas atômicas tornou mais imperiosa nossa necessidade de paz e de ordem internacional.

A paz tem seu preço. A emancipação também. A necessidade de emancipar a maioria não privilegiada da humanidade é uma evidência. Se a minoria ocidental responsável se recusar a auxiliar a maioria da raça humana no sentido de uma emancipação, à qual (segundo os próprios princípios da filosofia ocidental) ela tem direito, poderíamos estar certos de que as justas reivindicações desta maioria contra nós terão mais eficácia quando explora-das pelo comunismo. Sob a inspiração dos comunistas, a potência revigorada destas aspirações não satisfeitas da maior de tôdas as injustiças sociais seria convertida numa fôrça explosiva altamente devastadora.

POR QUE PRECISAMOS DE LIBERDADE — A gravidade e a urgência dessas considerações políticas não podem escapar a quem quer que seja. Mas há uma outra razão, ainda mais profunda do que esta sanção política, e que nos leva a desejar a justiça social. Esta razão mais profunda é a nossa fé, de homens ocidentais, no "caráter sagrado da personalidade humana", e conseqüentemente, nos direitos do homem que dêle decorrem. É crença que se acha profunda e sinceramente arraigada no espírito da maioria dos ocidentais. Sabemos que é uma causa pela qual estamos prontos para sofrer, combater, e se necessário, morrer. Tal sentimento é partilhado pelos agnósticos ocidentais como por todos aquêles que se acham conscientemente ligados a qualquer uma das nossas antigas religiões. É na fé tradicional do cristianismo ou do judaísmo que se encontram as raízes. E o sentimento está fundamentado sôbre a maneira bíblica de encarar as relações entre Deus e o Homem.

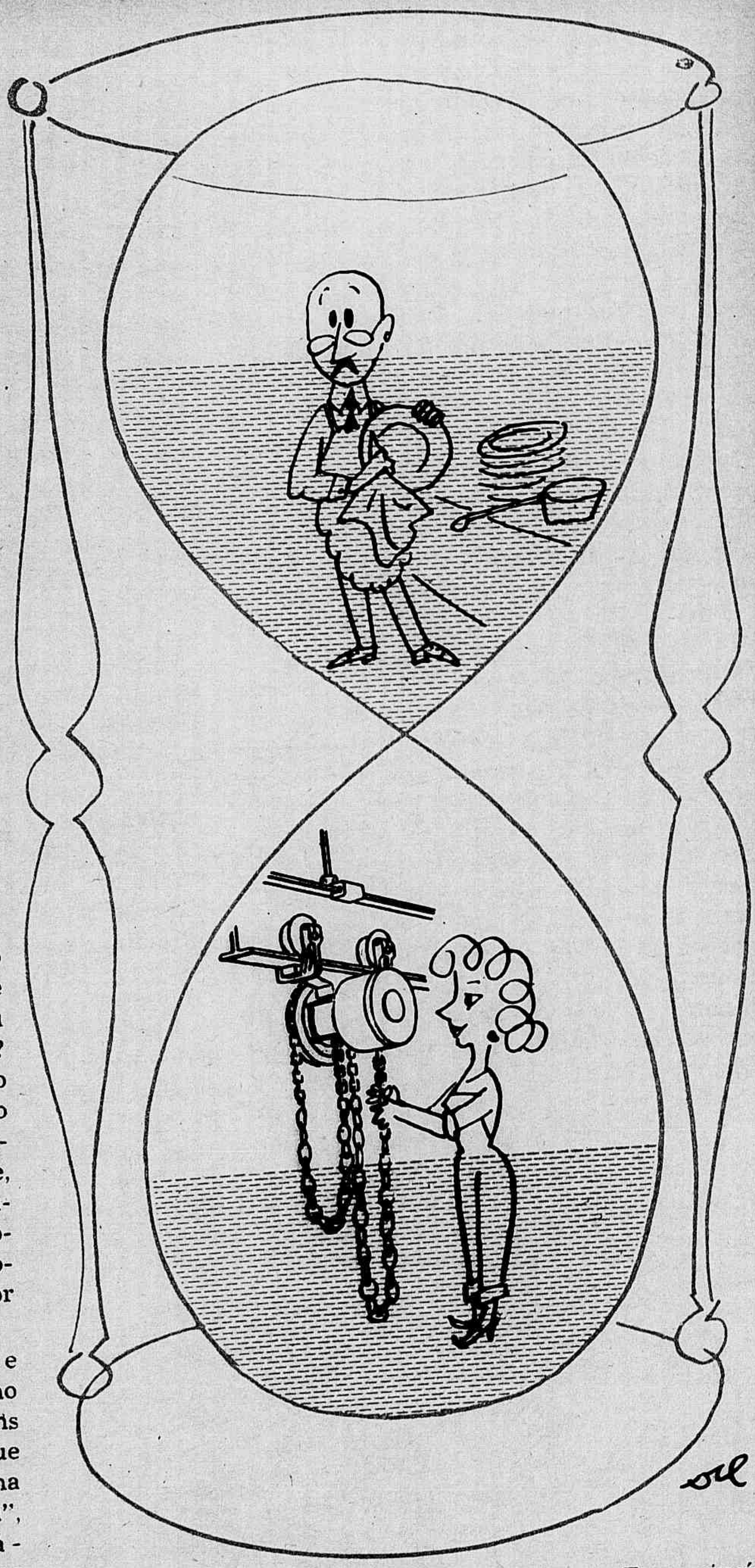
Se tudo isto é verdadeiro, seria inócuo e vão levantarmo-nos contra esta aspiração universal de emancipação. Mas isto não quer dizer que um movimento dessa natureza encerre em si certos perigos, ou que o preço exigido não seja muito elevado. De fato, os perigos são evidentes. Os destinos da humanidade são sempre difíceis de dirigir, mesmo que os dirigentes possuam uma larga experiência. Atualmente, a minoria dos homens ocidentais da classe média que, num passado próximo, foram dirigentes mais ou menos hábeis, está submergida

por uma massa de recém-chegados relativamente pouco hábeis ou experientes: as mulheres, os trabalhadores da indústria, os indígenas, etc., que pela primeira vez tomam parte no govêrno do mundo.

A democracia é, sem dúvida, um direito natural do homem, mas, de modo algum, pode ser exercida sem um mínimo de experiência prática. Em certas regiões do globo, temos assistido a espetáculos entristecedores de populações, teòricamente livres, que se tornaram vítimas de aventureiros políticos ou de tiranos inescrupulosos **porque não souberam utilizar os poderes de que, repentinamente, lançaram mãos.**

Na Rússia, por exemplo, a primeira das duas revoluções de 1917, tinha por fim dar ao povo russo um govêrno constitucional representativo baseado no modêlo ocidental. Por que êsse regime liberal caiu no fim de alguns meses? Por que foi êle substituído por um regime autocrático mais opressor que a autocracia tzarista, e porque, finalmente, esta nova autocracia se manteve no poder durante 38 anos, prometendo permanecer por mais tempo ainda?

Simplesmente porque não havia, em 1917 (como não há em 1956), homens na Rússia Soviética que possuam experiência na direção da "coisa pública", experiência necessária para que um regime verdadeiramente democrático possa funcionar. Lancemos um olhar sôbre a constituição que, teòricamente, rege no momento a União Soviética. Em princípio, outorga aos cidadãos soviéticos os mesmos direitos de que deviam gozar em 1917,



sob o regime de Karenski, os mesmos direitos de que gozam efetivamente, em nossos dias, os cidadãos norte-americanos, suíços, franceses, brasileiros e inglêses. Mas a democracia não existirá na Rússia a não ser quando os próprios cidadãos soviéticos forem capazes de intervir diretamente no govêrno do país..

O PERIGO DA VELOCIDADE — Um segundo perigo nasce da tensão psicológica imposta pela rapidez da emancipação. Pois a emancipação geralmente acarreta uma revolução nos modos de vida.

"Um dos meus amigos inglêses — prossegue Toynbee — antigo professor do Colégio de Achimota, fundado na costa do Ouro para as populações africanas, após a primeira guerra mundial, fêz-me uma descrição viva — e vívida — da revolução econômica, social e psicológica que varreu, como furacão, a África Ocidental durante os últimos trinta anos. Ali, no curto espaço de uma vida, populações passaram da idade do ferro — talvez mesmo do último período da idade da pedra — para a agitação e a técnica dos tempos modernos!

Quem viajar de avião através da África Ocidental, saberá de antemão que a velha mulher africana que se acha sentada a seu lado foi criada num mundo de fétiches e de feitiçaria. Entretanto, escolheu o mais rápido dos meios de transporte para conduzí-la aos armazéns onde comprará mercadorias que serão vendidas em sua grande mercearia.

No espaço de uma vida, esta velha mulher conheceu mudanças que, para nós, americanos e europeus, vieram lentamente, através de gerações e gerações, durante numerosos séculos. Ora, se para nós é difícil suportar a rapidez das mudanças culturais, pensemos no que deverá significar tudo isto para ela. Quão formidável deve ser a tensão exercida sôbre sua resistência psicológica?

Para se resolver o problema da adaptação social ultra-rápida, uma das chaves é evidentemente a educação. Mas utilizar a educação como um "nivelador" constitui também um perigo: é sempre mais fácil nivelar, levando em consideração o mais baixo grau do que o grau mais elevado. Na Inglaterra, por exemplo, as facilidades educacionais, concedidas a um maior número de crianças — reforma necessária e desde há muito esperada — parece ter sido seguida de um rebaixamento do nível de estudos. E o zêlo, desenvolvido para se conseguir chegar à igualdade intelectual, parece assumir proporções extravagantes. É profundamente elogiável o fato de se permitir que as crianças de pais sem recursos tenham acesso às facilidades educacionais, até então reservadas às crianças ricas. E de modo algum devemos paralisar o desenvolvimento intelectual de uma criança altamente dotada, quer seja rica ou pobre. Decretar que uma criança inteligente deva ser mantida ao nível intelectual de seus contemporâneos menos brilhantes, é transformar a luta pela igualdade em uma guerra contra a natureza, na qual os ideais perseguem seus fins. A teoria ideal dos "mesmos direitos para todos" transmuda-se numa contra-teoria que poderia ser assim enunciada: **Nenhum direito para ninguém!**

Eis aí uma terrível ameaça aos interêsses vitais da raça humana!

O PERIGO REPRESENTADO PELO ÌNDICE DE NASCIMENTOS — Numa época em que as viaturas à tração animal constituem o mais rápido meio de locomoção, as autoridades podiam permitir que a circulação seguisse suas próprias regras, pois as colisões podiam ocorrer sem que causassem grandes prejuízos. Na idade da eletricidade, seguir rota própria equivaleria a um suicídio; assim, a circulação teve de ser severamente regulamentada. Já na idade atômica nem sequer poderemos nos mover sem a existência de leis que regulam as relações do trânsito no sentido internacional.

Mas o domínio das comunicações, o da guerra e o da paz são os únicos departamentos da vida social, de onde desapareceu a margem de segurança, em razão das aplicações práticas da ciência. As doenças marchavam paralelamente às guerras para manter a população do globo a um nível não excedente à capacidade mundial de produção alimentar.

Em nossa época, a higiene pública permitiu baixar consideràvelmente a taxa de mortalidade, e isto não sòmente nos

(Continua no fim da revista)

O MISTÉRIO DAS ESFERAS VERMELHAS

Romance de JOHN WYNDHAM

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

O "Guinevere", transatlântico de luxo, cruzava as quietas águas diante dos Açores, sob um luar maravilhoso, quando um casal, que nêle viajava, observa a queda no mar, de várias esferas vermelhas, que ao tocar a água desprendem vapor, ficando a água a ferver durante alguns minutos. O mesmo fato é observado em outros trechos oceânicos por passageiros de outros navios e aviões e o Almirantado decide fazer descer observadores, em um batiscópio, ao fundo das águas, a fim de procurar resolver o mistério.

Desgraçadamente, atingindo pouco mais de duas milhas e meia de profundidade, os exploradores cessam qualquer comunicação com o navio que lançara o batiscapo e o cabo, içado às pressas, está cortado, fundido! Então, aqui e ali, navios começam a ser tragados pelas ondas, inexplicàvelmente, ou a explodir, pura e simplesmente, sem qualquer razão aparente, chegando-se à conclusão de que as tais esferas vermelhas continham sêres pensantes e que tôdas aquelas catástrofes lhes eram devidas. Por quê? Desejavam acabar com os habitantes da Terra? Pouco depois inimagináveis quantidades de peixes, de todos os tipos e tamanhos morrem e flutuam nas águas onde mergulharam as esferas. Inglaterra, Rússia e Estados Unidos decidem reagir e lançam bombas atômicas de profundidade. Só a primeira explode. As outras tiveram sua explosão *suspensa por alguma vontade desconhecida*.

Aflições sobrevieram em Chiltern Hills, onde uma população já instalada e organizada, se viu de súbito inquietada com as correntes de refugiados que convergiam do Este e de Londres para aquêle sítio.

Londres estava sendo sèriamente avariada pela avalanche, e nada era possível fazer para evitá-lo. Habitantes de Lea Valley, Westminster, Chelsea, Hammersmith, deixavam suas casas tardia e forçadamente; mas, quando todos viram que as águas continuavam a subir, houve pressa em serem localizadas as populações lá para as terras mais altas de Hampstead e Highgate. Quando as águas atingiam também aquelas plagas, levantaram-se barricadas e até defesa armada foi posta em ação, pois as multidões passaram a cometer saques e a armar-se perigosamente. Outros se entrincheiravam nos sobrados e, lá das janelas, procuravam hostilizar as hordas em desespêro, alvejando-as para desalojá-las.

Durante vários dias as partes centrais de Londres ficaram com os ares modorrentos de repetidos domingos; algumas pessoas ainda continuavam a proceder como se o tempo fôsse normal. Mas a polícia mantinha as patrulhas de ronda. Embora o caminho subterrâneo tivesse sido inundado, o serviço de transportes não parou de todo e alguma coisa se fazia, como de hábito e de acôrdo com o momento.

Gradualmente, então, passaram a crescer os atos de desordem interna vindos do subúrbio, e a anarquia se tornou inesbarrável. Tudo isso se agravou com a queda definitiva da energia elétrica, já precária e, numa noite, a cidade foi mergulhada na mais completa escuridão, o que significou o tiro de misericórdia nos restos de ordem que ainda se mantinha. Os saques cresceram vertiginosamente em casas comerciais, especialmente nos estabelecimentos de comestíveis, desafiando a polícia e outras classes militares às quais estava entregue a defesa da propriedade privada.

Não quero entrar em maiores detalhes sôbre o que ocorreu a partir de então. É uma história triste, essa que se seguiu no ano que ia começar. Sobreveio o mais longo e rigoroso inverno da Inglaterra, e as águas nos afligiam muito mais do que esperávamos. Havia bandos armados perambulando pelas ruas em busca de alimentos nas casas e armazéns do gênero; ouvia-se, então, o ruido do tiroteio, de dia ou de noite, sempre que tais grupos se encontravam no mesmo caminho.

Quando o calor voltou, não se notou que a população nas ruas se tornasse normal. O motivo era óbvio: muita gente procurou o interior do país, abandonando Londres e seus arredores, onde a calamidade da falta de víveres persistia, agravando-se a situação com a ameaça de epidemias e carência de água potável. Por êste motivo, os choques armados e os disparos de armas de fogo entre os grupos se foram tornando cada vez mais distantes. Já no meio do verão, e um verão bastante

rnyllis recuou com um grito rouco. Um dos tentáculos se enrolara no seu antebraço e logo come

friorento, a cidade retomou sua tranqüilidade. Os grupos de agitação e desordem desapareceram; apenas um ou outro caso individual. As marés seguintes vieram com os mais elevados níveis que se podiam imaginar. Chegavam a atingir cinqüenta pés. As maiores marcas dessa anomalia estavam em Hammersmith e Kensington. Fizeram-se sentir ao longo da parte sul de Hyde Park e Piccadilly, através de Trafalgar Square, ao longo de Strand e Fleet Street, correndo então ao oeste de

çou a arrastá-la em direção á janela.

Lea Valley; a cidade pròpriamente dita só ficou intacta em certo trecho de St. Paul.

Um dia, Phyllis e eu fomos andar por Trafalgar Square. A maré subia e a água atingia quase ao cimo do paredão norte abaixo da National Gallery. Debruçamo-nos à balaustrada a olhar as águas que lançavam em tôrno dos leões de Landseer, e pensávamos o que deveria imaginar lord Nelson se visse sua estátua naquela situação. Fontes, postes de iluminação, postes-sinaleiros, e estátuas começavam a sofrer pressão de cá e de lá, com a fôrça das águas. À nossa vista, por todo aquêle espaço, como presenciávamos de Whitehall, a superfície semelhava imenso canal estuante de água lamacenta. Algumas árvores ainda se mantinham de pé, e em suas folhagens os pardais chilreavam. Os estorninhos ainda não haviam fugido da igreja de S. Martinho; mas os pombos já se haviam ido. Gaivotas ainda se mantinham em seus pontos prediletos. Nós observávamos o cenário e ouvíamos, apreensivos, o clic-cloc, das pequeninas marolas na muralha em meio do maior silêncio.

SÚBITO surgiu lá do Admiralty Arch, em grande velocidade, um barco a motor; fêz uma curva tão fechada a certa altura, que espadanou pingos d'água às janelas do augusto escritório governamental.

— Muito bonito — disse eu, satisfeito por ter apreciado aquela proeza.

Phyllis fitava as ondas que se alargavam com a velocidade do barco. Depois falou:

— Seria melhor saber se não teremos de recorrer a uma dessas lanchas. Talvez venham a ser-nos úteis, mais tarde.

E o frio verão descambou para um mais frio outono. Um rumor de que os **tanques do mar** iriam aparecer novamente, desde que as águas começassem a subir, chegou até nós. E notícias se espalhavam de que, realmente êles faziam reaparecimento em vários lugares onde as fôrças haviam montado guarda, mas, devido ao número insuficiente de tropas e armas, tinha sido impossível destruí-los.

No Ano-Novo as coisas se tornaram muito mais alarmantes. O nível das águas nas marés subiu a 75 pés. O tempo se tornou abominável e extremamente frio. A vida como que parara. Não se via uma pessoa nas ruas. Até as chaminés pareciam estar sem lenha. E como alegra o ver-se a coluna de fumo a subir aos espaços anunciando a vida, o calor em um lar, a lareira viva! O mesmo sentimento de prazer nos dão os pátios ferroviários com as locomotivas a soltar grossos rolos de fumo, as fábricas com suas chaminés fumegantes!

Numa clara manhã de maio ensolarada, embora não calorenta, Phyllis me disse:

— Não suporto ficar aqui por mais tempo. Leve-me para longe, por favor.

— Para onde iremos, se pudermos ir? indaguei.

— Temos a nossa casinha de Cornwall. Não é possível que lá esteja tão ruim como por aqui, que está insuportável. Não há esperanças de isto melhorar. Tudo faz crer que só se cuida de destruir o que outros fazem, numa confusão como jamais se viu.

— Por vêzes, eu vejo na imaginação, como em sonho, aquêles monstros misteriosos acampados nas profundezas de vales marinhos; outras vêzes os vejo como corpos celestes descendo das nuvens, fulgurantes de luz... Sei que, até hoje, não podemos dizer como realmente sejam; mas, seja lá o que fôr, êles aí estão ameaçadores e invencíveis. E, tanto lá no interior do país, como aqui, estamos correndo o mesmo risco.

— Não vamos discutir agora êste assunto. O que desejo é mudar de ares, respirar.

— Ora, muito bem, querida — disse eu. — Vamos embora!

Tudo o que sabíamos ser de bom aviso para nossa viagem e estada no interior, procuramos fazer, como se estivéssemos em tempo normal. Informaram-nos também de tudo o que foi feito quanto às defesas contra ataques de surprêsa dos inimigos misteriosos, incluindo até armadilhas. Em caso de evacuação, tudo fôra calculado quanto ao número que poderia suportar cada distrito naquelas zonas do país. A situação das águas já nos parecia muito melhor para uma viagem de barco até nosso destino. Logo que decidimos partir, fomos acumulando suprimentos; mas, na esperança de que o tempo esquentasse mais, demoramos um pouco a partida.

Nossa viagem por água foi vagarosa e cheia de cautelas. A maior preocupação, o problema principal era o saber como passaríamos as noites. Nossa usual ancoragem fôra em abrigos de ruas em cidades inundadas. Por várias vêzes, quando começava a soprar fortemente, procurávamos abrigo por vários dias. Coisa curiosa: água potável, que pensávamos seria o principal problema, não constituiu nenhuma dificuldade. Era encontrada em depósitos nos altos de casas parcialmente submersas. Em virtude de nossos cuidados e naturais dificuldades em tal travessia, esta nossa viagem levou nada menos que um mês.

Tudo em tôrno da zona do Canal estava em paz e parecia perfeitamente normal. Os alvos rochedos ali estavam com suas brechas alcantiladas, nada oferecendo de mais em relação às inundações do país. Um pouco mais tarde tivemos ensejo de ver o nosso primeiro **iceberg**, justamente quando nos aproximávamos do final de nossa jornada.

Não tivemos muita dificuldade para compreender o motivo por que a nossa pequenina propriedade rural ainda estava desocupada. Isto porque era bastante subir a uma elevação para ver que ela havia sido transformada em uma ilha...

Estávamos agora em janeiro. Nosso completo isolamento do mundo exterior começou quando o aparelho de rádio enguiçou, resultando disso ficarmos na mais completa dificuldade de obter notícias do mundo. Isso nos aborreceu bastante, pois nos sentimos ainda mais **fora da realidade da vida**. Aconteceu isso depois de algumas semanas de nossa chegada.

Felizmente, não oferecendo nossa ilha nenhuma atração que pudesse despertar cobiças, não fomos molestados por intrusos ou visitantes indesejáveis. O povo daqui cultiva bastante os víveres para sua alimentação, especialmente como sucedeu no verão passado, de maneira que mantém sua vida normal reforçadas essas reservas alimentares com a ajuda da pesca. Por nossa vez nosso estalão de vida não nos colocou como estranhos, e tivemos o cuidado de não pedir nada a ninguém, não incomodando com solicitações daquilo que não possuíssemos.

Estávamos em começos de novembro. As marés continuavam a subir suavemente; mas, até perto do Natal, seu crescimento não chegou a ser coisa de notar-se. Ainda se viam **icebergs** no Canal; mas já em menor quantidade do que seria mais lógico esperar.

• Registraram-se ainda "raids" de **tanques-marinhos**, os quais apareciam aos quatro ou cinco. Geralmente causavam mais incômodos do que danos, pois as nossas defesas costeiras montavam guarda permanente, e, no momento preciso davam alarma. Os **tanques** evitavam as subidas, os morros, preferindo operar no plano: Muitas vêzes se aventuravam e penetravam um quarto de milha da orla do mar, voltando às águas quando não encontravam vítimas.

Já estávamos decididos a, quando chegasse o verão, deixar a ilha, regressando a nossa casa de Londres. Havia o problema do combustível para o motor da lancha; mas, se não fôsse possível abastecer-nos em Plymouth ou Devonport, recorreríamos à vela, para o que já déramos as necessárias providências, equipando nosso barco para não surgir nenhum embaraço na viagem.

Não era nada agradável que viéssemos a aportar a alguma praia deserta e, sem recursos, fôssemos condenados à fome, ou a coisa pior.

Já estávamos em maio. Ainda não tínhamos resolvido o regresso. Tôdas as nossas notas de viagem e observações sôbre os fenômenos das marés, o aparecimento de icebergs no Canal da Mancha, as incursões dos **tanques do mar** estavam bem guardadas e continuavam em nosso poder. Queríamos que o público pudesse ler nossas reportagens, e qualquer contratempo que trouxesse a perda dos manuscritos ser-nos-ia profundamente doloroso.

Quando estávamos prontos para a viagem, com o nosso barco ancorado na praia, vimos que um escaler se aproximava de nós, tripulado apenas por um homem. Como não podia saber de suas intenções, nem quem poderia ser, lancei um olhar ao meu revólver, para certificar-me de que estava protegido, e aguardei o visitante. Não encostou ao nosso barco; mas, de pequena distância gritou:

— Hei! Tenho uma mensagem para o senhor!

Manobrando o leme e puxando a vela do escaler, o desconhecido nos abordou com perícia de abalizado marujo. Acercando-se de nós, falou como se nos conhecesse de há muito:

— O senhor não trabalha para a **English Broadcasting Company**?

— É exato — respondi, sem esconder minha surprêsa.

— Pois êles incluíram seus nomes numa irradiação.

— **Êles... êles quem**? Que disseram de nós? — inqueri ainda mais curioso.

— O Conselho de Reconstrução, pois foi êste o nome irradiado. Estão divulgando um programa tôdas as noites, durante oito ou dez dias. Terminam lendo uma lista de pessoas a quem procuram. E seus nomes constavam da irradiação da noite passada.

— Sim, mas... quem nos procura? Que desejam de nós? — perguntei, cada vez mais intrigado com essa notícia.

O homem encolheu os ombros, como quem está apenas a transmitir uma notícia. Depois falou:

— Teme-se uma incursão perigosa por êstes lados, e êles, em Londres, pedem notícias suas, e que a mensagem de advertência seja comunicada.

Phyllis empalideceu um pouco e indagou:

— O perigo é em geral, ou apenas para esta parte?

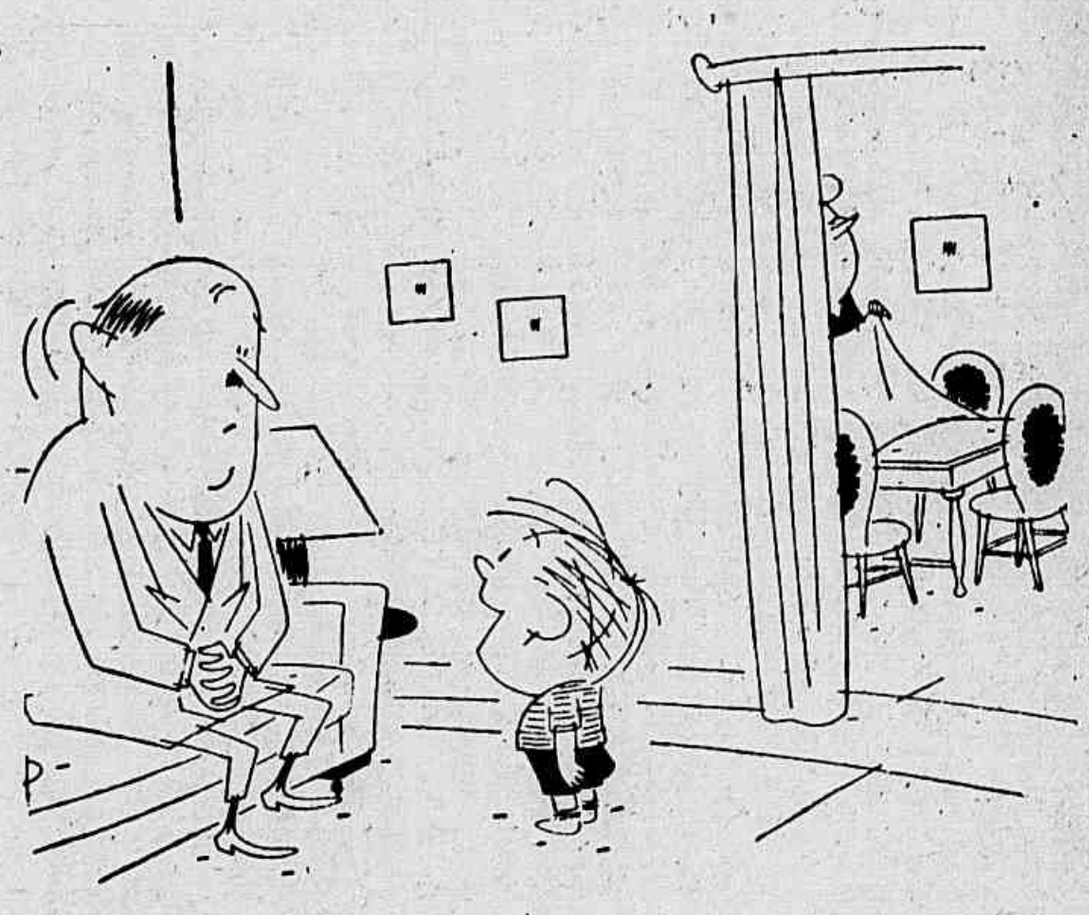
— Não é geral.

Perguntei então:

— Mas a irradiação não esclarecia o que desejavam de nós?

— Diziam, apenas, que precisavam do senhor lá em Londres, se é que podia chegar lá a salvo. Caso não possa voltar agora, que fique em algum lugar e aguarde instruções. Como supõem que o senhor não disponha de receptor de rádio, estão providenciando um, bem como um aparelho transmissor, também. Por enquanto, estão dizendo que o povo se organize com administração de govêrno local, até que sejam dadas novas ordens para trabalhos pròpriamente ditos.

★



— Votamos 3x2 para convidar o senhor para jantar!

— Mais alguma coisa? — perguntei.

— Ainda não é tudo — respondeu o homem. Há ainda uma particularidade. Lembram-se daquele cientista, o Bocker? Êles conversaram com o cientista, pelo rádio, há dois dias, e a irradiação parecia mais alegre do que das vêzes anteriores. O dr. Bocker deu pelo rádio um relato a que chamou de **geral perspectiva** sôbre a nossa posição. Confirmou que as marés perigosas estavam perdendo a intensidade e baixavam. Ainda resta muita terra inundada; mas, segundo prevê, tudo voltará à normalidade, e as populações já organizadas para a batalha da produção e recuperação, dentro em pouco estarão na maior abundância.

Houve pausa. Ficamos assim em silêncio para articular bem as idéias e saber, realmente, o que aquêle homem nos transmitia e o que os tais **êles** queriam de nós. Eu estava imaginando o que não seria a nova ordem em nosso país, com as próximas determinações de um govêrno capaz de normalizar a situação nacional aproveitando terras e estimulando a produção.

Phyllis interveio:

— Será que vamos ter uma chance de colaborar também? Parece que tôdas estas coisas são ainda muito nebulosas, mantêm-se no fundo das cogitações, apenas.

O homem, a esboçar um sorriso de satisfação, voltou:

— Sôbre tudo falou o dr. Bocker. Acha que os tempos estão chegados, e que todos terão sua parte. Todo mundo poderá tirar dessas possibilidades o seu quinhão de eficiência em benefício geral. A ciência porá em uso uma coisa que começa por **ultra**... **ultra**... Não é ultravioleta; é uma espécie de ruído, mas não se vê o que o produz.

— Ultra-sônico? — sugeri.

— Justamente! Segundo o dr. Bocker isso pôsto nas ondas, todos os sêres misteriosos do fundo dos mares morrerão.

— Pode ser, confirmei. Livrando-se as populações vindouras dos perigos dessas incursões, o mundo de amanhã será mais tranqüilo e feliz.

— Pois não — disse êle. — E já estamos conseguindo isso.

Phyllis indagou:

— Mas, já descobriram de que matéria são feitos aquêles asquerosos **tanques** com os tentáculos brancos, pegajosos e repugnantes?

O homem fêz com a cabeça um gesto de ignorância, ou dúvida, esclarecendo:

— Tudo o que o dr. Bocker disse foi que uma certa porção de matéria dos **tanques do mar** foi captada e examinada. Era gelatinosa e não suportou a luz do sol. Mas já não tinha nenhuma ação; não agarrava nenhum objeto, sabe? Por isso fazem conjecturas.

Depois que o homem se afastou, eu olhei para Phyllis. Ela murmurou, como se despertasse de um sonho:

— Parece que reconquistamos a vida e a liberdade.

— Também tenho esta impressão — confirmei — se bem que esta ainda não seja uma vida para piqueniques — acrescentei. — Estava na suposição de que íamos travar uma batalha destruidora, e que, no final, passaríamos a morar num mundo estranho, onde apenas umas cinqüenta ou oitenta pessoas como nós poderiam sobrexistir.

—No tempo de Isabel só éramos uns cinco milhões; chegamos ao número atual, e seria uma catástrofe que tudo isso se reduzisse a algumas dezenas...

Era preciso zarpar. Nossas reservas de gasolina davam para tentar a travessia. Enlacei Phyllis. Era como se ambos surgíssemos num mundo novo, confiantes no futuro, sem preocupações. Quando nos afastávamos na direção de Londres, conversamos sôbre os mistérios dêste mundo:

— Nada há de novo sob o sol, querida. Isto tudo aqui já foi um imenso terreno plano, coberto de florestas e cheio de animais selvagens. Nossos antepassados os caçavam. Veio uma comoção telúrica e as águas invadiram as terras emersas e se formou êste belo Mar do Norte... Quem sabe se não estivemos por aqui também nos tempos passados... sem que nos recordemos mais de nada?...

— FIM —

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM JANEIRO DE 1956

1 — **DOMINGO** — O Presidente Rojas Pinilla, da Colômbia, declara estar estudando a extinção das restrições à liberdade de imprensa em seu país. — Divulga-se que a polícia argentina efetuou numerosas prisões de implicados numa conspiração contra o govêrno revolucionário. — Enquanto um jornal inglês anuncia que representantes do general Chiang Kai Chek e do govêrno da China comunista estão realizando negociações secretas há mais de duas semanas. — O Dr. Washington Guadalupe, advogado e diretor do jornal "El Nacional", órgão do Movimento Popular Nacionalista do Uruguai, desafia para um duelo o Presidente do Concelho Nacional de Govêrno, Luiz Battle Berres.

2 — **SEGUNDA-FEIRA** — Em Londres, o govêrno britânico anuncia que espera lançar, êste ano, um ataque frontal contra a inflação, acrescentando que esta será a principal tarefa do govêrno conservador do Premier Sir Anthony Eden, durante o ano de 1956. — Uma nova onda de terrorismo se inicia em Cuba, na Província de Oriente, onde explodem três bombas matando várias pessoas. — Anuncia-se de Paris que o estado de saúde da famosa atriz Mistinguett que sofre, desde sexta-feira à noite de congestão pulmonar dupla — continua a inspirar a mais viva inquietação nos meios que lhe são chegados.

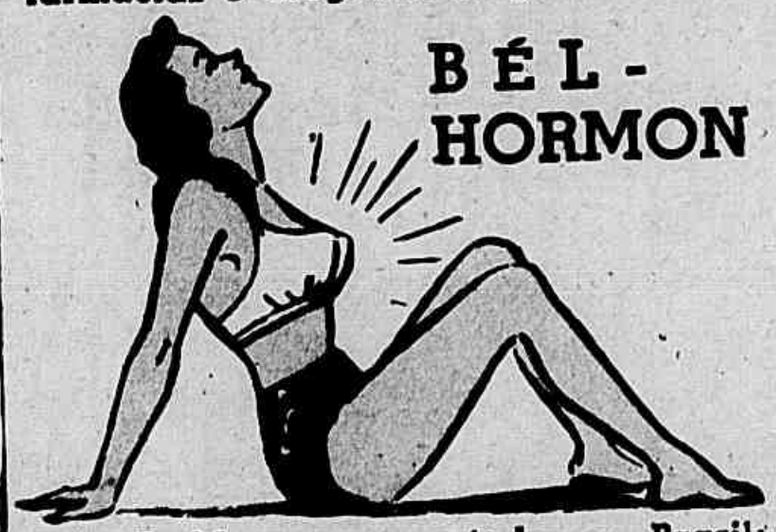
3 — **TERÇA-FEIRA** — Sabe-se, com certeza, que, diante dos surpreendentes resultados verificados nas eleições de ontem para a renovação da Assembléia Nacional da França, muito dificilmente poderá ser organizado um govêrno com base estável. — Enquanto o Premier inglês Anthony Eden que o govêrno de seu país publicará brevemente um "Livro Branco" sôbre o envio de materiais de guerra obsoletos para o Oriente Médio. — Um porta-voz governamental da China Nacionalista desmente categòricamente uma notícia divulgada pela imprensa inglêsa, segundo a qual êsse país estaria realizando negociações secretas, em Pequim, com a China Popular.

4 — **QUARTA-FEIRA** — O Premier Edgard Faure pede uma trégua entre os partidos centristas rivais "para salvar a República" contra os comunistas e as fôrças inimigas dos impostos, lideradas por Pierre Poujade. A rivalidade entre Faure, chefe de uma coligação centrista da direita, e seu antigo amigo Pierre Mendés-France, que dirige outra aliança centrista de esquerda, permitiu aos comunistas e aos extremistas da direita de Poujade, a con-

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Vale Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº .....

NOME .....

RUA ..... Nº .....

CIDADE .....

ESTADO .....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 75,00

quista de vantagens eleitorais extraordinárias. — A notícia segundo a qual a União Soviética teria oferecido ao govêrno da Libéria uma ajuda econômica e técnica causam certas inquietações nos meios americanos autorizados.

5 — QUINTA-FEIRA — O ex-"premier" Mendés-France e o chefe socialista Guy Mollet exigem que a Frente Republicana encabece o novo govêrno da França. — O Presidente Eisenhower envia ao Congresso a sua mensagem sôbre o "Estado da União para 1956" passando em revista, a política externa do seu govêrno. — Enquanto por outro lado, círculos políticos de Londres denunciam a existência de um movimento contra o Primeiro Ministro Eden no seio do Partido Conservador. — E notícias do Monaco afirmam que o príncipe Rainier tornou-se noivo oficial da atriz norte-americana Grace Kelly. — É assinado o decreto designando o Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho para representar o Brasil na XXVIII Exposição de Arte.

6 — SEXTA-FEIRA — Diz-se em Londres que o novo gabinete de Sir Anthony Eden está se preparando para a luta sob a pressão das severas críticas dentro do seu próprio partido conservador e os ataques da oposição socialista. — É decretado o estado de sítio no Chile, o qual será aplicado desde que seja publicado no Diário Oficial. — O Sr. Henri Krajewiski, destacado agricultor e criador americano e ex-candidato ao Senado pelo estado de New York, anuncia que será candidato à Presidência dos Estados Unidos. — É apresentado um projeto de lei no congresso americano pelo qual se autoriza ao Presidente dos Estados Unidos a emprestar dois submarinos ao Brasil por um período não mais de cinco anos.

7 — SÁBADO — O número de dirigentes comunistas e outros elementos sediciosos

Academia de Acordeon

MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli

RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

detido pela polícia chilena sobe a centenas, enquanto o govêrno se prepara para esmagar a greve decretada pela Central dos Trabalhadores contra o projeto de congelamento de preços e salários. — E os diplomatas dos países atrás da Cortina de Ferro começam a sondar o terreno para uma nova conferência de chefes de estado dos "Quatro Grandes" durante o verão. — Elementos árabes anti-ocidentais marcham sôbre o consulado dos Estados Unidos no setor jordano de Jerusalém, arrancando a bandeira norte-americana do seu mastro, numa nova explosão das violências que já obrigaram o govêrno interino da Jordânia a apresentar a sua renúncia.

8 — DOMINGO — A greve geral da Central Única dos Trabalhadores do Chile em sinal de protesto contra o projeto de congelamento de preços e salários, fracassa completamente. — A Guatemala e Costa Rica assinam um convênio destinado a evitar que se repitam as disputas entre os dois países. — E enquanto a política francesa prossegue muito agitada, aponta-se o líder socialista Guy Mollet como candidato a chefe do próximo govêrno frances. — O Presidente Eisenhower envia ao Congresso um plano destinado a incrementar as atividades agrícolas nos Estados Unidos.

9 — SEGUNDA-FEIRA — O ex-Presidente da Colômbia e antigo Secretário Geral da Organização dos Estados Americanos, Sr. Lleras Camargo, é alvo de um atentado a tiros, saindo, porém, ileso. Os autores do atentado, que ocorreu em Bogotá, encontram-se foragidos. — Enquanto o chefe da polícia cubana responsabiliza os comunistas pela campanha terrorista em curso no território de Cuba. — A situação na Jordânia e o crescente mal-estar que reina nas relações entre Israel e os países árabes inquieta cada vez mais os dirigentes britânicos, que julgam necessário um novo e poderoso esfôrço anglo-americano no sentido de devolver a calma aos países do Oriente Médio.

10 — TÊRÇA-FEIRA — Noticia-se que Sir Anthony Eden, em sua próxima visita a Washington, solicitará a meditação norte-americana, objetivando resolver a disputa entre a Inglaterra e a Arábia Sau-

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPATICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sólidamente encadernado ..... Cr$ 150,00

PEDIDOS À
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SÃO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

dita. — A Comissão Econômica das nações signatárias do Pacto de Bagdá reune-se secretamente durante dois dias, com o objetivo de estudar providências tendentes a impedir a infiltração comunista no Oriente Médio. — Enquanto isso, a União Soviética, manobrando no sentido de conquistar as simpatias dos países árabes, propõe, no Conselho de Segurança, uma série de medidas contra Israel.

11 — QUARTA-FEIRA — O Sr. John Foster Dulles, Secretário do Departamento de Estado americano, rejeita as propostas da Rússia e da India para a suspensão das experiências com armas nucleares. — O govêrno do Iraque declara "persona non grata" o adido militar do Egito, numa decisão inesperada, que só veio aumentar a divergência já existente entre os dois países. — Enquanto na Argélia, a rebelião contra a França agrava-se mais e mais: durante as últimas vinte e quatro horas tiveram morte violenta nesta região da França ultramarina, 36 pessoas — 27 rebeldes e mais nove indivíduos, todos argelinos.

12 — QUINTA-FEIRA — O dirigente socialista Guy Mollet — um dos políticos que tem maiores possibilidades de ser nomeado Primeiro Ministro — declara que sua Frente Republicana pedirá imediatamente a criação de um "fundo" atômico europeu, caso assuma o poder. — Segundo se anuncia é descoberta em Buenos Aires uma importante organização de moedeiros falsos que teria emitido cêrca de ..... 250.000.000 de cruzeiros. — Numa entrevista à revista "Life", o Secretário de Estado Americano, Sr. John Foster Dulles, afirma que os Estados Unidos "chegaram mesmo à beira da guerra em 3 ocasiões nos três últimos anos. Mas acrescenta que a administração do país "adotou uma enérgica atitude" para evitar o conflito total.

13 — SEXTA-FEIRA — O govêrno do Paquistão propõe a criação de um organismo anti-Kominform, com a finalidade de anular a propaganda comunista na Ásia. — E a Colômbia empreende novos esforços, objetivando um acôrdo mundial sôbre o café, com o fim de ser conquistada a estabilização dos preços. — Todos os membros do Conselho de Segurança concordam em reconhecer o Estado de Israel como tendo agredido a Síria, na invasão do território dêsse país a 11 de Dezembro do ano passado. — É oficialmente fixada a área de Patrik, em Cocoa, como o local de onde, no próximo ano, será lançado o primeiro satélite artificial norte-americano.

COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.
Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 60,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: À venda na Livraria Clássica Editôra
Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

a mais
Sensacional Oferta
de TODOS os TEMPOS!

NUNCA HOUVE PREÇO COMO ÊSTE!

VOCÊ PODE ADQUIRIR AGORA UMA MÁQUINA FOTOGRAFIA A PREÇO NUNCA VISTO. TIRA 8 FOTOS COM FILME 120. TAMANHO 6x9. VISORES TIPO ÓTICOS. FABRICAÇÃO PERFEITA. LINHAS MODERNAS. FUNCIONAMENTO FÁCIL, COM MAGNÍFICOS RESULTADOS PARA PRINCIPIANTES! GRANDE APARÊNCIA. UM VERDADEIRO PRESENTE DA DINAL PARA TODO O BRASIL.

apenas 148,- Cr$

NAO MANDE DINHEIRO — REMESSAS PARA TODO O BRASIL PELO SERVIÇO DE REEMBÓLSO POSTAL. FAÇA SEU PEDIDO HOJE MESMO E PAGUE AO RECEBER A ENCOMENDA NA AGENCIA POSTAL DE SUA CIDADE.

GARANTIA DE SATISFAÇAO — SE AO RECEBER A MAQUINA DINAL O FREGUES NAO FIÇAR SATISFEITO, SEU DINHEIRO SERA DEVOLVIDO. ESTA É A FAMOSA E TRADICIONAL GARANTIA DE SATISFAÇAO DA DINAL.

DINAL — RUA QUINTINO BOCAIÚVA, 255 — 3.º SÔBRE-LOJA — C. POSTAL 7.206 SÃO PAULO
O MAIOR NOME EM REEMBÓLSO POSTAL DE TODO O BRASIL

14 — SÁBADO — O senador democrata Hubert Humphrey exige que o Presidente Eisenhower "diga ao povo norte-americano se está de acôrdo com a política de "à beira da guerra", do Secretário de Estado, Sr. John Foster Dulles. — São adiadas até março próximo as conversações americano-filipinas para a revisão do pacto a respeito das bases militares norte-americanas situadas em território filipino. — O govêrno polonês rejeita as explicações norte-americanas a respeito do desastre sofrido por um avião coreano, em que três membros poloneses da Comissão Neutra de Fiscalização do Armistício, perderam a vida.

15 — DOMINGO — São divulgadas as respostas do Marechal Bulganin a uma série de perguntas da revista norte-americana "Vision", relativas às relações da União Soviética com a América Latina. — O govêrno argentino apresenta reclamações ao Panamá e ao Paraguai contra as atividades subversivas que ali desenvolvem elementos peronistas. — O Primeiro Secretário da Embaixada brasileira na Índia, Sr. J. de Oliveira Maia, é mencionado como o observador que o Brasil enviará provisòriamente a Bombaim, em relação com o conflito entre Portugal e a Índia sôbre o território de Gôa.

16 — SEGUNDA-FEIRA — O Presidente Eisenhower envia ao Congresso o Orçamento para o próximo exercício financeiro, no qual se acha consignado um programa de segurança mútua com a América Latina. — O Embaixador uruguaio, Sr. José Antonio Mosa, é eleito, em segundo escrutínio, Secretário Geral da Organização dos Estados Americanos. — Segundo revela um amplo estudo publicado pelo Instituto Internacional de Imprensa,

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNISSIMO
PRINCIPE Hotel

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8966

End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA S. CRISTÓVÃO: Rua S. Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:
Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

desde o fim da guerra que a liberdade de imprensa vem declinando no mundo livre. — A Junta de Govêrno do Egito acaba de apresentar a nova Constituição, cuja aprovação significará o fim do govêrno militar e o comêço do regime parlamentar.

17 — TÊRÇA-FEIRA — O Secretário de Estado norte-americano, Sr. Foster Dulles, defende a política segundo a qual, para desencorajar qualquer agressão, os Estados Unidos devem advertir que seus interêsses vitais serão defendidos a qualquer preço. O Sr. Foster Dulles fêz tal declaração ao comentar a sua entrevista à revista "Life", que provocou grande repercussão no exterior. — A Síria pede ao Conselho de Segurança a suspensão de tôda a ajuda econômica ao Estado de Israel, em represália à agressão levada a efeito pelos israelenses. — Os radicais-socialistas franceses, chefiados por Pierre Mendés-France, aprovam a idéia de formar o govêrno juntamente com os socialistas, e ratificam a expulsão do Primeiro Ministro Edgard Faure, outrora grande amigo de Mendés-France.

18 — QUARTA-FEIRA — O Sr. Antoine Pinay, Ministro do Exterior da França, adverte à Frente Republicana de Pierre Mendés-France de que a mesma cairá inevitàvelmente, sob o domínio comunista, se tentar governar sòzinha com um gabinete minoritário. — A Índia rejeita formalmente, por considerá-la insatisfatória e equívoca, a tentativa feita pelo Secretário de Estado americano, de explicar a posição dos Estados Unidos na disputa entre a Índia e Portugal a respeito da Gôa. — Falece em Paris, em conseqüência de uma síncope cardíaca, a viúva Marechal Joffre.

19 — QUINTA-FEIRA — O Presidente Eisenhower, falando pela primeira vez à imprensa depois do ataque cardíaco que o levou ao leito, declara apoiar decididamente a orientação do sr. Foster Dulles na Secretaria de Estado. — Moscou destitui o Sr. Goviles do cargo de chefe do govêrno da Lituânia, posição que vinha exercendo desde a incorporação dêsse país à

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

——//——

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME .....

RUA ..... **Nº** .....

CIDADE ..... **ESTADO** .....

ÓLEO DE CEDRO
O MELHOR PARA OS MÓVEIS
OFERECE.

Nos sorteios que se realizarão na Rádio Vera Cruz às 9.1/2 da noite dos dias 29/3 — 28/6 — 27/9 e 27/12/56:

Cr$ 10.000,00 para os consumidores e o correspondente em óleo de Cedro para os comerciantes que venderam o produto.

Para tomar parte no concurso dirija a carta ao:

«Concurso do óleo de Cedro, Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio». Dentro do envelope deverá ter: Nome e endereço de quem remete. Endereço do local em que foi comprado o «óleo de Cedro» e um rótulo do óleo de Cedro.

As cartas do interior tomam parte em absoluta igualdade de condições com as daqui do Rio. Tôdas as cartas recebidas até a data do concurso são colocadas no auditório, a vista de todos os presentes que podem, inclusive, colocar suas cartas na hora do sorteio, então o cego Protásio Assunção, da Aliança dos Cegos, vai tirando as premiadas cujos remetentes são imediatamente proclamados.

O resultado do sorteio, além de irradiado, será publicado em vários jornais e revistas, ficando também à disposição dos interessados na Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio.

órbita soviética. — O Conselho de Segurança, por unanimidade, condena o Estado de Israel pelo ataque contra um pôsto avançado sírio. — Finalmente os comunistas da Alemanha Oriental decidem organizar o "Exército Popular" com o qual vinham há tanto tempo ameaçando o mundo ocidental.

20 — SEXTA-FEIRA — Os Estados Unidos acusam a China Comunista de manter as atuais negociações de Genebra sob a "ameaça de guerra" ao negar-se o govêrno de Pequim a renunciar ao uso da fôrça na zona de Formosa.

21 — SÁBADO — As autoridades francesas da Argélia afirmam que nos dois últimos dias houve uma calma relativa neste território. — É aprovado, no Senado, o projeto que prorroga o estado de sítio, por 26 votos contra 10, tendo a U.D.N. feito declaração de voto.

22 — DOMINGO — Falece em Rabat o Paxá de Marrakesh, Thami El Glaqui, uma das mais proeminentes figuras da política marroquina. — Alguns jornais londrinos dizem que o Marechal de Campo Sir John Harding pediu ao "Premier" Sr. Anthony Eden que lhe dê amplos poderes como governador de Chipre ou que, em caso contrário, aceite sua renúncia.

23 — SEGUNDA-FEIRA — Anuncia-se que o Estado de Israel comunicou aos Estados Unidos e Inglaterra a sua disposição de negociar com os árabes, uma vez que êsses compareçam à reunião sem condições prévias.

24 — TÊRÇA-FEIRA — O Sr. Foster Dulles faz declarações focalizando a política externa norte-americana, revelando, entre outras coisas, que terão prosseguimento as conversações com a China Popular, objetivando uma solução pacífica para a questão da Formosa.

25 — QUARTA-FEIRA — O Chefe do Govêrno britânico, Sir Anthony Eden, parte a bordo do "Queen Elizabeth" para os Estados Unidos.

26 — QUINTA-FEIRA — Anuncia-se que o Presidente da República francesa, convidou o Secretário Geral do Partido Socialista, Sr. Guy Mollet, para formar o novo govêrno, e que o Sr. Guy Mollet aceitou.

27 — SEXTA-FEIRA — O Primeiro Ministro Nikolai Bulganin, da União Soviética, propõe um pacto de não agressão aos Estados Unidos através da carta pessoal que enviou recentemente ao presidente Eisenhower.

28 — SÁBADO — O Sr. Guy Mollet, Presidente do Conselho da França, anuncia que o Gabinete em formação compreenderá 13 postos principais de ministros; e entre os 13 ministros figurará o General Catroux, que seria Ministro-residente na Argélia.

29 — DOMINGO — O Primeiro Ministro Anthony Eden chega a Washington para conferenciar com o Presidente Eisenhower, objetivando concaternar esforços tendentes a assegurar a paz mundial.

30 — SEGUNDA-FEIRA — O "Premier" designado Guy Mollet está concluindo as negociações para a formação do novo Gabinete francês.

31 — TÊRÇA-FEIRA — Os Srs. Juscelino Kubitschek de Oliveira e João Belchior Marques Goulart, prestam, perante o Congresso Nacional, os compromissos de posse, respectivamente nos cargos de presidente e vice-presidente da Repúbli-

Neblinas da História: TRÁGICA HISTÓRIA DE UM CZAR

(Continuação da página 82)

um apóstata, um rebelde e um mágico, convicto de ter tentado introduzir a heresia latina na Rússia, levantando igrejas católicas no solo ortodoxo. Um tio de Gregório Smirnoy Otrepiev, que bastante curiosamente conquistara a amizade e confiança de Boris, foi ao mesmo tempo para Cracovia, a fim de confirmar a narrativa e reclamar seu sobrinho fugitivo.

Esta explicação não teve entre os contemporâneos de Demetrius tanto êxito como o alcançado desde então entre os historiadores russos. Pergunta-se como êsse bêbedo monge russo adquirira o cavaleiroso porte, a habilidade na equitação e o conhecimento da língua polonesa, que distinguia Demetrius. A história da fingida confissão ao abade polonês foi puramente uma invenção. Outra mais forte objeção para os russos daquele tempo foi o favor e proteção concedidos aos outros Otrepievs. Se Boris realmente acreditasse que êste monge era Demetrius, certamente que os membros da sua família não alcançariam tais favores.

Ainda estava, porém, para aparecer refutação mais decisiva.

O czar não conseguiu, apesar dos seus esforços tolher o caminho ao seu inimigo que prontamente reuniu tropas mistas de poloneses e de cossacos, com as quais entrou na Moscovia e penetrou até à cidade de Putivl. Tôdas as cidades, na sua passagem, lhe abriram as portas sem resistência. Foi em Putivl, porém, que a história de Gregório Otrepiev recebeu o último golpe pela aparição em cena daquele próprio herói. Tendo em grande conta os seus serviços, felicitou Demetrius com insolente familiaridade, mas o pseudo-czarevitch pô-lo imeditamente no seu lugar. Pouco depois mandava-o retirar e o monge em breve recaíu na obscuridade.

Boris começou então a tremer pelo seu trono e pela vida. Os seus crimes voltavam a ressurgir em vinganças ameaçadoras. Levantou numerosos exércitos; mandou-os contra o invasor, mas os seus generais eram-lhe desleais e deliberadamente arrastavam a guerra. Notava-se que o czar tinha perdido a antiga energia, mal podia andar, e tinha a aparência de um homem perdido. Mandou secretamente uma grande parte dos seus tesouros para Astrakan, como preparativos de fuga para a Pérsia.

Como último esfôrço contra o pretendente, procurou influir no ânimo da viúva czarina Maria, no convento onde ela ficara sempre desde os misteriosos acontecimentos de Uglitch, e teve com ela uma longa conferência na presença do patriarca de Moscou. O que se passou nessa conferência nunca foi revelado; porém, depois dela, a mãe de Demetrius foi mais estritamente vigiada do que era antes. Deduz-se, sem dúvida, pelo que se seguiu, que Boris tentara arrancar-lhe a declaração da morte do filho, e não conseguira.

Conquanto os grandes boiardos se mostrassem indiferentes em resistir ao pretendente, e o povo estivesse disposto a acreditar nêle, havia na Rússia um poder que se apresentava firmemente hostil. Êsse poder era a igreja. Apesar do profundo segrêdo em que jaziam os compromissos de Demetrius com referência à igreja romana, o clero ortodoxo farejava perigo num príncipe vindo da Polônia e sustentado pelas armas polonesas. Sabia-se que era acompanhado de dois padres jesuítas, que diziam missa para as tropas; e que havia permitido que se dessem tiros em honra dêstes ritos cismáticos. Despertada uma vez esta desconfiança, estava destinada a ter fatais conseqüências no decorrer do tempo.

Enquanto a causa do pretendente continuava duvidosa, deu-se um dêstes acontecimentos em que os espíritos supersticiosos viram imediatamente o castigo de Deus. Levantando-se o czar Boris, um dia, da mesa, no palácio do Kremlin, começou a deitar sangue pelo nariz e pela bôca e expirou instantâneamente. Êste fim dramático, que apresenta mais outra vez extraordinário confronto com o conde Godwin, foi aceito como aviso de Deus pronunciando-se a favor de Demetrius. O patriarca de Moscou e alguns boiardos conseguiram coroar o jovem filho de Boris; mas o seu reinado foi muito curto. Basmanoff, o mais bravo e o mais leal dos generais de Boris, induziu o exército a declarar-se pelo filho de Ivan. Seguiu-se um tumulto, o Kremlin foi invadido pelo povo, e a família de Boris internada na prisão, em que, pouco tempo depois, o novo coroado czar e sua mãe foram estrangulados.

Durante êsse tumulto, deu-se um notável incidente. O presidente da comissão que fôra encarregada de investigar dos casos de Uglitch era um grande boiardo, chamado Shinski, figura sinistra na história do tempo. Êste homem foi também chamado pelos moscovitas, no meio da excitação, para declarar se o pequeno Demetrius tinha sido realmente morto. Shinski, sem a menor hesitação, afirmou que o cadáver que lhe fôra mostrado não era o do czarevitch, mas sim o filho de um padre. É inútil acrescentar que êste depoimento provou a falsidade da narrativa que o próprio Shinski em tempo apresentara sob as ordens de Boris.

Faltava só agora a Demetrius tomar posse do trono. Porém, antes de entrar em Moscou tinha de cumprir um ato de justiça ou de vingança. O patriarca que o excomungara e o denunciara como o apóstata monge Gregório, e fizera coroar o filho de

Boris, retratou-se e fêz juramento de fidelidade, desde que viu vitoriosa a causa de Demetrius. Mas o novo czar, generoso em perdoar a todos os outros inimigos, não mostrou compaixão com o padre ortodoxo. Ordenou que fôsse prêso no altar-mor, despojado das vestes patriarcais e rebaixado à posição de monge. A destituição foi logo seguida de nomeação de um novo patriarca na pessoa de Inácio, bispo de Riazan.

Inácio não era moscovita; era grego cipriota por nascimento. Expulso da ilha de Chipre no tempo da conquista pelos turcos, refugiou-se em Roma, onde passou alguns anos em têrmos aparentemente amigáveis com a Santa Sé. Vindo para a Rússia no reinado de Feodoro, e ganhando a simpatia do czar pela narrativa dos seus sofrimentos, obtivera o bispado de Riazan.

Podemos imaginar com que disposição o clero russo, já desconfiado do novo czar, se achou sob as ordens de um estrangeiro que era suspeito de ter entrado na comunhão católica durante a sua residência em Roma. Esta medida de mau presságio foi atribuída às insinuações dos dois padres jesuítas que acompanharam Demetrius da Polônia, e que se dizia lhe davam conselhos secretos.

No mês de junho, de 1605, Demetrius entrou na capital à frente das suas tropas. O seu primeiro ato foi dirigir-se à catedral, onde houve ofício solene. O segundo foi visitar o túmulo de Ivan, o Terrível, na igreja de Miguel Arcanjo. Caiu de joelhos, beijou o túmulo chorando e exclamou:

— Oh ! meu pai ! O teu filho órfão reina, e deve-o à tua celestial intervenção ! Os espectadores se comoveram em movimento de simpatia e murmuraram uns para os outros:

— Realmente, êste é o filho do terrível czar !

Uma coisa só faltava para confirmar o título de Demetrius. Reparava-se que êle tão pronto em testemunhar o seu respeito à memória do pai deixasse passar um mês inteiro sem procurar a presença da mãe. É verdade que os Nagoys consideravam-no como **sobrinho**, e tinham tomado posição na côrte correspondente ao seu parentesco. Mas o povo murmurava sôbre o abandono da czarina viúva, cujos sofrimentos e caráter religioso se impunham ao seu respeito.

O czar então arranjou satisfazer o desejo do povo. Convidou a czarina a deixar o convento e a ir para Moscou e o próprio Demetrius foi ao encontro dela, seguido de numeroso séquito ávido de ver com os próprios olhos o encontro entre os dois e de se convencer da realidade da união entre êles.

A certa distância no caminho foi levantada magnífica tenda. O czar entrou nela sòzinho e a czarina à sua chegada foi conduzida até o interior onde os deixaram juntos. Houve suspensão de alguns momentos e depois no meio do mais frenético entusiasmo correram-se as cortinas da tenda e viram-se a mãe e o filho unidos em terno abraço. A multidão dava expansão ao seu júbilo com gritos de alegria e desde essa ocasião cessaram tôdas as dúvidas. A czarina tornou a entrar na carruagem e seu filho, novamente reconhecido continuou a andar respeitosamente ao lado dela até que chegaram ao Kremlin, onde ela foi alojar-se no convento indicado para sua residência, enquanto não se construía um novo que a piedade do czar ordenara se levantasse em sua honra.

Desde êsse momento todos os privilégios e tôdas as rendas da czarina lhe foram restituídas. O seu nome, segundo a antiga regra na Rússia, aparecia em qualquer decreto, e o seu filho visitava-a diàriamente e consultava-a nos negócios do estado.

Poucos dias depois dêste acontecimento, Demetrius foi coroado com tôda a solenidade, conforme o antigo cerimonial dos czares da Moscovia. Tanto quanto a vista humana podia abranger, via-se o czar firmemente sentado no trono, o seu nascimento fora de tôda a dúvida, e os seus direitos reconhecidos pela nação inteira. Contudo havia ainda um partido forte que secretamente não acreditava ser êle o filho do seu antigo czar e de olhar invejoso vigiava o mais insignificante sinal para se confirmar na suspeita.

Encontravam-se os inimigos do novo czar, principalmente entre os grandes da nobreza moscovita. Aceitaram-no como chefe, em parte, porque estimavam uma mudança no novo govêrno de Boris Godunov, e em parte porque temiam o povo. Mas bem depressa se arrependeram da condescendência, e logo principiaram a procurar a oportunidade de se libertar dêste desconhecido que se assenhoreara do poder. À frente da facção descontente estava Shinski, aquêle mesmo que alternadamente testemunhara que Demetrius estava morto, e que ainda vivia.

O novo czar breve lhes deu motivo para conspirarem. Observara-se que mostrava estranha indiferença pelos antigos costumes moscovitas, e preferência pelos da Polônia. Modelou a sua côrte pela do rei Segismundo. Empregou como secretário de confiança um polonês. Falava constantemente a língua polonesa e dizia-se que a falava melhor do que a russa. Quebrou quase completamente a etiquêta chinesa dos antigos czares, andando livremente entre os seus súditos. Depois, como Pedro o Grande dispôs-se a introduzir na Rússia a civilização do ocidente, e francamente censurava os seus nobres boiardos do seu barbarismo e ignorância.

Isto tudo não lhe teria sido fatal, se não ultrajasse ao mesmo tempo os preconceitos religiosos. Guardara-se profundo segrêdo da sua união com Roma, mas por numerosas indicações fêz levantar involuntária sus-

peita de que não era adepto verdadeiro da igreja ortodoxa. Cerviam-se à sua mesa comidas que a igreja grega proibia; falando com os bispos, empregava algumas vêzes as frases de **vossa** religião ou de **vossa** igreja. Escandalizara tôda a cidade de Moscou, concedendo licença aos jesuítas de construir igreja dentro do sagrado precinto do Kremlin. Lançou impostos sôbre o clero. Que pensariam ainda os seus súditos, se tivessem conhecimento da sua ativa correspondência com o Papa e de que o núncio papal, da Polônia, lhe recordava a promessa de trazer a Rússia à comunhão latina?

Todavia, para reparar até certo ponto, as suas inclinações pela Polônia, levantou uma questão com o rei Segismundo, sôbre o seu direito ao título de imperador, que Segismundo lhe recusara dar. No decorrer da discussão o rei polonês fêz uso de uma ameaça bem notável. Mandou dizer a Demetrius que Boris Godunov ainda estava vivo, tendo-se refugiado em Inglaterra, e que êle, Segismundo, podia — irritado — restituí-lo ao trono. Não é difícil ver nessa missiva o mais provocante dos sarcasmos. Queria isto dizer ao suposto imperador que a sua ressurreição fôra uma astúcia de que se saíra bem uma vez, mas que podia ser ainda desfeita.

Idéia semelhante ocorreu pelo mesmo tempo a um impostor do sul da Rússia, que levantou reclamação, dizendo-se filho do czar Feodoro, irmão mais velho de Demetrius. Demetrius tratou o pretendente com muito mais inteligência do que mostrara Boris para com êle. Escreveu-lhe convidando-o a vir a Moscou — "se a sua história é falsa, será executado; se é verdadeira, tratá-lo-ei como o filho de meu irmão". Esta carta destruiu a pretensão.

Durante todo êste tempo, o czar não se havia esquecido da donzela a quem tinha jurado fidelidade quando era ainda simples aventureiro na Polônia — a farmosa Marina. Tinha pôsto de parte o Papa, com desculpas plausíveis, quase tinha quebrado com o rei Segismundo, mas o seu coração conservara-se fiel à filha do palatino. Um dos seus primeiros atos, depois de se ter estabelecido em Moscou foi mandar um embaixador à Polônia para a pedir em casamento e para lhe levar as mais escolhidas jóias do tesouro dos czares. De tempos a tempos, como os preparativos do enlace se tornassem morosos, o apaixonado e impaciente czar mandava novos mensageiros a solicitar que viesse.

Há neste doloroso e acidentado drama uma cena que prende a atenção e emociona: — a dêsse homem tão moço — apenas vinte e três anos — sentado num trono pouco firme, rodeado de espiões e de traidores, que consideravam hereje e intruso pronto a afrontar a cólera da nação inteira e o perigo de perder coroa e vida, por causa da mulher que amava. Finalmente, o seu ardente desejo foi satisfeito. Em 12 de maio de 1606, Marina entrou em Moscou, e com ela, infelizmente, a ruína e a desgraça.

Já tinha corrido o boato insidioso de que a escolha do czar, de uma noiva polonesa, era o primeiro passo para efetuar a traição para com o país em favor dos poloneses e de que os conspiradores lhe faziam cargo. Com efeito o casamento de um czar ortodoxo com uma polonesa hereje, feria os preconceitos dos populares, assim como os puritanos inglêses se ofenderam com o casamento de Carlos I com Henriqueta Maria. A população se acumulava nas ruas e conservava-se silenciosa, de aspecto ameaçador, enquanto passava a czarina, escoltada por um corpo de quinhentos poloneses armados.

Por desastrosa coincidência, dois embaixadores de Segismundo chegaram ao mesmo tempo, acompanhados de uma igual e numerosa comitiva. Pareceu à imaginação do povo sempre desconfiado que o exército polonês estava levantando arraiais em sua própria casa. Os poloneses deram também motivo para despertar êste sentimento popular pelo modo insolente de se apresentar e de proceder. Houve desordens nas ruas, à noite, provocadas pelo seu comportamento repreensível com as mulheres moscovitas. Na coroação de Marina, ostentaram o seu desacato pelo cerimonial grego, e encontrando a catedral, como tôdas as igrejas gregas, sem assento, imprudentemente, se empoleiraram sôbre os túmulos.

O estouvado noivo ainda acrescentou combustível para o fogo, satisfazendo caprichos femininos. A czarina se opôs à cozinha russa e insistiu em ser servida por cozinheiros da Polônia, o que fêz acordar a idéia de que ela queria, sem respeito, violar as regras da igreja ortodoxa, no capítulo da comida. O czar viu-se obrigado a anunciar que sua mulher havia de seguir a fé grega, mas o seu proceder era formal negativa a semelhante afirmação. Ela desejou levar para a cerimônia da coroação uma **toilette** importada de Paris, em vez de vestir as sagradas vestes, imemorialmente usadas pelas czarinas de Moscou. Fôra apenas colocada a coroa na sua cabeça, e já avisos de próximo perigo principiavam de chegar a Demetrius, de todos os lados; e demagogos ousados abertamente apregoavam nas ruas que êle era um simples impostor.

Sinais e avisos foram igualmente desprezados pelo mancebo, deslumbrado pelo brilhantismo do seu próprio êxito. Em 26 de maio, justamente quatorze dias depois da chegada de Marina, observou-se que numerosos soldados de um acampamento perto da cidade entravam em Moscou e se misturavam com os habitantes da cidade. O expressivo sintoma passou despercebido a Demetrius. À noite, assistiu a um banquete onde se demorou até o alvorecer do dia.

Na volta para o palácio, quando atravessava uma varanda, encontrou ali escondido um conspirador. Nada suspeitando, o czar perguntou-lhe se tinha alguma missiva para êle. O homem deu umas desculpas quaisquer, incoerentes, e foi-se embora sem ser detido. Dirigiu-se imediatamente à casa de Shinski, onde estavam reunidos os chefes da conspiração para lhes dizer que Demetrius regressara ao palácio. Decidiu-se o ataque imediato.

Shinski e os outros saíram para a rua perfeitamente armados. Reunindo gente em redor, aproximaram-se do Kremlin. Os guardas, que tinham sido peitados de antemão, abriram as portas de par em par. Shinski conduziu os seus companheiros até a igreja da Assunção onde parou um momento para os exortar à revolta: "Cristãos ortodoxos! — gritava. — Morte aos herejes!". O grito era repetido ferozmente por todos. No mesmo instante o grande sino do Kremlin tangeu agudamente pela madrugada, dando sinal que foi repetido pelos três mil sinos da Santa Moscou.

Ao primeiro tanger do sino, Demetrius saltou da cama em que se havia deitado apenas, e veio perguntar a razão de semelhante alarma. Recebeu a resposta de um irmão de Shinski, que aconteceu estar ali esperando, assegurando ao czar que era simplesmente por causa de um incêndio. Depois correu a reunir-se aos conspiradores que já se aproximavam.

Um minuto depois chegava aos ouvidos assustados de Demetrius o clamor e a grita de todos os sinos de Moscou e da multidão furiosa. Vestindo-se apressadamente mandou o seu fiel secretário Basmanof informar-se do que estava sucedendo. A aparição de Basmanof nas escadas do palácio levantou um grito desesperado da populaça armada que estava fora: — "Abaixo o impostor!"

Era o sinal de morte. Basmanoff se refugiou chamando por todos os alabardeiros que formavam a guarda do palácio, mas que eram bem poucos para reagir contra a multidão. Os agressores enxamearam pelas escadas e invadiram o quarto onde o jovem czar os esperava, com Basmanof a seu lado. "Olá, czar de mau presságio! Até que afinal está acordado!" — disse, com ar de zombaria o primeiro que entrou no quarto. Basmanof colocou-se defronte de seu amo, enquanto Demetrius armado com uma espada fugia para o terraço, para onde outros atacantes já tinham seguido caminho, e arrojou-se sôbre êles, gritando:

— Miseráveis; eu não tenho sido um Boris para convosco, não!

Muitos dos conspiradores caíram mortos, mas, afinal, Basmanof foi morto e o czar teve de recuar. Ao mesmo tempo os alabardeiros que estavam reunidos na entrada do palácio para a guardar foram rechaçados para dentro. Diligenciaram chegar até Demetrius e arrastaram-no para o interior do edifício, sempre fogosamente perseguido. A morte era certa pelas armas de fogo que os agressores possuíam, enquanto os soldados do czar não as tinham. Forçavam-se portas sôbre portas e os fiéis alabardeiros iam sendo impelidos até chegarem a ficar reduzidos à defesa do último quarto. Então descobriu-se que o czar havia desaparecido.

Ferido e ensangüentado, Demetrius correra por tôda a série de quartos até chegar a uma janela que deitava para uns terrenos incultos nos fundos do palácio, no lugar onde antigamente se levantava o palácio de Boris. A janela tinha a altura de trinta pés do chão, mas o homem perseguido dali saltou. Com isso quebrou uma perna e desmaiou pela dor que sofrera. Antes de que tivesse podido vir a si ou que pudesse ter fugido, muitos inimigos saltaram sôbre êle, e levaram-no para fora. Quando passou pelos seus fiéis guardas, então já prisioneiros, acenou-lhes com a mão para lhes dizer um último adeus.

Não foi morto imediatamente. Os que o capturaram brincaram com êle como um gato com o rato. Arrancaram-lhe as vestes imperiais e envolveram-no na túnica de um cozinheiro. "Vejam o czar de tôdas as Rússias!" e escarneciam. "Está outra vez vestido com a roupa que lhe pertencia."

Um dos nobres boiardos, disse-lhe:

— Cão! Dize-nos quem és e de onde vens?

— Todos vós — respondeu a vítima com voz firme, sabeis que eu sou o vosso czar, o filho legítimo de Ivan Vassilievitch. Perguntai-o a minha mãe; mas, se quereis a minha morte, dai-me ao menos tempo para fazer a minha confissão.

— É assim que eu confesso êste polonês de mau agouro! — retorquiu brutalmente um dos da canalha... e descarregou-lhe em pleno peito um arcabuz. Depois, no meio de gritos, perguntou:

— O que diz o polonês? Confessa ou não a sua impostura? Cortem-no em pedaços!

Os enfurecidos sanguinários caíram sôbre a prêsa, e não largaram o cadáver enquanto o não estropiaram a ponto de ficar completamente desfigurado.

Depois de ter sido arrastado pelas ruas da cidade, o corpo de Demetrius foi exposto durante três dias à vista da populaça. Mas a ferocidade dos executores anulou os seus próprios fins, pois muitos daqueles que viram assim os restos mutilados e despedaçados, perguntavam se era realmente o corpo do czar. Correu o boato de que Demetrius itnha iludido os guardas do palácio, que tinha fugido para os cossacos e havia de voltar a tomar posse do trono.

Na terceira noite, os guardas que vigiavam o cadáver, descobriram sôbre êle um tênue raio de luz azul pálido em que, na sua ignorância sôbre as leis da putrefação,

julgaram ver obra de bruxaria. O corpo foi enterrado apressadamente num cemitério fora de portas. Nessa noite houve uma violenta tempestade e no seguinte dia estava aberta a sepultura e o corpo se achava deitado sôbre a superfície da terra.

Um terror supersticioso se apoderou do povo inteiro. Segredava-se que êste ente extraordinário, que se tinha feito passar como filho de Ivan, era realmente uma criatura de natureza diabólica, um mágico ou feiticeiro que aprendera a arte mágica entre os finlandeses, e possuía o poder de morrer e de voltar outra vez à vida. Para se libertarem daquele monstro, queimaram o corpo numa fornalha, colocaram as cinzas numa peça de artilharia que descarregaram fora das portas de Moscou. Tal foi o fim dessa vida extraordinária que difìcilmente encontra similar na história ou no romance.

Não parece que fôsse, em verdade, o pequeno que se dizia morto em Uglitch, em 1591. Apesar das narrativas dêsse misterioso acontecimento diferirem muito, tôdas são concordes no ponto da morte do czarevitch. Não há realmente dúvida de que tenha sido assassinado por instigação de Boris Godunov; ilumina-se a treva que pesa sôbre êsse caso, pelos esforços de Boris para ocultar sempre o seu crime. Verdade é que o pretendente foi, depois, reconhecido pela czarina como seu filho; mas também Artur Orton foi reconhecido pela mãe de Roger Tichbourne. A czarina e sua família tinham sido fundamente insultados por Boris, e tinham tôda a razão de acolher o triunfo do que estava obrigado, por seu próprio interêsse, a tratá-los com as mais elevadas honras e deferências.

Nem tão pouco foi êsse brilhante aventureiro o monge Otrepiev. O absurdo dessa explicação já foi demonstrado. É possível chegar à solução do enigma, reunindo cuidadosamente certos pontos por onde se tocou na descrição dessa estranha carreira.

O primeiro fato que surpreende extraordinàriamente é a prontidão com que foi recebida a pretensão. O príncipe Adam está no seu banho; o criado, para se desculpar de um ato de negligência, diz-lhe que é o legítimo czar das Rússias. E o príncipe aceita essa declaração sem um momento de hesitação, e logo começando a tratar o seu criado como czar, e dali por diante o caminho seguido pelo pretendente é suave até ser pùblicamente reconhecido pelo rei Segismundo. Note-se que nunca foi explicado, por que forma entrou êste rapaz ao serviço do príncipe Adam.

Se assim foi, resta uma pergunta a fazer. Quem eram, pois, êsses poderosos amigos ocultos que, depois de terem primeiramente arrastado êste rapaz para representar aquêle papel, e de o terem introduzido em casa do seu aliado, o príncipe Adam, ajudaram tão firmemente os passos da sua subseqüente carreira?

Podemos deduzir resposta plausível da própria narrativa feita. Qual o caminho que assegura a Demetrius o apoio dos poloneses? A sua recepção na igreja romana pelos jesuítas — outra comédia; porque, note-se, o pretendente era, por certo, um católico, se não por nascimento ao menos por educação. Quem é que, finalmente, induz Segismundo a apoiar as suas pretensões? O núncio do papa, por intervenção dos jesuítas! Quem acompanha Demetrius na sua curta carreira, e quem é mais pùblicamente estimado por êle, com escândalo de seus súditos? Os padres jesuítas. Quem se encontra partilhando das responsabilidades do poder, dando-lhe conselhos secretos, sugerindo-lhe medidas favoráveis a Roma? A quem foi permitido construir uma igreja católica na mais sagrada região em tôda a Rússia? Aos mesmos jesuítas.

Não é necessário acrescentar que, anos antes dêsses acontecimentos, a Companhia de Jesus, tôda poderosa na Polônia, fundara colégios perto da fronteira russa, e mandara missionários àquele país, um dos quais teria sido, talvez, Gregório Otrepiev, e tinham-se gloriado com a esperança de trazer os moscovitas ao grêmio romano.

Foi esta maravilhosa sociedade, que em dado momento pareceu destinada a governar o mundo inteiro, que concebeu, e realmente executou, o arriscado projeto de fabricar um czar, e de o colocar no trono de tôdas as Rússias?

★

— Não; nada tenho para falar com ela... Pergunte apenas se a irmã dela já foi operada... e se ela já tentou fazer a receita do bolo de nozes... e diga-lhe que comprei um chapéu novo... e pergute também...

QUEBRA CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR

LUTÉRCIO
SECRETARIO

ANO XXXIX — Nº 10 — MARÇO — 1956
DICIONARIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONARIO DE NOMES PRÓPRIOS — DE LIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇAO DE DIFUSAO DO CHARADISMO, NAO PUBLICA TRABALHOS DIFICEIS

1.º TORNEIO DE 1956 — JANEIRO — FEVEREIRO — MARÇO

LOGOGRIFOS

— 105 —

(Aos confrades de São Paulo)

Quando a meta é o ocaso e só vemos um **resto** — 3-11-10-12-13
De ilusão no sol-poente, indeciso faiscando,
Levantamos a mão num derradeiro gesto
De adeus ao que foi nosso e que se vai findando.

É a vida. E é talvez tudo o que mais **detesto** — 13-1-2-7-13
Êste fim que se esboça e abre-me a quando e quando
Os olhos para o horror de um temporal funesto
Que o espírito me envolve e a grande custo **abrando.** — 11-10-7-3-13

Adeus, ó mocidade heróica e **estravagante**! — 1-13-7-12-11
Dei-te, pródigo e ingênuo, as fôrças de um gigante
E hoje débil me arrasto ao sabor do meu fado.

Temeroso vacilo, eu, que amava o **perigo**. — 8-9-4-5-6
Adeus! Enquanto vais e o sol levas contigo,
O mundo, êsse traidor, contempla-me **espantado**!

Lutércio, CEC (Rio)

— 106 —

O belo gaturamo-serrador
Na rama canta com **alegria** — 12-10-6-10-9-2-12
De galho em galho, de flor em [flor,
Saudando o despontar do dia.

Soberbo, em vôo alentado,
Qual **coisa leve flutuante** — 1-9-1-9-2-7
Ganha o céu em lance **ousado** — 12-8-7-10--11-9-5-4
Refulgindo ao sol brilhante.

Longe, **marulha** o regato — 7-3-12-3-11-4-12
Longos lamentos e tristes ais.
Águas que o destino ingrato
Leva pro mar e não voltam [mais.

Vibra e canta a natureza,
Maliciosa, com esplendor. — 3-11-2-7-5-12
Vibra e canta a realeza
Do gaturamo-rei cantador.

Gorjeiam os pássaros em festa
De galho em galho, de flor [em flor.
Do encanto alado se enche a [floresta
Dê tôda **espécie de beija-flor.**

Dr. Legnar (Urupês, SP)

— 107 —

(Ao Dr. Lavrud)

Uma pessoa apreciada,
Que tem bons costumes, creio — 3-4-1-7-6
Que é sempre **branda**, educada, — 3-4-6-7-1
Em face do orgulho alheio.
Torna agradável, honesta, — 5-3-2-6-7
Gente que a queira ofender.
Se reage, não se **molesta** — 7-3-4-6-7
Por nada, ao se defender.

Perdoa, até, quem lhe faça
Qualquer chacota ou **pirraça**.

Mavícaro (Recife)

★

CHARADAS NOVÍSSIMAS

108 — Duas-uma-duas — **Furta** o traje e depois insiste na **negação**. Porque, então, **cora** quando ouve falar em **roupa de uso diário**?

Florentino (J. Pessoa, PB)

109 — Duas-duas — Aproveitando o **ensejo**, o indivíduo **embriagado** provocou grande **desordem**.

Gil Vírio (Andradina, SP)

110 — Uma-duas — Não aceito o **pretexto**. Mesmo com a casa **cheia**, hospedo-o e não vejo **gravidade** no caso.

Eurico II (Bauru, SP)

111 — Três-uma — O **camponês** nortista **faz** boa figura no meio da **gauchada**.

Gilvanete Rosas (Caruaru, PE)

112 — Duas-duas — Um mau **negócio**, em má **ocasião**, causou **algazarra com vias de fato.**

Heron Silpes (Canavieiras, BA)

113 — Duas-duas — **Enchente** à porta do cinema, sinal de filme **delicioso**; mas quem fica na fila tem que ter **paciência**.

Nilva, CEC (Rio)

114 — Duas-duas — **Considerei** as vantagens e desvantagens do **movimento** e neguei-lhe a minha **intervenção.**

Asclépios, CEC (Rio)

---

115 — Uma-três — **Nesse tempo** todos os homens usavam cabeleira comprida e **alvejada com cosméticos**. Todos, até **os lacaios**.

Zytho, HC (Rio)

---

116 — Duas-uma — Contém **substância** a carne usada **aqui,** principalmente o **charque**.

....**Agrimonte** (J. Pessoa, PB)

---

117 — Uma-duas — **Onde,** senão em Deus, são **irmãos** todos **os homens**?

Atenas, HC (Rio)

---

118 — Três-duas — Na **charneca** que atravessei, **rumo** à cidade, encontrei esta **espécie de tamanco** antigo.

Beatriz Cardoso, CEC (S. Paulo)

---

119 — Duas-duas — Apostei uma **bilha,** no **jôgo,** contra um cavalo **baixo e grosso**.

Champollion (P. Alegre, RS)

---

120 — Quatro-uma — A **pompa** é o **único** aparato realmente **soberbo**.

Dr. Legnar (Urupês, SP)

---

121 — Três-uma — Quem se **mete onde** não é chamado não passa de **pessoa importuna**.

Dr. Zinho (S. Paulo)

★

ENIGMAS

— 122 —

Se ris no côco batendo
E abrindo-o de lado a lado,
Logo a verdade compreendo:
Vou ter um doce estupendo
E um **hóspede inesperado**.
— (7 L)

Dom-Fafe (Rio)

JUVENTUDE
ALEXANDRE

— 123 —

Saia daqui, seu vampiro,
Dê o fora, aqui não fique,
Pois com um tapa eu o atiro
Por cima dêsse **tabique.** (5 L)

José Coelho Vieira (Maceió, Al)

— 124 —

Conhecido valentão,
Na pacata freguesia,
Por falta de educação
Em contenda se metia.

Mas um dia o desregrado
Do destino foi joguete,
Recebendo no costado
Forte sova de **cacete**. (10 L)

Gil Vírio (Andradina, SP)

— 125 —

Li na macia atitude
De sua terna meiguice
Que você tem a virtude
De evitar a **brejeirice**. (7 L)

Tonnew (Cascadura, DF)

— 126 —

O que tem ofício e al
Cai de pé, se cai. E creia
Que isso até não fica mal
A **pessoa muito feia.**
— Onde?

Tutankâmon, CEC (Rio)

★

CHARADAS SINCOPADAS

127 — Três (duas) — Que **caiporismo** o dêste **sujeito**!

Gomes Júnior (Maceió, AL)

---

128 — Três (duas) — Não fizeste um **bom negócio** por causa da **bebedeira**.

Paraná, CEC (Rio)

---

129 — Três (duas) — Apesar de ser **mulher má, tem aparência** de santa.

Farani (Salvador, BA)

---

130 — Três (duas) — **Insensato** não é, certamente, quem pratica suas ações com tão respeitoso **ardor**.

Espartano

---

131 — Três (duas) — Quem disse que o **diabo** cavalga agarrado ao **serigote**?

Eurico II (Bauru, SP)

---

132 — Três (duas) — Quem se deixa seduzir pelo jôgo segue um caminho **arriscado** e **traiçoeiro**.

Conselheiro (RN)

133 — Três (duas) — Êste **punhal** eu não troco, nem mesmo por uma **dinheirama**.

Beatriz Cardoso, CEP (SP)

(Ao Dr. Lavrud)

134 — Três (duas) — Sua **inteligência** faz marchar o charadismo, numa apoteosé à sua **vocação**.

Marciano (Souzas, SP)

---

135 — Três (duas) — Um homem **gracejador**, sempre loquaz e **risonho**.

Mara, CEC (Rio)

---

136 — Três (duas) — É a **maledicência** que nos mostra a vida em seu pior **aspecto**.

José Coelho Vieira (Maceió Al)

---

137 — Três (duas) — **Sem resistência** é a **taquara de que se fazem cêstos**.

Gilberto Rosas (Caruaru, PE)

---

138 — Três (duas) — Num **desafio entre cantadores** cada qual procura mostrar seu **estro poético**.

Tia Joana (Caruaru, PE)

---

139 — Três (duas) — De uma **prisão** ninguém, por certo, **guarda** a mínima saudade.

Gil Vírlo (Andradina, SP)

★

CHARADAS CASAIS

140 — Três — Foi **interceptado** um comunista em plena **campanha de propaganda**.

Alô Tropina, CEC (Rio)

DORES nas JUNTAS

A tortura das juntas rijas e inchadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que êstes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, sem forças para o trabalho ou disposição para gozar a vida.

Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças á sua magnifica ação tonificante.

Em vidros de 40 e 100 pilulas

O grande é mais econômico

Pilulas DEWITT

Para os Rins e a Bexiga

141 — Três — **Oculto** do ébrio Fogaça A garrafa de **cachaça**.

Dr. Kean (Taubaté, SP)

---

142 — Quatro — O **barulho** foi ainda maior depois da passagem do **desfiladeiro**.

Champollion (P. Alegre, RS)

---

143 — Quatro — Numa **escavação guarnecida de seteiras** foi encontrado o produto do roubo praticado por conhecido **larápio**.

Cysneirense Júnior

144 — Quatro — Ora, um **vaso de barro** é apenas... um vaso **feito de barro**.

Beatriz Cardoso, CEP (SP)

---

145 — Duas — **Está preocupado** o fazendeiro com o alto custo da **ração para o gado**.

Conselheiro (RN)

---

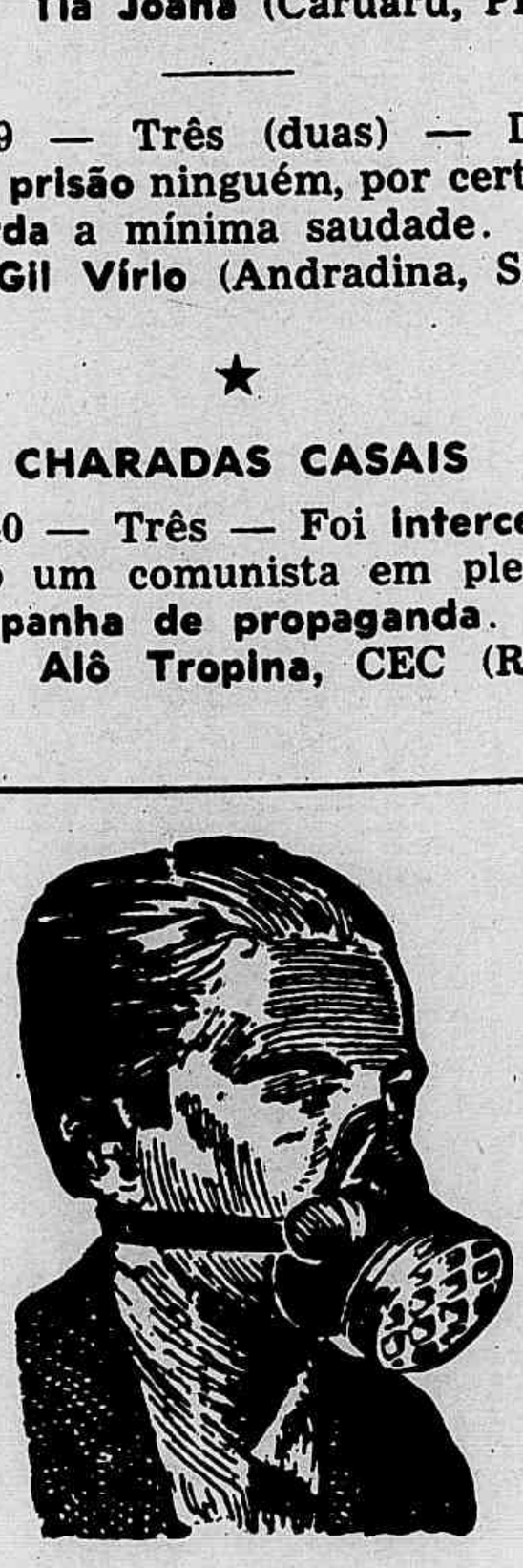
146 — Três — Vi-o **agitado** e cheio de justa **indignação**.

Donatila Borba (Criciúma, SC)

---

147 — Três — O **parque** foi danificado por um sujeito **estúpido**.

Florentino (J. Pessoa, PB)



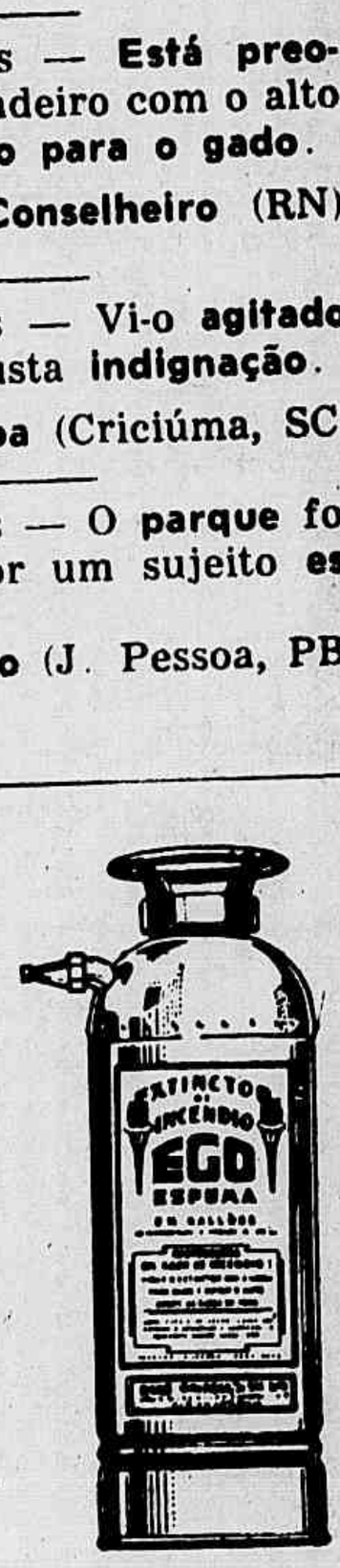
APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



148 — Três — **Resume** a conversa: compras ou não um **grupo de 50 a 100 ovelhas?**

Gildo Rosas (Caruaru, PE)

---

149 — Três — Não é só menino **travêsso** que **faz diabruras**.

José Coelho Vieira (AL)

---

150 — Quatro — O que **desfaz** a ilusão transforma o amor em **ruína**.

K.T.Q.Z. (SP)

---

151 — Três — **Dirige** teus negócios com **astúcia**.

Asclépios, CEC (Rio)

---

152 — Três — Na ocasião **oportuna** mandei a encomenda por um **mensageiro**.

Oarcim (Rio)

---

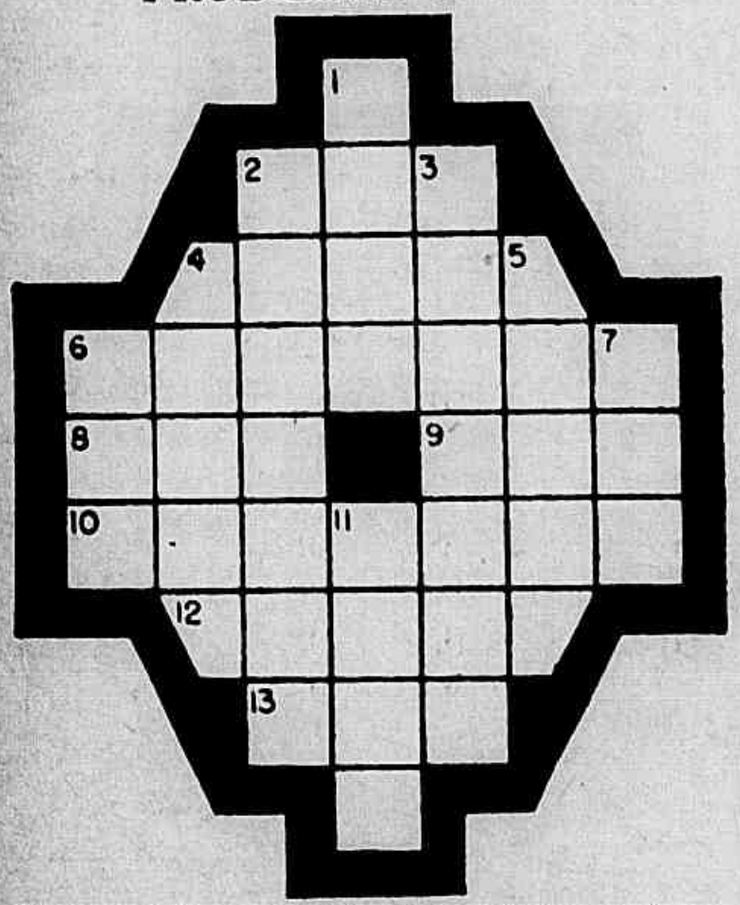
153 — Quatro — A confecção de um **estore**, para quem tem prática, é trabalho **fácil**.

P. Del Débbio, CEP (SP)

★

PALAVRAS-CRUZADAS

PROBLEMA N. 5

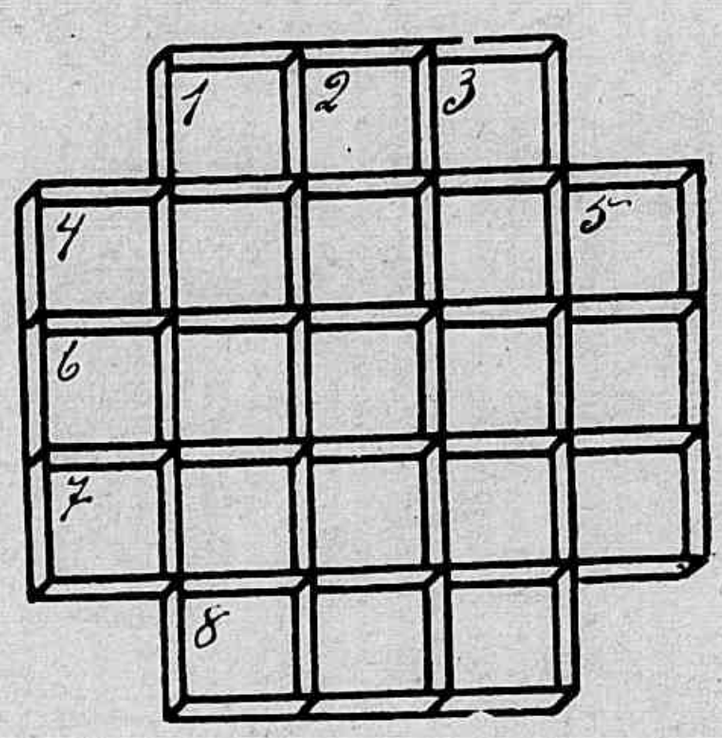


Lutércio, CEC (Rio)

Horizontais: 1 — Sinal do compasso quaternário; 2 — Filtra; 4 — Ofende; 6 — Iludira; 8 — Desejo; 9 — Eu próprio; 10 — Erudita; 12 — Intriga; 13 — Fecha (as asas) para descer mais depressa.

Verticais: 1 — Pinte; 2 — Disfarces; 3 — Notável; 4 — Obtenham; 5 — Desagradável; 6 — Assim; 7 — Governanta; 11 — Risca.

PROBLEMA N. 6



Nilva, CEC (Rio)

Horizontais: 1 — Margem; 4 — Pequena moeda grega; 6 — Penetrar; 7 — Tornar tolo; 8 — Apostará.

Verticais: 1 — Humilhei; 2 — Velhice; 3 — Comentário para dar aspecto sensacional a um fato; 4 — Planta herbácea da família das Oxalidáceas; 5 — Medida grega de comprimento.

★

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 20 de janeiro:

Seamva (Santos) — Gratos. Anotamos seu novo endereço.

Gil Vírio (Andradina) — Recebemos e agradecemos sua ótima colaboração.

Dr. Zinho (S. Paulo) — O amigo tem razão. Houve lapso. A charada é reproduzida corretamente neste número.

★

AOS COLABORADORES

Recomendamos explicar, ao pé dos enigmas charadísticos, a respectiva urdidura, que deve ser isenta de complicações e prolixidade. Nos enigmas em que a solução esteja dissimulada num calembur é necessário que o truque se atenha tanto à grafia quanto à sonância, evitando-se o risco de resvalar em modismos extravagantes ou plebeísmos exóticos. As pedras das charadas casais devem ser extraídas de verbetes diferentes. Chamamos a atenção dos decifradores para o prazo. As listas chegadas com atraso não serão computadas, bem como as remetidas na própria fôlha da revista.

★

ENIGMA PITORESCO — 154

(Ao confrade O SINEIRO)

P. Del Debbio, CEP (S. Paulo)

ENIGMA FIGURADO — 155

Flote (Cuiabá, MT)

DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS "ETIEL"

Sob a competente orientação de Jofralo (João Francisco Lopes), depositário das edições da Tertúlia Edípica, de Lisboa, já se acha em bem adiantada fase o preparo da segunda edição dêsse excelente dicionário, que, remodelado e aumentado, está sendo lançado em fascículos em Portugal. O último tomo publicado é de n. 6, atingindo metade da obra. Para o Brasil, virá o dicionário completo que será distribuído pela Livraria H. Antunes. Parabéns à T.E.

NOTA

No mês de janeiro, no figurado n.º 53, de Heron Silpes, o D da primeira figura deve ser branco. Os clichês dos problemas de palavras cruzadas saíram trocados.

PONTO ANULADO

O ponto n. 10, de janeiro, fica anulado por ter a charada saído com incorreções, sendo o mesmo contado a todos os concorrentes.

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15, e endereçada ao diretor desta seção:

DR. LAVRUD

PUBLICAÇÕES

Recebemos: Paraíba Enigmística, Revista de Palavras-Cruzadas, O Enigma (S. Paulo), Artigas (Montevidéu) e Brasil Enigmista (Rio).

★

LIVRO À VENDA

Nosso confrade Odon Pôrto Almeida oferece um exemplar do "Auxiliar do Charadista", de Bandeira, edição de 1906. Cartas com oferta para o mesmo. Caixa Postal n. 94, Garanhuns, PE.

POIS QUE... ESTOU AQUI!

(Continuação da página 8)

Lilian desceu a escada e Ken compreendeu que já vinham buscar a bagagem de sua espôsa. E ela nem sequer lhe disse adeus!

Assim, Ken Linge ficou só de repente, do mesmo modo que naquele dia, no campo de refugiados políticos, quando fôra informado de que tôda a sua família havia sido fuzilada...

Uma hora antes do romper da aurora, enquanto procurava sufocar o seu desespêro, a terra tremeu duas vêzes e gritos de terror partiram das casas vizinhas.

Ken saltou fora da cama e dirigiu-se para onde se encontravam as duas crianças adormecidas. Com o auxílio de Ma-Ita conduziu-as para fora da casa. O céu estava cristalino, mas a lua conservava um aspecto avermelhado. Havia um clarão de incêndio ao norte e êle calculou, maquinalmente, que o vulcão Bronai estava em forte erupção. Depois, a terra tremeu novamente e houve um grande rumor para os lados do ancoradouro, no instante em que a primeira onda de lavas atingiu o pôrto e lançou os navios contra o cais e as primeiras casas.

De repente, Ken saiu de seu torpor e uma pontada repentina quase paralisou seu coração. Lilian... Lilian estava lá em baixo... no cais!

— Ma-Ita! Vigia bem as crianças! Aqui vocês estão seguros. Nem as lavas, nem as águas furiosas podem atingi-los. Não se movam!

— Sim, senhor.

Então, como um louco, Ken correu na direção da cidade. O vento começava a soprar com fôrça e as estrêlas se escondiam depressa, uma a uma. Porém êle só ouvia os gritos confusos da população da cidadezinha tomada de pânico, e o surdo rolar de uma nova onda de lavas que chegava.

Não tardou a encontrar os primeiros fugitivos que, desesperados, não perdiam uma oportunidade para gritar. Depois, viu também famílias conduzindo bagagens. E um homem carregando às costas uma mulher semi-louca, que chamava insistentemente por seus filhos. Finalmente, encontrou uma verdadeira muralha de sêres humanos que fugiam... chorando e torcendo os braços em desespêro.

— Lilian!... Lilian!...

Talvez ela estivesse ao lado dêle no meio dessa multidão que tentava romper. Sentia-se desesperado, tal como durante êsses pesadelos em que se luta contra uma correnteza. Eis que a aurora começava a irromper, ou então eram as lavas do vulcão que emitiam aquêle brilho incandescente no horizonte. De repente, percebeu que andava sôbre água e sentiu uma certa inquietação porque sabia que **ainda estava longe do cais.** Certamente Lilian não tinha conseguido entrar para o navio... Sim. Naturalmente tinha procurado hospedar-se no Hotel Mitsu-hito.

— Atenção! Atenção!

Ken viu a onda subir no fim da rua e estreitar-se entre as fachadas das casas. Penetrou por uma porta aberta, subiu uma escada e, no momento em que atingiu o andar superior, sentiu que todo o edifício tremia sob o impacto da onda. Em face dessa arremetida dois imóveis ruíram. Depois de alguns instantes, as águas refluíram...

Ken desceu e retomou seu caminho. Às vêzes, gritava ainda pelo nome da sua espôsa, mas já sem muita esperança. E, à medida que avançava, relembrava coisas esquecidas: seu sorriso confiante, a maneira terna como erguia para êle seus olhos castanhos e, finalmente, os seus gestos quotidianos...

Êle agora estava com água à altura do ventre, e um objeto lhe tocou o peito... um barco vazio. Saltou para dentro. De vez em quando, chamavam por êle de cima de algum telhado, mas êle não ouvia.

Hotel Mitsu-hito... Um dia rubro nascia. Êle viu muita gente sôbre os telhados.

— Lilian!

— Ken! Atenção, Ken! Uma onda!

Todo o pôrto se achava agora submerso. Os navios, com as amarras quebradas balançavam ao sabor das ondas furiosas. Ken dirigiu o barco para uma balaustrada, e subiu...

— Você veio, Ken... Você veio, finalmente... Oh!

Uma voz o advertiu da aproximação da vaga, Ken se estirou completamente sôbre o telhado, agarrou-se a uma saliência e aproximou-se de Lilian. Mas sabia perfeitamente que havia chegado tarde de mais, pois a terceira onda é sempre a mais forte...

Maquinalmente, seu olhar seguiu a progressão da onda. Esta subiu do ancoradouro, atingiu as casas que, sob a pressão de milhares de toneladas de água, ruíam uma após outra.

— Ken! Agora é o fim!...

— Não — disse êle, com voz selvagem — **pois que estou aqui**...

A vaga atingiu o hotel e êles sentiram que o telhado afundava. Ken mergulhou na água lamacenta. E sempre que emergia procurava erguer Lilian o mais alto possível. Agarrou-se, então, a uma enorme viga de madeira e deixou-se levar para o interior das terras. Desta vez a fúria das águas varreu completamente Hakodaté...

Quando veio o refluxo quase todos os pilares remanescentes foram arrastados. Exausta, Lilian soluçava. Era preciso falar

com ela, distraí-la, impedir que se deixasse vencer.

— É apenas um tufão, querida. Nos mares da China acontecem coisas piores. Um pequeno sobressalto da natureza... A natureza parece imensa quando se desencadeia dêsse modo. Pensa nas catástrofes mais terríveis; pensa no homem das cavernas que vivia cercado de monstros pavorosos... Pensa em tudo isso, e não terá razão para sentir mêdo de um tufão; **ainda mais estando ao lado do marido!**

Ela o fitou e, em seus lábios havia um triste sorriso.

Quando as águas desceram, êles conseguiram fugir para as colinas. Chovia torrencialmente; a água da chuva, misturada com as cinzas quentes, fervia nas proximidades da cratera do vulcão. E, novamente, a terra tremeu; duas vêzes mais!

Quando chegaram ao alto da colina, encontraram Ma-Ita com as duas crianças. Aproximaram-se, mas nada disseram. A seguir, Ken avançou para a borda da colina, de onde se via as ruínas da cidade; segurava Charly pela mão. Lilian, trazendo Brigitte nos braços, o acompanhou.

— Vou descer novamente, querida — disse êle, com voz carinhosa. — É preciso reorganizar tudo! Essa pobre gente precisa muito de ajuda...

— Irei com você, Ken — disse Lilian, com súbita paixão. — **Quando estamos juntos, nada nos pode acontecer!**

E Ken compreendeu que havia vencido as fôrças bem mais terríveis de um vulcão e de uma tempestade. A partir dêsse instante, sentia-se mais forte e capaz para a luta pela vida.

★ ★

O PREÇO DA LIBERDADE

(Continuação da página 90)

países de civilização relativamente adiantada, mas ainda nos que continuam bastante atrasados. Medidas higiênicas eficazes podem ser aplicadas com enorme facilidade. Mas, por outro lado, são necessárias várias gerações para modificar verdadeiràmente os hábitos e os costumes do povo. Na Inglaterra, a taxa de mortalidade começou a declinar por volta de 1740 em virtude dos progressos realizados no campo da saúde pública, mas a taxa de nascimentos só começou a decrescer a partir de 1880, após as mudanças operadas nos hábitos de vida. Êste intervalo de cêrca de 140 anos permitiu que a população da Grã-Bretanha duplicasse, ou mesmo quadruplicasse. Durante o século XIX, a Grã-Bretanha suportou tal situação porque, naquela ocasião ela era um dos pioneiros da revolução industrial e tornou-se, temporàriamente, a "oficina do universo"; no entanto, esta possibilidade de absorver um crescimento de população tão ràpidamente não foi dada a nenhum outro país nas mesmas proporções. E, atualmente, a queda da taxa de mortalidade nos países da Ásia, faz aumentar a população do globo num ritmo tal que torna absolutamente insignificantes as estatísticas estabelecidas por volta dos séculos XVIII e XIX, na Inglaterra.

Com os progressos da saúde público e a ciência atômica, o fato de se continuar a agir irracionalmente, representará o suicídio da humanidade. Portanto, fiquemos sabendo, desde logo, que **não é num só dia que podemos nos tornar sábios e virtuosos!**

Será que podemos agora fazer sequer o balanço dêste movimento mundial de emancipação?

Por um lado, encontramos um elemento importante e bem definido: a emancipação que elimina a injustiça social. Por outro lado, registramos o perigo — e profundamente real — de uma desordem, causada pela emancipação, fazer soçobrar o barco que conduz a humanidade. Se o choque determinar o emprêgo de armas atômicas, então barco, carga e equipagem correrão o risco de desaparecer completamente.

O domínio que o homem tem sôbre o potencial atômico, numa época em que a emancipação se realiza em escala mundial, faz desta conquista uma das mais perigosas da história humana. Por isso mesmo, o perigo é o elemento natural do homem.

Sôbre o novo caminho que se abre para a humanidade, parece mais certo seguir com rapidez. Mas resta ainda descobrir se nos conduzimos certos nesta jornada que tem por fim **abrir** o nosso caminho.

OS CAMARADAS DE TWOFOLD BAY

(Continuação da página 57)

deixando em todos os que tinham presenciado o drama a impressão de que eram aliadas dos caçadores de baleias. Isto inaugurou uma etapa de grande atividade para os homens de Twofold Bay. Mal acabavam de despedaçar uma baleia as orcas lhes levavam outra vítima ou saíam até a embocadura, a esperar que suas aliadas realizassem a sua façanha habitual.

Durante todo o mês de junho essa fantástica colaboração foi aumentando e cada vez com maior êxito, espalhando-se a notícia por tôda a Austrália, animando os viajantes e curiosos a uma visita à pequena aldeia para certificar-se da veracidade da notícia.

No mês de janeiro, os caçadores capturaram sete baleias, que era aproximadamente o máximo que podiam manipular com seu limitado equipamento, até que para os fins do mês as baleias foram passando cada vez em menor número, até que só se via uma ou outra desgarrada.

Quando por fim desapareceram, as orcas não tornaram a visitar as águas da baía ou arredores. Os baleeiros se convenceram de que elas haviam seguido as baleias e sinceramente lamentavam o fato.

Mas, em primeiro de junho do ano seguinte, no mesmo dia em que os baleeiros saíam, viram com assombro e regozijo que as orcas rondavam de cima para baixo e em maior número que da primeira vez. Barkley afirmava que as orcas estavam tão contentes de ver os barcos baleeiros como os baleeiros de ver os peixes vorazes. Firmava-se nesse conceito por ter visto a "Old Tom" e "Humpy", além de outro tipo de orca com aleta de gancho, a que conheciam por 'Hooker", aproximando-se expressamente da lancha e olhando para as embarcações como se tentassem identificá-las. Duas horas depois do aparecimento dos peixes assassinos, já tinham obrigado uma baleia a entrar na enseada, dirigindo-a imediatamente para as águas pouco profundas, onde os homens se precipitaram, a fim de arpoá-la, até que as fôrças combinadas de homens e orcas aumentaram a lista com mais um cetáceo.

Aquêle verão aumentaram as baleias e também as orcas, que contribuíam para sua caçada, significando isso limitado trabalho e rápida prosperidade para todos. Ao findar a temporada, Davidson assistiu a outras duas façanhas notáveis realizadas pelas orcas.

Certa noite, estando deitado, recordava que em duas ocasiões as orcas tinham forçado a entrada de uma baleia, atacando-a em seguida, furiosamente, mas não fazendo qualquer esfôrço para arrancar-lhe a língua, o apetitoso bocado que tão poderosamente as atraía. Também tinham desdenhado devorar as habituais rações de gordura. Sem dúvida não tinham fome. Mas podemos afirmar que não há habitante do mar, por menos voraz que seja, que ataque se não tem fome. Na mesma noite viu corroboradas suas deduções de maneira surpreendente. Pouco depois de ter adormecido, foi despertado por uma série de detonações sêcas e fortes, semelhantes a tiros de pistola. Continuando êsses estampidos, agora mais nítidos enviou John, com a lanterna, verificar o que ocorria.

Os estampidos curtos, cortantes, vigorosos, eram de violentas batidas na água. John lá foi verificar, tardando pouco a voltar.

— Desafio a que adivinhe o que é! — falou ao pai. — Nosso bando de orcas fêz entrar uma baleia enorme e algumas delas estão dando fortes pancadas de cauda na água. Por que fazem assim?

— Não sei, filho... A não ser que queiram apenas despertar nossa atenção e pedir o nosso auxílio habitual... Chama os homens. Temos que ir para o cais.

Vestiu-se ràpidamente, protegendo-se com o amplo impermeável. Reinava a mais profunda escuridão. Antes de chegar ao cais ouvia várias vêzes as violentas pancadas que os baleeiros reconheciam como dadas pelas baleias batendo a superfície da água com a cauda. E quando mais próximo estava percebia, também, os cortantes golpes das natatórias das orcas. Depois ouviu o forte resfolegar de uma baleia, que tentava respirar. Segundos depois chegou-lhe aos ouvidos o inconfundível silvo da baleia ao soltar um jato de vapor e água e a contorcer-se como um touro ferido.

Davidson, detendo-se, junto do cais, dirigiu o foco de luz de sua lanterna para as águas tenebrosas. A quinze metros ou pouco mais, de profundidade uma orca enorme e mais negra que a própria noite, com as brancas pintas fosforescentes passou, veloz, no círculo iluminado. O velho baleeiro reconheceu o olhar brilhante e a poderosa aleta de dois metros de comprimento de "Old Tom". Gritou, então, com tôdas as fôrças e "Old Tom" pareceu responder. Logo que desapareceu a inimiga da baleia Davidson ouviu na água os rápidos estalidos de uma causa gigantesca.

Mas já os homens se haviam reunido a êle, excitados, querendo saber o que ocorria.

— Nossas amigas nos trouxeram uma baleia gigantesca e agora lutam com ela.

— Que faremos? — perguntou Barkley.

— Se são perigosas durante o dia, à noite...

— Se ficarmos fora do alcance da baleia, não correremos risco... Nossas amigas pedem o nosso auxílio!

Os barcos foram lançados, indo Davidson na proa do mais avançado, com o harpão preparado. Após um intervalo de calma, algo saltou bem diante dêles, surgindo o

longo dorso negro de uma baleia, que resfolegava como uma locomotiva. O harpão foi lançado com tôda fôrça, cravando-se até a metade, no flanco do animal, segundo pude ver com a luz da lanterna.

Com pavoroso estrondo, a baleia deu um salto, que quase a fêz sair totalmente da água e ao tornar a ela, provocou tal marola que estivemos prestes a soçobrar. Davidson gritava ordens a plenos pulmões, porém suas palavras não eram ouvidas. A baleia submergiu com seus verdugos a ela agarrados e na súbita calma que então se fêz ouvimos a voz de Davidson aconselhando: "Cuidado!". O aviso foi repetido pelos homens dos barcos mais próximos. Tinham visto brilhar algo na água e apenas tiveram o tempo justo para afastar a embarcação fugindo da montanha que ressurgia das águas revôltas. Mas a segunda lancha não teve igual sorte. Soçobrou e todos os homens foram atirados à água. Davidson gritou nova ordem, que era aliás desnecessária, pois todos sabiam o que tinha que ser feito. O terceiro bote se lançou ao salvamento, enquanto o jovem Davidson, da proa do quarto bote e com magnífico tiro amarrou a baleia pelos seus flancos negros e escorregadios. Foi logo rebocada para o cais, enquanto os homens da embarcação sinistrada foram ràpidamente recolhidos para bordo. Quando, meia hora depois surgiu a pálida aurora as orcas tinham abandonado o teatro da carnificina e a baleia havia sucumbido.

Assim foram transcorrendo os anos sem grandes transformações. Os baleeiros mais velhos morreram ou emigraram ou abandonaram seu ofício para sentar ao sol e falar de suas interessantes experiências com as orcas. John Davidson chegou a chefiar os caçadores e outros homens moços substituíram os veteranos. Durante trinta anos homens e orcas trabalharam com um mesmo fim. "Old Tom", "Humpy" e 'Hooker" sempre vigiando a entrada de Twofold Bay, chegando a perfeição seu trabalho de conduzir baleias até as àguas tranqüilas, colocando-as ao alcance dos harpões dos baleeiros. E quanto mais perfeitas iam ficando em seus implacáveis ataques às baleias, mais crescia sua amizade com seus aliados humanos.

Contava-se que as do tipo "Old Tom" gostavam de fazer travessuras, agarrando com seus denets poderosos a proa das embarcações e dirigindo-as para o cais. Isso divertia aos homens que também brincavam com "Old Tom" embora fôsse perigoso. Uma vez que Old Tom agarrou a corda que prendiam uma baleia harpoada e deitou a correr com ela, os baleeiros levaram grande susto e custou-lhes grande trabalho recuperar a prêsa.

Embora fizessem por simples diversão, essa conduta não significava qualquer ajuda para os homens, que, infelizmente, não as podiam evitar. De outras vêzes, as orcas nadavam lado a lado com os barcos, manifestando grande interêsse.

Porém a história mais notável que os baleeiros transmitiram a seus filhos foi a daquela vez em que, equivoçadamente (ou deliberadamente) as orcas conduziram um cachalote para o fundo da baía.

Êstes e as baleias negras eram escassos naquelas paragens e os homens de Twofold Bay os viam raramente. Devido ao tamanho e à velocidade, muito superiores, dessa espécie, e a circunstância de ter na mandíbula inferior dentes enormes, assim como o costume de virar as embarcações quando atacada; por isso os cachalotes eram considerados inimigos perigosíssimos.

Aquêle dia as duas lanchas foram dirigidas pelos mais moços. Outras duas embarcações, mais vagarosas, onde iam baleeiros mais experimentados, seguiam as duas primeiras, que se haviam lançado em perseguição de uma baleia, ignorando que se tratava de um cachalote.

Acossaram o cachalote por tôda a baía, até levá-lo para a zona de pouco fundo, demonstrando sempre extraordinária inteligência. Evitavam com habilidade a formidável mandíbula do monstro, que era adversário bem mais perigoso que qualquer baleia. Pouco depois os homens tentaram cravar um harpão no cachalote. O monstro, com a dor girou repentinamente, fazendo virar a pesada lancha. John Davidson foi atirado às águas.

Dos demais botes ergueram-se gritos de alarma. O monstro ainda estava próximo, sempre girando e batendo com a cauda, vendo-se ainda, por todos os lados, grande número de orcas e, já agora, também tubarões esfaimados.

Um dos homens que estava de pé, com uma corda preparada, gritou:

— A John nada acontecerá! Aí estão "Old Tom" e "Humpy" para o defender!

E assim foi, realmente; as orcas que eram há trinta anos nossas amigas, colocaram-se de um lado e de outro de Davidson e o protegeram até que se viu novamente seguro, a bordo.

Desde aquêle dia, "Old Tom" e "Humpy" foram considerados heróis. Quando, dias mais tarde, apareceu na praia o cadáver de uma orca, vitimada pelos graves ferimentos da luta contra o cachalote e os tubarões, a consternação foi grande entre os pescadores e todos os da aldeia, sendo que ali mesmo os homens construíram um túmulo decente para a sua velha companheira.

As orcas ainda foram vistas alguns anos mais, porém as baleias começaram a rarear até que os próprios baleeiros tiveram que emigrar para regiões mais favorecidas.

Finalmente, o negócio de baleias acabou por morrer. Porém não a lembranças das fantásticas façanhas das orcas, as excelentes colaboradoras dos baleeiros de Twofold Bay.

O CASO DOS JARDINS SUSPENSOS

(Continuação da página 49)

nos resignamos a afrontar a vida sem dinheiro, sem luxo.

— Entretanto, quando você casou com Woody, passou por muitas dificuldades. Eu... Sim; creio que você tem razão. Se tivesse tido a coragem de abandonar a casa; se não houvesse consentido que Roberto dispusesse de minha vida...

— Não o julgue com tanta severidade; êle não compreendia...

— Compreendia, sim. Mas tinha tanto mêdo de ficar sòzinho que provocou o desânimo no espírito de todos os rapazes que se interessaram por mim. Sim; fêz isso! E, acima de tudo, juntamente com Lola Kramer, atreveu-se a pôr defeitos em todos os meus pretendentes.

— Agora está tudo acabado, Viviana — disse Febe.

—Não. Haney constantemente pergunta a si mesmo qual de nós três matou Roberto. Somos suspeitos. E depois, como é que Nick sairá de tudo isto?

— Sem complicações, pode ter a certeza — disse Febe, olhando para Elsa. — Elsa, você não deve acreditar no que dizem acêrca de Nick e Lola.

— Não acredito! — respondeu Elsa, com altivez. — Sei que não é verdade!

Viviana pôs as duas mãos no rosto.

— Onde está Nick? — perguntou. — Tenho de procurá-lo. Tenho de falar com êle antes de que Haney o interrogue.

— Êle não disse a você para onde ia? — perguntou Febe.

— Não. Saiu de automóvel. Não dormiu um só instante durante a noite e...

— Talvez tenha ido à "Rocha da Contemplação" — disse Elsa. — Êle gosta muito de estar por lá.

— Ah! — exclamou Viviana. — Então, subirei também. Hei de encontrá-lo.

— Não, Viviana — as mãos de Febe se apoiaram sôbre os ombros da irmã. — Vai repousar um pouco. Elsa irá, não é mesmo?

— Sim — respondeu Elsa. — E imediatamente.

QUANDO Elsa saiu do casarão, Febe estava auxiliando a irmã a subir a escada, a fim de ir para o quarto. Elsa dirigiu o veículo pela estrada grande e deu a volta pelo caminho das "Grutas", entrando por um atalho que conduzia à "Rocha da Contemplação". O ruidoso motor do automóvel martelava num ritmo invariável: "Nick e Lola, Nick e Lola, Nick e Lola, Nick e Lola..." Não! — pensou, tentando tirar a idéia da cabeça. Não! Febe tem razão; não é verdade; é um êrro; é uma mentira! Nick me explicará tudo.

Ao ver o carro de Nick parado em frente da casa de Ryan, deteve-se bruscamente, saltou e, depois, atravessando o jardim, correndo, bateu na porta até que a criada apareceu.

— Não há ninguém em casa, senhorita. A patroa foi à casa da irmã, e o patrão saiu também.

— Terá ido às grutas?

— Não sei, senhorita. Mas é possível porque sempre está lá.

Elsa deixou o automóvel junto da casa e dirigiu-se para as grutas. Na portaria não havia ninguém; deu uma rápida olhadela no gabinete de Woody e na outra saleta, onde trabalhava a secretária. Um dos elevadores estava em cima, o outro em baixo. Entrou no que estava disponível e desceu.

Quando saiu do elevador não havia ninguém à vista, mas as luzes estavam acesas nas três alas do pórtico em que se encontrava. Chamou por Woody; chamou por Nick; não obteve resposta.

Começou a descer pelo corredor que conduzia aos novos "Jardins Suspensos". Encontrava-se agora na parte mais profunda das grutas, aproximando-se do grande braço de água corrente, ao qual Woody havia dado o nome de "Lago da Lua". Havia conseguido efeitos de luz que produziam maravilhosos reflexos das rochas superiores sôbre as águas pouco profundas. "A Cidade Submergida", "O Naufrágio do Pirata", "O Vulcão do Oceano". Passou depressa por tôdas essas seções e atingiu a entrada da "Câmara de Ouro".

Esta não passava de uma ampliação do corredor, convertida em sala e dividida por meio de tabiques de rocha formando um labirinto, uma catacumba. Nas paredes havia aberturas dentadas, janelas e arcos.

Em muitos lugares, o brilho inquieto das pedras dava a impressão de altares de ouro. A seguir, a "Câmara" se dividia em dois corredores, e Elsa tomou o da esquerda.

Deteve-se ao passar pela estalagmite que se chamava "Cabo do Tonto", e começou a descer por uma passagem. Sentia um forte desejo de encontrar alguém, de estar com alguém. Tudo estava tão solitário dentro do subterrâneo! Nunca em sua vida experimentara tal sensação no interior dessas grutas, mas.... depois da noite passada... Andava cada vez mais depressa, quase correndo.

Já havia caminhado umas setenta e cinco jardas na direção das "Três Bruxas" quando ouviu, diante dela, ruídos de passos... Talvez viessem da primeira volta do corredor. Na pequena passagem também não havia ninguém.

— Woody! — tornou a chamar: — Woody, Nick!

Não houve resposta. Tomou alento para chamar novamente, mas a voz estava sufocada na garganta. De repente, as luzes da gruta se apagaram, e a pequena passagem mergulhou em completa escuridão. Ficou quieta, por alguns instantes, tentando acalmar-se e na esperança de que as luzes voltariam a acender imediatamente. Conseguiu aproximar-se de uma parede e apoiou a mão em sua lisa e fria umidade. Aguardou. Chamou. O eco da sua voz voltava tão ràpidamente que a assustava. Tornou a chamar, e nada! Não havia nas grutas nada além do fantasmagórico silêncio das origens do mundo.

Involuntàriamente, embora sabendo que devia permanecer ali até que a luz voltasse a brilhar, fêz meia-volta e começou a andar pelo caminho que já havia percorrido, completamente às cegas. Ia tateando com as duas mãos, uma apoiada na parede e a outra estendida para a frente; andava com muito cuidado; mas, apesar das precauções, tropeçou e caiu. Levantou-se e continuou andando com mais rapidez, esperando com ansiedade que a sua mão tocasse novamente no "Cabo do Tonto", o qual indicaria a sua posição. Chamou novamente Woody e Nick, porém, o único som que ouviu foi o da sua própria voz.

Um terror frio começou a invadi-la. Pelo que andara, já devia ter chegado ao "Cabo do Tonto"; já devia estar quase na "Câmara de Ouro". Procurou às cegas com ambas as mãos, tocando em cada saliência, e o mêdo que se ia formando em seu espírito intensificava-se cada vez mais. Não podia estabelecer a sua posição; nem tropeçava em nada que lhe fôsse familiar; nem rocha, nem muro...

Tinha de aceitar uma tremenda possibilidade; talvez, sem saber, tivesse vindo parar numa seção da gruta ainda não aberta para o público, num lugar em que não havia instalações elétricas; era possível que houvesse penetrado em uma artéria que nem o próprio Ryan conhecia.

Novamente tropeçou e caiu. Ouviu espalhar-se pelo chão todos os pequenos objetos que levava na bôlsa, e se pôs a procurá-los loucamente, como se estivesse nadando; encontrou o pente, a estilográfica, o baton, colocando tudo no bôlso. Agora estava completamente dominada pelo pânico; esforçou-se para manter a calma. Havia perdido contacto com a parede; começou a andar com as mãos apoiadas no solo, nada encontrando além do vazio.

Pôs-se em pé, e tornou a caminhar com as mãos estendidas para frente, e arrastando os pés a fim de evitar uma nova queda. Bateu numa pedra. Parou; encontrou uma saliência e a acariciou com ambas as mãos; era delicado, diferente... um leque de rocha, um leque aberto, capaz de ser usado.

Mas, de repente, deu um grito e retrocedeu. Agora sabia onde estava. A pedra em forma de leque era a mesma em que Roberto Powell havia tropeçado, era a gruta que Roberto havia descoberto... Aquela em que sofrera o acidente. Agora sabia que o seu terror era inteiramente justificado; sem querer, penetrara numa zona inexplorada das grutas.

(Continua no próximo número)

A APOSTA

(Continuação da pág. 17)

Sôbre uma das camas havia uma capa de mulher.

— Em primeiro lugar tomaremos um Martini — disse o homem.

As bebidas estavam sôbre uma mesinha, e havia também um cutelo e alguns vasos. O estranho indivíduo começou a preparar o Martini, mas alguém bateu na porta, e logo a seguir entrou uma negra nativa.

— Ah! exclamou o homenzinho, deixando a garrafa e tirando do bôlso uma nota de uma libra esterlina. — Quero que me faça um favor.

Entregou o dinheiro à negra.

— Guarde — disse. — Vamos nos divertir aqui com um pequeno jôgo, e quero que você me traga duas coisas... Não; três coisas! Quero que me arranje alguns pregos, um martelo e uma machadinha, da cozinha.

— Uma machadinha?

A nativa abriu desmesuradamente os olhos.

— Sim, naturalmente! Vamos, por favor... e depressa! Sei que você pode conseguir essas coisas.

— Sim, senhor; farei o possível...

E saiu.

O homenzinho serviu os Martinis e começamos a beber. Formávamos um estranho quadro: o rapaz com seu rosto largo e seu nariz afilado, vestido apenas com o calção de banho; a jovem inglêsa, alta e ruiva, não cessava de olhar para o norte-americano por cima do copo; o homenzinho, de olhos incolores, com sua imaculada roupa branca, tomando seu Martini olhava contìnuamente para a inglêsa. Eu não sabia bem o que fazer. O homem parecia levar a aposta a sério, e estava disposto a cortar o dedo do norte-americano. E que aconteceria se o rapaz perdesse a aposta? Teríamos que conduzi-lo ao hospital no Cadillac que não teria conquistado! Era uma coisa muito emocionante, mas, a meu ver, estùpidamente desnecessária!

— Não lhe parece — intervim — que esta aposta é muito bôba?

— Ao contrário! É uma aposta magnífica — respondeu o norte-americano, que já havia bebido uma grande dose de Martini.

— Creio que é uma aposta ridícula e estúpida — disse a jovem inglêsa. — Que ocorrerá se você perder?

— Isso não importa! Pensando bem, não recordo que o dedo mínimo da mão esquerda me haja sido útil em qualquer tempo. Aqui está êle. Nunca me serviu para nada! Portanto, tenho o direito de empenhá-lo. E a aposta parece-me esplêndida.

O homenzinho sorriu e encheu novamente os nossos copos.

— Antes de começar — disse êle — entregarei ao árbitro a chave do automóvel.

Retirou-a do bôlso e passou-a para a minha mão.

— Os documentos — acrescentou — os documentos de propriedade e seguro estão dentro do carro, no armário do painel.

A nativa voltou. Numa das mãos trazia uma pequena machadinha, como as que usam os açougueiros para partir os ossos e na outra segurava um martelo e um pacote de pregos.

— Bem; vejo que arranjou tudo. Obrigado. Agora pode ir... embora.

Esperou que a nativa saísse. Depois colocou as ferramentas sôbre uma das camas, e disse:

— Agora podemos cuidar dos detalhes — e acrescentou, dirigindo-se ao rapaz. — Ajuda-me a colocar esta mesa no centro.

Era uma mesa comum de hotel, com uma tábua retangular, de meio metro e, sôbre ela, havia um mata-borrão, tinta, pena e papel. Afastaram a mesa da parede e retiraram os objetos.

— E agora — disse o homem — uma cadeira.

Puxou uma cadeira e colocou-a junto da mesa. Mostrava-se muito animado, como se preparasse o ambiente para uma brincadeira de criança.

— E agora os pregos. Tenho que colocar os pregos.

Apanhou-os e começou a pregá-los sôbre a superfície da mesa. O rapaz, a jovem inglêsa e eu, com os Martinis na mão, olhávamos o homenzinho trabalhar. Meteu dois pregos na mesa, separados por umas seis polegadas. Não os introduziu até a cabeça. Depois forçou cada um para comprovar a firmeza.

— Qualquer um diria que o maluco já fêz isto antes — pensei. — Não hesita um segundo! A mesa, os pregos, o martelo, a machadinha... Sabe exatamente o que quer... e como arranjar tudo!

— E agora — disse finalmente — só necessitamos de uma corda.

Procurou e logo encontrou o que queria.

— Muito bem. Estamos prontos! Queira sentar-se, por favor!

O norte-americano deixou o copo e foi sentar-se aparentemente calmo.

— Agora ponha a mão esquerda entre os dois pregos. Os pregos são para que eu possa amarrar-lhe a mão com segurança.

Passou a corda em redor do punho do jovem, depois amarrou firmemente a palma da mão, e por último a atou aos pregos. Um trabalho minucioso; quando concluiu, o rapaz não tinha a menor possibilidade de retirar a mão. Mas podia mover os dedos.

Agora cerre o punho, por favor, com exceção do dedo mínimo. Êste deve ficar de fora, estendido sôbre a mesa.

O outro fêz como lhe diziam:

— Excelente! Excelente! Estamos preparados. Faça funcionar o isqueiro com a sua mão direita. Mas, um instante, por favor!

Executou um saltinho na direção da cama e apanhou a machadinha. Voltou e ficou junto da mesa com a ferramenta na mão.

— Tudo pronto? — perguntou. — Sr. árbitro: o senhor dê a ordem para que comecemos.

A jovem inglêsa permanecia de pé, atrás da cadeira do norte-americano. Mantinha-se imóvel e sem dizer uma palavra. O rapaz também estava muito quieto com o isqueiro na mão direita, e olhando para a machadinha. O homenzinho olhava para mim.

— Está pronto? — perguntei ao norte-americano.

— Sim.

— E o senhor?

— Perfeitamente.

Ergueu a machadinha e deixou-a suspensa, a uns sessenta centímetros do dedo, preparada para decepá-lo. O rapaz olhou a machadinha, porém não vacilou, seus lábios não se moveram. Limitou-se a arquear as sobrancelhas.

— Muito bem — disse eu. — Podem dar início.

— Peço-lhe que conte em voz alta o número de vêzes que o isqueiro funcionar — disse o cadete.

— De acôrdo — respondi.

Com o polegar levantou a mola do isqueiro, e com o mesmo dedo moveu a roda. A mecha acendeu e uma chama amarela ardeu.

— Uma! — exclamei.

Não apagou a chama com um só sôpro; fechou a tampa e esperou uns cinco segundos antes de abri-la novamente.

Girou de novo a roda e a mecha acendeu.

— Duas!

Ninguém mais falava. O americano cravava o olhar no isqueiro. O homenzinho suspendia a machadinha, observando também o isqueiro.

— Três!

— Quatro!

— Cinco!

— Seis!

Evidentemente, o isqueiro era dêsses que funcionavam com muita precisão. A pedra produzia uma chispa intensa, a mecha tinha um comprimento adequado. Eu via o polegar descendo sôbre a tampa. A seguir, uma pausa. Depois o polegar levantando mais uma vez a tampa. (Todo o trabalho era do polegar). Respirei fundo, dispondo-me a contar "oito". O polegar acariciou a roda. A chispa saiu. A chama apareceu.

— Oito! — gritei.

Neste instante a porta foi aberta. Todos nos voltamos. No umbral estava uma mulher; uma mulherzinha de cabelos negros e já de certa idade. Permaneceu imóvel por dois segundos, depois avançou, gritando:

— Carlos! Carlos!

Agarrou o homem pelo punho, tomou a machadinha de sua mão e arremeçou-a sôbre a cama. Depois segurou o homenzinho pela gola do paletó e começou a sacudi-lo vigorosamente, falando muito depressa, em voz alta e feroz, num idioma que parecia o espanhol. E balançava com tanta fúria que o homem literalmente desapareceu. Converteu-se numa figura vaga, apagada, de movimento rápido como uma roda que gira.

Finalmente, a mulher pareceu acalmar um pouco, e êle recuperou os seus verdadeiros contornos. A seguir, ela o arrastou através do quarto e o lançou, de costas, sôbre uma das camas. O homem sentou na beira da cama e, por algum tempo, permaneceu desnorteado.

— Sinto muito — declarou a mulher. — Sinto que isto tenha acontecido.

Falava um inglês quase perfeito.

— É terrível! — prosseguiu. — E suponho que, no fundo, a culpa seja minha.

Parecia muito aflita e preocupada.

O rapaz estava desatando a mão da mesa. A jovem inglêsa e eu nada dizíamos.

— É uma verdadeira calamidade — continuou a mulher. — No nosso país, já cortou quarenta e sete dedos de quarenta e sete pessoas diferentes, e perdeu onze automóveis. Finalmente, queriam prendê-lo. Foi por isso que fugimos para aqui...

— Só estávamos fazendo uma pequena aposta — murmurou o homenzinho.

— Imagino que apostou o automóvel!

— Sim — respondeu o rapaz. — Um Cadillac.

— Isso é pior ainda — disse a mulher — porque o automóvel não é dêle, é meu! Estou muito envergonhada, e sinto profundamente.

Parecia uma senhora educada e muito simpática.

— Neste caso — disse eu — aqui está a chave do seu automóvel.

Deixei-a sôbre a mesa.

— Mas era só uma pequena aposta — murmurou, novamente, o homem.

— Não há nada que apostar! — disse a mulher. — Você não tem sequer onde cair morto. Nada tem, absolutamente! Para dizer a verdade eu mesma ganhei tudo! Levei muito tempo, e foi difícil, muito difícil, porém eu ganhei tudo o que temos.

Olhou para o rapaz e sorriu, com um sorriso lento e triste. Depois aproximou-se, e estendeu a mão para apanhar a chave que se achava sôbre a mesa.

Essa mão — até parece que ainda a estou vendo — **só tinha um dedo: o polegar!**

CORRESPONDÊNCIA

EU SEI TUDO

N.º 466 — Ano XXXIX N.º 10 — Março — 1956

Maria Ângela Medeiros — Pôrto Alegre — Desconhecemos. Não seria possível indicar, ao menos o ano em que foi publicado? Quanto aos originais nada podemos afirmar. Aguardamos.

★

Durval de Assis Mendonça — Fortaleza, Ceará — Dentro de pouco tempo atenderemos o seu pedido, pois faz parte do nosso programa.

★

Marcos de Andrade Nogueira — Ribeirão Prêto, São Paulo — O assunto foi extraído de publicação técnica. Gratos por suas amáveis palavras.

SUMÁRIO:

Pois que... Estou aqui! (conto)	5
O juiz (episódio real)	9
A segurança em automóvel vista pelo cirurgião	10
A aposta (conto)	12
Esteja em dia com o mundo	18
Duas perguntas mágicas	19
Fujamos para as alturas...	23
Astronáutica, sensação do futuro	27
Êste mundo louco...	34
A morte com meias de sêda	35
O caso dos jardins suspensos	43
Nem Salomão resolveria...	50
Haverá vida em 100.000 planêtas?	51
Os camaradas de Twofold Bay	53
A III Grande Guerra não será deflagrada antes de 1960	58
O rastro do elefante de ouro	59
Agora já fizeram isto...	62
Um rosto de medalha (conto)	63
Construindo para amanhã	66
Nos domínios da gramática	67
Sinos sem badalo (retalhos de nossa história)	68
O surpreendente vôo de Rudolf Hess...	70
A saúde em redor do mundo	74
Trágica história de um czar (Neblinas da História)	75
O alto preço da liberdade	84
O mistério das esferas vermelhas	91
Memento "EU SEI TUDO"	97
Quebra-cabeças	109

A CAPA

A caça à baleia é sempre acompanhada de cenas impressionantes de dramaticidade e emoção, sobretudo se as suas impiedosas inimigas — as vorazes orcas — monstros marinhos de enormes dimensões — tomam parte na tarefa, disputando aos pescadores, de modo assassino e cruel, a prêsa, que luta tenazmente por uma liberdade impossível. (Leia na página 53 dêste número).